

TEREZINHA GASCHO VOLPATO

OS TRABALHADORES DO CARVÃO

A Vida e as Lutas dos Mineiros de Criciúma

Tese Apresentada na Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas (F.F.L.C.H.) do
Departamento de Ciências Sociais da USP,
sob a Orientação do Profa. Dra. Elisabeth
Souza Lobo Garcia.

AGRADECIMENTOS

A presente tese sobre os "trabalhadores mineiros de Criciúma", nasceu de uma inspiração na realidade social dos mineiros, visível a olhos nus. Cresceu a partir de observação mais concreta. Corporificou-se com a busca de escritos sobre esta realidade, denúncias, experiências explicitadas, entrevistas com mineiros, dirigentes sindicais e líderes comunitários. Por fim, estruturou-se através de um longo e paciente trabalho de elaboração de dados, leituras e entrevistas.

Ao longo deste processo de trabalho agregaram-se contribuições especiais de instituições e pessoas que seria injusto omitir, neste momento. A nomeação de algumas é apenas simbólica e quer representar a gratidão em relação a todas elas.

Profa. Dra. Elisabeth Souza Lobo Garcia, orientadora. Esteve presente desde a concepção do trabalho, enriqueceu com a orientação sempre atenta e crítica e garantiu a continuidade do trabalho, com dedicação em todos os seus capítulos.

A Universidade Federal de Santa Catarina com seu programa de formação e de capacitação docente que aceitou meu pedido de afastamento para o exercício do aperfeiçoamento profissional.

Os professores do Departamento de Ciências Sociais da UFSC que assumiram uma sobrecarga de trabalho resultante de minha ausência.

Os professores da USP através de seus cursos e dos seminários iluminaram os princípios fundamentais que regem a presente pesquisa. Foram generosos em indicar caminhos, principalmente ao julgarem o projeto de Tese - os professores Dr. Sérgio França, Adorno de Abreu, Dr. Antônio Flávio de Oliveira Pierucci e a Professora Orientadora.

Os Sindicatos dos Trabalhadores do Carvão: abriram seus livros de atas, aproximaram-me dos associados, apresentaram-me às pessoas com informações a dar. Facilitaram visitas às casas dos mineiros ou os convidaram à sede do Sindicato para reuniões. Além disto permitiram a observação de toda a atividade e vida sindical.

As instituições de apoio ao ensino e pesquisa, especialmente o PICD e IBRAM que dearam apoio especial a este estudo.

Os mineiros: foram os principais informantes de suas lutas, de sua vida. Informaram não só porque falaram mas porque vivem a realidade explicitada e elaborada por mim.

João Arnoldo Gascho: fez a revisão gráfica e contribuiu com indicações interessantes.

Evilásio Volpato: representou a presença e o incentivo necessários para que um objetivo não ficasse inacabado e para tanto ajudou a criar as condições que favoreceram o seu término.

A todas estas pessoas e muitas outras por elas representadas expresso um especial agradecimento.

S U M A R I O

	Página
INTRODUÇÃO	1
PRIMEIRA PARTE: A Mina e Os Mineiros: Abordagem de Objeto	9
Capítulo 1 - Algumas questões teóricas	10
Metodologia utilizada	28
Estudos sobre o tema	30
SEGUNDA PARTE: A Mineração	51
Capítulo 2 - A Cidade do Carvão	52
Fundação da Cidade	55
As jazidas de Carvão	57
A Comunidade	59
O Meio Ambiente	63
Capítulo 3 - O trabalho nas Minas	85
As indústrias carboníferas	85
O espaço de Trabalho	94
As instalações e os postos de serviço ..	96
Capítulo 4 - O perigo e o medo	124
TERCEIRA PARTE: Os Trabalhadores Mineiros	148
Capítulo 5 - O processo de formação do grupo mineiro.	149
Capítulo 6 - A identidade social dos mineiros	165
O corpo e o trabalho	169
Capítulo 7 - A família dos mineiros	197
Capítulo 8 - A reprodução social dos mineiros	219
Naturalização das Práticas	219

	Página
QUARTA PARTE: A Resistência	244
Capítulo 9 - A resistência nas minas	245
Capítulo 10 - A resistência nos sindicatos	268
A resistência dos Aposentados	302
CONCLUSÃO	318
BIBLIOGRAFIA	333
ANEXOS:	
1. Mapa do Estado de Santa Catarina	346
2. Mapa das Bacias hidrográficas	347
3. Depoimentos dos mineiros entrevistados ...	348
4. Identificação dos mineiros entrevistados .	381
5. Entrevista com um mineiro acidentado	384

I N T R O D U C A O

I N T R O D U Ç Ã O

Esta tese tem como objetivo estudar os mineiros do carvão no município de Criciúma. Proponho identificá-los enquanto grupo social diferenciado dos demais trabalhadores da região tentando no decorrer do estudo responder as questões colocadas: - Porque os mineiros se sujeitam a condições de trabalho e de vida tão desgastantes e inseguras? - Como se explica a reprodução social dos mineiros apesar do desgaste precoce do qual são agentes e vítimas? - Qual a experiência social do grupo mineiro e qual a sua dinâmica e eficácia? - A opressão e o desgaste tornam-se "naturais" no grupo ou existe resistência à decadência precoce?

Da observação e compreensão de suas práticas pretendo demonstrar quais os habitus que moldam a identidade social dos mineiros e sua reprodução.

Entendo que suas práticas permitem chegar à compreensão do objeto de estudo e revelam os mineiros no trabalho das minas e nas unidades familiares como chefes de famílias, responsáveis pela manutenção do lar; e aquelas que revelam a categoria, sua trajetória histórica e suas práticas sindicais.

O primeiro passo neste estudo é caracterizar a região, relacionando Criciúma ao carvão, pois a cidade foi desde o início marcada pela mineração.

Assim como a indústria extrativa do carvão, por ser a única atividade industrial regional, contribuiu na formação dos trabalhadores mineiros no sentido de facilitar o caminho da homogeneização e singularidade deste grupo, ao mesmo tempo induziu os mineiros e a população em geral a defenderem a indústria carbonífera a qualquer preço, considerando que esta resumia quase toda a dimensão econômica do município.

A par disto aparece a estreita ligação dos mineiros e moradores com o meio-ambiente. Reconhece-se, aqui, de maneira exemplar, a relação entre o homem e a natureza, onde aquele

"ao agir assim sobre o mundo externo e ao transformá-lo, ele, ao mesmo tempo, modifica-se a si próprio pela ação do trabalho". (Marx, 1982, p. 173)

Procuro, pois, considerar a influência marcante que a devastação do meio-ambiente exerce sobre o homem, agente desta ação destruidora, sofrendo em seu corpo semelhante processo de desgaste ao sentir a perda da qualidade de vida na proporção em que descuida de preservar a natureza. E, mais, através da compreensão deste processo, pretendo confrontá-lo com os mecanismos de "naturalização" das práticas de dilapidação incessante do corpo do trabalhador e de sua vida. Entendo que a relação homem-natureza e as formas em que esta relação acontece deixam marcas definitivas num e noutro, influenciando de maneira decisiva as práticas dos mineiros e sua reprodução social, enquanto grupo que atua diretamente sobre a natureza, numa relação destrutiva recíproca. Aqui se aplica com muita propriedade a observação de Engels sobre a relação do homem com seu meio quando, ao atuar o homem sobre a natureza destruindo-a ela, dele se vinga, uma vez que com ela, forma uma unidade (Conti, 1986, p. 144).

A cidade do carvão é a natureza mais ampla onde vivem os mineiros e os demais moradores. Este território, já marcado pela mineração, ao se reduzir ao espaço das minas sofre uma degradação devastadora, ao mesmo tempo que castiga duramente os mineiros através do trabalho.

Ao descrever o surgimento e expansão da indústria carbonífera e o espaço das minas com suas instalações, equipamentos e postos, faço-o como apoio, para mostrar as

condições de trabalho e a situação objetiva que os trabalhadores enfrentam. Considerando as circunstâncias do provisório, do descartável, características das minas e de suas instalações, observo como esta situação é tratada pelos mineiros. A descrição das minas é necessária para apreender o perigo que acompanha as práticas de trabalho. Perigo que ultrapassa os limites do "risco incorporado", inevitável até certo ponto nas ações humanas em relação com máquinas, equipamentos e ambientes em muitos locais de trabalho.

Os atos e condições inseguras são reconhecidos a partir da percepção dos trabalhadores, da observação pessoal e das descrições técnicas. Contudo, privilegia-se a lógica dos mineiros tentando apreender suas representações sobre a realidade que os cerca através de suas práticas, suas falas, suas tradições, seus valores, suas emoções. Estas manifestações sensíveis e materiais são observadas e analisadas a partir da reconstituição dos hábitos, ou seja, das estruturas internalizadas coletivamente pelo grupo que são as chaves explicativas da construção de sua identidade social e a força que impulsiona sua reprodução social.

Dadas as condições de trabalho desgastantes das minas de subsolo destaco a relação trabalho-corpo como sendo uma relação decisiva na formação dos hábitos que moldam os mineiros e orientam suas práticas. Nas relações de trabalho, em diferentes fases do processo tecnológico, passadas ou atuais, são destacadas as práticas agressivas ao trabalhador, que resultam em estigma e mutilação frequentes de seus corpos e em decadência social de suas famílias. A relação trabalho-corpo reveste-se de importância fundamental neste estudo, pois que o corpo para as classes trabalhadoras, como ressalta Boltanski, é percebido apenas como "força de trabalho" enquanto capaz e determinado em garantir a sobrevivência. O corpo, porém, para os mineiros não é objeto de reflexão, pois os trabalhadores

"coagidos pela sua condição econômica, utilizam intensamente o corpo" são levadas a não estabelecerem uma relação reflexiva e consciente com o corpo, porque a instauração de tal relação não poderia ter outro efeito senão o de diminuir a resistência que são capazes de opor ao corpo e portanto reduzir em qualidade e quantidade o trabalho que este fornece". (Boltanski, 1979, p. 168).

O desgaste intenso e precoce sequer é pensado, mas a situação objetiva o denuncia. Os mineiros enfrentam a ambiguidade e a contradição entre a redução do corpo à capacidade produtiva e a contínua ameaça desta perda. Diante disto reforçam positivamente a auto-identidade social ao naturalizarem o desgaste, a mutilação, o estigma, a doença. Desta forma garantem a reprodução social.

Observo também as modificações que acontecem nas práticas dos trabalhadores vítimas de acidentes graves e de doenças profissionais e dos aposentados. A interrupção brusca e definitiva das práticas de trabalho deixa os mineiros numa situação objetiva diferenciada quando eles sentem desmoronar internamente a estrutura que naturaliza o desgaste e a agressão à vida.

Ao mecanismo de naturalização das práticas agressivas ao corpo soma-se outro que faz com que o grupo a rejeite a injustiça e resista à opressão. Estas práticas ambivalentes se manifestam contudo no cotidiano dos mineiros. Assim a naturalização do desgaste e a revolta contra a exploração formam esquemas interiores, imbricados e ambíguos que orientam dialeticamente as práticas, expressando alternada ou simultaneamente a assimilação "natural" e, ou, a recusa do desgaste intenso e precoce. Estes são os mecanismos que procuro apreender pelo conhecimento de suas práticas no espaço de trabalho, nas esferas doméstica e residencial dos bairros e no espaço sindical. Além das práticas, também as falas dos mineiros, as expressões de emoção, a fuga ou omissão nas informações são sinais objetivos que explicam os

esquemas interiorizados, orientadores dos processos de sua reprodução social e criadores da identidade social. Identidade que implica no reconhecimento do próprio grupo permitindo-lhes nomearem-se "mineiros", em oposição, ou, ao menos, por diferenciação aos outros que não fazem parte do "mundo" típico e singular deles. Identidade esta igualmente admitida por todos os outros não mineiros em relação a estes.

O estudo sobre os mineiros de Criciúma se compõe de quatro partes.

Na primeira parte delimito e defino os parâmetros teóricos que orientam o tema central e os outros aspectos de apoio a este trabalho. Ao mesmo tempo confronto esta proposta com outros estudos realizados sobre o mesmo objeto - os trabalhadores mineiros - com a intenção de reconhecer as constantes e as aproximações, bem como as divergências presentes nas comunidades, grupos ou classes de trabalhadores mineiros. Ao identificar as semelhanças ou diferenças entre os diversos trabalhos proponho especialmente indicar e caracterizar o que, neste estudo é específico e significativo em relação aos demais. Proponho também mostrar em que este contribui e soma aos conhecimentos já adquiridos sobre os grupos de trabalhadores mineiros.

Após conceituar teoricamente o objeto de estudo delimito o universo da pesquisa incluindo informações sobre técnicas e procedimentos para apreensão da realidade empírica e o posterior tratamento dos dados recolhidos.

Na segunda parte caracterizo a cidade, as minas e suas instalações, os diversos postos de trabalho no subsolo e, por fim a relação dos mineiros com este espaço. Primeiramente descrevo Criciúma, a Cidade do Carvão; como a cidade cresceu sob o signo do carvão e desenvolveu,

exclusivamente a indústria carbonífera durante mais de meio século, favorecendo a formação de uma comunidade de trabalhadores mineiros definidos e destacados socialmente. Aponto também as consequências ambientais de uma exploração predatória promovida pela indústria carbonífera, com desdobramentos graves sobre a qualidade de vida dos moradores e do município. Esta política devastadora exerceu influência nos habitus dos trabalhadores mineiros, repetindo sobre seus corpos a destruição verificada na natureza.

No capítulo terceiro apresento o trabalho nas minas, iniciando com o processo histórico da organização da indústria carbonífera no município, ressaltando a dimensão tecnológica como portadora de condicionamentos na elaboração de princípios ideológicos e representações e também para a eleição de práticas do processo de trabalho.

O espaço de trabalho, com suas instalações e postos de serviço foi observado com o objetivo de caracterizar a relação que existe entre o "mundo do trabalho" e os mineiros. A particularidade do espaço subterrâneo, cujas imagens e representações, somadas aos riscos e condições inseguras, formam uma situação objetiva capaz de tipificar os trabalhadores como diferenciados e únicos dentre os demais. Além disto, as condições de perigo favorecem o desenvolvimento de mecanismos defensivos que buscam eliminar o medo para suportar a situação de perigo imprevisível, porém real, o que analiso no capítulo IV.

Colocadas as condições de trabalho e as relações sociais ali em vigor, entendo que é possível demonstrar as formas e o modo de construção da identidade social do mineiro e de sua reprodução. Este é o objetivo da terceira parte.

Intitulo esta unidade, compreendida dos capítulos quinto ao oitavo - Os Trabalhadores Mineiros. Inicio

apresentando a formação histórica e social dos mineiros; sua especificidade no conjunto dos trabalhadores da região; sua singularidade, resultante de uma identidade social reconhecida por eles próprios e pelos outros. Destaco as marcas sociais e físicas como o estatuto objetivo e incontestável desta identidade. Os mineiros com seus corpos estigmatizados formam a materialidade e a representação de um tipo de trabalhadores. Este estigma social é acentuado pelas marcas físicas de mutilações reais e frequentes, e pelas representações de mutilações prováveis e potenciais. O capítulo sexto trata desta realidade.

Soma-se a isto, habitus que estruturam práticas familiares relativas à organização das funções no lar com papéis bem definidos, onde os mineiros são responsáveis pela manutenção financeira da família e suas mulheres pela administração do lar. As tradições, os valores, as situações relacionadas à sobrevivência, o processo de reprodução social das famílias mineiras, preservando sua identidade social, é o que analiso no capítulo sétimo.

A identidade social do trabalhador mineiro, desde as origens e no decorrer de sua formação e reprodução, foi sendo construída pela estruturação dos habitus que naturalizavam o desgaste e a agressão à vida. O discurso que enfatiza a neutralidade das técnicas e inevitabilidade das práticas de trabalho e a história do grupo mineiro reforçava a naturalização da condição mineira. A naturalização das práticas em relação às minas, à esfera doméstica, e ao meio-ambiente, sempre marcaram a identidade social dos mineiros e, ao mesmo tempo explicaram sua reprodução. E sobre este processo que trata o capítulo oitavo.

A quarta parte finaliza o estudo demonstrando como a naturalização do desgaste é permeada por práticas de resistência.

No capítulo nono, que trata das práticas de resistência, considero como a estrutura internalizada foi sendo moldada pela noção e experiência de injustiça quando homens são expostos a condições hostis. Apoiada nestes conceitos, mostro, no capítulo décimo como estas experiências forem formadas historicamente através das lutas dos mineiros e como eles orientam suas práticas, reproduzindo-se e atualizando-se ante novas situações estruturais. Considero como a recusa e subserviência se manifestam nas práticas tradicionais de resistência nas minas e nos sindicatos, e nas práticas de submissão, quando estas atendem aos interesses mais gerais dos trabalhadores. As práticas de resistência sempre acompanharam a jornada dos trabalhadores mineiros durante as diversas fases da organização sindical e, sem dúvida moldaram sua identidade social.

Todo este processo é interrompido com a aposentadoria, quando os mineiros entram num "estado de perplexidade". A meta deles era alcançar a aposentadoria especial; no entanto, uma vez conquistada, toda a estrutura-estruturante internalizada não é mais adequada às novas práticas. A aposentadoria anula a eficácia dos habitus que davam sustentação à identidade social enquanto trabalhadores e instala um processo de decadência familiar dos mineiros. E a aposentadoria tão esperada que, paradoxalmente, define o momento de desintegração da identidade social deste grupo.

A conclusão, enfim, reúne os argumentos centrais do estudo, com o objetivo de apresentar a demonstração da tese formulada sobre a vida e as lutas dos mineiros de Criciúma.

P R I M E I R A P A R T E

A MINA E OS MINEIROS

Abordagem do Objeto.

C A P I T U L O 1

Algumas Questões Teóricas.

"O mineiro é um trabalhador diferente. O mineiro é conhecido. A pessoa conhece quem é mineiro até pelo jeito de andar e pelo jeito de falá. O mineiro tem um andar que é meio violentado. Quem trabalha na mina é conhecido pelo rosto. E o pó de carvão que se agarra assim em redor dos olhos. Quem vê um homem aí sem braço, faltando uma perna, vê ele 'sarapicado', cego, esse foi mineiro. O mineiro pode sair aí na praça que é conhecido"

O estudo sobre a vida e a luta dos trabalhadores do carvão em Criciúma pretende conhecer o processo de formação da Identidade Social dos Mineiros, enquanto trabalhadores diferenciados, tanto pelas representações quanto pelas práticas sociais e de trabalho. Ao apresentar o processo de construção de identidade dos mineiros, quero demonstrar como o grupo se reproduz socialmente através de práticas agressivas ao corpo e ameaçadoras à vida. Tais práticas somente são possíveis porque o grupo desenvolve, na luta pela sobrevivência, esquemas que naturalizam o desgaste do corpo e a insegurança à vida sendo interiorizados através de um processo histórico que induz à seleção de práticas, atravessadas por ambiguidades e antagonismos, mas sempre comprometidas com a reprodução social do grupo mineiro e a preservação de sua identidade. A "estrutura estruturante" (Bourdieu, 1979) do grupo, delimita seu campo social, e informa todas as práticas sociais, de trabalho e de resistência nas esferas doméstica, da comunidade, das minas, e dos sindicatos, de forma a garantir a construção de uma identidade social própria e sua reprodução numa sociedade industrial pluralista.

Chamar "Mineiros" aos trabalhadores das minas de carvão, não significa nomeá-los mas distingui-los dentre os

demais. A propriedade do nome "mineiro" remete às práticas de trabalho, mas não só, encerra também um conteúdo de "identidade social".

O conceito de "identidade" admite vários significados, sendo hoje muito abrangente e, às vezes, polêmico. Foi adotado por várias disciplinas preocupadas com a caracterização de indivíduos ou grupos sociais, pertencentes ao universo das sociedades complexas, ou de grupos minoritários que vivem à margem das sociedades modernas dominadoras. Assim, várias correntes da psicologia, em diversas disciplinas, empregam o conceito de identidade em seus estudos. Aqui, porém, é a partir da Antropologia que busco sua definição, por entender que o grupo mineiro é construído por uma rede de relações e situações vivenciadas, e delimitado a um campo social, cujo processo é coletivo, histórico, cultural e político.

A preocupação das ciências humanas em definir o conteúdo do conceito "identidade" hoje, reside especialmente no empenho em se definir a própria identidade do homem das sociedades pluralistas, portadoras de subjetividade e objetividade renovadas, capazes de enfrentar os desafios atuais e talvez portadoras de uma nova racionalidade que possa reger as relações no futuro (Carvalho, 1985: 16) e reavaliar as duas direções do conceito, uma homogeneizante, suprimidora das diferenças e outra relativizante, preservadora da diversidade (Benoist, 1981: 11-22).

Na definição do conceito de identidade dos "grupos minoritários" a antropologia passou pelos critérios étnicos, culturais e políticos, incluindo sempre a condição de "pertencimento" ao grupo.

A identidade na Antropologia, diz Edgar de Carvalho, foi sempre entendida entre o conceito de grupo étnico como sendo uma "entidade portadora de cultura" e a noção de

identidade contrastiva que "implica na afirmação do nós diante dos outros. É uma identidade que surge por oposição" (Carvalho, 1985: 18). Esta concepção da identidade étnica, inclui o caráter político das relações que se estabelecem entre o grupo minoritário e as sociedades complexas que "contém" as minorias. O político, porém, compreendido no sentido amplo de "poder", segundo a visão de Foucault (1979). O poder perpassando todas as relações sociais entre os grupos dominantes e dominados. O poder compreendido como prática de resistência dos grupos, para se afirmarem diante dos outros (Muchail, 1985: 24-6).

Para a compreensão das identidades de grupos formados nas sociedades complexas (como é o caso do grupo mineiro) os critérios étnicos e culturais não são suficientes diz Edgard Carvalho, pois é preciso ver a tradição cultural apoiada nas novas exigências e nas novas práticas que o processo histórico foi incorporando. Neste sentido, Habermas considera alguns pré-supostos indispensáveis à formulação do conceito de identidade dos grupos que compõem as sociedades pluralistas atuais (Carvalho, 1985, 20).

A primeira condição, diz Habermas, é excluir o critério de "pertencimento". A nova identidade se construiria sobre a condição de "oportunidades iguais e gerais"... "num processo contínuo de aprendizagem". Outra condição é o grupo estar voltado para os princípios de "justiça, de reciprocidade e de igualdade de direitos e de respeito pela dignidade dos seres humanos como pessoas individuais". A identidade social do grupo se construiria assim através da "apropriação crítica da tradição" por parte dos integrantes do grupo. Enfim, a identidade grupal não está baseada na fixidez da tradição e nem apenas numa visão prospectiva, mas na aprendizagem criadora, construindo a identidade através de "uma memória social aberta" (Habermas, 1983, 60-98).

Admitindo a proposição da Antropologia acrescida das pré-condições levantadas por Habermas, entendo que a construção da identidade social dos mineiros é desta forma o resultado de um processo histórico contínuo e inacabado. As condições e oportunidades que tendem a homogeneizar o grupo são recolocadas todo o dia. O grupo mineiro se reproduz dialeticamente, sustentado pelas tradições já incorporadas e desafiado pelas prospecções e possibilidades futuras, respeitados os valores e princípios defendidos individual e coletivamente. De tal forma, a identidade é entendida "como aprendizagem, como fluxo criador, como memória social aberta, e significa que sua construção é histórica e integra uma nova síntese que certamente agregará outros setores da sociedade" (Carvalho, 1985, 21). Conceito que coincide com o conteúdo dado por Paul Henry Sthal, ao afirmar que identidade social revela a proeminência do grupo sobre o indivíduo, onde os indivíduos aparecem como membros de um grupo; identidade que remete ao passado, sendo classificatória, definindo direitos e deveres do grupo e suas relações sociais (Lago, s/d, 9).

Junto com o conceito de identidade, a partir da tradição antropológica e das considerações tiradas de Habermas, trabalho aqui a proposição de Bourdieu em relação a habitus e práticas dos grupos ou classes. Com estes conceitos tento explicar o processo de construção e de reprodução social da identidade grupal. Partindo dessa proposição, coloco que, na construção da identidade mineira, os fatores históricos de agregação de novos indivíduos tiveram como defesa do grupo um processo de aprendizagem de práticas sempre orientadas por estruturas internalizadas individualmente, porém selecionadas coletivamente. Seriam os habitus orientadores das práticas de que fala Bourdieu (1979). "A identidade social não só está presente, mas regula, é diretriz, princípio, supõe uma matriz prática de percepção e ação

social (Bourdieu, 1979, 546) que funcionaria como bússola para orientar os agentes em mapas cognitivos coletivamente construídos (Romano, 1986, 195).

Bourdieu define o "habitus" como um sistema de disposições permanentes, como estruturas estruturadas que funcionam como estruturas estruturantes, ou seja, como princípio gerador e estruturante das práticas e das representações que obedecem a esquemas, mas não resultam em efeitos necessários como se fossem produto dessa obediência. As práticas e representações geradas por estas estruturas estruturantes são objetivas e com finalidade, embora não haja um recurso consciente do seu fim e do processo para atingi-lo. Coletivamente são harmônicas, sem que haja uma coordenação organizadora desse concerto. Cada agente é produtor e reproduzidor da objetividade porque suas práticas são o resultado de um habitus do qual, porém, ele não é o produtor e nem detém o domínio. As ações são portadoras de uma intenção objetiva que ultrapassa as intenções conscientes. Os atores interiorizam valores, normas e princípios sociais que adequam as ações do sujeito à realidade objetiva. O "habitus" deve ser compreendido como sendo

"um sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialéticamente produzidas por estes resultados" (Bourdieu, 1972, 178-9).

Assim entendido, o habitus tende, ao mesmo tempo, a reproduzir práticas regulares e usuais, inscritas nas condições objetivas e estruturais, e a possibilitar adaptações e inovações às necessidades impostas pelas situações concretas que testam sua eficiência. A mediação que o habitus opera entre, de um lado as condições objetivas

e as estruturas e, de outro, as situações conjunturais e as respectivas práticas esperadas, resulta em uma relativa liberdade e criatividade nas práticas. E este processo de história acontece incluindo as inovações e transformações sociais (Micheli, 1982, 41).

A prática do agente social é o produto da relação dialética entre uma situação e um habitus, ou seja, a prática acontece em situações determinadas, presidida por um sistema de disposições duráveis que é a matriz de toda percepção, escolha e ação. O ator social, diante de uma ação particular se move num espaço objetivamente estruturado - o campo - onde os agentes se posicionam e concorrem entre si em torno de interesses comuns limitados pelo campo. Os campos sociais supõem certas práticas, incluem e excluem agentes (Bourdieu, 1983).

A história do grupo é a história do campo, que vai sendo incorporada pela sociedade global, formada de vários campos que não perdem a própria autonomia. Assim existe uma relativa independência entre os campos em relação às transformações que ocorrem na sociedade, prescrevendo-se desta forma a identidade dos grupos e ressaltando as diferenças.

A seleção das práticas é feita com base na experiência passada, sem, contudo, haver uma pré-análise consciente ou pré-cálculo sobre o sucesso da prática. As disposições estruturais geram aspirações e práticas adequadas às condições e necessidades, de tal modo que os insucessos prováveis, são excluídos a priori. Pode-se dizer que a prática é necessária e relativamente autônoma em relação a uma situação, e é possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas pelo processo de analogia e correções que os agentes aplicam sobre os resultados obtidos.

A conceituação de Bourdieu sobre habitus e práticas representa, neste estudo, a matriz teórica central de referência, não como comprovação de seus princípios mas como norte e caminho na apreensão da realidade social dos mineiros; na apreensão das formas e do processo que o grupo mineiro seguiu para selecionar suas práticas e torná-las rotina e construir suas representações. E neste momento que as identidades sociais se "naturalizam" (Romano, 1986, 197) e estabelecem sua trajetória social provável, atravessando as diversas épocas, integrando mudanças. Seguindo a história, portanto, será possível observar se os mineiros, ao se defrontarem com mudanças sociais, tecnológicas e sindicais, permaneceram fiéis à própria identidade, ou seja, como selecionaram suas práticas sempre de modo a não desvirtuarem a trajetória de seu grupo, e assim conservar e consolidar a sua maneira própria de ser.

A observação das práticas sociais e de trabalho e das práticas de resistência, e a definição de seus valores e projetos deverão conduzir à compreensão da forma como os mineiros construíram e constroem sua própria identidade, e, como tudo isto acontece dentro de um campo social de oportunidades semelhantes, onde estes trabalhadores são informados continuamente pelos princípios e direitos individuais e gerais de justiça, de igualdade, de reciprocidade, de respeito à dignidade, sempre orientados pela memória social numa aprendizagem criativa, mas de tal forma que não descaracterize seu grupo (Habermas, 1983). A observação de Hoggart sobre as mudanças que ocorrem nas condições de vida da classe trabalhadora, reconhece existir uma "espantosa capacidade de encaixe" nessa classe, e que sua resistência não é apenas passiva para a "manutenção das tradições" mas é uma resposta positiva resultando em renovação na emergência de cada nova geração (Hoggart, 1973, 207, Vol. II).

A identidade social torna-se cognoscível a partir dos habitus e representações sobre as relações sociais, expressas pelas práticas, pelos símbolos, ritos ou discursos. As representações criadas pelos agentes, no plano das idéias, sobre si, sobre os outros e sobre a natureza em geral; frequentemente, confundem-se com a realidade objetiva (Marx, 1983). Isto porque a vida social é formada por uma "rede de significados" (Geertz, 1978). Os atos, mesmo os mais simples do cotidiano, até os complexos inculcados por sistemas educativos, tornam-se automáticos, contendo princípios culturais arbitrários e simbólicos que se revestem de evidência enquanto ocultam significados. As identidades são, desta forma, moldadas e expressas através de representações (Bourdieu, 1982, 28). Os grupos elaboram imagens de si próprios, identificando-se entre os iguais e diferenciando-se uns dos outros na sociedade global que, por sua vez interioriza estas imagens e cria suas próprias em relação a si e aos grupos.

As representações sobre o espaço de trabalho, por exemplo, são construídas de tal forma que se cria o "mundo" dos mineiros em oposição ao dos demais. O "mundo" deles inclui as imagens de local escuro, subterrâneo, desconhecido, "traíçoeiro", para onde "o mineiro vai, mas não sabe se volta". A própria linguagem é formada de símbolos e palavras que expressam os dois "mundos" diferentes entre si. Um é o "mundo" onde todos vivem; o outro é o "mundo" só deles, para onde vão sob a incerteza da volta¹.

A representação de dois mundos diferentes entre si está presente na interiorização de esquemas que selecionam as práticas, de um lado legitimadas pela tradição e de outro, pelas imagens sempre atualizadas por estas mesmas práticas. Entendo que o conceito de representação se inclui no conceito de habitus, enquanto empresta significado às

práticas e rituais, conforme o dizer de Durhan: "o universo simbólico não constitui dimensão separada da prática social" (Durhan, 1974). Seu entendimento em todas as esferas da vida social permitirá, pois, delimitar o grupo mineiro e apreender a teia de significados que o envolve.

Dentre as representações da realidade objetiva, algumas marcam especialmente o grupo mineiro e, desta forma, ele se transforma num grupo de trabalhadores especiais e destacados. E preciso tentar ver para além dos costumes e tradições, ver o que representam, ver através das declarações o que significam, captar as emoções subjacentes às falas e aos gestos e rituais. Discernir quando certas declarações representam até o contrário do que afirmam (Hoggart, 1973, 20).

As situações objetivas de perigo vividas pelos mineiros e conhecidas dos moradores da região mineira tendem a fomentar imagens correspondentes destes homens que lidam com o risco. Desenvolvem-se representações de homens corajosos cercados de mistérios e ciladas onde a "ameaça constante da morte paira sobre suas cabeças" (Treppe, 1971, 324). O conceito "universal" que envolve os mineiros numa "aura de respeito e mistério" (Touraine, 1967) induz a que seus componentes se identifiquem como típicos, "diferentes" dos outros, interiorizando habitus que expressem uma estrutura interior e ao mesmo tempo alimentem as representações já reconhecidas.

As "diferenças" dos mineiros, perpassando todas as esferas da vida social relacionadas ao trabalho, à família, à comunidade e ao sindicato, exibem práticas, senão exclusivas em suas formas, ao menos específicas e próprias nas justificativas e representações. E assim, por exemplo, em relação ao corpo do trabalhador, à situação da mulher do

mineiro, do aposentado. E assim que aparece a naturalização do desgaste e as práticas de resistência.

A identidade relativa ao corpo primeiro remete a uma divisão do trabalho entre homens e mulheres. A divisão sexual do trabalho, excluindo totalmente, até mesmo a presença da mulher nas minas de subsolo, empresta às representações entre trabalho masculino e virilidade um caráter exarcebado. Eckert, a respeito das representações de masculino e feminino em relação ao trabalho, diz que nas minas em Charqueadas-RS "é patente o reforço do desempenho de um papel masculino ligado à esfera do trabalho... onde o mineiro vincula os valores de ser forte, responsável e destemido a qualidades naturais de uma tarefa essencialmente masculina" (Eckert, 1985, 73). Hirata afirma sobre as "identidades sexuais" que "existe uma ética e uma estética da força física, da resistência aos trabalhos sujos e insalubres e da coragem para tarefas perigosas, que definem a virilidade" como atributo físico e as práticas pertinentes como sendo positivas e "essenciais à definição de uma identidade viril". Daí decorre a aceitação de condições penosas e insalubres afirmando auto-complacência, resultante da representação e da realidade: o desempenho de trabalhos difíceis e pesados confirmam um comportamento viril. Outra decorrência é a maior remuneração do trabalho penoso, o que vem reforçar a auto-realização do homem enquanto chefe e provedor da família (Hirata e Kergoat, 1987, 10-11).

A estas representações deve-se observar que se junta o reforço da tradição mineira, supervalorizando as diferenças sexuais da divisão de trabalho, e em que as mulheres reforçaram, por suas práticas, os papéis masculinos e femininos. As atribuições das mulheres de servirem a seus maridos com as lides domésticas, de manterem atitude de espera por um regresso incerto, de permanecerem no lar como

testemunhas das agressões cotidianas que eles sofrem nas minas, são algumas das práticas que reforçam a reprodução social dos atributos de identificação da masculinidade perante eles mesmos, perante a mulher e a sociedade.

O corpo é também tratado aqui como objeto da violência e como linguagem que a expressa. Se o conceito de virilidade supõe que o corpo se exponha ao trabalho duro e difícil, também comporta que o mesmo corpo não seja objeto de reflexão sobre suas propriedades em geral. Assumo a afirmação de Boltanski como muito apropriada ao dizer que "se os indivíduos prestam tanto menos atenção ao corpo e mantêm com ele uma relação tanto menos consciente quanto mais intensamente são levadas a agir fisicamente, é talvez porque o estabelecimento de uma relação reflexiva com o corpo é pouco compatível com uma utilização intensa do corpo". (Boltanski, 1979, 167).

Nesta expectativa, as doenças profissionais, o enfraquecimento, as mutilações em face do intenso esforço físico, são mais difíceis de serem rejeitadas a priori, porque existe nestas categorias de trabalhadores "um ruído" na comunicação entre o sujeito e seu corpo". Mais, se há um aumento de atenção ao corpo, às suas mensagens mórbidas, o resultado seria a "redução da intensidade da atividade física". Tudo se passa como se aquele que devesse fazer uma utilização máxima do corpo não pudesse, sem dificuldade, manter com ele uma relação atenciosa... escutá-lo, analisá-lo e compreendê-lo" (Boltanski, 1979, 168).

O uso intenso do corpo e a fraca reflexão sobre ele também se explicam enquanto o corpo é apenas sentido e valorizado por se constituir um instrumento de sobrevivência. Toda a atenção está voltada em provar para si

próprio, para os companheiros de trabalho e à família a eficácia do corpo. As práticas de iniciação dos novatos, de exposição aos perigos, e a permanência na mina, mesmo sob condições de saúde já comprometidas, se encaminham no sentido de reforçar as finalidades e o atributo do corpo - produzir a sobrevivência. O corpo do trabalhador desqualificado e braçal "só pode ser aceito no silêncio "dos órgãos", somente o corpo que trabalha, o corpo produtivo do homem é aceito; tanto mais aceito quanto menos necessidade se tiver de falar dele" (Dejours, 1987, 32).

As representações que envolvem o corpo, o trabalho e suas práticas, formam uma "teia de relações plena de significados" (Geertz, 1978) que podem elucidar questões sobre a identidade dos mineiros, e sobre quais os mecanismos que respondem por sua reprodução.

Para explicar a reprodução social dos mineiros sob condições extremamente hostis ao grupo, apoio-me no conceito da "naturalização" do desgaste que perpassa as práticas de trabalho. Naturalmente, entendo que apenas um mecanismo interiorizado que naturaliza o desgaste não explique, por si, a permanência deles no trabalho. Melhor, o habitus que naturaliza é continuamente alimentado por práticas que respondem a situações objetivas, como a pouca opção de outro emprego e as compensações que as minas oferecem frente às condições de trabalho; tal fato que, somado à tradição familiar, sustenta a continuidade deste trabalho. Estes fatores somam-se à disposição sócio-cultural e juntos, configuram uma tendência do grupo mineiro a permanecer nas minas aceitando como "natural", o "inevitável" desgaste precoce de seus corpos, com redução da qualidade e expectativa de vida.

A naturalização é um mecanismo inseparável da reprodução social de um grupo que preserva, no transcorrer do processo histórico, sua identidade social. A naturalização das práticas se apóia nos habitus interiorizados a partir da formação dos grupos e do seu reconhecimento. Os habitus que comandam o ensinamento, a aprendizagem e o exercício das práticas nas famílias mineiras, na convivência social ou no processo de iniciação dos novatos no trabalho das minas.

A naturalização do desgaste se caracteriza por maneiras de sentir e ver as práticas responsáveis pelo processo de dilapidação das forças físicas e da vida em geral, de forma a admitir que o desgaste é componente das práticas e estas são necessárias e imutáveis. Isto acontece em relação à tecnologia, à organização do trabalho, às condições de segurança, higiene e conforto no trabalho.

A naturalização das práticas é eficaz porque sua razão de ser vem da tradição; sua explicação é eficiente pelas representações ideológicas presentes nas falas, nas convenções, nos gestos e em todos os atos mesmo nos mais "indiferentes" do dia a dia. "Práticas" que o processo de inculcação torna automáticas, se apóiam em princípios fundamentais da cultura e se impõem como necessárias (Bourdieu, 1972, 199).

Pretendo observar como a naturalização das práticas faz parte do cotidiano dos mineiros e está "enraizada" em suas vidas, utilizando o conceito de "enraizamento" de Simone Weil para explicar que as práticas firmam suas raízes no solo cultural e é nele que a coletividade absorve a orientação de suas ações, que acontecem de forma "natural" e fluem como se fossem "necessárias", seja na família, na profissão e no ambiente social (Bosi, 1979, 347).

Com o objetivo de entender e explicar a reprodução social das famílias mineiras, recolho os dados das

afirmações e negações comuns entre elas, e de todas as suas manifestações, buscando apreender como, quanto e o que em suas vidas é natural e justificável.

A história das lutas dos mineiros é tratada no sentido de que torna-se impossível desligá-la da construção da identidade social mineira. As lutas são de caráter trabalhista, quando o grupo defende seus direitos, exige melhores condições de trabalho e salários condizentes com o trabalho que enfrentam². São as lutas sindicais em defesa da categoria e de sua identidade social³. Mas são também lutas de cunho político, ao se juntarem aos movimentos dos trabalhadores do país em momentos de crise e comoção nacional⁴.

A organização destas lutas remetem ao conceito de resistência enquanto prática que não encontraria lugar se apenas a naturalização do desgaste e da opressão sustentasse a reprodução social do grupo mineiro. Contudo, por conviverem sincronicamente resistência e naturalização, procuro compreender a ambiguidade destes habitus e práticas, à primeira vista, excludentes entre si.

Aparece como questão central na relação entre classes a sujeição de uma e a dominação de outra, porém, esta relação vem recortada por práticas de recusa por parte das classes dominadas. Assim a resistência passou a ser uma dimensão importante no estudo das classes trabalhadoras ou dos grupos e minorias subjugadas pelas classes dominantes. A resistência tem sido abordada em seu contexto histórico e verificou-se que a cada caso de opressão correspondem relações específicas dos dominados, onde o objetivo é libertar-se das condições de humilhação, exploração, injustiça ou de outra situação opressora. Neste sentido

existem vários estudos que conceituam o termo resistência identificado pelas práticas dos grupos oprimidos³.

Ao reconstruir a história da organização da categoria dos mineiros, a abordagem de Thompson⁴ sobre a classe operária e seu processo de formação, coloca os critérios para conceituar tanto o grupo social quanto a resistência.

Em primeiro lugar Thompson conceitua classe não como um grupo que se enquadra nos moldes pré-elaborados teoricamente, aproximando-se ou afastando-se do modelo podendo então ser considerada classe ou não. Para o autor, a classe se constroi na sua trajetória histórica, de acordo com seus valores e norteadas pelos princípios culturais. As relações sociais entre os grupos de indivíduos vão agrupando interesses e unificando os grupos. Daí as relações de produção são decisivas na construção da classe, porque são relações que polarizam os interesses das classes que se relacionam na produção de bens. Esta concepção de classe que se constroi na história pelas relações sociais inclui o conceito de resistência. E a classe se construindo em relações de oposição. O conceito de Thompson não vê classe sem resistência. Seu conceito é explícito:

"A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus". (Thompson, 1987, 1, 10).

Nas experiências comuns, os homens, ao procurarem a realização de seus interesses, vão se organizando através das práticas que se opõem aos interesses de outros grupos que não o seu.

A história das lutas dos mineiros e sua organização no sindicato é observada sob esta dinâmica de construção da categoria, compreendida como um grupo que foi crescendo e se identificando nos interesses comuns, pelos quais lutava,

sempre em oposição aos interesses dos patrões e administradores das minas. O conceito de luta é inseparável da construção da classe, enquanto grupo que se auto reconhece (Thompson, 1979, 9).

Ao caracterizar a organização dos mineiros privilegio a dinâmica das relações entre os grupos antagônicos, reconhecendo neste movimento histórico, social e político o processo de formação dos trabalhadores mineiros. A história dos mineiros, de sua organização sindical, da definição por interesses comuns é uma história única. A história do grupo é a história de suas lutas, é a identificação dos mineiros com suas práticas de resistência.

A história formadora do grupo social mineiro é entendida aqui como um movimento que reuniu este grupo de trabalhadores identificados entre si nos objetivos, nas reivindicações e no modo de vida. O conceito aqui assumido é de grupo típico e não de classe, como se compreendesse a reunião de todos os trabalhadores, com uma missão revolucionária de transformação geral da sociedade. (Castoriades, 1985, 72-78)7.

Desta forma, ao estudar a história da organização dos mineiros, procuro identificar e caracterizar suas lutas e como estas, ao mesmo tempo que visavam a atender seus interesses, formaram o grupo que se identificava e se reconhecia diferenciado de outro grupo - a dos proprietários dos meios de produção - contra quem normalmente dirigiam suas lutas.

A "Resistência", entendida segundo o conceito de Moore (1987), se manifesta de diferentes maneiras nos grupos. Por isso é na história de cada um deles que são encontradas as bases da submissão ou da revolta. A resistência que os grupos podem opor à autoridade moral, segundo Moore, baseia-se na ilegitimidade das normas e da

autoridade moral, ou na violação dos princípios estabelecidos e acordados, quando interesses particulares se sobrepõem aos firmados nos contratos sociais (reconhecidos culturalmente). A violação dos contratos sociais despertam nos indivíduos a ira moral, e as relações desiguais apontam para a injustiça social. A indignação moral motiva as práticas de resistência contra as injustiças sociais. Aqui se pode reconhecer que existe uma analogia entre o que Moore define como "ira moral" com o que Bourdieu denomina "habitus", enquanto os dois conceitos referem-se a esquemas interiores que orientam as práticas dos indivíduos em determinada direção. Em Bourdieu, a revolta é mais frequente quando o grupo se vê forçado a se definir diante de situações objetivas em que as necessidades econômicas geram insatisfação. O grupo pode então ter duas saídas - a revolta ou aceitação resignada (Bourdieu, 1979, 135). Moore fala que os grupos humanos se submetem e obedecem ou se revoltam e tentam eliminar a injustiça, se movidos pela ira moral.

A revolta e a humilhação são tratadas também em "A Condição Operária" de Simone Weil. Para a autora, as práticas de recusa, principalmente as greves, devolvem o sentimento de dignidade e a sensação de liberdade à classe operária oprimida e subjugada. Os atos de recusa agem no meio operário como uma "trégua", quando eles "sabem" que inverteram a "ordem" e, por umas horas ou dias, não estão sob o domínio do poder que os subjugava (Weil, 1979, 105). A autora abre uma perspectiva de encarar a greve e outras práticas de resistência, não apenas como poder de pressão reivindicatória, mas sobretudo como momentos fortes de elaboração das representações da classe sobre sua identidade. As greves e outras práticas de resistência são observadas neste estudo não como ações pontuais e reivindicatórias simplesmente, mas como portadoras de significados e eficácia na construção da identidade social e

na formação do grupo. A resistência representa neste sentido um fator que, longe de ameaçar a reprodução social dos mineiros, ao contrário, fortalece e consolida o grupo pela consciência que desperta para os interesses comuns e criando possibilidades de buscar na luta a própria valorização e a sua reprodução. Sob esta perspectiva é possível confrontar os mecanismos que naturalizam o desgaste e os que despertam a resistência ao mesmo tempo, e verificar que não são excludentes entre si mas, ao contrário, um sustenta o outro. Ou seja, é possível admitir que os mineiros, porque alimentam representações sobre a necessidade e a inevitabilidade do risco, da insegurança, da decadência precoce inerente ao trabalho, organizam-se para denunciá-la, e assim afirmam sua identidade como trabalhadores explorados mas valorosos. As representações ligadas à naturalização do desgaste, paradoxalmente podem se perpetuar porque os mineiros praticam a resistência à exploração e desta forma mantém e reproduzem um trabalhador fiel à imagem do passado ao incorporar o presente e ao projetá-lo para o futuro (Habernas, 1983).

As práticas de resistência, moldadas pelos habitus, no confronto coletivo e cotidiano dos mineiros com as precárias condições em que vivem e trabalham, é analisado além da questão teórica da injustiça, vista principalmente por Morre (1988) e pela recusa no próprio local de trabalho (Maroni, 1986). É analisado, também nas proposições e na organização sindical com suas singularidades registradas na história da categoria.

O sindicato é visto como parte integrante do Estado Corporativista (Erickson, 1979), em que há a intervenção do público sobre o privado, com o objetivo de extrair pela raiz a possibilidade de conflitos entre os grupos sociais, em favor da "harmonia social", e onde o Estado tutela as instituições sociais, no caso os sindicatos, incorporando-os

num todo orgânico, em vista da convivência harmoniosa (Viana, 1976, 29).

A legislação trabalhista elaborada no Estado Novo e consolidada em 1943 na CLT, está dentro do projeto nacional de Vargas com vistas ao continuísmo no poder (Castro Gomes, 1988).

A criação do sindicato de Criciúma é analisado a partir da proposta da política nacional em relação à organização trabalhista.

A função burocrático-assistencial dos sindicatos vista por Heloisa de Souza Martins (1979), e as consequentes práticas anti-democráticas dos sindicatos burocráticos administrativos (Weffort, 1986) também orientam a análise das práticas assistencialistas e burocráticas dos sindicatos de Criciúma.

A conjuntura política nacional vista em (Antunes, 1983), (Erickson, 1979), (Castro Gomes, 1988), (Sader, 1988) situando as lutas trabalhistas na esfera nacional, foram parâmetros para a análise das práticas de recusa, de conflito, ou de submissão dos trabalhadores mineiros.

A reconstituição da história de lutas dos mineiros quer demonstrar como o grupo se formou na resistência, praticando-a nas minas, nos sindicatos, nas praças e ruas da cidade de Criciúma.

Metodologia Utilizada

A pesquisa partiu de informações preliminares sobre os mineiros de Criciúma, realizados num estudo que se constituiu em dissertação de mestrado^o. Além daquela pesquisa sistemática, cujos dados foram colhidos em 1981,

somei outros, de maneira informal, pelo fato de residir em Criciúma e conviver com acontecimentos expressivos da vida e luta dos mineiros. Participei de assembléias dos sindicatos, acompanhei as "mobilizações" dos mineiros em greves, passeatas, organização de caravanas a Brasília e Florianópolis, ocupação e acampamento em pontos estratégicos da cidade; visitei frequentemente os sindicatos; acompanhei, durante o turno de produção, o trabalho dos mineiros em seis minas de subsolo. Visitei "bocas" de minas e instalações de superfície bem como os bairros residenciais de trabalhadores, onde vivem não apenas os mineiros, mas indistintamente os operários da cidade.

Em 1987 entrevistei 73 mineiros em 47 entrevistas: sendo dez entrevistas coletivas, com grupos de 3 a 4 mineiros simultaneamente, na sede do sindicato de Criciúma; outras 12 entrevistas fiz com o casal - o mineiro e a mulher nas casas deles; e 25 entrevistas individuais, apenas com o mineiro, umas no sindicato outras nas residências. 11 das entrevistas com casais e individuais foram com mineiros vítimas de acidentes de trabalho ou portadores de pneumoniose e com aposentados. As entrevistas consistiam no relato das experiências vividas nas minas, na vida doméstica, comunitária e sindical e relatos sobre memórias do passado. Os mineiros entrevistados ocupavam diferentes postos de serviço no subsolo.

Além dos mineiros entrevistei técnicos, como encarregados, engenheiros, gerente de recursos humanos, psicólogos, assistentes sociais e médicos da empresa para obter dados da empresa. Busquei informações em instituições e repartições públicas como: Prefeitura Municipal, DRT (Delegacia Regional do Trabalho); FATMA (Fundação de Amparo a Tecnologia do Meio Ambiente), INPS (Instituto Nacional de Previdência Social); FUNDACENTRO (Fundação Jorge Duprat Figueiredo - De Segurança e Medicina do Trabalho). Estes institutos forneceram dados

através de relatórios, atas, cadastro, fichário, artigos e fotos. Lancei mão de reportagens jornalísticas, de relatórios de outros pesquisadores e de conversas assíduas com o presidente do sindicato dos mineiros de Criciúma - Centro, e com dirigentes sindicais do passado.

As informações recolhidas nas entrevistas foram completadas com auxílio dos registros do diário de campo onde anotei as observações relativas às condições das casas, das ruas, dos bairros residenciais dos trabalhadores.

A bibliografia revisada forneceu elementos teóricos e auxiliou na leitura e interpretações dos dados. A relação que procurei estabelecer entre os quadros e as representações fornecidas pelos dados foi dinâmica e constante. O relatório presente quer demonstrar o processo e as formas de reprodução social dos trabalhadores mineiros e a orquestração dos habitus e práticas com as quais o grupo é socialmente identificado.

Estudos sobre o Tema.

A revisão bibliográfica que precedeu e acompanhou todo o estudo sobre a identidade social dos mineiros de Criciúma, visava tanto a definição da perspectiva teórica da pesquisa quanto a levantar as tendências da literatura sobre as condições de vida das classes ou grupos de trabalhadores e os tipos de abordagens sobre o tema, marcados e delimitados pelo tempo, entre outros fatores.

A análise da produção literária sobre condições de vida dos trabalhadores feita por José Leite Lopes, compreendida entre o limiar da "formação da classe trabalhadora, no advento do capitalismo até a década de 1970" (LEITE LOPES, 1984)⁹ é agrupada por enfoques. Se a

matriz teórica pertencesse às correntes marxistas, o estudo privilegiava a esfera da produção como determinante principal e quase exclusiva das condições de vida dos trabalhadores. Os trabalhos inspirados nas abordagens funcionalistas tendiam a ser descritivos da esfera da reprodução.

No período compreendido entre 1930-40 uma contribuição singular e inovadora tem sido a obra de Simone Weil, introduzindo em sua análise aspectos novos das práticas operárias nas fábricas. Trouxe as questões culturais, até ali exclusividade das abordagens antropológicas para sociedades "primitivas" e "marginais"^{1º}. A obra de Simone Weil ficou, durante algumas décadas, solitária, pois que outro tipo de estudo muito comum sobre "classe operária" se afirmava tratando da estrutura política e dos temas sobre lutas e reivindicações trabalhistas, sobre a formação da consciência de classe. Estes estudos, em geral de tendência marxista dominaram a literatura até os anos de 1970.

Hoggart trouxe uma contribuição original e inovadora nos estudos sobre "classe operária" (1952-6), ao reconstituir os hábitos e contradições culturais. Construiu uma problemática a partir dos hábitos do bairro, das casas, das festas, da literatura. As preocupações de Hoggart não se remetiam às práticas de trabalho. Pensava as condições de vida para além destas práticas e considerava que os modos de vida do operário inglês remontavam à tradição, sexo, história, cultura. Não era uma análise centrada no modo de produção mas nas práticas sociais. Embora a conceituação estivesse praticamente ausente, havia um objetivo explícito do autor - ver para além dos hábitos - ou seja, explicar a que levavam os hábitos. Porque, por exemplo, o casamento? E concluiu: é um hábito que visa a estabilidade, a perpetuação, a organização. A reconstrução social, nos estudos deste tipo, de caráter antropológico, supõem a

"pertença" ao grupo. Esta abordagem sugere a experiência do autor do modo de vida analisado. Mas o conhecimento da problematização de Hoggart tornou-se hoje obrigatório nos estudos sobre grupos ou classes operários. Na interpretação clássica marxista, priorizando a esfera produtiva como determinante das condições de vida, Hoggart inaugura a lógica da identificação dos grupos a partir da esfera da reprodução.

Nos estudos atuais esta tendência é forte. Nos estudos sobre movimentos, por exemplo, está colocada a polêmica: a lógica do movimento se articula a partir do econômico ou do cotidiano?¹¹

Incluo aqui a proposta de Bourdieu que articula as relações, sejam na esfera da produção ou da reprodução, sempre da mesma forma, a partir dos habitus (esquemas interiorizados) do grupo que definem as práticas na esfera do trabalho e demais esferas sociais. Neste enfoque as esferas da produção e reprodução são reciprocamente influenciadas. O autor no estudo empírico - *Travail et Travailleurs em Algérie (1963)* - ilustra e demonstra sua proposição teórica. Neste enfoque, a formação de habitus remete à reprodução, incluindo gênero, bagagem cultural, ou uma situação dada. O indivíduo trabalha com uma representação grupal da sociedade que inclui gênero (sexo), idade, e determinadas práticas de trabalho. Para repensar a lógica da identidade dos grupos é preciso articular a esfera produtiva com a reprodutiva; é preciso ver a imbricada relação das duas esferas na formação da identidade dos grupos.

A revisão bibliográfica geral clareou a orientação que pretendia imprimir a este estudo. Sem descuidar da esfera da produção, específica e singular das minas, em que as práticas de trabalho desgastam com vigor o corpo e a vida

dos mineiros, iria igualmente observar a esfera da reprodução cujas práticas domésticas e sociais desvendariam as "raízes" do grupo, sua cultura e valores e forneceria as "chaves" para apreender o processo de construção da identidade social e os mecanismos de reprodução dos mineiros, enquanto grupo diferenciado, embora inserido na sociedade industrial pluralista de Criciúma.

Posto isto, lembro que os estudos sobre as condições de vida dos mineiros, em geral se fizeram por confronto, com uma visão dicotômica, considerando-se a formação de sociedades abertas diversificadas, próprias das sociedades industriais modernas, em oposição às comunidades fechadas, homogêneas dos trabalhadores mineiros. Conforme influenciados pela antropologia ou sociologia privilegiavam a esfera da reprodução ou da produção respectivamente. A mesma relação direta havia entre o enfoque de caráter marxista, concentrando-se então nas práticas produtivas e políticas, ou, então, eram trabalhos voltados para a esfera reprodutiva, cujos estudos versavam sobre aspectos da vida social: habitação, saúde, instituição familiar, em geral, descrições ou análises parciais.

A bibliografia estudada sobre condições de vida dos mineiros esteve sempre presente na abordagem teórica específica e possibilitou identificar elementos e situações comuns no processo de formação de quase todos os grupos de trabalhadores mineiros, bem como permitir levantar as características presentes na construção da identidade social dos mineiros de Criciúma, quais as tradições comuns, e quais as ambiguidades responsáveis pela sua reprodução social.

No levantamento bibliográfico, um dos primeiros estudos sobre a classe trabalhadora no período de afirmação da

indústria capitalista é a obra de Engels: "A situação da classe trabalhadora em Inglaterra (1844)" (Engels, 1985). O livro trata das questões gerais relativas à formação do capitalismo na Europa (cujas questões são retomadas e aprofundadas por Marx no *Capital*) e a conseqüente formação da classe operária, sua situação, expansão em todo o continente europeu. Neste livro, o Capítulo X "O proletariado das Minas" volta-se especificamente para as condições de trabalho na mineração destacando a exploração do trabalhador. É um capítulo denso, em que o autor descreve o espaço de trabalho e suas precárias condições, tratando de problemas como doenças, envelhecimento precoce dos homens de mina, problemas que continuam hoje. A trajetória dos mineiros é analisada, para concluir em seu final, como a resistência à exploração foi um elemento decisivo na formação da consciência operária.

Eve Brook e Dan Finn (1983) comentam vários estudos feitos em "comunidades" trabalhadoras, quando afirmam que, em geral, foi seguido o modelo comunitário "aberto" ou "fechado". Os autores buscaram em muitos estudos realizados, as variações que tipicavam as comunidades. Um trabalho de Dennis, Henriques e Slaughter (1969) ao estudarem a comunidade mineira de Ashton na Inglaterra, explicitou o modelo que se tornou paradigma dos estudos sobre comunidades mineiras que se seguiram:

"O estudo comunitário clássico neste campo é sem dúvida 'Coal is Our Life' (1956). Esse estudo mudou toda uma geração de acadêmicos e seus modos de ver o mineiro ... um estudo comunitário explícito, influenciado pela antropologia (Brook e Finn, 1983, 170).

As características de comunidade fechada (para mineiros) aberta para outros trabalhadores vistas em Dennis et alii (1969); Eckert (1985); Grossi (1981); Tenfelde (1981); Touraine (1967); Trempe (1971); Mynaio (1986)¹², foram confrontadas com a formação do grupo social mineiro de

Criciúma. A base territorial comum, seja na esfera da produção ou doméstica, com tendências homogeneizantes pela desqualificação profissional e origem cultural comum, levam à formação de uma identidade social que distingue os mineiros em suas práticas de outros trabalhadores. Esta singularidade é, porém, mais profunda que as aparências visíveis das práticas. Estas, por sua vez nos remetem a habitus, tradições e representações de si, dos outros e do mundo, que induzem à reprodução social do grupo mineiro.

No estudo acentuo, porém, a diferença específica vivida pelos mineiros de Criciúma à medida que conviveram, primeiro simultaneamente com os trabalhos nas minas e na agricultura e em seguida com operários de outros ramos industriais, à medida que o município diversificava sua produção industrial. O Estado de Santa Catarina, aliás, apresenta nas unidades familiares talvez como uma característica típica, a convivência simultânea e de complementariedade entre o trabalho industrial e o agrícola. Veja-se Seyferth (1982) e Moser (1985)¹³.

O processo de formação do grupo mineiro foi confrontado com o estudo de Rolande Trespé - *Les Mineurs de Carmaux, 1848-1914* (1971). A autora relata e analisa, com excepcional nível de detalhes, o cotidiano da vida e da luta dos trabalhadores das minas de carvão em Carmaux na França. A análise histórica, política e social da comunidade de dois mil mineiros considera a passagem de uma situação inicial de "mineiros-camponeses" para outra de "mineiros-operários". A autora quer demonstrar o caminho percorrido pelo grupo na formação da própria "classe mineira" pela "consciência do interesse da classe" identificada como classe trabalhadora unida na luta sindical para chegar, através de campanhas eleitorais ao parlamento, incorporando a política do socialismo. A autora dialoga constantemente contra a proposta do vanguardismo. Argumenta que as práticas

coletivas de defesa por melhores condições de vida e de trabalho, cujo ponto culminante das lutas são as greves; e as campanhas políticas, têm suas raízes no coletivo dos trabalhadores que vivem a exploração e a contradição do trabalho-capital, em seu cotidiano; não sendo, pois os discursos das lideranças que despertam para a consciência e luta de classes¹⁴.

A lógica na dinâmica de identificação social dos mineiros de Criciúma se apoia na força dos habitus construídos cultural e coletivamente nas esferas domésticas e das minas. O objetivo das lutas empreendidas é visto em função de interesses mais imediatos voltados em primeiro lugar para a realização de seus projetos familiares. Os sindicatos são vistos como instrumentos na consecução de projetos que proporcionem mais conforto e melhores condições de vida e de trabalho aos mineiros e suas famílias. O projeto político-eleitoral e a adesão ao socialismo nunca mobilizou o grupo dos mineiros de Criciúma.

Colocada esta diferença na motivação e finalidade essenciais das lutas (o período histórico e a localização são fatores decisivos nestas diferenças) encontramos condições de vida e de trabalho que se assemelham entre as dezenas de comunidades mineiras. Assim, por exemplo, as condições de perigo e medo são considerados em vários trabalhos sobre mineiros. Simone Weil cita que nas minas "é difícil vencer o medo e o desprezo". A evasão, mesmo em pensamento, é a maneira usual de livrar-se do medo (1979, 144); Linhart, com *Greve na Fábrica* (1978) fala do medo dizendo que ele está ligado ao próprio trabalho; Treppe reconhece que todos os mineiros trabalham sob a pressão do medo, pois que o perigo paira constantemente sobre suas cabeças (1971, 324). Embora estes autores constatem que os trabalhadores vivam sob a emoção do medo, não fazem do seu estudo a intenção de aprofundar esta realidade.

No presente trabalho, assumo a dimensão emocional do medo como um dos traços marcantes e fundamentais na construção da identidade e da reprodução social do grupo mineiro. O medo é administrado por eles, principalmente através de mecanismos defensivos. Utilizo aqui a teoria da ideologia defensiva elaborada por Dejours (1987). O estudo desta dimensão das práticas de trabalho nas minas acrescenta aos estudos citados uma análise importante e significativa, enquanto explica mecanismos responsáveis pela continuidade das condições de sobrevivência e pela reprodução de práticas inseguras no trabalho nas minas.

A literatura européia sobre comunidades mineiras apresenta como tema básico as precárias condições de trabalho, as doenças profissionais, a par da luta da categoria na formação do sindicato e na participação nos movimentos internacionais da classe trabalhadora¹⁵.

Seguindo esta tendência, também os estudos sobre comunidades mineiras na América Latina, se voltam para as condições de trabalho e para a esfera doméstica, mas também contam a história da resistência à exploração; descrevem o desgaste precoce, a dilapidação vigorosa da força de trabalho. Do processo de exploração, que reduz as comunidades mineiras a níveis de pobreza e miséria extremas, nascem os movimentos de resistência e de luta¹⁶.

Os estudos concentrados em aspectos comuns, demonstram que há mecanismos que induzem as comunidades mineiras a práticas sociais e de trabalho muito semelhantes entre si, mesmo quando as comunidades são separadas pela distância, seja no tempo ou no espaço. A confirmação dos elementos comuns e da construção de uma identidade social "típica dos mineiros" permite apontar para algumas generalizações e para a singularidade que, no caso, distinguem os mineiros de Criciúma.

Uma pesquisa realizada por Cornélia Eckert (1985) intitulada - Os Homens da Mina. Um estudo das condições de vida e representação dos mineiros de carvão em Charqueadas - RS, menciona especialmente, por se aproximar da região carbonífera do sul de Santa Catarina, cuja formação populacional apresenta vários elementos comuns. O trabalho de Cornélia é também particularmente significativo pelo objetivo de seu estudo: - a construção da "identidade social" dos mineiros, "buscando nas suas representações e na forma de atribuírem significado às suas ações a reelaboração do sistema social em que interagem e manifestam sua cultura". Do cotidiano dos mineiros analisa várias dimensões: 1) as "condições" e as "contradições" do trabalho; 2) a "rede social composta pela família, parentesco e vizinhança"; 3) "seu sistema de símbolos" expresso nos ritos e crenças que por sua vez reproduzem seu código de valores e tradições; 4) as contradições histórico-estruturais das comunidades mineira e sua organização "nos diferentes níveis sociais de seu cotidiano" (Eckert, 1985, 4-5).

A pesquisa de Eckert privilegia a "representação dos mineiros do carvão" para "resgatar o simbólico que estes manipulam na construção de sua identidade social". O conceito de identidade é tomado do conceito construído pelo próprio grupo que reconhece a existência de dois mundos - o de "dentro" e o de "fora" - com regras de pertencimento e de não pertencimento ao grupo. A inclusão ou exclusão a esse mundo é feita através da "análise ritual" que tem sua "linguagem" para falar das "tensões" vividas para organizar o "cotidiano". Dentre as formas de linguagem do simbólico, a autora analisa de forma especial o ritual religioso da festa de Santa Bárbara, padroeira dos mineiros. Os ritos estabelecem com clareza quem pertence, quem não, ao mundo dos mineiros.

O estudo da autora se distingue dos demais realizados em comunidades mineiras no Brasil, justamente por se incluir nos quadros teóricos da antropologia, quando a maioria dos estudos estão incluídos nos quadros da sociologia que dão ênfase à esfera da produção ou à história política sindical. Os "Homens da Mina" trata da identidade social dos mineiros de Charqueadas e o estudo destaca os elementos simbólicos e as representações que delimitam o grupo mineiro.

No presente estudo reconheço as práticas sociais e de trabalho informadas pelos habitus, social e culturalmente interiorizados pelo grupo, como as chaves explicativas da construção da identidade social dos mineiros.

Como marcas dessa identidade, além da ambiguidade - medo e coragem - e a formação de mecanismos defensivos, destaco a "naturalização" do desgaste como habitus responsável pela reprodução social dos mineiros, esquema interior que seleciona as práticas dos grupos diferenciados culturalmente e garante sua continuidade (Bourdieu, 1972, 199)¹⁷. Destaco a relação estreita entre homem-natureza e a recíproca transformação à medida que o homem age sobre ela. Os efeitos predatórios sobre o meio e o desgaste precoce do corpo são vistos como atos contínuos e consequentes. Esta dimensão é mais uma contribuição na análise da construção social da identidade mineira, que outras abordagens não destacam.

A literatura sobre comunidades ou grupos mineiros é unânime em destacar as lutas dos trabalhadores, sua organização em associações e sindicatos para fazer frente à exploração e ao desgaste. As lutas são analisadas nos estudos empíricos a partir de uma situação de exploração na esfera da produção e toma conta da organização sindical e algumas vezes da estrutura político-partidária. As lutas aparecem, muitas vezes, com um caráter circular, onde as

próprias conquistas acabam sendo anuladas mais adiante no processo histórico de dominação. Esta é a visão dos dominadores, adverte De Deccà, pois os dominados vêm suas lutas e conquistas por uma outra ótica e se "os vencidos falam", trazem a lembrança que a par da história oficial, do triunfo da dominação, existe outra história que eles ao falarem desvendam (De Decca, 1986, 14). Esta história é marcada pela resistência que amplia a noção da política, pois politiza múltiplas esferas do cotidiano conforme analisa Eder Sader. Para o autor de : - Quando novos personagens entraram em cena - os trabalhadores, os pobres, apoiando-se nos valores da justiça contra as desigualdades sociais; da solidariedade entre os dominados; da dignidade que a própria luta lhes conferia; fizeram da afirmação da própria identidade um valor (Sader, 1988, 312) onde a luta e a resistência se constituíam numa só prática: no objetivo de novas conquistas e na afirmação da própria identidade. Sader analisou as experiências de lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo tomando como objetivo de estudo desde a ordenação do trabalho, os movimentos migratórios e os projetos familiares até os movimentos sociais como clubes de mães e CEBs (Comunidades Eclesias de Base), passando pela emergência do novo sindicalismo. O estudo de Sader trouxe clareza sobre as motivações e os sentidos das lutas cotidianas e das práticas tradicionais de defesa dos valores e dos empreendimentos dos trabalhadores na concretização de seus projetos de vida.

Os estudos específicos sobre lutas de mineiros têm sido abordados essencialmente sob o ponto de vista político sindical, e alguns avançaram incluindo a luta partidária em busca do poder.

Vemos este enfoque em "Les Mineus de Carmaux" (Trempe, 1971). A autora demonstra que a "consciência de classe" foi fruto das lutas por melhores condições de vida e

de trabalho, lutas que encontraram apoio na organização sindical, mas que ultrapassaram os limites do órgão de classe à medida que fizeram de sua luta um projeto para a socialização democrática da sociedade via parlamento, tendo como proposta o socialismo. Confronto a trajetória política sindical dos mineiros de Criciúma com a luta de Carmaux e vejo os ensaios de política partidária dos mineiros muito tímidas, desmotivadas e não raro frustrantes¹⁰. Já no estudo de Ione Grossi em A Extração do Homem, as lutas estão muito vinculadas ao projeto político partidário, iniciadas nas organizações da igreja JOC (Juventude Operária Católica) que depois se apoiaram nas campanhas políticas do partido comunista.

Os mineiros de Criciúma tiveram suas lutas fundamentalmente orientadas para garantir melhores condições de vida e, secundariamente, para obter melhorias nas condições de trabalho, diferenciando-se desta forma tanto dos mineiros descritos por Trempé (1971), por Dennis, Henriques e Slangher (1956) por Zolá (1982), por Weill (1979) para citar alguns estudos na Europa quanto aos estudos sobre as lutas políticas dos mineiros no Brasil e na América do Sul, como por exemplo os já comentados estudos de Grossi (1981); Eckert (1985); Mynaio (1987); Wiezer (1979); Touraine (1969); Céspedes (1967).

Abordo as lutas dos mineiros a partir da resistência que oferecem no local de trabalho, utilizando práticas tradicionais ou outras, não usuais. O objetivo dos mineiros tem sido sempre se resguardar da opressão e exigir relações sociais mais justas e dignas frente aos valores de respeito a eles, trabalhadores, enquanto pessoas. Um estudo da resistência de Amneris Maroni, traz análises estruturais das lutas dos operários nas fábricas como uma forma nova de pressão, desconcertando tanto a organização administrativa da produção quanto o próprio sindicato, cuja política nem

sempre atendia as reivindicações, ou acompanhava as lutas da categoria. E assim que aconteceram as principais formas de resistência nas greves de maio/78 em São Paulo. A fábrica, local da produtividade, do trabalho organizado, serve de modelo para a "recusa" dos operários, segundo a autora (Maroni, 1982).

A esta contribuição de Maroni para a compreensão das práticas de resistência no local de trabalho, bem como as das formas mais tradicionais de luta ocorridas nos sindicatos analisados por vários autores, acrescento no estudo sobre os mineiros, além da descrição das práticas de submissão e resistência, uma reflexão apoiada na análise de Barrington Moore sobre a "injustiça", ao estudar - "as bases sociais da obediência e da revolta" das classes. O autor procura conceituar e atribuir conteúdos às noções de: justiça-injustiça; submissão-ira moral; obediência-revolta. Das noções culturais sobre estes valores e contra-valores, nascem os sentimentos e emoções que se materializam nas práticas sociais dos grupos dominados cujas práticas podem ser de aceitação ou de rejeição às situações de injustiça a que são submetidos (Moore, 1987). Os parâmetros de confronto são formados pelos princípios mais ou menos universais de "justiça, de reciprocidade e de igualdade de direitos e de respeito pela dignidade dos seres humanos como pessoas" (Habermas, 1983), ou como catarse segundo Simone Weil (Bosi, 1979). Aceitando como propõe Moore e Habermas que certas noções de justiça, reciprocidade e dignidade, respeitadas as diferenças culturais, tem aplicação geral sobre a sociedade, aceito também que daí decorrem as práticas de rejeição por parte dos grupos sociais que se julgam lesados. A partir destes princípios explico a resistência à exploração como um componente importante e definidor da identidade social dos mineiros de Criciúma.

NOTAS

- ¹ Luiz Duarte analisa a representação de dois mundos também em relação aos pescadores profissionais. O mar forma o "mundo" só deles, em oposição à terra, partilhado por todos (Duarte, 1987).
- ² Veja-se as greves. Conforme capítulo décimo desta tese.
- ³ A luta que empreenderam os mineiros para não sofrerem a divisão do sindicato do município de Criciúma. Conforme capítulo décimo desta tese.
- ⁴ No período referente ao golpe militar de 31 de março de 1964 os sindicatos dos mineiros assumem a greve geral deflagrada no Rio e em São Paulo. Atualmente, nas duas ocasiões em que a CUT e CGT mobilizaram a classe trabalhadora para as greves gerais em 1988 e para 12 e 13 de abril de 1989, os mineiros não só pararam como formaram o chamado arrastão, quando em caminhada coletiva pelo centro fecharam o comércio, impediram a abertura dos bancos, dificultaram o transporte coletivo e pararam várias indústrias.
- ⁵ Ana Maria Schindler em um trabalho do curso: Trabalho, Dominação e Resistência ministrado por Elisabeth Souza Lobo faz um estudo sobre a resistência.

Constata que o conceito só foi estudado a partir de situações objetivas e concretas e levanta a premissa de que talvez o estudo da resistência só possa ser realizado tendo um objetivo delimitado e real.

O estudo de Ana M. Schindler consiste em analisar como alguns autores tratam teoricamente o conceito "resistência" e o utilizam na apreensão de realidades sociais pontuais e restritas.

Assim, analisa o conceito de injustiça e ira moral em B. Moore na obra intitulada Injustiça (as bases sociais da obediência e da revolta).

Castoriades C. no título. A Experiência do Movimento Operário. Além de considerar o projeto revolucionário da classe operária observa os focos de resistência e os movimentos sociais no interior da sociedade em geral, cujo posicionamento é contra a "ordem e organização sociais".

THOMPSON, E. P. nas obras: 1) Tradição, Revolta e Consciência de Classe e 2) Formação da Classe Operária Inglesa que tratam da formação de classe enquanto história e luta. A autora considera que a experiência de

formação da classe supõe a resistência coletiva e organizada, incluída no processo histórico.

BOURDIEU, P. em O Desencanto do Mundo. A resistência identificada na revolta de uma sociedade tradicional colocada frente a novos modos de vida e urbanização, inaugurados pelo capitalismo. Aparece então ambiguidade de conduta: revolta consciente ou passividade resignada.

Das análises feitas a autora classifica dois tipos de resistências: - individual e coletiva - com várias formas de luta.

- ◁ Thompson, E. P. em Tradição, Revolta e Consciência de Classe, descreve várias formas de resistência dos oprimidos, como por exemplo em "El delito del Anonimato", observa que a publicação de cartas anônimas em jornais, ou sua divulgação por outras vias, contra pessoas de destaque nas áreas econômicas, políticas ou religiosas, revelavam uma forma de atacar a autoridade e de resistir à dominação (Thompson, 1979, 173).
- ▷ Na coletânea de Cornélius Castoriadis apresentada por Marco Aurélio Garcia, o autor critica os vários marxismos por suas posições ortodoxas em relação à "missão" das classes revolucionárias, atribuída ao proletariado. As classes trabalhadoras, ou o proletariado, na forma como as correntes marxistas a concebem se apresentam a-históricas, universais, existentes onde quer que exista capitalismo. A crítica de Castoriadis alerta tanto, que classes sociais "universais" são construções teóricas, quanto que nenhuma classe social tem uma missão revolucionária salvadora, e que nenhuma categoria tem a seu encargo o destino da humanidade (1985, 66-78).
- ◻ A dissertação de mestrado realizado no curso de Pós-Graduação da UFSC em 1982. Posteriormente foi publicada sob o título A Pirita Humana. Os Mineiros de Criciúma. Florianópolis, UFSC, 1984.

Os dados referentes a esta parte introdutória - Caracterização da Região, foram retirados do trabalho citado.

- ▷ LOPES, José Sérgio Leite. Anotações em Torno do Tema "Condições de Vida na Literatura sobre a Classe Operária" em Condições de Vida das Camadas Populares. Debates Urbanos, Nº 6, Rio de Janeiro, Zahar, 1984.

Traz o comentário de um livro de Engels incluído no Tema, que é "A questão da Habitação" (1872) onde analisa como os bairros operários, periféricos nas cidades,

primeiro "espontâneos" são depois criados intencionalmente pelos proprietários industriais como extensões da exploração capitalista. Engels mostra a evolução desse sistema desde o final do século XVIII e Século XIX e incorpora a crítica feita pelos operários à dominação que o sistema representa. P. 30-31.

A literatura socialista posterior, na análise de Lopes, se concentra na área da "Produção" e deixa para um segundo plano os aspectos relativos à "reprodução" mesmo porque, (para os socialistas) este é um campo que se acha sob o domínio da produção, eixo gerador das transformações sociais. Esta cisão entre a esfera da produção e a da reprodução se acentuou na literatura dialética. Ganhou prioridade a dimensão da produção e os estudos nesta esfera se multiplicaram, demonstrando a dependência de todos os aspectos da vida social à dimensão estratégica e dominadora da área produtiva. P. 32.

A par desta literatura de enfoque socialista se desenvolve outra corrente, a positivista. Os estudos relatam sobretudo as condições "físicas e morais" do trabalhador, sob a determinação do meio físico. Um primeiro estudo de Gaskell (1833) relaciona o meio físico com a saúde, a habitação, hábitos etc., da população trabalhadora. As vilas operárias são ambientes necessários à formação da nova classe trabalhadora. A "concepção psicofisiológica" das questões sociais, particularmente no que concerne a classe trabalhadora, é suficientemente forte no pensamento burguês a ponto de a burguesia erigir suas utopias baseadas nesta concepção. Tal é o efeito das vilas operárias ou mesmo cidades construídas e mantidas por companhias..." além de "Funcionais à produção são instrumentos estratégicos de formação, educação, domesticação..." p. 28.

Outro estudo da época resulta numa obra publicada em seis volumes de 1877 a 1879, intitulada "Les Ouvriers Européens". Seu autor é o engenheiro e inspetor geral de minas Frederic Le Play. A obra, de caráter conservador, é muito bem recebida pelos empresários e governos da época que estavam às voltas com o "agravamento da questão urbana", da questão da habitação, dos "aspectos sanitários e disciplinares subjacentes a estas questões". p. 31.

Segundo Lopes, os estudos que se seguiram a estes, seja de enfoque socialista ou positivista, se confrontavam sempre com o universo descrito e analisado por Gaskell e Le Play. E, por muito tempo, dominaram no Ocidente, os estudos sobre a classe trabalhadora na área da

"reprodução". Em geral era o campo de estudos dos positivistas e funcionalistas. As análises socialistas não tinham interesse por essa área, "fora" da esfera do trabalho, a "doméstica", pois sua atenção se fixava na área "central" e não na "periférica", mas atendiam para o universo delimitado por Gaskell e Le Play, submetendo-o às determinações da produção, ou, criticando-o. p. 32.

No início do século a literatura assume a forma de denúncia sobre as "condições de vida" do trabalhador e pode ser exemplificada pelo trabalho dos irmãos Fernando e Maurice Pelloutier, intitulado "La vie Ouvrière en France" - (1900). Empenham-se os autores em organizar os sindicatos sem contudo pertencerem aos quadros operários. Querem que sua fala seja a voz dos explorados. p. 34-6.

- ¹⁰ A obra de Simone Weil inaugura outra forma de denúncia com os estudos sobre A condição Operária. Junta sua experiência de intelectual ao trabalho braçal em fábricas e minas. O livro A Condição Operária e Outros Estudos sobre a opressão (1979) escrito na década de 1930 é exemplar nesta fase.

A obra de S. Weil representa uma contribuição importante para a compreensão do cotidiano do operário na fábrica, onde a opressão gera não a "revolta", mas "submissão"; o trabalho gera o cansaço e o medo a "sujeição". O cansaço anula toda e qualquer perspectiva de formação cultural e perpetua a escravidão. "A condição operária" aponta para a estreita relação entre o "aviltamento nas fábricas", o "orgulho da soberania" da classe operária na história, e as práticas brutais na família. Não busca a explicitação do comportamento operário só na fábrica mas no que ela denomina de "enraizamento", isto é nas tradições, hábitos, crenças. Entra para o campo das representações e procura identificar se o elo entre o passado de uma classe está presente para se agarrar ao "novo" que a fábrica exige. A persistência ou ruptura deste "elo" é fundamental para a compreensão do cotidiano do operário. A conquista da liberdade e participações dos trabalhadores, na perspectiva de S. Weil, não é o caminho do socialismo vigente, que também se enveredou para tecnologias e posturas políticas de opressão no trabalho, pois que não superou nem a tecnologia, nem a administração do trabalho opressoras do capitalismo. O "pensar", a "ciência", a organização do trabalho devem ser enfrentadas numa perspectiva de mudança. Numa proposição utópica atribuiu à "ciência" a tarefa de libertar os homens no destino do curso da história, e à técnica, a libertação do homem do trabalho.

Robert Linhart, 1978, com Greve na Fábrica segue a mesma metodologia de Simone Weil para estudar as condições de trabalho e as formas de luta dos operários de uma indústria montadora de automóveis na França. Ambos vêem a greve como um mecanismo de sobrevivência. Ela não é essencialmente o meio de conquistar, de reivindicar, mas um recurso, embora inconsciente, de "respeitar a liberdade" é "questão de dignidade" é a "efusão" porque se conseguiu.

- ¹¹ Hoggart (1973) em Utilizações da Cultura e estudos atuais sobre "movimentos" colocam a lógica da articulação social mais sobre a esfera de "reprodução", que sobre a esfera da produção.
- ¹² Eve Brook e Dan Finn in, Da Ideologia (1983) analisam vários estudos realizados sobre "comunidades" operárias e apontam que a tendência dos estudos sobre trabalhadores mineiros é enveredar para um modelo dicotômico.

"O proletário tradicionalista é o sujeito arquétipo dos estudos comunitários, sendo certamente o representante mais colorido, romântico e inacessível de sua classe. É inevitavelmente do sexo masculino e, geralmente trabalha numa situação de desconforto físico e de perigo. Não obstante, consegue manter um alto grau de envolvimento no trabalho e uma forte ligação ao seu grupo de trabalho mais chegado. Sua cultura ocupacional estende-se ao seu tempo livre, facilitado pelo fato de que a maioria desse tipo de trabalho exige uma "comunidade ocupacional".

"O estudo comunitário clássico nesse campo é sem dúvida Coal is Our Life (1956). Esse estudo moldou toda uma geração de acadêmicos e seus modos de ver o mineiro.

Quais as implicações desta abordagem e método? Um dos autores de Coal is Our Life, Henriques, Dennis, adverte: "Por seu enfoque do quadro comunitário como tal, essa técnica tenderá a abstrair-se do quadro social em todos os níveis da vida social". (p. 170).

Outros estudos sobre "comunidades" mineiras se utilizaram deste tipo de abordagem, considerando-se principalmente, que as "comunidades" em estudo se integravam na sua quase totalidade numa única Companhia Mineradora que por sua vez também era única e isolada do contexto e esfera produtiva regional. Assim é o caso de Itabira, com a Companhia Vale do Rio Doce, cuja comunidade mineira foi estudada por Maria Cecília Murayo, em "Os Homens de Ferro"; o estudo em Lota, no Chile, dos mineiros de carvão de Alain Touraine e outros, com a publicação

"Sindicato y Comunidad"; no mesmo quadro está a comunidade mineira em Charqueadas-RS, estudada por Cornélia Eckert em "os Homens da Mina", trabalhos comentados e citados na presente proposta.

13. Formas de proletarização. História Incorporada e Cultura Operária, com Introdução de José S. Leite Lopes (1982), onde critica os conceitos de linearidade e evolucionismo e os ramos desses conceitos em teorias contemporâneas. Reune três estudos de "Identificação" de trabalhadores no Brasil enfatizando o específico dos grupos em estudo e o que os caracteriza. Giralda Seyferth com "Aspectos da Proletarização do Campesinato no Vale do Itajaí-SC: os colonos operários". Em Brusque-SC, há quase um século o colono-operário prolonga sua jornada de trabalho por mais quatro ou cinco horas na "roça" (agricultura), após 8 horas de trabalho nas fábricas têxteis locais. São em geral descendentes de italianos que conservam as características mais do homem do campo que da indústria (operária). É um tipo peculiar de trabalhador que não pode ser identificado como operário da indústria têxtil brasileira, simplesmente.

Da mesma forma o estudo de Anita Moser - A Nova Submissão. Mulheres da Zona Rural no Processo de Trabalho Industrial (1985) mostra os conflitos gerados tanto nas dimensões materiais de exploração do corpo quanto no choque de valores e de identidade, quando mulheres, auxiliares dos maridos na agricultura, passam à submissão fabril.

14. Para Rolande Treppe a questão da qualidade é analisada sempre vinculada à movimentação política. As conquistas políticas são somados os ganhos e as melhorias na qualidade de vida no plano individual e grupal: alimentação mais rica e variada; móveis mais confortáveis, elevação do nível escolar; vida social e política exigente e reivindicatória; prática do lazer. Estas modificações iam acontecendo num movimento dialético entre as melhorias que se realizavam nas condições de trabalho, de remuneração, elevação de salários e queda nas taxas de acidentes de trabalho e de doenças profissionais e diminuição da jornada de trabalho. Passaram a desfrutar de um certo nível de urbanização e participação no comércio; tiveram acesso a novos bens materiais e culturais, seja na esfera individual ou coletiva.

O nível ideológico foi sempre destacado nos estudos de populações mineiras. Treppe relacionou a unidade de grupo ao nível ideológico e este ao nível econômico,

principalmente considerando a dialética do desenrolar das lutas económicas e a formação da consciência de grupo e classe. O processo de tomada de consciência, embora seja sempre um momento individual, se projeta no grupo e o induz à ação unificada da classe. Observa também a autora, que a formação do proletariado nas minas de Carmaux não foi um movimento isolado, ao contrário, acompanhou o processo de proletarização dos trabalhadores na França que se industrializou neste período. O processo para a unificação da consciência de classe teria seguido, em linhas gerais, as fases sucessivas mas também simultâneas das lutas eminentemente salariais para lutas por melhores condições de trabalho, daí para as lutas políticas buscando a conquista de espaço no parlamento através do partido socialista. Esta trajetória levou os mineiros de Carmaux, bem como os trabalhadores da França em geral, à definição e operacionalização de dois problemas político-ideológicos fundamentais: a) qual o fim e a função dos sindicatos e dos partidos revolucionários; b) como integrar as lutas nacionais no movimento internacional.

Trempe, ao identificar os dois tipos de trabalhadores mineiros, observa e demonstra como os mineiros nos dois momentos históricos apresentam práticas diferentes nos espaços do trabalho, familiar e comunitário. A clássica oposição entre proprietários e trabalhadores, presente tanto no início da vida mineira, quanto no período final analisado, não é elemento suficiente para unificar e determinar as práticas dos mineiros. O processo de trabalho sob o domínio capitalista é orientado também pelos costumes e práticas camponesas. Este fenómeno foi discutido por Thompson em seu clássico - "Tradición Revuelta y Consciência de Clase" (Thompson, 1979), ao tratar, por exemplo, do aprendizado do tempo e da disciplina de trabalho sob o capitalismo. A "lógica" dos camponeses no emprego do tempo é totalmente outra da "lógica" capitalista. Os limites do tempo vem muito mais definidos pela "natureza" própria do "tempo" que demarca tarde e manhã, dia e noite", estações com variações de temperatura, que pela "Irrracionalidade" do capital, com o emprego "arbitrário" de jornada, de turno, do rigor na pontualidade, etc. A mesma observação faz Bourdieu a respeito do camponês argelino, que vê o trabalho como necessidade de atividade, decorrendo daí a função social do trabalho, cujo carácter é moral e não produtivo, como o define o capitalismo. Desta forma, a moral consiste em respeitar o ritmo de trabalho, coletivamente (Bourdieu, 1979, p. 44-8).

- ¹⁵ A literatura romântica pode ser exemplo deste enfoque: A Cidadela de Cronin (1965); Germinal de E. Zola (1982); escritos de Simone Weil sobre Condições Operárias in (Bosi, 1979), além de outras também referendadas na Bibliografia Geral.
- ¹⁶ Cito como exemplos os livros: Se me deixam falar (Wiezzer, 1979); Metal do Diabo (Céspedes, A. 1959). A Extração do Homem - Uma História de Experiência Operária (Grossi, 1981) - o trabalho a vida e as lutas políticas dos mineiros da Mina de Morro Velho; Homens de Ferro (Mynaio, 1986) a história dos mineiros de Itabira na Companhia Vale do Rio Doce, onde a empresa e a comunidade formam uma história comum.
- ¹⁷ Veja-se no Capítulo primeiro - Perspectivas Teóricas - p. 20-21 a fundamentação de Bourdieu sobre a naturalização das práticas e a tendência à reprodução social das classes e grupos sociais.
- ¹⁸ As falas dos mineiros externam seus pontos de vista a respeito da política partidária e ideológica:

"Política não é pra nós que semo pobre; política é pros rico"; "eles querem fazer do sindicato um meio pra ganhá voto, mas nós mineiro semo contra"; "naquela época tinha político aproveitador que queria infiltrá o comunismo no sindicato; mas os mineiro não queria nada disso, o que nois queria era melhorá o nosso lado". (Das entrevistas).

S E G U N D A P A R T E

A M I N E R A Ç Ã O

C A P Í T U L O 2

A Cidade do Carvão.

"Sou filho de mineiro. Meu pai trabalhou na Próspera durante 33 anos. Primeiros como mineiro, depois como vigia. Trabalhava dois turnos seguidos, 16 horas por noite e dia. Era um homem sofrido. Tinha que sustentar 16 filhos. Hoje, eu sou mineiro da Próspera. Sofrendo também pra sustentar meus filhos. Tenho três irmãos mais velhos que também trabalham na mina. Outros dois já são aposentados da mina".

Capital Brasileira do Carvão: assim Criciúma é identificada. O título revela um valor capaz de empolgar a muitos que o mencionam. É como se a singularidade que diferencia a cidade distinguisse também aqueles que trabalham e vivem nesse território cujo subsolo guarda a maior jazida nacional de carvão. Esta particularidade, a produção de carvão mineral, aparece como uma vantagem, pois foi a razão da saída de Criciúma do anonimato, condição dos municípios voltados para a agricultura de subsistência.

Desde o início do século o subsolo criciumense vem sendo minerado. Nos primeiros anos a iniciativa foi tímida e artesanal. Aos poucos a produção foi crescendo ao serem atendidas as condições básicas de escoamento do minério para os mercados consumidores. O carvão representou o sonho de riqueza para alguns grupos econômicos, que obtiveram do Governo Federal a concessão de lavra, e a esperança de uma vida melhor, para muitos colonos pobres que viviam da agricultura de subsistência. A exploração das minas de carvão estava ligada à crença popular da obtenção de riqueza fácil e rápida, uma vez que a esperança de enriquecer desta forma normalmente convive com os descobrimentos das riquezas naturais. Os investimentos necessários para a exploração do carvão, a criação de novos empregos, a ampliação do comércio e dos serviços fortaleceram de fato a região. O carvão

estava no centro dos empreendimentos e fortalecia economicamente a cidade, alimentando a crença popular da excelência da mineração.

Uma política exclusivista garantiu a exploração do carvão mineral durante meio século e dificultou a iniciativa em outros ramos de atividade. Por tudo isto, Criciúma se desenvolveu identificada, em seus aspectos físicos, com as marcas da mineração e, na dimensão cultural, com as representações ideológicas da excelência das jazidas de carvão, como fontes essenciais de riqueza, sobre outros ramos de produção.

O exclusivismo da mineração, além de identificar a cidade, trazia como consequência a oscilação econômica e política, com altos e baixos, por estar atrelada e dependente dos propósitos e necessidades da política energética nacional. As consequências sociais deste atrelamento apareciam nos momentos de recessão, por atingirem simultaneamente todas as indústrias carboníferas, únicas na região, no seu rastro enfraquecendo o comércio, as entidades prestadoras de serviços públicos e privados, provocando desemprego e pobreza em cadeia nos diversos setores ocupacionais.

O carvão, gerador de riqueza e responsável por destacar o município no cenário regional, foi também freio no processo de crescimento econômico com sérias consequências na área social. Durante meio século tudo dependia do carvão e era dele que os empresários, os políticos, os trabalhadores esperavam o lucro, o poder e subsistência respectivamente. Não houve preocupação em criar alternativas novas de negócios na região. Por outro lado, o carvão alterou a paisagem regional. Poluiu o ambiente nas dimensões essenciais da preservação e garantia da qualidade de vida. Destruiu a produtividade de grandes extensões do solo. Esta

alteração resultou na poluição das bacias hídricas, e pela ação das chuvas, na multiplicação de solos estéreis, quando das inundações dos rios poluídos; prejudicou também a qualidade do ar pela combustão espontânea de grandes montes de pirita depositados junto às bocas de mina e lavadores de carvão. A ação dos ventos tornou a cidade cinzenta; as ruas negras; as casas e prédios encardidos.

As marcas externas, visíveis a todo indivíduo atento, conviveram com os moradores em períodos de prosperidade e recessão. Por um lado o carvão trouxe lucros e ofereceu empregos, e por outro desemprego e empobreceu pessoas. Foi por causa do carvão que os colonos das áreas e municípios vizinhos deixaram suas terras e se estabeleceram na cidade, empregando-se como mineiros.

Enfim, durante 50 anos Criciúma foi uma cidade mineira. A lembrança do passado persiste e se atualiza no presente. Criciúma e carvão são indissociáveis pela tradição mineira da cidade e pela continuidade da mineração no município.

A identificação de Criciúma com o carvão é tão forte que os últimos 25 anos de diversificação das atividades não conseguiram relativizar o significado e a importância da mineração para a região. Hoje, a grande maioria da população trabalhadora, formada de operários, vive do trabalho em outros ramos industriais que não as minas de carvão. Outros ramos industriais se afirmaram, mas a libertação do exclusivismo da exploração do carvão mineral encontra amarras fortes na dimensão cultural e na tradição histórica de sua gente.

Fundação de Criciúma

Como todos os demais municípios do extremo Sul catarinense, Criciúma¹ teve suas origens na imigração européia do final do século passado. Seu surgimento não é singular. Muitas cidades de Santa Catarina se assemelham e se identificam em suas origens. O nascimento da cidade se deu pela chegada de um grupo de famílias de imigrantes italianos nas terras do município e áreas limitrofes. Este primeiro grupo, formado por 31 famílias, somava 139 pessoas entre adultos e crianças. Partiram da Itália, da região de Belunó, Treviso e Veneza no final de 1879. Cruzaram o Atlântico até o Rio de Janeiro. De lá continuaram a viagem, também por navio, passando por Florianópolis, até o porto de Imbituba, que distava uns 100 km das terras a eles destinadas. A viagem continuou até Pedras Grandes pelos trilhos do trem e, dali até a atual Criciúma e áreas vizinhas, pela mata não desbravada. A região era povoada por índios que, defendendo suas terras, agrediam os invasores.

A ocupação efetiva da área hoje Criciúma, se deu a 6 de janeiro de 1880. Os primeiros imigrantes nela se estabeleceram à medida que derrubavam a mata, abrindo espaços para a construção de suas casas, plantio de hortaliças e preparo da terra para as culturas de milho, feijão e amendoim.

Dez anos mais tarde, em 1890, chegaram mais dois grupos de imigrantes. Foram 15 famílias da Polônia e 7 famílias do Norte da Alemanha. Em 1891 e 1892, juntaram-se aos primeiros mais dois novos grupos de imigrantes italianos. O último grupo de imigrantes, estes já brasileiros, descendentes de alemães, veio da região de Palhoça e Angelina, próxima a Florianópolis, e ocupou as terras de Forquilha, hoje município emancipado de Criciúma. Durante

os primeiros trinta anos, toda a população se dedicou, com exclusividade, à produção agrícola.

A partir de 1917 começou a exploração do carvão mineral que rapidamente superou a agricultura, até então com pouca expressão econômica de mercado, por ser meramente agricultura de subsistência. A exploração do carvão mineral só seria viável se contasse com vias de escoamento fácil do produto. No começo da década de 1920 estava concluída a extensão da Estrada de Ferro dona Thereza Christina (EFDTC), até o município de Araranguá, que incluía o atual território de Criciúma². A construção da estrada de ferro e a mineração do carvão em escala comercial, foram empreendimentos que introduziram mudanças capazes de alterar a história social, política e econômica do município e da região.

Juntaram-se à população de origem e tradições européias (italianos, poloneses e alemães), novos grupos étnicos: lusos e negros originários de Imbituba, Laguna e Tubarão, que vieram primeiramente como operários da construção da estrada de ferro Tubarão-Criciúma e, depois, foram os primeiros trabalhadores nas minas de carvão. Muitas famílias de outras localidades vizinhas se mudaram para o distrito e colonos da região trocaram a agricultura pelo trabalho na mineração. A atividade foi se afirmando como alternativa econômica à medida que carreava para a região investimentos de grande vulto, se comparados com os recursos aplicados na agricultura. O carvão mineral e sua exploração, a partir de 1920, estaria definitivamente associado à história econômica, social e ecológica do município que se formava. A instalação do município de Criciúma em 1º de janeiro de 1926 se deveu à exploração do carvão que acelerou sua emancipação política³. Ao ser instalado, o município de Criciúma tinha uma população de 8.500 habitantes. O crescimento demográfico a partir desta época foi acelerado. Entre 1940-1950 houve, então, um crescimento fantástico. De

20.500 habitantes em 1940, passou pra 50.000 em 1950. Foi um período de migração interna, de êxodo rural intenso, dos municípios agrícolas vizinhos para as minas de carvão.

A cidade, sediando novas unidades industriais carboníferas e depois cerâmicas, no centro urbano e nas periferias imediatas, continuou atraindo mão-de-obra, provocando o êxodo rural e a concentração urbana. Já em 1970, 62% da população morava na cidade. O processo de urbanização continuou de modo que hoje há uma concentração urbana superior a 80%⁴.

As Jazidas de Carvão

O conhecimento da existência de minas de carvão no subsolo catarinense data do século passado⁵. A exploração do carvão mineral no Brasil começou no Rio Grande do Sul, por iniciativa do Governo daquele Estado. Em Santa Catarina, as primeiras minas foram abertas nas cabeceiras do rio Tubarão, no município de Lauro Muller, no final do século passado. Em Criciúma a mineração começou timidamente em 1913, quando a Firma Lage e Irmãos, empresa pioneira na região, abriu a primeira mina no subsolo do distrito, então pertencente a Araranguá. A partir da primeira, outras foram surgindo e novas empresas foram se estabelecendo no distrito de Criciúma⁶, que aos poucos se tornou o centro de referência desta atividade.

Criciúma já nasceu identificada com a indústria extrativa do carvão, tendo neste produto, sua principal atividade econômica. O grande impulso da indústria carbonífera aconteceu com a instalação da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), em 1945, que passou a consumir o carvão metalúrgico. Neste momento, surgiu uma crise de superprodução de carvão vapor, que se acentuou ainda mais no

final da guerra em 1945, quando o carvão vapor, usado como combustível na navegação de cabotagem e no transporte ferroviário, foi substituído pelo petróleo, de baixo custo e fácil comércio. Este fato inaugurou um longo período de crise da indústria carbonífera. Apenas o carvão metalúrgico era procurado pelas indústrias siderúrgicas.

Foi a crise da comercialização do petróleo, na década de 1970, que induziu a política governamental brasileira a propor metas de quintuplicar a produção de carvão mineral no quinquênio 1980-85, (Anais, 1979, 47). A meta não foi cumprida mas deu novo impulso à mineração.

O carvão nacional se defronta no mercado com os preços e a qualidade do carvão importado, o que desestimula a expansão da indústria nacional. Porém, os preços do petróleo têm motivado indústrias a buscarem no carvão, uma energia alternativa.

Atualmente o carvão vapor tem consumo garantido em vários ramos industriais, e o carvão metalúrgico nacional participa com apenas 11,2% na produção de coque metalúrgico. A mineração de carvão vapor se faz nos três Estados do Sul - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O carvão metalúrgico é extraído apenas nas minas catarinenses⁷. O carvão não manteve um processo regular de aumento de produção⁸. Conviveu com o impasse de expansão e retração, motivado pelo mercado e pelo consumo do carvão metalúrgico na siderurgia; de um lado, seus custos, estimados pelos mineradores, enfrentavam a oferta do carvão importado a custo menor, de outro, as indústrias siderúrgicas davam preferência ao carvão importado, por seu baixo teor de cinzas e sua qualidade superior. O Governo sempre administrou os preços do carvão, dando espaço ao jogo entre as companhias siderúrgicas, companhias carboníferas e ele próprio. Este jogo envolvia a categoria dos mineiros e seus

sindicatos. A luta por melhores salários e manutenção dos níveis de emprego, empreendida pelos mineiros, sempre fortaleceu a pressão dos mineradores junto ao governo para conseguir alta nos preços do carvão e, junto à companhia siderúrgica, para manter ou aumentar as quotas de consumo do carvão nacional. A tradição de luta dos mineiros esteve também ligada a estes fatos. A luta por melhores preços do carvão invariavelmente era suportada por movimentos trabalhistas e por greves⁹.

A Comunidade

Durante quarenta anos, de 1920 a 1960, a história de Criciúma é marcada profundamente pela história da mineração. A cidade passou a viver com as marcas das comunidades mineiras, sem nunca chegar a se identificar totalmente com aquelas comunidades mineiras clássicas, descritas nos estudos das chamadas "comunidades fechadas". As características das "comunidades fechadas", segundo Alain Touraine¹⁰ resultam não só do isolamento em que normalmente vivem, mas da homogeneidade da mão-de-obra não qualificada, que gera uma classe social também homogênea, estreitamente solidária, restando pouco espaço para camadas intermediárias, porque a mineração - a lavra manual - não requer serviços técnicos especializados.

Anterior ao de Touraine é o estudo "Coal is our life", (Dennis, Henriques e Slaughter, 1969). Este estudo, de forte influência antropológica, mostrava que, na tipificação das comunidades fechadas, a ideologia é fundamental porque esta passa pelas condições materiais das experiências cotidianas e práticas de classe. O local de trabalho e a exclusividade do tipo de trabalho numa região

são condições materiais muito importantes e imprimem marcas específicas no grupo¹¹.

Durante os quarenta anos iniciais de 1879 a 1917 a população de Criciúma sobreviveu da agricultura. Aliada à agricultura de subsistência diversificada, queira a garantia do sustento das famílias numerosas, os colonos cultivavam uma ou duas culturas - milho, mandioca, batata ou feijão -, destinada ao comércio. Com a venda do produto obtinham o dinheiro para compra do vestuário, utensílios, condimentos, remédios e alguns bens não produzidos, mas necessários ao uso doméstico. Havia também um centro comercial que atendia às necessidades da população, mas não representava uma base para o desenvolvimento da região; era, antes, mais um mecanismo reprodutor das práticas sociais e do trabalho agrícola da população.

A partir do ano de 1914, o subsolo, com suas jazidas de carvão mineral, foi incluído na pacata e pouco singular história da população agrícola da região. Esta junção mudou profunda e definitivamente a comunidade que foi se formando a partir da exploração do carvão. A população agrícola homogênea, continua, mas começa a se formar também a população urbana operária-mineira.

Os dois grupos, com características culturais próprias, se influenciaram mutuamente. O grupo mineiro é formado por imigrantes açorianos e por negros, vindo de Laguna, Imbituba e Jaguaruna. A comunidade agrícola é formada por imigrantes europeus. Porém não houve reservas a que se integrassem no grupo mineiro também egressos da agricultura, de tal modo que os valores culturais dos dois grupos originais estivessem presentes no novo grupo que surgia. Além disto faltava aos trabalhadores mineiros de Criciúma aquele isolamento geográfico e social das "clássicas" comunidades mineiras. Mesmo assim, as manifestações dos

trabalhadores, em seu sindicato e nas minas, eram típicas de um grupo homogêneo que os identificava como mineiros. Porém, as práticas sociais e os projetos da vida doméstica não eram exclusivos dos mineiros. Os valores em relação à formação da família, práticas religiosas, de lazer, de organização doméstica, tiveram origem na tradição dos grupos de imigrantes europeus e nos costumes da população regional que a eles se juntou. Os valores e tradições permaneceram comuns aos trabalhadores mineiros e aos agricultores, de modo que se identificavam na esfera doméstica.

Isto não quer dizer que os mineiros não formavam um grupo característico e definido. Até hoje estas marcas são visíveis e influenciam as práticas de outras categorias profissionais, principalmente nas esferas do trabalho e dos sindicatos. Esta influência persiste desde a década de 1960, quando se desenvolveram novos ramos industriais na região e então se formaram outros grupos de operários não mineiros. Até aquela época já se haviam sucedido duas gerações de trabalhadores mineiros; a terceira geração incorporava a experiência e tradição de práticas políticas, sociais e de trabalho dos que a precederam. Havia, já no final de 1950, definição acompanhada de práticas correspondentes, sobre a identidade social do trabalhador mineiro. As características do mineiro como trabalhador forte e destemido, engajado em movimentos e lutas de defesa e conquista de seus direitos, eram reconhecidas por eles e pela comunidade não mineira. Após 1964, quando houve forte repressão política sobre a organização sindical, ainda prevaleceu por algum tempo a consciência da categoria como portadora de características comuns, próprias e exclusivas.

A vida econômico-produtiva de Criciúma começou a se diversificar nos anos de 1960. Outros ramos industriais, inexpressivos até então, passaram a ter significado econômico e social junto com as duas atividades tradicionais

- a agricultura e a mineração. Começaram a se desenvolver as indústrias cerâmicas de pisos e azulejos, dos quais Criciúma é hoje o maior polo produtor da América Latina¹². Além deste, o ramo de calçados e de couro; mecânico-metalúrgicos; de coque; de transporte; de alimentos; da construção civil; de serviços; de plásticos¹³. O número de trabalhadores empregados nos ramos industriais não mineiros, ultrapassa em mais de o dobro o dos empregados nas minas. Este fato foi modificando gradualmente o modo de vida e as práticas homogêneas das comunidades mineiras. As diferenças salariais, atualmente, entre um empregado nas cerâmicas, por exemplo, e um mineiro, não são tão significativas quanto no passado. Há uma alta taxa de rotatividade de mão-de-obra entre as empresas locais. Os bairros residenciais das camadas populares se expandem, abrigando operários empregados nos diversos ramos industriais, indistintamente. Hoje, uma mesma família pode ter várias pessoas do seu grupo empregadas em diferentes atividades industriais.

Criciúma, com uma população concentrada na área urbana, hoje mais de 80%, apresenta o pluralismo das cidades industriais de médio porte. O centro da cidade se expandiu com o aumento do comércio e dos serviços interligando-se às áreas residenciais, à periferia industrial e aos bairros operários. A convivência dos mineiros num mesmo bairro com trabalhadores empregados nos diferentes ramos industriais contribuiu para a formação de grupos de interesses como sociedades amigos de bairro, associação de moradores, cujos participantes tenham experiências de trabalho diversificadas.

Todos esses fatores contribuíram para descaracterizar a comunidade nas décadas de 1930-60, que estava muito próxima das tipicamente mineiras. Isto não quer dizer que toda aquela carga emocional e de solidariedade que então envolvia a classe mineira se dissolveu e se perdeu. Ela

aparece muito nítida, ainda, em momentos fortes como em greves, em manifestações e reivindicações coletivas. Está presente e influencia os movimentos e manifestações de classe de outras categorias, das associações de bairro e de aposentados.

O Meio Ambiente

O desenvolvimento econômico e populacional da área carbonífera esteve vinculado, sem dúvida, à indústria extrativa do carvão. É inegável, porém, que foi a mineração que degradou o meio ambiente. A exuberância da natureza era fonte de riqueza agrícola tão importante ou, pelo menos, muito mais permanente que os recursos esgotáveis representados pelo carvão mineral.

As indústrias carboníferas e as delas derivadas tem como base territorial toda a região carbonífera, não sendo possível estabelecer limites com características próprias ou diferenciais entre os vários municípios com atividades mineradoras. O alto índice de poluição ambiental - do ar, solo e água - marca profundamente a relação da população com o meio ambiente, em toda a região.

A poluição da indústria carbonífera se dá: a) pela mineração do carvão (lavra, beneficiamento, transporte e estocagem de rejeitos); b) pelas coquearias; c) pela usina termoelétrica.

A poluição ambiental se estende com maior ou menor gravidade a toda a região carbonífera que compreende desde os limites de Imbituba, passando pelas bacias dos rios Tubarão e Araranguá. (Anexo 2).

A extensão da poluição ambiental da área carbonífera não pode ser avaliada apenas na relação com a população

imediatamente envolvida. As atividades produtivas e o trabalho em outras áreas que não a das carboníferas ficam comprometidas pela mineração localizada à distância, mesmo em terrenos separados entre si. Um município não se isola de outro quando se trata de poluição. A degradação ambiental gerada num município é carregada a outro pela água, pelo ar, pelo transporte do produto. O tratamento ao meio ambiente se reproduz através de práticas que são comuns nos municípios de uma região. Por esta razão, não é possível caracterizar o meio ambiente da área carbonífera senão tratando-o como um eco-sistema tanto no que diz respeito à relação homem-meio quanto nos efeitos circulares dos fenômenos naturais: chuvas, erosão, assoreamento, ventos. A área carbonífera, enquanto é degradada e poluída em cadeia pela mineração, subjugua todos os moradores às sequelas desta desarmonia criada, ampliada e reproduzida. As práticas sociais e de trabalho se reproduzem também em cadeia, marcadas pela depredação ambiental. A população de 680.000 habitantes, atingida mais ou menos intensamente, convive e partilha os danos que a mineração do carvão vem causando à região.

A área carbonífera que compreende uma superfície de 9.553 Km², totalizando 34 municípios, é toda atingida pelos efeitos danosos da poluição. O nível de degradação ambiental resulta da maior ou menor atividade industrial carbonífera praticada nos municípios.

A mineração de lavra manual com métodos precários, como foi praticada até a década de 50, oferecia poucos danos à natureza. Nas minas de poço e de encosta, a seleção de carvão era feita no fundo das minas. Todo o entulho de pedra, pirita e barro ficava nas galerias das minas e só o carvão era retirado. Nas bocas de minas havia uma segunda escolha; porém, os rejeitos significavam quantidades reduzidas frente ao volume dos rejeitos atuais. A medida em que os métodos e técnicas de lavra foram se mecanizando, o

processo de poluição ambiental tornou-se incontrolável e, pode-se dizer, irreversível. Foram extraídas aproximadamente 70 milhões de toneladas de carvão pré-lavado de 1920 até hoje. Metade desta quantia era carvão siderúrgico que foi consumido pelas usinas nacionais. A outra metade, de carvão energético, foi sendo estocada em extensas áreas a céu-aberto no banhado da Estiva em Capivari, município de Tubarão, que as termo-elétricas e outras indústrias não esgotam, pois estas reservas são continuamente renovadas pela mineração.

Os rejeitos - pedra, pirita, barro -, completam o total de ROM (Rom of mine) que, sem controle algum, foram sendo depositados nas áreas próximas aos lavadouros de carvão. Aproximadamente 200 milhões de toneladas de rejeitos de carvão cobrem hoje uma área de cinco mil hectares de terras, antes férteis e produtivas. Como o município de Criciúma produz 60% do carvão regional, pode-se avaliar as proporções que assume a degradação ambiental do município.

A degradação ambiental, se hoje é crítica, para o futuro é ameaçadora. A permanecer a perspectiva de continuidade de extração do carvão até o esgotamento das jazidas, significaria a extração de quase três bilhões de toneladas de carvão bruto. Os depósitos de rejeitos cobririam então uma área de aproximadamente 43 ha, numa altura média de 7 metros. As áreas já mineradas representam pequenas manchas nos quadros demarcados nos mapas das minas, de cujas terras as companhias mineradoras possuem cartas de lavra, concedidas pela União.

Do volume total de carvão mineral, 3 bilhões de toneladas, apenas 2% foram extraídos. A continuar o sistema de lavra predatório e selvagem que até hoje se praticou, a mineração caminha para sua inviabilidade. A população não terá condições de sobreviver num ambiente tanto mais

degradado que o atual, considerando-se apenas o aspecto quantitativo da poluição.

Existem hoje extensas áreas que se assemelham a uma paisagem lunar. Ninguém mais se responsabiliza por elas. Todavia, estas áreas continuam a poluir em cadeia - solo, água, ar -. As terras cobertas com rejeitos de carvão tornam-se definitivamente impróprias para a agricultura. Quando a quantidade de pirita se acumula em montes, há um super aquecimento, e, em contato com o ar, entra em combustão espontânea, liberando gases tóxicos e mau cheiro, que se espalha num raio de alguns quilômetros de distância, pela ação dos ventos. A inspiração desses gases tóxicos é prejudicial ao aparelho respiratório, além do desconfortável mau cheiro que libera na queima do enxofre da pirita¹⁴.

Outro prejuízo grave consiste na erosão das áreas poluídas pela ação das chuvas. As áreas cobertas com rejeitos de carvão são removidas com facilidade pelas chuvas pois que não cresce sobre elas qualquer vegetação. O processo de assoreamento dos rios é rápido e incessante. Em cada enxurrada os rios recebem material contendo carvão, enxofre, ferro e metais pesados, tornando as águas ácidas e inaproveitáveis para o abastecimento da cidade ou para a irrigação das lavouras.

Além desse processo "natural" de assoreamento das bacias hídricas pela ação das chuvas, há o processo provocado pelas indústrias através dos lavadouros de carvão. As águas altamente ácidas das bacias de decantação dos lavadouros são drenadas aos rios sem nenhum corretivo, depois de terem sido usadas várias vezes na lavagem do carvão¹⁵. Boa parte deste material poluente é carregado ao oceano, e, ao longo do tempo, altera a fauna e flora marítimas, pois não é bio-degradável. No dizer da ecóloga Laura Conti, a água é objeto de preocupação, não só em razão de seu esgotamento ou

de sua duração, mas em função de sua qualidade. Tudo o que se deposita nas águas alterando sua qualidade, volta ao ambiente, porque a água está constantemente se deslocando de um ponto a outro (Conti, 1986).

A região carbonífera, em consequência da poluição das águas, conta apenas com um terço do potencial hídrico. A perda da qualidade das águas tem sido constante e num ritmo muito acelerado. Em 1972 20% dos recursos hídricos estavam comprometidos pela poluição do carvão; em 1977 subia este índice para 33%; passados cinco anos, isto é, em 1983 a poluição dos rios e afluentes da região carbonífera já atingia 66% das redes de águas. Só estão preservadas as nascentes dos rios, e é para lá que a mineração se encaminha. No município de Criciúma 100% das águas estão poluídas pela mineração do carvão. As concentrações de poluentes ultrapassam assustadoramente os níveis toleráveis estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde para a qualidade da água¹⁶.

O complexo hidrográfico da região é formado pelas bacias do Rio Araranguá, Urussanga e Tubarão cujos usos se destinam ao abastecimento público, abastecimento industrial, irrigação, dessedentação de animais, pesca artesanal.

As alterações da qualidade de água são caracterizadas pela alta acidez, baixo Ph e grandes concentrações de sulfato, ferro total e sólidos totais¹⁷. Quando a acidez é acentuada, que é o caso dos rios de Criciúma, ocorre com facilidade a dissolução de alguns metais pesados presentes no carvão. (Silva Filho, 1988). A análise realizada no lavador de Carvão de Sangão revela a presença de metais pesados, em índices muito superiores aos tolerados pelos critérios da Organização Mundial de Saúde¹⁸. A agricultura, principalmente a rizicultura, a mais importante lavoura do vale do Araranguá, fica prejudicada nas cheias, quebrando em

produtividade, na proporção da invasão das águas ácidas nas várzeas de arroz¹⁹.

As atividades pesqueiras marítimas ficam prejudicadas em épocas de intensas precipitações de chuvas, quando há carreamento maior de material poluente para os rios, ocorrendo mortandade de peixes, e prejudicando ainda mais a precária sobrevivência de cerca de cinco mil famílias que dependem da pesca artesanal.

O maior de todos os problemas ligados ao setor hídrico, é o do abastecimento de água à população. Os municípios da região, indistintamente, estão diante do impasse do tratamento das águas, muito poluídas, devido a solubilidade de metais pesados, cancerígenos, metagênicos e teratogênicos, todos comprometedores ao processo hereditário. (Relatório. Prefeitura Municipal - Criciúma, 1983). A bacia carbonífera não pode contar com dois terços dos rios da região, excluídos da rede de abastecimento, a menos que se proceda seu desassoreamento e a recuperação simultânea das terras, transformadas em depósitos de rejeitos. O mais grave é o fato de as Companhias mineradoras operarem sob o amparo legal (são portadoras de cartas de Concessão de Lavra) ao avançarem no subsolo em direção às nascentes dos rios. Exemplo disto temos na rede de água do rio São Bento, de afluentes abundantes, que está ameaçado de secar ou diminuir sensivelmente seu potencial, quando for iniciada a mineração no subsolo correspondente àquela bacia. A atual política seguida pelas Companhias Mineradoras não inclui em suas práticas a preservação dos recursos hídricos restantes. O próprio governo federal, através da Companhia Próspera - empresa estatal, segue a mesma política depredadora do meio ambiente²⁰.

Outro fenômeno comum é o problema da subsidência, que consiste na acomodação das camadas superiores do solo, aos

vãos abertos no subsolo. Há frequentes alterações em áreas localizadas sobre galerias subterrâneas, trazendo dados às construções e ao uso dos terrenos. A área urbana de Criciúma está assentada sobre subsolo já minerado ou em curso. São áreas sujeitas à subsidência. Esta aumenta com a retirada dos pilares de sustentação, com caimento do teto quando a mineração entra na fase de recuo²¹.

A mineração de subsolo ou de superfície apresenta consequências em cadeia, induzindo a alteração dos costumes e da qualidade de vida dos moradores de toda a área minerada, em função da alteração do meio ambiente. Os recursos naturais modificados forçam a população a trocar atividades produtivas de um setor para outro.

A mineração perfura poços, abre galerias numa profundidade de 50-100-150 metros, num raio de três a quatro quilômetros de extensão. A medida que avança no subsolo, os poços de água para uso doméstico, agricultura, ou outros fins, vão secando, porque as águas escoam para as galerias abertas nas minas. Posteriormente essas águas, já poluídas, são bombeadas para a superfície, aumentando a dosagem de sais de enxofre, traços de metais nos cursos d'água de superfície.

As terras das áreas mineradoras vão se tornando secas, o solo racha, não retém mais a umidade e as terras imprestáveis para a agricultura são vendidas por baixos preços. O dinheiro pago por estas propriedades não é suficiente muitas vezes para adquirir uma casa de moradia nos bairros periféricos da cidade para onde se encaminham estes agricultores. O novo emprego poderá ser nas minas, ou na construção civil, ou nas cerâmicas, cujas indústrias apresentam em seus quadros mais de 70% de trabalhadores não qualificados.

A destruição do solo trouxe consequências graves, definitivas e em cadeia para vários aspectos ecológicos tais como: à dimensão paisagística; ao valor e qualidade das propriedades imobiliárias; aos mananciais e curso d'água; às atividades e produção agrícola; à vida vegetal e animal das águas; ao abastecimento público de água; à atmosfera, alterando a qualidade do ar.

O meio ambiente: solo-água-ar, continuamente degradados, passa a exercer influência e a marcar a qualidade de vida dos moradores da área carbonífera. Os mais duramente atingidos são os trabalhadores das minas que convivem com os riscos e com as condições de trabalho impróprios à manutenção da integridade física e da saúde. Mas também a população pobre: aposentados, operários de baixos salários, diaristas, procuram as terras menos valorizadas e de baixa qualidade para aí fixarem residência. Estes locais de moradia são os terrenos nas imediações das bocas de minas, de lavadores de carvão, de depósitos de rejeitos. As casas ali erguidas são pequenas, mal acabadas, sem conforto, sem rede de esgoto, com frequência inundadas nas enchentes e enxurradas. A falta de higiene somam-se os malefícios da poluição contituídos em pré-condições para o desenvolvimento de doenças das vias respiratórias: gripes, asma, bronquite, e, as doenças do aparelho digestivo: gastrite, úlceras, amebíase, verminose.

Dos 28 bairros do município de Criciúma, todos partilham os efeitos da poluição ambiental, alguns, porém, como Cidade Mineira, Sangão, Próspera, Rio Maina, Mina 4, São Defende, Universitário, para citar alguns, apresentam "feridas expostas" e agridem os moradores e a todos que por ali trabalham ou transitam.

Os moradores próximos às minas de carvão e às vias de transporte são atingidos pela poeira negra, espalhada pelos

ventos, a partir dos depósitos e no transporte, invadindo casas e impregnando-se em todos os cantos e objetos, oxidando metais, corroendo máquinas e veículos, alterando a composição atmosférica.

A paisagem danificada, a produtividade do solo reduzida, a rede de abastecimento d'água ameaçada de colapso e o avanço da mineração sob os mananciais ainda existentes, a vida animal e vegetal destruída, ou seriamente ameaçada, a diminuição da qualidade de vida, são os ônus sociais que a mineração não agrega a seus custos e a sociedade é forçada a subsidiar²².

O tratamento inadequado dos rejeitos sólidos e dos efluentes líquidos, e os processos de produção e beneficiamento do carvão feitos pelas carboníferas, num estágio que pode ser classificado como "capitalismo selvagem", resultou em degradação ambiental grave, a ponto de a área carbonífera ser considerada como a 14ª Área Crítica Nacional, através do Decreto nº 85.206/80, em termos de controle da poluição e recuperação da qualidade ambiental. Existe, porém, uma diferença essencial em relação à maioria das áreas em semelhante estado. Nas áreas poluídas, corrigida a fonte, a recuperação é rápida se auxiliada pelo ar e pelas águas que são veículos de dispersão dos elementos poluidores até sua diluição a níveis não prejudiciais. Na indústria carbonífera a fonte poluidora é o próprio produto e seu volumoso resíduo, que permanece sobre o solo em quantidade sempre crescente. O ar e as águas são veículos de difusão da poluição. O aproveitamento apenas do carvão e o desperdício quase total dos outros componentes do resíduo, fazem da indústria carbonífera uma atividade altamente predatória com um desperdício sem justificativas numa economia atual, que trabalha com bens finitos. A atual política de mineração do carvão em Santa Catarina

"naturaliza" a poluição ambiental como se ela fosse um componente intrínseco ao processo de lavra²³.

Enfim, a cidade se expande e os edifícios e casas, as ruas e as praças, toda a paisagem, o solo, ar e águas conservam e manifestam as marcas de quase um século de mineração. Criciúma corresponde à designação de Capital Brasileira do Carvão. Este título é um estigma sobre a população que carrega muitos traços e sequelas desta trajetória histórica, ao conviver com as consequências resultantes da ação mineradora²⁴.

NOTAS

- ¹ O município de Criciúma, com uma área de 396 Km², correspondendo a 0,45 do território catarinense, se localiza no litoral Sul do Estado de Santa Catarina. O município de Criciúma é a unidade principal, de maior extensão, e polariza as atividades industriais da região. Sua localização geográfica pode ser visualizada no mapa abaixo.



Criciúma situa-se a uma altitude média de 46 metros em relação ao nível do mar. Seu relevo apresenta terrenos planos e ondulados e a altitude máxima alcança 258,70 no Morro Cechinel.

A cidade dista 190 Km de Florianópolis, 290 Km de Porto Alegre via Br-101, e está a 20 Km do litoral atlântico via SC-144.

- ² A ferrovia do Carvão", como é chamada a EFDTC, data do final do século XIX. Felisberto Brandt, o Visconde de Barbacena, conselheiro do Império de D. Pedro II, recebeu a concessão de lavra do carvão no subsolo catarinense. O visconde, com capital estrangeiro, fundou em Londres, em 1876, "The Donna Thereza Christina Railway Company Limited", para transportar o carvão de suas minas, localizadas nas cabeceiras do rio Tubarão, no município

de Lauro Muller, até o porto de Imbituba. O primeiro transporte por via-férrea ocorreu em 1884.

- 3 Datas importantes da história político-administrativa de Criciúma: 06.01.1880 - Fundação da cidade, por 31 famílias de imigrantes italianos; 02.09.1892 - Criação, pela Lei Estadual nº 48 do município de Araranguá, sob a denominação de São José de Cresciúma; 04.11.1925 - Criação do Município, pela Lei Estadual nº 1516, com o desmembramento das terras do município de Araranguá; 01.01.1926 - Instalação oficial do Município; 31.12.1943 - Criação da Comarca de Criciúma (Des. Federal 941); 20.03.1944 - Instalação oficial da Comarca de Criciúma.

- 4 Crescimento Demográfico do Município de Criciúma

TABELA 1

P O P U L A Ç Ã O			
Ano	Urbana	Rural	Total
1926			8.500
1940	4.845	15.655	20.500
1950	8.014	42.840	50.854
1960	25.045	36.930	61.975
1970	50.334	31.118	81.452
1975	71.229	33.519	104.748
1980	109.750	24.957	134.707
1987*	130.000	20.000	150.000

Fontes: Volpato, 1982.

* Prefeitura Municipal - estimativa.

- 5 A existência de carvão no subsolo de Santa Catarina é anunciada pelo naturalista Friedrich Sellow, em 1832. Era intenção do governo imperial a exploração do carvão em Santa Catarina já a partir do ano de 1837, mas nenhum empreendedor conseguiu fazê-lo pelas dificuldades que a extração mineral do carvão significava, sendo que a maior delas era o transporte.

O engenheiro Jules Parigot realizou estudos sobre o carvão catarinense em 1839 e novamente em 1842. Embora

fosse intenção do governo iniciar a exploração do carvão, nada se fez e as razões eram sempre a falta de recursos para investir na exploração mineral (Volpato, 1984).

O carvão mineral começou a ser extraído em território nacional no Arroio dos Ratos em Rio Grande do Sul, no ano de 1860, mas com recursos do governo estadual.

Em 1890, já no governo republicano, o ministro Francisco Glicério nomeou Gonzaga Campos para que formasse uma comissão e a chefiasse no estudo da exploração do carvão. Deveria enfrentar as questões relativas à exploração e ao escoamento do produto. Este relatório forneceu elementos para que se iniciasse a extração do carvão. Antonio Lage, de posse da Concessão do Governo Federal, constituiu a firma Lage & Irmãos, dirigida por Henrique Lage, que abriu minas, construiu lavadores e o porto de Imbituba e abriu mercado para o carvão nas fábricas de gás e nas companhias de transporte ferroviário e marítimo (Bossle, 1981, p. 32).

- 6 A Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá (CBCA) foi a pioneira na região, fundada em 1913. Pertencia a Henrique Lage, que fundou a firma Lage & Irmãos e realizou vários empreendimentos industriais ligados à mineração, transporte ferroviário e marítimo. Antes da construção da via férrea - EFDTC - o carvão era transportado de Criciúma a Jaguaruna através de carretas puxadas por carros de bois, numa distância de 40 Km e depois em canoas até o porto de Laguna onde, através do transporte marítimo era levado aos mercados consumidores. A Companhia Carbonífera Urussanga foi fundada em 1918. A Carbonífera Próspera, empresa estatal, hoje pertencente à Companhia Siderúrgica Nacional-CSN, foi fundada em 25.07.1924, mas já minerava desde janeiro de 1921.

A Carbonífera Metropolitana foi constituída em Empresa Colonizadora em 29.09.1890; em 1936 requereu e lhe foi concedida Carta de Autorização para minerar.

- 7 Em âmbito nacional temos 17 empresas minerando, sendo duas estatais: a Companhia Riograndense de Mineração-CRM, no Rio Grande do Sul, e a Próspera em Santa Catarina. As outras 15, de capital privado.

O carvão metalúrgico é utilizado pela siderurgia a alto-forno em mistura com carvão importado, para a produção de coque metalúrgico. No ano de 1987, a participação do carvão nacional foi de apenas 11,2%. Isto se deve ao fato de o teor de cinzas ter sido fixado pelo CNP (Conselho

Nacional de Petróleo) em 17%, quando anteriormente era de 18,5%.

TABELA 2

Produção Nacional de Carvão em 1986

Tipos de Carvão	E S T A D O S			Total (10 ³ ton)
	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul	
Bruto	470	17.437	4.794	22.701
Pré-lavado ⁽¹⁾		3.939		3.939
Fino Metalúrgico		323		323
Metalúrgico		1.008		1.008
Energético	252	2.906	2.852	6.010

Fonte: Minérios, Relatório, 1987.

(1) CPL - SC (base seca)

TABELA 3

Produção de carvão metalúrgico por origem e por empresas em 1986

ORIGEM	E M P R E S A S					TOTAL (10 ³ ton)
	CSN	Usiminas	Cosipa	CST	Açoaminas	
Nacional	228	302	271	246	118	1.165
Importado	2.421	2.043	1.723	2.132	900	9.219
TOTAL	2.649	2.2345	1.994	1.018	10.384	87

Fonte: Minérios, 1987

O carvão energético é consumido principalmente pelas usinas geradoras de energia elétrica. No ano de 1986 foram gastos 3.600 milhões de toneladas de carvão energético em cinco usinas termoelétricas: Figueira-PR; Jorge Lacerda-SC; São Jerônimo, Charqueadas e Presidente Médici-RS. Em seguida vem o setor cimenteiro como consumidor de carvão energético (2.300 milhões t). Outros ramos também consomem carvão energético são os das indústrias petroquímicas, de papel e celulose e de alimentos, principalmente na secagem de grãos.

TABELA 4

Consumo nacional de carvão energético
1986

SETORES DE ENERGIA	TONELADAS
Energia elétrica	3.402.958
Cimento	2.287.224
Siderurgia	234.283
Papel e celulose	282.645
Têxtil	11.300
Cerâmica	64.735
Alimentos	229.458
Fumo	12.615
Transporte	17.281
Química e gaseificação	21.419
Petroquímica	483.788
Outros	55.219
TOTAL	7.102.925

Fonte: Rev. Minérios, nº 130, 1987.

A intenção do governo é de expansão da produção do carvão nacional. Pode-se ajuntar três razões principais que justificam esta política: 1) a significativa reserva -são 3 bilhões de toneladas. Este montante representa 64% das fontes de energia não renováveis. O quadro a seguir visualiza o carvão relacionado com outras fontes de energia não renováveis. 2) A importância do carvão mineral que pode competir com outras fontes de energia. 3) o caráter essencial do carvão como combustível de algumas indústrias de base como nos altos fornos de produção de ferro e aço; seu resíduo piritoso é matéria-prima na produção de ácido sulfúrico e fosfórico. Associadas a estas razões estão as oportunidades de emprego multiplicado que cobrem os processos de extração e beneficiamento, transporte e comercialização, e a geração de unidades industriais derivadas da inicial.

Recursos e reservas energéticas brasileiras em 31/12/85
(Fontes não renováveis)

Especificação	Unidades	Quantidades	Equivalência Energética (10 ³ t EP)
Petróleo	Mil M ³	344.694	298.850
Gás Natural	Milhões M ³	92.734	84.573
Oleo de Xisto	Mil M ³	818.000	709.206
Carvão Mineral	Mil T	30.993.094	6.006.155
Energia Nuclear	TU ₃ O ₆	301.490	2.100.000
Turfa	Mil T	487.290	153.410

Fonte: Minérios, 1987.

TABELA 5

Produção de Carvão Pré-lavado
em Santa Catarina

A N O S	Em 1.000 Toneladas
1930	45
1940	265
1945	815
1950	1.005
1955	1.323
1961	972
1965	1.051
1970	1.280
1975	1.500
1980	3.210
1985*	4.600
1986*	3.900

Fonte: 1. Volpato, 1982
2. * DNPM - Criciúma

- 7 A questão das lutas operárias será estudada no capítulo sobre os Sindicatos.
- 10 Sindicato y Comunidad, de Alain Touraine et alii, estuda comunidade mineira em Lota e uma sociedade de trabalhadores metalúrgicos em Huachipato, no Chile. Estudo comparativo entre os dois grupos de trabalhadores tipifica cada um deles em sua formação estrutural e organização político-sindical (Touraine, 1967).
- 11 Além do estudo de Dennie e outros, 1969 em Ashton, na Inglaterra, temos o de R. Trempé, em Carmaux, na França, de Cornélia Eckert, em Charqueadas-RS, estudos sobre comunidades mineiras de extração de carvão. Há, também, o estudo de Yone S. Grossi - A extração do Homem nas minas de ouro de Morro Velho-MG; de Cecília Minayo - Os Homens de Ferro, da Cia. Vale do Rio Doce. Todos estes incluem as comunidades mineiras no tipo "fechadas", onde a reprodução das práticas sociais e de trabalho se faz com grande homogeneidade, o que resulta numa auto inclusão dos indivíduos no grupo denominado "nós" e exclusão de outros não incluídos no grupo chamados de "eles". As comunidades "fechadas" por suas práticas específicas, reproduzem sua consciência e cultura, no dizer de Brook e Finn, ao comentar o estudo em Ashton que foi parâmetro para outros que se seguiram, sobre comunidades mineiras.
- 12 Indústria Cerâmica

As atividades das indústrias cerâmicas ocupam o segundo lugar em importância na região. Sua produção é significativa nos três ramos da cerâmica: 1) Revestimento com a produção de pisos, azulejos e lajotas; 2) Estrutural, produzindo tijolos, telhas e manilhas; 3) Refratários, confeccionando moldados, fundidos e estruturas.

A produção da região é muito significativa em termos de produção nacional. As fábricas sediadas na região produzem em artigos de revestimento: a) azulejos, 3.500 milhões de m²/mês, o que corresponde a 48% da produção nacional; b) pisos, 1.250 milhões m²/mês ou seja, 21% da produção do país.

A importância da região na indústria cerâmica cresce quando se considera que os grupos econômicos destes ramos industriais, cujas matrizes estão sediadas em Criciúma, controlam 50% da produção nacional dos artigos de revestimento e 40% da produção de refratários.

No ramo estrutural a região conta com mais de 300 pequenas empresas que produzem telhas, tijolos e manilhas.

A indústria cerâmica divide com as carboníferas igual número de trabalhadores. Aproximadamente 12.500 operários são ceramistas na região. Criciúma compreende mais de 50% desta mão-de-obra.

Criciúma, chamada a capital do carvão e do azulejo, bem como os municípios da região, produtores de carvão e cerâmica, estão numa dependência direta dos períodos de desenvolvimento econômico ou de recessão. Isto porque as principais indústrias da região fornecem combustível para outras indústrias de ponta do território nacional e fornecem material de construção também a nível nacional. A diminuição do ritmo de produção das indústrias e da construção civil, a primeira a se ressentir nas crises de recessão, desaceleram imediatamente a indústria cerâmica e carbonífera regional, provocando bruscas oscilações sobre os níveis de emprego e de salários.

- 13 Outros ramos industriais da região carbonífera importantes pela expressão econômica e pelo número de empregados:

TABELA 7

Tipo de Atividade	Número de Empregados
Calçados, Couro e Vestuário	2.109
Alimentos	1.164
Supermercados	1.081
Mecânico-metalúrgicos	1.060
Coque	921
Transporte	826
Construção Civil	642
Serviços Públicos	1.800
Serviços Hospitalares	775
Plásticos e amianto	947

Fonte: DRT - Criciúma
Ano base - 1985

- 14 Ultimamente quinze focos de combustão espontânea foram saneados pela prefeitura de Criciúma. Os montes de pirita, que atingiam até 30 metros de altura, foram nivelados com tratores e máquinas especialmente equipadas, pois que tinham que enfrentar altas temperaturas da queima de pirita. As áreas, uma vez niveladas, foram cobertas com uma camada de 15 a 20 cm de terra para sustar o processo de queima espontânea desse resíduo.
- 15 Até meados de 1980 as águas usadas nos jigues de lavagem do carvão escoavam diretamente nos rios. Nenhuma empresa empregava o sistema de decantação das águas utilizadas na lavagem do carvão. Hoje a FATMA (Fundação de Amparo a Tecnologia e Meio Ambiente), órgão governamental, criado para sanar as agressões ao meio ambiente, tem se empenhado e exigido das empresas algumas medidas saneadoras, das quais uma é a construção de bacias de decantação nos lavadouros. Esta medida retém toneladas de finos e extrafinos de carvão que seriam despejados nos rios, acelerando o assoreamento e comprometendo cada vez mais o equilíbrio ambiental. Os finos e ultra-finos do carvão, depositados nas bacias de decantação, são matérias-primas de melhor qualidade para as coquearias na produção do coque siderúrgico. Até o presente, todo esse material foi perdido nas bacias hídricas, e depositado em grande quantidade nas terras agricultáveis nas cheias dos rios, prejudicando a lavoura e comprometendo a fertilidade do solo.

16

TABELA 8

Concentração de Poluentes nos rios Sangão e Mãe Luzia do Município de Criciúma (mg/litro)

PARAMETROS	Rio Sangão	Confluência Rios: Sangão e Mãe Luzia	Padrão de Qualidade p/ Org. Mundial da Saúde
Sulfatos	364/1439	235/1457	250
Sólidos Totais	750/5063	527/4108	500/1500
Ferro Total	155/235	29/56	15(**)
Ph	1,5/3	2/3	6/9

Fonte: FATMA - Relatório 1983

(**) Legislação Ambiental - SC

- 17 A FATMA projetou uma estimativa de poluição das três bacias pela mineração do carvão, considerando as minas em atividade, os lavadouros e beneficiadores, mas exclui as minas a céu aberto, os rejeitos depositados a céu-aberto, as minas desativadas. O resultado revela cargas de poluição insuportáveis aos seres vivos.

TABELA 9

Cargas poluidoras presentes nas bacias hidrográficas da Região Carbonífera (estimativas)

BACIAS	Vazão M ³ Dia	Sólidos Totais T/Dia	Acidez	Sulfatos T/Dia	Ferro Total T/Dia
Araranguá	134.000	1.400	94	246	19,5
Urussanga	22.650	290	16	37	3,0
Tubarão	28.320	1.600	13	37	17,0

Fonte: FATMA - Relatório 1983.

Os índices estimados ultrapassam de longe os padrões estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde. (Cf. Tabela 8).

- 18 Segundo a Organização Mundial da Saúde os parâmetros para algumas substâncias potencialmente tóxicas e os índices presentes no lavador de Carvão Sangão em Criciúma

SUBSTANCIAS	OMS Índices potencial/tóxicos	Lavador Sangão Índices presentes nas águas
Arsênico	0,05 mg/l	26,9 kg/dia
Chumbo	0,05 mg/l	16,3 kg/dia
Mercurio	0,001 mg/l	23,7 kg dia
Silênio	0,01 mg/l	4,1 kg/dia

Fonte: Relatório: Impacto do Processo Produtivo do Carvão Mineral na Saúde Humana e Ambiental no Município de Criciúma - SC, 1988.

A vazão aproximada do Rio Sangão situa-se entre 1.000 e 2.000 m³ dia.

19 A produção média de arroz por hectare começou a cair a partir de 1977. Fato registrado pela ACARESC e sentido pelos agricultores. A data de queda da produtividade é significativa pois coincide com o início da mecanização da lavra de carvão. A mecanização duplicou a produção de carvão de 1977 a 1980. O volume de água com finos de carvão despejados nos rios também aumentou e o mesmo se pode dizer dos rejeitos que se ergueram em montanhas de pirita, junto aos lavadouros. As cargas de ferro e sólidos totais, de sulfatos e de acidez das águas que irrigam as várzeas de rizicultura afetaram a produtividade do solo. A comparação entre áreas irrigadas por águas poluídas pelo carvão e não poluídas evidencia a perda da qualidade do solo na agricultura.

TABELA 10

Áreas irrigadas (sacas por hectare)

A N O	Rio Araranguá (poluído)	Rios: Itoupava e Manoel Alves (não Poluídos)
1980	71	76
1981	66	86
1982	48	87

Fonte: FATMA - Relatório, 1983.

20 Ilustra esta afirmação os estragos que a empresa causou ao município de Siderópolis, com a mineração a céu-aberto, a poluição no bairro Próspera e atualmente a mineração de subsolo na direção da localidade Montanhão, local de importantes mananciais de água potável e de terras férteis. A Cia. Próspera se defronta com a resistência dos colonos, pequenos proprietários rurais da localidade, que se organizam para sustar o avanço da mineração sob as terras do Montanhão. Os administradores da Cia. Estatal revelam em seu discurso pouca consciência ecológica, revidando aos agricultores que a mineração não acarretará consequências ecológicas na superfície, mas caso isso ocorra, eles, os colonos, serão indenizados.

21 Ocorreram casos de subsidência na Vila Olímpica, mais precisamente na piscina Olímpica, quando de seu enchimento. Com a pressão da água o terreno cedeu, provocando rachaduras e caimento de parte da piscina. As galerias subterrâneas estão a 80m de profundidade.

- Na Vila Universitária na FUCRI (Fundação Educacional de Criciúma) estabelecida sobre galerias de 40m de profundidade, houve subsidência na biblioteca, no ano de 1981, com rebaixamento de um metro.

- Com o fenômeno da subsidência têm sido drenados lagos, parte do volume de água dos rios Maina e Mãe Luzia, poços de abastecimento de água para uso doméstico em várias localidades.

- Houve subsidência em trechos de estrada de rodagem, da via férrea, em terrenos de cultivo agrícola, em áreas destinadas a loteamento, em vilas habitacionais, etc. (FATMA - Relatório, 1983).

22 O Secretário do Meio Ambiente do Estado, Werner Eugênio Zulauf, põe em dúvida a validade deste ramo industrial, nos moldes aqui praticados;

"A única justificativa se é que possa existir justificativa para danos de tal monta, é o resultado econômico da atividade. Mas as constantes ameaças de falência de empresas mineradoras, apesar da economia que praticam, em prejuízo do meio ambiente e da integridade física e social dos mineiros colocam dúvidas sobre a real saúde financeira deste tradicional setor de atividade da região polarizada por Criciúma. A primeira estimativa dos custos para a correção dos problemas mais agudos de poluição monta a US\$ 50 milhões* a serem financiados pelo BNDES ou pelo Banco Mundial. O preço do carvão aguenta o incremento do custo destas atividades saneadoras?". (Diário Catarinense, 14/10/87)

(* - Hoje orçados em 250 milhões de dólares)

23 A relação dos mineiros e da população com o meio ambiente, os efeitos sobre a qualidade de vida, a naturalização das práticas predatórias e suas marcas na construção da identidade mineira, estão no capítulo oito (8) III Parte desta tese, quando falo da naturalização das práticas.

24 No capítulo oitavo retomo a questão ambiental. Considero a reciprocidade dos efeitos do meio sobre o homem e, mais especificamente, em relação aos mineiros.

C A P Í T U L O 3

O Trabalho nas minas.

"Eu estava queimando uma galeria e só faltava acender 3 fogos e aí começou a estralar tudo. Eu continuei acendendo, consegui acabar e só deu tempo pra escapar porque desabou tudo, lacrando a entrada da galeria. Eu saí numa tremeadeira e fiquei só pensando, se não tivesse dado tempo, o fogo teria me picado todo, porque não caiu onde eu estava queimando, caiu mais atrás e lacrou."

A fim de situar o trabalhador em seu espaço de trabalho, apresento inicialmente a formação da indústria carbonífera, sua precariedade inicial e a oscilação da política nacional do carvão, que vem acompanhando a mineração desde o seu começo até hoje, repercutindo sobre a tecnologia empregada, sobre as condições de trabalho e gerando dupla e permanente insegurança ao mineiro: - O risco de vida incorporado à indústria extrativa subterrânea, multiplicado, em alguns casos, até à incerteza total, pelas precárias condições de trabalho; e a insegurança inerente à própria condição de trabalhador assalariado, exacerbada pela instabilidade da política econômica da indústria carbonífera nacional. Neste capítulo coloco os trabalhadores diretamente nos seus postos de serviço, radiografando suas práticas de ousadia e incerteza.

As Indústrias Carboníferas.

O conhecimento da existência de jazidas de carvão no solo sul-catarinense data do início do século passado, a partir de pesquisas e sondagens feitas e relatadas no Governo Imperial, nos anos de 1832, 1839, 1842 e 1878 (Abreu, 1973). Imediatamente começaram os ensaios de exploração, já em 1837 e mais tarde em 1861, mas a falta de

recursos para os empreendimentos pioneiros e desbravadores, fez com que não vigorassem. O conhecimento da existência de carvão na região a partir das sondagens e pesquisas é anterior à época da colonização da cidade, porém, tornou-se popular em 1893, atribuindo-se sua descoberta ao imigrante e colonizador Giacomo Sonego¹.

A exploração inicial do carvão em Criciúma, feita sem nenhuma infra-estrutura industrial e comercial, era precária, artesanal e insignificante, com resultados comprometedores para o sucesso da iniciativa.

Seguiu-se um lapso de tempo. A Cia Lage e Irmãos que fundara a Cia Brasileira Carbonífera de Araranguá (CBCA) já explorava carvão nas terras do município de Lauro Muller, distante a 60 km de Criciúma. Em 1913 iniciou a mineração no então município de Araranguá, hoje Criciúma. A nova indústria era elemtar. Não possuía equipamentos apropriados, nem engenharia de lavra. Os trabalhadores foram recrutados das cidades de Imbituba, Orleans, Jaguaruna, Laguna e Tubarão onde, como colonos ou pescadores, viviam pobremente com escassos recursos da agricultura de subsistência ou da pesca artesanal.

Outra Carbonífera, a "A Colônia", extraía carvão com os mesmos métodos e técnicas precárias da CBCA. O produto era extraído das finas camadas superiores com o auxílio de equipamentos manuais, como pás, picaretas, marretas. Transportados em carros de bois até Jaguaruna, num trajeto de 50 km e dali por meio de canoas ao porto de Laguna, numa travessia de aproximadamente 60 km. E claro que a produção, com tais condições de extração e transporte era muito reduzida.

O Governo Federal dificultou a implantação e expansão da indústria carbonífera nacional, fechando acordos comerciais internacionais que impediam o consumo do carvão

nacional (Brasil, 1950). A crise dos combustíveis causada pela primeira grande guerra, provocou mudança nesta política. Em 1917 começou a construção do ramal ferroviário para Araranguá, ligando Criciúma ao porto de Imbituba. Em 1º de janeiro de 1923 o ramal estava concluído, e serviu para escoamento do carvão da Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá (CBCA) e da Carbonífera Próspera. O carvão extraído era o das camadas superiores, de baixa rentabilidade e eficiência energética, mas o único acessível às condições tecnológicas de exploração das carboníferas de então.

A partir de 1930 outras companhias se formaram. A Carbonífera Metropolitana em 1936 apresentou projeto com proposta de exploração e em 1938 obteve concessão para minerar. Nessa época, as jazidas exploradas passaram a ser as camadas mais profundas e a mineração se fazia em galerias de encosta com os mesmos equipamentos rudimentares e manuais. O carvão era pré-escolhido, manualmente, no subsolo e carregado em vagonetas sobre trilhos de madeira. Este era trabalho "pesado" feito pelo ajudante do mineiro. As pedras do desmonte, que ficavam no subsolo eram empregadas na construção de taipas na sustentação do teto.

As primeiras minas de poço, com profundidade aproximada de trinta metros, só surgiram a partir de 1940. Os instrumentos de extração continuaram sendo as ferramentas de manejo manual e o carvão era escoado através do poço, que ao mesmo tempo servia ao transporte de pessoal e dos materiais de apoio da mineração.

Durante a segunda guerra mundial houve um grande aumento da produção de carvão nacional para suprir a lacuna do mercado internacional interrompido. Surgiram novas minas e centenas de novos trabalhadores migraram da "colônia" e das áreas litorâneas para as minas. Após a guerra, com a

implantação da indústria siderúrgica nacional, expandiu-se a indústria carbonífera e a partir de 1950 com a construção da Termo-Elétrica Jorge Lacerda em Tubarão manteve-se sua expansão.

Já se minerava carvão em Criciúma há mais de 50 anos, quando as primeiras máquinas chegaram para melhorar a produtividade e diminuir o grande esforço físico dos mineiros: pequenas pás carregadeiras; substituição do trado por furadeiras a ar comprimido; substituição dos trilhos de madeira por trilhos de ferro; instalação da rede de iluminação elétrica; substituição de lamparinas de gás (carbureto) por lanternas à pilha. Todas essas melhorias foram sendo implantadas a partir de 1950. A Carbonífera Próspera, empresa estatal, foi nessa época pioneira nas mudanças do setor produtivo. As empresas privadas, porém, acompanhavam as modificações, porque obedeciam às exigências do CNPM (Conselho Nacional de Produção Mineral).

A indústria carbonífera teve períodos de maior prosperidade que coincidiram, invariavelmente, com fatos decorrentes de política internacional como guerras, ou oscilação do mercado, ou da política nacional quando se iniciou a industrialização do país. Mas o desenvolvimento das empresas e as quotas de produção foram em geral cerceadas pelo Governo Federal, o que refletia imediatamente na economia e nas finanças das empresas, nos órgãos e instituições públicas, no pequeno comércio local, nos salários e empregos dos trabalhadores.

O último estímulo especial a indústria carbonífera recebeu no final da década de 1970, quando a crise do comércio do petróleo fez o Governo Federal rever sua política energética e projetar a quintuplicação da produção para o período 1980 a 1985, visando a substituição de 170 mil barris de petróleo/dia por equivalente em carvão (Anais,

1979), o que não foi efetivado. Basta dizer que o volume, em 1985, pela meta governamental, deveria atingir 49.465 mil toneladas e a produção efetiva mal chegou a um quinto da previsão.

A perspectiva de aumento da produção, por determinação do Governo Federal, introduziu a mecanização das minas, a partir de 1977. "A ordem era mecanizar" diziam os administradores das Carboníferas, e algumas delas implantaram o sistema mecanizado, o que representou um alto custo na produção pois a capacidade produtiva era superior aos limites das quotas estabelecidas pelo Governo. As quotas de produção foram reduzidas porque o mercado não estava organizado para absorver um aumento tão significativo de carvão, uma vez que as indústrias podem empregar apenas o tipo de combustível previsto em suas instalações. Logo a substituição pelo carvão demandava em recondicionamento das fábricas, projeto viável só a médio e longo prazo².

A indústria carbonífera carece de metas claras e de uma política mais estável e definida, cuja orientação seja coordenada por um órgão central, com definição das atribuições das dezenas de institutos, conselhos e fundações que desenvolvem projetos, pesquisas e propõem metas para companhias carboníferas, reclamam os mineradores e administradores das empresas (Guglielmi, 1979).

Nas fases de instabilidade econômica e política das carboníferas, agravaram-se as condições gerais de trabalho nas minas, com reflexos diretos sobre salários e desemprego, exacerbando os estados de ansiedade e medo, alternando-se as relações de mando e submissão e as práticas de naturalização e de resistência. E a alternância entre prosperidade e instabilidade é a própria trajetória histórica da indústria carbonífera nacional.

A tecnologia hoje empregada em Criciúma não representa a fase final do processo tecnológico percorrido na mineração. Das 19 minas em atividade temos minas mecanizadas, semi-mecanizadas e minas manuais³. O processo de inovação tecnológica se desenvolve a partir de três enfoques fundamentais: inovação de procedimentos ou inovação de produtos ou inovação da organização (Benakouche, 1989, 37). As tentativas inovadoras em qualquer dos aspectos nunca fogem de um objetivo explícito qual seja a visão do lucro ou o aumento do poder do capital. Nas atividades extrativas do Carvão de Criciúma o procedimento racional ou a chamada engenharia de processo, percorre um estágio bastante curto, durante um período muito longo. De 1913 a 1976 as variáveis do processo se ligaram à forma de acesso à jazida: remoção da camada superior ao carvão, entradas pelas encostas, por fim, descida por poços. Além disso, os modos de escoramento de teto, o desmonte das frentes, a remoção do carvão, muito lentamente agregaram inovações que nunca chegaram, neste período, a alterar a coerência do processo. Os estudos de engenharia desenvolvidos pelos mineradores foram sempre muito limitados. Aliás, a presença do departamento de engenharia, até hoje, nem sempre existe nas minas. Os problemas de balisamento das galerias e definição de rotas de exploração se resolvem com topógrafos (em geral práticos). Os engenheiros sempre foram investidos muito mais de responsabilidades gerenciais do que técnicas. Esta postura administrativa dos mineradores fez com que se agregassem às empresas poucas inovações de ordem tecnológicas, excessão se faça à Cia. Próspera que, na mineração a-céu-aberto, trouxe inovações e máquinas especiais.

A partir de depoimentos de mineiros sente-se que o conhecimento do processo extrativo era uma espécie de

domínio coletivo, ao qual se tinha acesso pela convivência e pelas experiências de trabalho.

Em 1975, com os problemas da comercialização do petróleo, entendeu o Governo Federal que o carvão seria uma energia alternativa. Anunciou a necessidade de quintuplicar a produção em pouco tempo. Os mineradores entenderam que a "ordem era mecanizar".

Mesmo que até este momento se sentisse que o mineiro era "dono de sua galeria", de seus "instrumentos" e de seu "tempo" e que esta situação incomodava disciplinarmente aos capatazes e proprietários, não se verificaram alternativas tecnológicas que modificasse a situação. Não houve, portanto, nenhum instrumento inovador de ordem organizacional. Apenas em 1964 cuidou-se de retirar do mineiro e seus ajudantes a responsabilidade pelo trabalho global de uma galeria, introduzindo-se o parcelamento das tarefas e os postos de serviços.

A atividade extrativa do carvão, depende do Governo Central quanto à concessão de lavra, à cota a ser extraída, ao preço, ao cliente comprador, e quanto à definição do teor de cinzas tolerável. Isto leva a definir o empresário do carvão como um empresário dependente do governo e desacostumado as leis de mercado, desatento a raciocínios de redução de custos e despreocupado quanto às inovações do processo. Resta-lhe uma permanente expectativa no universo da sorte, que consiste num veio mais generoso de carvão, num preço mais favorável ou em cotas mais dilatadas. Esta dependência acentua a certeza de que retornos melhores advêm de pressão e lobbys do que do esforço de redução de custos e racionalização do processo.

A decisão de mecanização seguiu-se a transferência de tecnologia norte-americana para Criciúma, sem nenhuma preocupação de atualizá-la e acomodá-la à situação local.

(Os mineiros, muitos analfabetos, falam em Bolcats, Schuttle Car, loader, etc, com toda a versatilidade).

Os anos de 1975-1978 foram anos de euforia, pela esperança na substituição de 170 mil barris de petróleo/dia (Anais, 1979) pelo carvão da região; pelo aumento de 13 para 49 milhões de toneladas/ano de carvão; pelos investimentos feitos na compra de máquinas e abertura de novas minas; pela contratação de pessoal técnico capaz de por em ação e manutenção as novas máquinas adquiridas. A mesma euforia não permitiu que se fizessem estudos e análises de retorno de investimentos, que se constatasse a seriedade de segurança da política anunciada e nem que se verificasse onde e como seriam substituídas as matrizes consumidoras deste volume energético de carvão. Ainda mais, a transferência tecnológica ocorrida não veio suportada por uma política interna das companhias de preparação, qualificação e treinamento de mão-de-obra, de tal modo que a postura do mineiro frente à nova máquina ficou a mesma que frente aos instrumentos manuais. Ele, o operador-mineiro, não foi treinado para o novo momento tecnológico. Aos poucos, os operadores foram sentindo alguns efeitos prejudiciais das novas máquinas: - A desagregação das práticas nas frentes de trabalho, pela agilidade e domínio da máquina sobre o processo.

O aumento exagerado da poluição nas frentes de trabalho; o aumento de acidentes provocados pela máquina, pela troca de métodos, pela pressa instituída, isto fez com que os mineiros passassem a estabelecer resistências à nova tecnologia. Em seguida os mineradores sentiram que o retorno dos investimentos não aconteciam, por não ter sido séria a decisão do governo de ampliar o consumo de carvão; começaram-se formar estoques nas bocas de minas; ao invés de aumentarem, as cotas de extração permaneceram iguais. Os equipamentos instalados ficaram ociosos, estes que só teriam

retorno se fossem utilizados em todo o seu potencial. Esta situação levou os mineradores também a desacreditarem do avanço tecnológico.

Uma análise simples desta realidade mostra três momentos distintos e um quarto momento tomando forma a partir de 88-89. O primeiro momento caracterizado de 1913 a 1976 - onde a extração do carvão seguiu por caminhos quase artesanais, sem agregar maiores recursos tecnológicos.

O período de 1976-81 que se caracterizou pela transferência da tecnologia moderna à luz das necessidades de aumentar os volumes extraídos.

O período 81-88 onde se verificou os malefícios da inovação tecnológica para o meio ambiente, para a saúde do trabalhador e sua segurança. E principalmente a certeza por parte dos mineradores de que o investimento não estava trazendo retornos de capital. Mas também um período letárgico onde não se mantiveram preocupações com a formação de pessoal e qualificação da mão-de-obra.

De 1988 para cá percebe-se inclusive um movimento de recuo. Algumas empresas estão vendendo equipamentos da chamada mineração mecanizada e retomando a atividades manuais de modo a caracterizar-se um retrocesso tecnológico. Quando todas as empresas de outros ramos fazem um caminho de avanço na região, as mineradoras ensaiam o caminho contrário⁴.

Os jornais noticiam e os movimentos na comunidade de Criciúma evidenciam tendências de algumas mineradoras de desativarem frentes de trabalho, reduzindo cotas de produção. Uma empresa, pertencente à CSN, desativou a mina a céu-aberto e outra frente de subsolo. Neste momento percebe-se a movimentação dos mineiros quando, mesmo resistentes às condições de trabalho, fazem frente aos

movimentos de não fechamento de minas e não desemprego de pessoal, manifestando mais uma vez aqui sua identidade social de mineiros, lutando pela perpetuação de seu grupo.

O Espaço de Trabalho.

E no local de trabalho, no caso, nas minas, que o trabalhador passa cerca de um terço de sua vida ativa. É um espaço que deixa marcas e lembranças no corpo e na mente dos mineiros. A mina recebe trabalhadores, mas devolve indivíduos estigmatizados socialmente, os "mineiros". A especificidade do espaço tem muito a ver com a relação que se estabelece entre os trabalhadores e os diversos postos, com seus riscos e ameaças gerando práticas defensivas e arriscadas.

Ao estudar a construção da identidade social dos mineiros, através das práticas quotidianas e das formas pelas quais estas práticas moldam o corpo dos trabalhadores e remetem a hábitos específicos e a situações de grupo, considero as minas como um dos cenários em que as práticas de trabalho são muito significativas na formação do mineiro. A particularidade do espaço de trabalho mineiro deve ser conhecido para se compreender tanto as práticas de trabalho no espaço das minas, como também as de resistência, e outras práticas sociais. Ou seja, as formas de confronto dos mineiros com as minas marcam também a reprodução do mineiro enquanto membro de um grupo ou de um sindicato ou membro ("chefe") de uma família.

A descrição que faço das minas, de suas instalações e dos vários postos, desde a boca da mina, passando pelo poço e galerias até as frentes, apresentará em primeiro lugar o processo de extração e as condições de trabalho. Esta descrição não tem finalidade em si mesma, mas objetiva

mostrar as formas e modos de os mineiros se relacionarem com as minas. As práticas que ali acontecem ajudam a evidenciar os habitus do grupo mineiro. Com isso deixo claro que não se abordará a esfera do trabalho como determinante na formação da identidade do trabalhador, mas que a singularidade das minas subterrâneas deve receber uma atenção especial, porque ali acontecem práticas que explicam a "estrutura estruturante" que identifica o mineiro e que preside a sua reprodução social.

A itinerância e a provisoriedade são condições estruturais das minas. Isto determina a construção do espaço de trabalho marcado pela precariedade e pré-monição de que ali tudo é "passageiro". Na superfície tudo o que for edificado em função dos serviços subterrâneos de extração tem uma previsão de assentamento para alguns anos apenas. Esgotada a jazida, delimitada num raio de dois mil metros mais ou menos, a área é abandonada e as instalações aproveitáveis, tanto as de subsolo quanto as de superfície, são removidas para outra mina que será o novo espaço de trabalho. As instalações são reedificadas nos moldes de um investimento provisório. Materiais empregados, engenharia de construção, recursos de manutenção e conservação espelham e identificam o caráter passageiro das construções.

Por isso as minas de subsolo representam um local de trabalho muito peculiar. As escavações subterrâneas são ambientes escuros, úmidos, espaços estreitos e acanhados, de péssima aparência. As condições de segurança e higiene em geral são precárias, tornando os riscos de acidente e a ameaça à saúde, uma constante. As práticas de trabalho que a mineração supõe, neste espaço, resultam de um confronto cotidiano com perigos e riscos que os postos ocultam e representam.

O enfrentamento diário com o local de trabalho hostil exige do homem dispêndio de força e atenção, desperta nele emoções fortes e frequentes de susto e medo que resultam num desgaste precoce e na incerteza sobre a garantia da integridade física e da própria vida. Por isso tudo, o local de trabalho nas minas é um cenário que alimenta emoções e sentimentos contraditórios como o medo e a coragem; que desperta crenças fatalistas de sorte e azar; que radicaliza atitudes de companheirismo, de jocosidade, de rudeza. Mas é um local que acaba também sendo encarado com indiferença e frieza. É o palco das rotineiras práticas de trabalho.

As instalações e os Postos de Serviço.

"Boca da Mina" é o nome popular da entrada da mina. Este espaço compreende uma área com as instalações que centralizam os serviços de apoio ao trabalho de mineração do subsolo. Ali estão localizados os serviços de supervisão e controle realizados pelos engenheiros, administradores, da produção e pessoal da segurança. Ali estão o relógio ponto e o almoxarifado com pequeno estoque dos EPI (Equipamentos de Proteção Individual) como botas, luvas, lanternas, máscaras. O vestuário e armários dos operários e os chuveiros estão instalados neste espaço. Ainda um posto de atendimento de emergência e primeiros socorros, de caráter rudimentar, faz parte da "Boca da Mina".

Próximo à entrada da mina ficam as instalações das moto-bombas para a retirada da água que se acumula nos reservatórios no fundo das minas, e exaustores para a sucção do ar poluído das frentes de serviço. As águas são despejadas em canais que desagüam nos poluídos rios das bacias hidrográficas da região. O ar que sai como tufão de

fumaça e poeira negra é lançado diretamente na atmosfera, sem filtragem³.

Próximo a estas instalações fica a caixa de carvão (nem sempre há caixa), onde se armazena o produto retirado das minas. O carvão transportado pelas correias, ao ser depositado, espalha uma poeira fina que se acumula em todas as instalações da boca da mina. A poluição torna-se crítica em dias de brisa mais forte e insuportável em dias de vento. As instalações ficam com péssima aparência, acentuando ainda mais sua provisoriidade. Acrescentam-se outros indicadores que tornam sombrio este espaço de entrada, tais como: desordem e desleixo das construções mal acabadas; quantidade de sucata e lixo espalhados pelos pátios; falta de método para a estocagem de material de uso; poeira negra acumulada em todas as instalações. As "bocas de mina" não tem nada em comum com as outras indústrias de médio e grande porte que hoje tem interesse especial em apresentar bonitas fachadas, que sejam a "sala de visitas" da empresa mesmo que as vezes ocultem um ambiente de trabalho não correspondente ao portão de entrada. As "bocas de mina" anunciam que o espaço subterrâneo é a continuidade das instalações externas. Ali nada é definitivo. Por isso, o provisório tende já em seu período de uso a ser tratado como descartável. O que permanece neste espaço é a esterilidade do solo, queimado pelos rejeitos de carvão e pirita, que inibem toda e qualquer vegetação. Somente a aridez fica definitiva no espaço da "boca da mina". Poucos investimentos, só o essencial, é a prática adotada pelas carboníferas. Este procedimento resulta em precárias condições de trabalho e em inadequadas instalações físicas de apoio à mineração.

"Baixá à mina, caminhá até nas frente, já é cansativo".

As minas subterrâneas podem ser de poço ou de encosta. As de encosta são abertas ao pé de morros onde se localiza a camada de carvão. O acesso é feito ao mesmo tempo em que se vai extraíndo o carvão, formando a galeria de entrada que pode medir de 3 a 6 metros de largura por 1,50 à 2,00 metros de altura.

O método de lavra empregado é o de "câmaras e pilares". As câmaras são as galerias que se abrem com a extração do carvão e os pilares são as colunas de 15m X 15m aproximadamente que permanecem como sustentação do teto. As galerias avançam por dois, três, ou mais km de extensão, sempre no sistema de câmaras e pilares. As medidas das galerias são determinadas pela espessura e extensão da jazida, pelos limites da concessão, por critérios econômicos e pelo tipo de lavra: manual ou mecanizada. A extração manual avança em galerias mais estreitas enquanto que a lavra mecanizada se faz em galerias de pelo menos 5m de largura, porque as máquinas são de grande porte.

Nas minas de poço o acesso se dá através de poço aberto desde a superfície até a jazida. O meio de acesso do pessoal e de transporte do material é o elevador (gaiola), donde a origem do termo "baixar a mina".

"Baixar à mina" é o primeiro momento das práticas de trabalho. Os mineiros chegam à entrada da mina já despídos de suas roupas - apenas calção -, e munidos dos EPI (Equipamentos de Proteção Individual) que consistem em botas de borracha, capacete, lanterna, máscara de proteção contra a poeira e luvas.

A gaiola funciona em condições rudimentares. Algumas são fechadas, outras protegidas apenas por uma espécie de cerca. A gaiola transporta, conforme sua capacidade, entre 8 a 15 pessoas. O grau de segurança da gaiola não é o mesmo em todas as minas. Em geral as jazidas que apresentam uma boa

infra-estrutura para a extração do minério tem também melhores instalações e equipamentos de segurança (Anexo 3.1.1. a. 1.3).

O desconforto da gaiola está na velocidade, na umidade e abundante chuveiro que desce pelas paredes do poço. O ponto de chegada, no fundo do poço é alagado, obrigando a travessia desconfortável. Se as minas de poço apresentam os primeiros riscos ao se baixar ao subsolo pela gaiola, as minas de enconsta também desafiam os transiuntes da galeria de acesso.

Além das condições precárias do piso e insegurança do escoamento, os mineiros, em algumas minas, devem percorrer o trajeto encurvados pela baixa altura das galerias. Sobre suas cabeças passa a rede elétrica, desprotegida, onde os fios de energia (220v) para a iluminação são fixados no teto da galeria principal em travessas de madeira. Estes fios tem pontos mal isolados e podem ser arrancados pela passagem dos jipes?

E difícil descrever as condições de acesso ao trabalho de algumas minas manuais, tal o complexo de dificuldades presentes no trajeto. Os mineiros percorrem de um a três km sobre os trilhos das vagonetas que transportam o carvão extraído. Entre os trilhos corre o cabo sem fim sobre roletes e isto requer atenção para não pisarem sobre essa engrenagem. Mineiros e vagonetas percorrem simultaneamente a galeria pelos trilhos. Em muitos locais pisam "no escuro" pois há trechos alagados. Como se não bastassem as dificuldades do piso, devem proteger a cabeça de rebaixamentos do teto. São os canos de ar comprimido, as cruzetas de madeira, travessões de escoramento que se salientam abaixo do teto, que por sua vez já está a uma altura de 1,30m à 1,60m do piso. O deslocamento; do exterior à frente de trabalho, é por si só desgastante^o.

A falta de sinalização no interior da mina dificulta a caminhada e o sentido de orientação. Como não existe treinamento para o pessoal admitido, a aprendizagem quanto à localização das saídas de emergência, do posto telefônico, dos cuidados necessários com cruzamento de correias nas galerias, com subestações de rede elétrica, com depósitos de explosivos, vai acontecendo no transcurso do trabalho⁹.

Até em galerias centrais encontram-se, em algumas minas, pequenos desabamentos do teto que são consequências da falta de verificação e controle periódicos e sistemáticos do choco (camadas de rochas soltas no teto). As madeiras usadas para o escoramento não são tratadas, surgindo o mofo em grandes proporções. O próprio deslocamento dos trabalhadores até as frentes de serviço e seu retorno à superfície, é perigoso pelas surpresas e riscos imprevisíveis, tais como queda de pedras¹⁰, choque elétrico, entorse, etc. Todos sabem relatar um, ou mais casos ocorridos com companheiros seus ou com eles próprios (Anexo 3.1.4. a 1.6).

"Só lá em baixo, andá abaxado até na frente, chegá e sentá e não fazê nada, já cansa. O coração parece que trabalha acelerado, pois a gente respira um ar poluído, pó do carvão, da pedra, explosivo, estopia ...".

A galeria principal é a melhor localizada em relação ao poço. Por ela se faz o transporte do material e é a via de acesso dos mineiros às frentes de serviço. Nas minas de encosta a galeria principal, que serve aos mesmos fins, é a da entrada.

A tecnologia empregada nas minas de carvão de Criciúma vai até a utilização de conjuntos mecanizados, cujas máquinas são pesadas e de grande porte. Estas são as minas, chamadas mecanizadas. As que empregam equipamentos mais leves e pequenos tratores chamados de Bobcat são as

semi-mecanizadas. O uso de equipamentos de controle manual e de ferramentas como marretas, pás, carrinhos e picaretas se faz nas minas manuais.

As operações de extração compreendem: a) furação, queima e desmonte das frentes; b) remoção do ROM; c) escoramento do teto. Nas minas mecanizadas as etapas são sucessivas e simultâneas nas diversas frentes¹¹. Nas minas manuais a queima é feita em turno de trabalho que não coincide com o das demais operações de lavra.

"O próprio processo de furação do teto provoca a soltura das pedras. Ai o perigo".

A cada avanço nas galerias e travessões sucede-se o escoramento do teto. A sustentação do teto, em primeiro lugar, é garantida pelos pilares de segurança cujas dimensões (12m X 14m ou 15m X 15m) obedecem a critérios e orientações adotadas pelo DNPM (Departamento Nacional de Proteção Mineral). O escoramento nas galerias abertas é feito através da fixação do teto com parafusos e pranchas de madeira ou com toras de eucalipto. O escoramento de madeira é mais usado nas minas manuais. Nas mecanizadas, a sustentação é feita com os parafusos e pranchas de madeira. Os parafusos de aço medem três quartos de polegada de diâmetro e 1,80 m de comprimento. Cada parafuso cobre uma área de 1,5m² e sustenta oito toneladas em peso. Estes parafusos nos tetos das galerias seguem uma sequência de colocação sendo: 4-3-4¹².

O escoramento do teto representa com certeza, uma das funções mais comprometedoras à vida dos mineiros (Anexo 3.2.1. à 2.6). A furação do teto é feita com martetele pneumático (stoper) ou perfuratrizes automáticas.

O mineiro furador de teto está exercendo seu trabalho sob um teto não escorado¹³. As pedras soltas pelo desmônte das frentes são derrubadas. Feita esta verificação, o trabalhador sustenta o martetele e perfura o teto. Os marteteles pneumáticos e as perfuratrizes trabalham em geral a seco, sem umidificação, liberando grande volume de poeira sobre o furador e seu ajudante, fazendo-os trabalhar envoltos numa nuvem de pó. O uso da máscara para filtrar a poeira nem sempre é eficiente. Sobretudo se ela é retirada e recolocada; o uso e a colocação inadequada dos filtros diminuem ou até anulam sua eficácia¹⁴. O uso da máscara por um longo período é desconfortável. O respirador exerce pressão sobre o rosto e a respiração torna-se pesada uma vez que o mineiro furador exerce atividade que lhe exige esforço físico. Estas razões induzem o mineiro a usar a máscara somente quando as "nuvens" de pó forem visíveis e a retirar o respirador quando ou onde a poeira não é tão intensa. A perfuração do teto com marteteles exige grande dispêndio de energia física e todo o corpo sofre as vibrações constantes e intensas do martetele pneumático. Após cada perfuração o ajudante faz a colocação dos parafusos batendo-os com o martelo para a primeira fixação, apertando-os em seguida. Não é de uso o controle de torque na porca dos parafusos. A medida do torque é a força física do ajudante de perfuração do teto.

O recuo da mina para o aproveitamento dos pilares de segurança representa um risco maior que o avanço. No recuo são deixados pilares menores de 2,5m X 2,5m nos quatro cantos do pilar de 15m X 15m. Neste desmônte o escoramento do teto é auxiliado por toras de eucalipto. Além de apoio para sustentação do teto a madeira acusa se há convergência do teto. As toras de eucalipto são reforçadas quando se verifica que as madeiras começam a envergar ou a rachar. Em

alguns pontos das minas, no recuo, a extração tem que ser suspensa ou abandonada quando há caimento.

Nas minas manuais o escoramento do teto é todo em madeira. Os madeireiros levantam prumos de madeira nas extremidades laterais das galerias e atravessam sobre os dois prumos uma viga também de madeira na largura da galeria; ou são simplesmente levantados prumos isolados com cruzetas na parte superior.

Concluída a sustentação e o escoramento do teto entram em ação, na galeria, os mineiros para efetuar a rafa e a furação de frente.

"A mina não é boa. A mina é dos serviço mais perigoso que o cara pode pegã. Quebra uma perna, quebra a coluna, e também a cequeira. Eu tava furando e detonou. Foi um fogo falhado."

A rafa, ou corte é feito, à base do banco de carvão. As minas que não dispõem de cortadeira perfuram o banco de carvão com 8 a 10 furos de 1 a 1,5m de profundidade. Além do corte ou perfuração da base, são feitos mais 8 a 12 furos no painel da frente, cuja profundidade varia entre 1,30m a 2,30m. Para esta função os mineiros dispõem de furadeiras automáticas ou tipo martetele de manejo manual^{1º}.

Uma vez perfuradas as frentes, entra em ação o foguista que vai queimar as frentes com explosivos. Na preparação do explosivo o mineiro o escorva com auxílio de um estilete de ferro ou ponta de prego, ao invés de usar material não metálico, madeira, por exemplo. Em algumas minas o preparo dos explosivos é feito na superfície, noutras é realizado no subsolo no depósito de explosivos. Estando preparados para a queima, são transportados primeiro em vagonetas comuns e em seguida, até as frentes, dos mais

diversos modos. Em alguns casos em caixas de madeira própria para este fim, embora não adequadas, em outros, em caixas de papelão ou sacos plásticos improvisados. As vagonetas com sobras de explosivos ficam a 150 metros, aproximadamente, das frentes em queima durante a detonação. Os explosivos são colocados nos furos com o auxílio de uma espaceta (atacador) com ponta de ferro, quando o atacador deveria ser de madeira com ponta de bronze para evitar faiscamento. Em algumas minas o explosivo é colocado simultaneamente à furação de frente, o que burla as normas de segurança. O queimador em geral, usa uma sobra de estopim para acender as cargas. Não há sinalização sonora/luminosa na mina para a queima. O queimador ao acender a frente às vezes grita: "fogo", para alertar companheiros. A detonação se dá cerca de 3 minutos após o acendimento do estopim. Durante a queima todos se protegem nos travessões e se avisa aos eventuais transeuntes.

Queimada a frente é feita a vista a fim de liberá-la para a limpeza. O intervalo entre a queimada e a vista e subsequente remoção da rafa é muito reduzido. A espera de 5 à 10 minutos é insuficiente para a sucção da fumaça e poeira proveniente da explosão e desmonte da frente¹⁶.

Se o escoramento do teto é admitido como serviço perigoso não menos é o da furação das frentes. Ali o mineiro está sujeito principalmente aos riscos de possíveis quedas de pedras do teto, e também de perfurar em frentes de "fogo falhado" de desmontes anteriores. O risco existe porque a vista é precária e elementar. A verificação é visual e nem todo "fogo falhado" é localizado nesse tipo de inspeção. A vista consegue visualizar e localizar algum fogo falhado superior mas não o inferior, encoberto pelo desmonte. Ali há sempre o risco de explosão, por faiscamento provocado pelas máquinas (loader ou bobcat) que removem o

carvão, ou, por outro faiscamento provocado pelo corte ou perfuração no avanço das frentes.

A vulnerabilidade do processo de queima das frentes tem consequências diretas e graves sobre o corpo do trabalhador. Os acidentes resultantes das práticas de trabalho com explosivos são frequentes, de marcas profundas, provocando mutilação graves e em geral a morte. Há mineiros que perderam a vista, braços e pernas. Outros com profundas tatuagens no rosto ou no corpo em geral. A tatuagem é o resultado do impacto da detonação de explosivos contra o corpo do trabalhador, e consiste na penetração de pequenas partículas de carvão e pedra na pele, rasgando os músculos e se alojando no corpo. É impossível removê-las pois resultaria numa destruição ainda maior dos tecidos já lesados. As condições de trabalho na perfuração e queima das frentes são vistas como extremamente perigosas e, em algumas minas, difíceis e desgastantes.

As experiências dos mineiros que testemunharam ou sofreram acidentes graves permanecem como lembranças emocionadas se o ocorrido foi com colegas, mas persistem em sequelas dolorosas quando eles próprios sofreram a mutilação que perdura (Anexo 3, 3.1. a 3.7.).

"O puxador não só enfrenta as condições ruins de trabalho ele tem que encarar também muito perigo. Nas galerias sempre está sujeito cai uma pedra, a batê num fio elétrico mal isolado e até enfrentá um caimento".

Coexistem hoje, nas minas de Criciúma, a rudimentar limpeza de frente do tipo manual com emprego exaustivo da força física, o tipo mecânico, cuja remoção utiliza pequenos tratores, e o tipo mecanizado, cuja limpeza utiliza máquinas de grande porte.

No sistema mecanizado, o loader que recolhe a rafa desmontada a transfere para os shuttle cars, que transportam o carvão até a correia instalada a uns 100 - 150m das frentes, que por sua vez escoam o material sobre a correia transportadora principal, retirando o produto para superfície.

No sistema por "bobcat" o carvão é transportado através de pequenas máquinas com pás carregadeiras até as calhas ou correias instaladas perto das frentes de desmonte.

Nos dois sistemas os operadores das máquinas comandam as operações, e os motoristas as deslocam de uma para outra frente, circulando pelas galerias. Os ajudantes auxiliam no transporte e desembarço dos cabos de energia elétrica durante o deslocamento das máquinas. Estes cabos estão ligados ao centro de força móvel e à máquina.

No sistema manual o recolhimento do carvão é feito em turno que não coincide com o da queima das frentes. Esta prática preserva o ambiente de trabalho da poluição do ar que ocorre na detonação e desmonte. Há poeira que se levanta com a remoção da rafa, mas as proporções são mínimas se comparadas com o sistema mecanizado. Os mineiros puxadores dispõem muita energia física nesta função. Transportam um mínimo de 10 toneladas de carvão por turno. Cada vagoneta carregada com mil quilos é empurrada pela força física do mineiro, que trabalha e caminha encurvado, empurrando e recolocando nos trilhos as vagonetas que descarrilham facilmente devido às emendas nos trilhos, usualmente irregulares e com espaços entre as junções. O demasiado esforço físico e a posição do corpo no trabalho causam com frequência problemas de coluna. As vagonetas empurradas pelo mineiro numa distância aproximada de 100 metros são engatadas no cabo-sem-fim e retiradas mecânicamente da mina

ou esvaziadas sobre a correia transportadora, pelos manobreiros, num sistema de contra peso.

Há minas manuais que não tem instalado sistema de frenagem nas vagonetas, obrigando os operários a freiarem-nas, num plano inclinado de até 1,5 graus, com os pés e o peso do corpo. Nestas minas, ao esforço físico e às condições de trabalho desgastantes, juntam-se os riscos e o perigo das minas mecanizadas¹⁷.

O esforço físico é rejeitado e todos os que podem dele se esquivar o fazem, porque o "trabalho pesado" é a marca do trabalhador sem profissão que carrega a vergonha de não "saber nada" e de ser "obrigado a trabalhar em serviço ruim". Sentem o corpo doído pelo esforço e encaram o trabalho como uma "verdadeira escravidão". O resultado desse esforço potencializado induz a uma auto-imagem de homem "arrebentado", "estourado" e envelhecido precocemente. O que esperam é libertar-se desse pesado fardo tão logo completem 15 anos de frente. Chegar à aposentadoria será uma vitória, que representará a superação da incapacidade para o trabalho qualificado e a auto-valorização como "chefe" de família, garantindo a sobrevivência da mesma. Esta é a principal motivação para mineiros "puxadores" permanecerem na mina mesmo em condições físicas precárias, com um desgaste radical do corpo e de sua vitalidade (anexo 3.4.1 a 4.7).

As práticas de trabalho, na função de carregamento, são diversificadas quanto às condições de trabalho, ao dispêndio de energia e à poluição. O sistema mecanizado ou manual define, em princípio, esta variedade. Mas as condições de segurança não dependem só da tecnologia. Os perigos são apenas diferentes num e noutro sistema. A maior ou menor segurança tem muito a ver com os recursos que a Companhia emprega neste setor. É usual investir pouco em segurança e na melhoria das condições gerais de trabalho. Os

serviços de manutenção dos equipamentos e dos espaços do trabalho são os primeiros a sofrer cortes de recursos se a empresa apresenta dificuldades financeiras¹⁰.

Os riscos comuns aos mineiros puxadores e aos operadores de máquinas são queda de pedras, choque elétrico, ou desabamento. A poluição atinge mais aos mineiros dos conjuntos mecanizados que entram na frente minutos após o desmonte. O uso da máscara deveria ser constante, mas poucos "aguentam" respirar através dela durante as 6 horas de trabalho. Em algumas frentes o sistema de exaustão e ventilação funciona, e a fumaça e poeira são sugadas satisfatoriamente. Contudo, nas frentes mais distantes este mecanismo é precário.

Outros cuidados que a operação de carregamento requer dos mineiros que transitam nas galerias é a atenção ao "trânsito", pois o ruído das máquinas é constante e forte. Há falhas no sistema de iluminação das máquinas que também oferecem perigo. A deficiência do sistema de iluminação dos veículos no subsolo é lembrada com frequência pelos mineiros¹¹. Os operários da mecanizadas, em geral, dizem que gostam do trabalho mas que o difícil é enfrentar a poluição. No entanto, concluem que "na mina é assim mesmo". O ar não consegue chegar até nas frentes quando a galeria está muito recuada da ventilação de entrada.

A limpeza das frentes ou o carregamento é a função mais polarizada na comparação entre as funções dos sistemas de lavras. É o puxador que empreende o máximo de esforço físico e com frequência apresenta sérios problemas de coluna e desgaste físico precoce. Já os operadores de loaders, chuttle cars e bobcats, não dispensam força física, mas enfrentam os problemas de poluição intensa e estão mais expostos aos riscos da pneumoniose. Os operadores, em geral, tendem a conceituar o trabalho na mina como bom e dizem

gostar do serviço. Já os puxadores na manual classificam o trabalho como "uma verdadeira escravidão". Na comparação entre as funções da manual e da mecanizada, respectivamente, os mineiros classificam a puxada como o pior na escala de valorização do mineiro, enquanto o operador está bem conceituado e é uma função disputada entre os trabalhadores de frente. A preferência passa pelas diferenças salariais, pelo menor dispêndio de força física e pela auto-valorização que a função de operador de máquinas confere ao trabalhador. Os mineiros confirmam, com a experiência vivida, que, na esfera do trabalho, as práticas são em geral agressivas ao corpo porque não há como escapar ao risco do trabalho e não existem meios de amenizar a dureza das práticas, pois elas estão associadas e são consequências das precárias e inseguras condições de trabalho. É verdade que a agressividade assume expressões de menor ou maior intensidade.

Nas minas mecanizadas também persistem condições inseguras de trabalho, mas a tecnologia empregada facilitou o trabalho físico. A agressão ao corpo do mineiro não é tão ostensiva quanto nas rudimentares minas manuais. A mecanização facilitou as práticas de trabalho em termos de poupar a força física do mineiro, mas aumentou o índice de doenças pulmonares, especialmente a pneumoconiose, em consequência da poeira liberada pela intensificação do processo extrativo e da organização do trabalho. Os mineiros dizem que, hoje, as minas estão muito boas comparando com aquelas onde seus pais trabalharam. O termo de referência é sempre o nível inferior para chegarem a conclusões de que as minas mecanizadas estão no padrão ideal de desempenho. A avaliação, contudo, deve passar pelos conflitos dos riscos, da imprevisibilidade de acidentes, da maior poluição nas frentes, da carência de equipamentos e medidas materiais de segurança coletiva (Anexo 3.5.1. a 5.3.).

"Depois que eu comecei a trabalhar é que vi a falta de segurança. Mas eu encaro o serviço como ele é. Encaro com coragem."

Desmonte, carregamento e escoramento são os serviços de extração propriamente ditos. Mas a mineração compreende outros serviços de manutenção e apoio que completam o processo. Estes serviços consistem na instalação e extensão da rede de energia elétrica, dos lances da correia transportadora e dos trilhos das vagonetas; na construção de diques para drenagem das águas e de tapumes para canalização do ar; na manutenção das vias de acesso principal e de emergência, na fiscalização e controle das condições de segurança e higiene do trabalho e na administração técnica e disciplinar do trabalho e da produção.

As máquinas, veículos e equipamentos utilizados no processo extrativo necessitam de manutenção e reparos frequentes, considerando que o processo extrativo se faz sob condições hostis ao homem, mas também às máquinas e equipamentos.

Na execução destas tarefas trabalham eletricitas, bombeiros, encanadores, mecânicos, torneiros, serventes e ajudantes gerais. A manutenção de rotina é feita em turno especial. Nas minas existem quatro turnos de seis horas por dia, sendo três turnos de produção e um de manutenção.

É muito clara a visão que os mineiros eletricitas têm das condições de segurança nesse setor. O conhecimento técnico profissional lhes permite avaliar os riscos com maior objetividade. O contacto diário com as variadas situações de perigo que o técnico enfrenta, e não só ele, mas todos os que lidam com os equipamentos condutores de eletricidade, faz ele confessar: "Depois que eu comecei a trabalhar é que vi a falta de segurança" e enumera uma série de situações de grande risco (Anexo 6, 6.1. a 6.4.).

Os fios da rede de iluminação elétrica de 220v estão suspensos no teto da galeria principal, e com frequência é possível bater neles com o capacete, pois estão estendidos a baixa altura uma vez que as galerias também são baixas. Os riscos de acidentes ligados à rede de eletricidade estão sempre presentes. As condições de instalação da rede elétrica não apresentam um padrão de segurança de boa qualidade. Ao contrário, a rede elétrica nas minas é um risco a mais, somado às já precárias condições de segurança do processo extrativo. Isso é confirmado pelos mineiros através de experiências vividas durante a jornada de trabalho. Eles são testemunhas de acidentes graves e de mortes de companheiros. Seus relatos descrevem a precariedade das condições de instalação da rede elétrica. Aqui, como em outros postos de trabalho, a responsabilidade de preservar a integridade física cabe primeiramente ao próprio eletricitista e, conseqüentemente, aos demais trabalhadores que circulam no interior das minas e que estão expostos aos riscos coletivos nesse setor. Além dessa responsabilidade, deve-se acrescentar que o risco e suas ocasiões são pouco conhecidas pelos mineiros; geralmente não receberam informação e orientação técnica sobre os cuidados a tomar no manejo de equipamentos e aparelhos elétricos condutores de alta tensão. E assim, por exemplo, no simples ato de ligar ou desligar uma chave que corta ou conecta a rede elétrica. Não existem dispositivos que impeçam a ligação de uma chave ou disjuntor, durante um serviço de manutenção. Qualquer um desavisado ou distraído pode ligar uma chave e provocar acidentes fatais²⁰. Depende de cada um e de todos preservar a vida própria e dos demais trabalhadores do subsolo.

Os eletricitistas admitem a insegurança nas instalações elétricas, mas a eles cabe enfrentar o trabalho nas condições em que este se apresenta²¹. O risco das

instalações está associado às condições gerais da mina - alagamentos, pedras cortantes, cabos esfolados, baixa altura entre a passarela e o teto, as correias transportadoras, e outros²².

O trabalho nas minas não está estritamente controlado e ritmado por meios mecânicos e automáticos como em outras indústrias; os meios são disciplinares e são metas de produção vinculadas ao salário. Para manter o salário e receber por metragem extraída, é necessário estabelecer um ritmo de trabalho que atenda aos objetivos. A pressa não é apenas uma disposição individual. A origem da "pressa" é externa, alimentada pela organização do trabalho. O trabalhador apressado está sujeito a falhas e erros, sobretudo quando não está treinado para agir com presteza e exatidão, num trabalho que pode apresentar uma variedade muito vasta de alternativas. Os gestos e as práticas na mina não são mecânicos e obrigatórios como em outras linhas de produção; são funções determinadas, cujo desempenho vai recebendo as marcas individuais de cada trabalhador. Por esta razão, o treinamento para o desempenho destas tarefas potencialmente arriscadas é necessário e importante por um lado, e dispensável e desvalorizado por outro. A necessidade e importância do treinamento decorrem do risco coletivo e individual que o manejo de explosivos representa, para citar um exemplo. O treinamento teria a finalidade de habilitar o foguista para o desempenho de práticas seguras. Como as tarefas, nos diferentes postos das minas, não recebem um controle disciplinar rígido por muitas razões que o espaço de trabalho das minas propicia, os gestos e as práticas nas tarefas tendem a se reproduzir pela experiência e pelos macetes passados dos mais antigos aos novatos, o que mostra a pouca significação do treinamento. Os "atos seguros" inculcados no treinamento tendem a se perder pela falta de controle disciplinar sobre os mesmos. O que de fato ocorre

nas minas atualmente, é que poucos mineiros que lidam com explosivos têm curso de oficiais de fogo como requerem as Normas Regulamentares para este tipo de atividade²³.

Os mineiros desconhecem, em geral, as possibilidades existentes nas minas para estas se equiparem com recursos de maior segurança. Mas sentem e vivem a insegurança, sempre reforçada pelos novos riscos e acidentes que vitimam seus companheiros. A maioria dos mineiros expressa em suas falas a opinião que tem sobre este setor de trabalho, que é perigoso e incerto pela própria natureza, e acham: que "algumas coisas poderia melhorar". Atribuem a responsabilidade dos cuidados ao próprio trabalhador, quando reconhecem que, em muitos acidentes, a culpa é do mineiro que não presta atenção porque está com pressa de acabar o serviço (Anexo 3, 2.7). A fatalidade também encontra lugar como causa na avaliação dos mineiros - "esse tipo de acidente vai muito da sorte"; (Anexo 3, 2.1. e 2.2.) ou, como concluiu a mulher de um mineiro furador de teto, ao comentar a morte em acidente de trânsito de dois companheiros de seu marido: "quando é prá morrer, não precisa estar na mina. É o destino". A afirmação encerra tanto a crença na fatalidade do destino, quanto o reconhecimento da oportunidade próxima de morte que a mina representa. Por tudo isso, chega-se a admitir que é familiar ao mineiro das frentes, o convívio com a probabilidade de acidentes. O acidente de trabalho nas minas parece ser pertinente e próprio do "ser" mineiro.

A sorte e o azar fazem parte da crença dos trabalhadores em geral, que se estende e se expressa para além do cotidiano; o azar, o destino, a sorte convivem com as esperanças das pessoas mais pobres, sem chances de sair de um estado permanente de necessidades. A importância que os trabalhadores pobres dão aos jogos de sorte e azar são práticas que explicam seus sentimentos e expectativas. "A

fantasia do irreal alimenta a vida real" (Hoggart, 1973, 93).

O acidente é frequentemente explicado pelos mineiros como uma fatalidade e como destino. "O azar marcou o seu fulano e ele tá sempre perseguido... até em servicinho que ninguém se acidenta, o azar acompanhou ele".

A crença supersticiosa é auxiliar na alienação sobre as reais condições de segurança no trabalho. Além de ser mais um elemento na formação da ideologia defensiva, mascara as condições de risco nos trabalhos perigosos. Tem a propriedade de impedir que se estabeleçam limites entre a margem de riscos imprevisíveis incorporada ao trabalho, (com equipamentos e ambientes, que supõem também a participação do homem, e possíveis imprecisões no manejo dos equipamentos e de seu desempenho no espaço de trabalho) e o descuido, a carência de equipamentos coletivos e individuais de proteção no trabalho. Sobre as condições de perigo que alimentam o medo e como o trabalhador mineiro convive e controla a tensão permanente, resultado das práticas inseguras, é o que tratarei no próximo capítulo.

NOTAS

¹ Durante a Revolução Federalista em 1893, na campanha que envolveu os maragatos e Picapaus nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, Giacomo Sonego quis evitar que suas mulas fossem roubadas pelos soldados e as escondeu na mata. Fez a derrubada de uma área e procedeu a queimada para facilitar a limpeza do terreno. Dias após, sob as cinzas, as pedras continuavam ardendo. Pedro Genovez, outro imigrante italiano estabelecido em Criciúma, conhecia as propriedades do carvão mineral e divulgou a importância do mesmo para as indústrias e os meios de transporte: ferrovia e navegação (LLANOS, 1988).

² A política energética do Governo Federal foi unilateral. Decretou a substituição do petróleo pelo carvão, sem contudo criar condições ou oferecer tecnologia para as indústrias consumidoras se adaptarem à nova fonte energética. Tem-se conhecimento de iniciativas que primeiramente reforçaram a redução do consumo de petróleo, racionalizando o seu uso ou modernizando seus equipamentos.

Somente a Cerâmica Eliane, por exemplo, passou a consumir 10.000 tn./mês de carvão, na geração de gás para seus fornos de queima de cerâmica. Isto, além de economia do petróleo, viabiliza a exploração do carvão da região.

³ Companhias Carboníferas e minas em atividade em Criciúma:

Grupo A

1. Carbonífera Próspera

a) Mina A - Sangão. Lavra mecanizada com conjuntos mecanizados. Produção de 1.819.623 t/ROM/ano; b) Mina Lina Batista. Lavra a céu aberto. Produção é de 11.880 t/ROM/ano; c) Mina B. Mecanizada com conjuntos mecanizados. Temporariamente paralizada.

Grupo B

2. Carbonífera Criciúma S/A

a) Mina Verdinho - Unidade Mineira II. Lavra mecanizada em processo de mecanização. Produção de 1.634.464 t/ROM/ano.

3. Companhia Carbonífera de Urussanga (CCU)

a) Mina Santa Augusta. Lavra semi-mecanizada com bobcats. Produção de 2.207.180 t/ROM/ano.

4. Companhia Brasileira Carbonífera de Araranquá (CECA)

a) Mina Antonio de Lucca - Setor A. Lavra semi-mecanizada com bobcats. Produção de 43.826 t/ROM/ano; b) Mi-

na Antonio de Lucca - Setor B. Lavra manual com câmaras em retração e caimento do teto. Produção de 350.197 t/ROM/ano; c) Mina 2. Lavra mecanizada com conjuntos mecanizados. Paralizada no momento; d) Mina São Simão. Lavra manual com câmaras em retração e caimento do teto. produção de 351.948 t/ROM/ano.

5. Companhia Carbonífera Catarinense S/A

a) Mina Poço 1 e 4. Lavra semi-mecanizada com bobcats. Produção de 486.835 t/ROM/ano; b) Mina Poço 3 - Setor F. Lavra semi-mecanizada com bobcats. Em implantação.

6. Carbonífera Metropolitana S/A

a) Mina Cidade Mineira. Lavra a céu aberto. Produção de 17.929 t/ROM/ano.

7. Coque Catarinense Ltda. - COCALIT

a) Mina Ex-Patrimônio. Lavra manual. Produção de 45.830 t/ROM/ano; b) Mina Estiva dos Pregos. Lavra a céu aberto com cortes sucessivos. Produção de 389.000 t/ROM/ano.

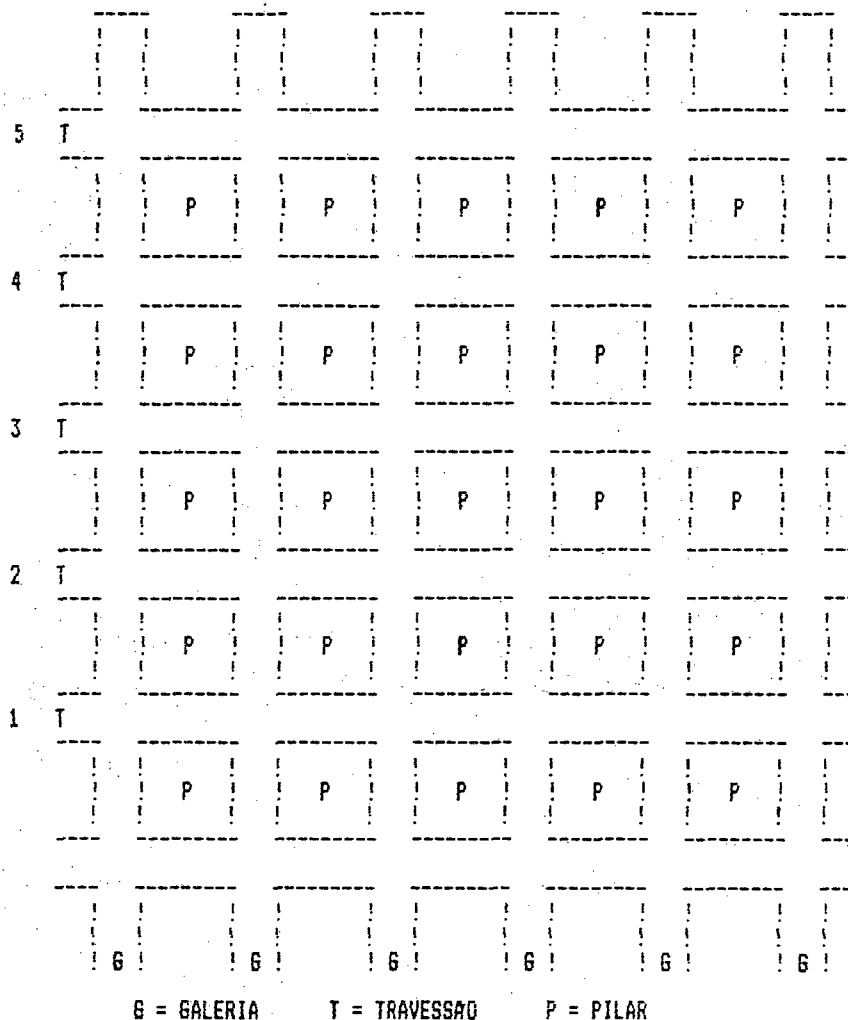
4 A Indústria Carbonífera enfrenta a décadas problemas decorrentes da ingerência do governo neste ramo industrial. Os mineradores se já são dependentes das políticas administrativas do governo nas esferas da produção e organização das empresas ficam à sua mercê total na esfera da comercialização. A produção é toda vendida a CAEB (Companhia Auxiliar) que redistribui aos consumidores. É usual as empresas mineradoras manterem em seus pátios de estocagem uma produção de três meses, dada a morosidade da CAEB. Acrescenta-se a isto que o valor da venda do carvão pela CAEB é repassado às Cias Carboníferas com, no mínimo, três meses de atraso, sem correção monetária. Numa economia que já há dois anos trabalha com uma inflação cujos índices vão além dos 1.000% ao ano, é evidente que não trabalha com segurança para investir quando entre produção e o repasse do valor da venda existe um espaço de seis meses de tempo.

5 Por ocasião do levantamento da FUNDACENTRO* sobre condições de segurança e higiene do trabalho nas minas, foi sugerido, em 1985, a instalação de filtros na saída do ar das minas. A medida não foi implementada pelas carboníferas.

* "Fundacentro Jorge Figueiredo Duprat" de São Paulo, Fundação do Ministério do Trabalho para assuntos de Segurança, Higiene e Medicina do Trabalho, fez um levantamento das minas de carvão do Sul, em 1985.

- 6 O traçado das minas segue mais ou menos o esquema abaixo. As galerias e travessões são os vazios abertos pela retirada do carvão bruto e os pilares são as colunas que auxiliam na estrutura de sustentação do teto.

TRAÇADO DE MINA - SUBSOLO



- 7 Em levantamento sob as condições de segurança das minas a Fundacentro contactou e recomendou em seu relatório para todas as minas: "Os cabos de energia fixados no teto para a iluminação estão mal distribuídos, mal instalados e até mesmo, em alguns pontos descascados". **Sugestão:** - os fios condutores de energia elétrica devem estar fixados no teto da galeria com isoladores e estar protegidos com calha de madeira". (Fundacentro, 1985)

- No relatório da Fundacentro os técnicos alertaram para os riscos das galerias de acesso por várias causas e condições comuns nas minas da região:

"As condições de movimentação nas galerias são precárias, muito acúmulo de água, piso liso e escorregadio, com excesso de material combustível e explosivos nas galerias e travessas". (Mina Esperança, 11.2).

"As condições de movimentação nas galerias estão precárias: muito acúmulo de água, piso liso e escorregadio, com excesso de material de sucata nas travessas e galerias". (Mina Poço 9; 5.7).

"Na galeria principal de acesso de pessoal há vários pequenos desabamentos de teto. O serviço auxiliar para manutenção do escoramento é precário" (Mina A-Próspera - p. 18).

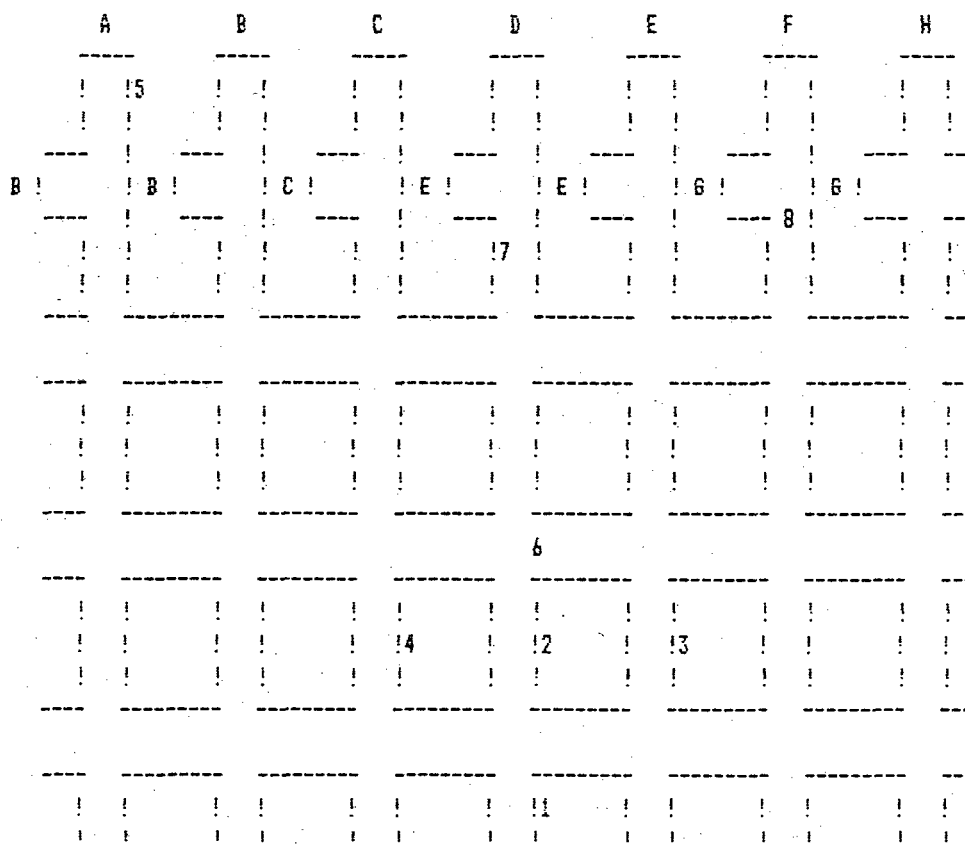
"As condições de movimentação nas galerias estão precárias. Há acúmulo de água, piso escorregadio, excesso de material e rochas soltas pelas galerias. O tráfego de pessoal e material é feito pela mestra real, podendo haver acidentes, como entorse no caminhar sobre os trilhos, roletes e o cabo sem fim". (Mina A.de Lucca - 5.6 e 5.7 - Fundacentro, 1985).

Esses quatro relatórios em parte repetitivos, representam uma amostra das condições das vias de acesso do pessoal às frentes de serviço de todas as minas.

- A sinalização, nas minas é um fator falho. Em algumas minas falta até sinalização que dê o sentido de orientação geral na mina como sentido norte-sul; entrada, saída de emergência e outras orientações importantes. Veja-se as advertências da Fundacentro: - "Faltam placas de sinalização nos quadros elétricos de comando;" ... - "O depósito de explosivos e acessórios não possuem sinalização;" ... - "Nas sub-estações de rede elétrica, as portas permanecem abertas sem placas de sinalização de alta-tensão;" ... - "O cruzamento das correias transportadoras é baixo e sem sinalização;" ... - "Não há sinalização indicando telefone, de emergência;" ... - "Não há sinalização na correia transportadora e no cabo sem fim para indicar o início de movimentação;" ... - "Os queimadores não usam coletes reflexivos;" ... - "Em algumas minas (Antonio de Lucca, M.36) as tubulações de ferro galvanizado do ar comprimido estão muito mal colocados, atravessam as galerias em baixa altura, sem nenhuma sinalização". (Fundacentro, Relatório, 1985).

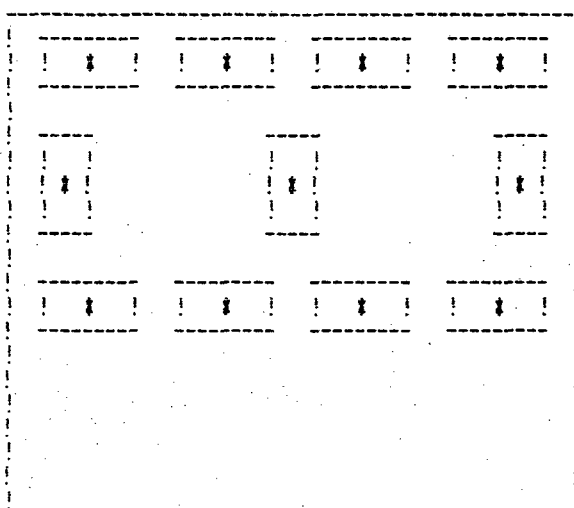
- ¹⁰ Quanto à segurança do teto, os engenheiros da Fundacentro levantaram condições inseguras no trajeto da galerias percorridas pelos trabalhadores e recomendaram: - Utilizar um instrumento auscultador para identificar as camadas onde o parafuso do teto será acondicionado; - organizar boletim de controle de reaproveitamento dos parafusos de teto e apertá-los com instrumento apropriado, no caso um torquímetro; - a alavanca usada para tirar as rochas soltas do teto, deverá possuir uma proteção para as mãos;" - fazer o controle da acomodação das rochas através de extensômetro; - tratar as madeiras utilizadas no interior da mina através de um processo químico (Fundacentro, 1985.).
- ¹¹ Pode-se observar no esquema, as diversas frentes e as máquinas em operações simultâneas de um conjunto mecanizado.

**EQUIPAMENTOS DE UM CONJUNTO MECANIZADO
E FRENTES DE SERVIÇO**



- | | |
|------------------------------|---------------------------------------|
| 1 - Transportador de Correia | A - Frente detonada sendo "carregada" |
| 2 - Alimentador-quebrador | B - Frente detonada |
| 3 - Centro de força | C - Frente detonando |
| 4 - Compressor | D - Frente sendo furada |
| 5 - Loader | E - Frente cortada |
| 6 - Schutte-Car | F - Frente sendo cortada |
| 7 - Perfuratriz | G - Frente escorada |
| 8 - Cortadeira | H - Frente sendo escorada |

¹² A disposição dos parafusos e pranchas da madeira no teto, toma esta figura:



¹³ Na maioria das minas não existe um estudo e acompanhamento das características do teto para fins de maior segurança. No levantamento técnico feito em sete minas da região, apenas uma apresentava estudo das camadas do teto e controlava a sustentação do teto por cálculos efetuados pela engenharia de minas. (Fundacentro, 1985). Os riscos neste setor, como em outros da mineração, existem em altas taxas porque não se eliminam as condições que os provocam, ou não se impedem falhas humanas com mecanismos e medidas materiais que exerçam bloqueio dos erros e dos atos falhos. Os custos das medidas materiais impeditivas dos riscos são poupados, e transfere-se a eliminação dos mesmos às medidas e regras de segurança dependentes de atos de vontade e de percepção dos trabalhadores.

¹⁴ Na inspeção realizada nas minas pela Fundacentro, encontramos no relatório considerações a respeito da eficácia ou não das máscaras. A inspeção afirma que "embora as duas marcas de respiradores (usadas nas carboníferas) possuem Certificados de Aprovação,

frequentemente observamos que os filtros para reposição não eram fornecidos pelos fabricantes. Assistimos, inclusive, a confecção de filtros para serem distribuídos aos mineiros, dois por jornada de trabalho, quando eram cortados filtros no formato necessário. A razão disso, segundo a equipe de segurança da mineradora, estava no fato de que a fornecedora dos filtros originais não dava conta da demanda para fazer a entrega, podendo demorar até 60 dias após a encomenda. Acreditamos que a reposição de filtros diferentes daqueles fornecidos com o conjunto do respirador invalida o Certificado de Aprovação do mesmo ... Deve ser registrado que foram observados mineiros fazendo uso de respiradores com barba crescida, assim como válvulas defeituosas em seus equipamentos. É evidente que tais fatos, se não invalidam totalmente a proteção do equipamento, diminuem consideravelmente a sua eficiência". (Fundacentro, 1985. Levantamento, Análise e Recomendações do EPI para uso nas mineradoras. p. 30-1).

15 "O furador de frente recebe vibrações pelo corpo inteiro quando opera com as perfuratrizes. Esta situação merece ser investigada. Deve-se mensurar as vibrações porque elas causam diversas alterações no organismo humano". (Fundacentro, 1985).

16 Quase todas as práticas relativas a detonação apresentam insegurança e irregularidades nas minas de Criciúma. Quem denuncia é a Fundacentro através da equipe técnica que vistoriou as minas de carvão da região. As falhas estão desde o preparo dos explosivos, seu armazenamento no subsolo, a forma de transporte, a colocação nos furos, o tratamento das sobras, a ausência de sinalização sonoro/luminosa pra prevenir a queima; a vistoria da queima que não é segura na identificação de fogo falhado.

17 Algumas das sugestões feitas pela Fundacentro quando da inspeção em 1985 sobre condições de segurança das minas de carvão de Criciúma mostram as graves falhas existentes:

"As cargas explosivas devem ser mantidas no subsolo para uso de, no máximo, dois turnos". - "Sempre que houver mudanças de depósito de explosivos, o serviço auxiliar deverá fazer uma limpeza para evitar futuros acidentes: - "O Operário que desempenha esta atividade (o queimador) deve receber o curso de "cabo de fogo" para se regularizar perante as normmas". - "Não realizar a preparação do estopim com a espoleta junto ao depósito de explosivos".)Mina Esperança p. 52-9). - "Notou-se que o operário trabalhava sozinho na detonação. Deve atuar em dupla". - "Os explosivos deverão ser escorados

manualmente através de uma ferramenta apropriada de material não ferroso (madeira)". - "É proibido o transporte de explosivos expostos com equipamento movido a motor de combustão interna". - "Nos locais de armazenagem de explosivos e acessórios no subsolo constarão placas com diretrizes "E PROIBIDO FUMAR" e "EXPLOSIVOS" que possam ser observados por todos que tenham acesso (NR 19)". (M. Poço 9). - "Fazer com que as sobras de explosivos voltem ao depósito antes da detonação". - "Instalar um sistema de sinalização sonoro/luminosa para aviso de frentes sendo detonadas". - "Promover cursos de cabo de fogo aos empregados responsáveis pelo uso de explosivos". (M. Próspera p. 25).

¹⁸ A CBCA, por exemplo, uma mina que entrou em falência em 1987, e foi assumida pelo sindicato, refletia a péssima situação da empresa, também nas condições precárias de segurança. As consequências da decadência da empresa vão além dos aspectos econômicos e financeiros; refletem-se em um alto índice de acidentes de trabalho, alta rotatividade, insatisfação total nas práticas de trabalho.

¹⁹ A denúncia de mineiros de várias minas de que há ocasiões em que trabalham com faróis das máquinas apagados, (chegaram a amarrar nestas máquinas as lâmpadas de uso pessoal) é confirmado pela inspeção de segurança das minas.

"Foi encontrado máquinas com faróis queimados e quebrados". (Fundacentro, 1985, Próspera p. 27)

²⁰ A valiação do pessoal técnico constatou a insegurança do sistema elétrico nas minas:

Os cabos de alta tensão nas minas de poço descem para o subsolo "pelos furos da sondagem, por onde também desce um fluxo de água" (M. Próspera e CCU) ou descem através da galeria paralela à principal" ... e "os fios de energia 220v para iluminação são fixados, no teto da galeria principal em travessas de madeira e estão desprotegidos" (M.A. de Lucca e ou - Outras). "Nos fios de baixa tensão retira-se o isolamento para derivações elétricas e não se os isolam após o uso" (M. Próspera) "As emendas dos condutores de eletricidade não se encontram em boas condições ... fios pisoteados pelos mineiros com risco de choque" (Metropolitana). Há descuido no uso de medidas protetoras no serviço de manutenção das instalações elétricas. Desliga-se uma chave de força e se coloca uma placa de aviso: "Não ligue, em manutenção" ... "O centro de força não está

isolado. Durante a manutenção pode ocorrer o risco de alguém desavisado ligar". (Todas as minas). (Fundacentro, 1985.).

- ²¹ A constatação dos técnicos sobre a situação dos cabos condutores de energia elétrica adverte:

- "As emendas dos condutores de energia elétrica não se encontram em boas condições; há fios pisoteados pelos mineiros com risco de choque; há cabos mal recuperados quando descascados". (M. Esperança p. 20-3). - "Na bobcat não existe o mecanismo de recolhimento do cabo; quem efetua esta função é o cabista. A bobcat ao realizar o trajeto, estica o cabo, pelas paredes da mina, mesmo com o auxílio do cabista, pode existir o pique ... Caso haja um condutor descascado, em contato com a água acumulada no solo, os riscos de um possível choque se tornam iminentes". (Mina Poço 9). - "A comunicação dos mineiros com o operador de bobcat é feita através do balanço de lamparina" (CCU - 2.11).

- ²² Em relação à correia transportadora os técnicos de segurança da Fundacentro registraram várias práticas inseguras como por exemplo: a) utilização inadequada da correia para transporte de pessoal; b) o pessoal da produção usa pás e alavancas de ferro para desobstruir o minério, com a correia em movimento; as correias estão desprotegidas em pontos como no tambor de retorno, nos pontos de transmissão de força mecânica. A distração dos trabalhadores nestes pontos pode ocasionar acidentes, situação agravada pela distância entre as chaves de desligamento da correia (de 200 a 300m) em caso de emergência. O relatório da Fundacentro alerta para a necessidade de sinalizar e iluminar os cruzamentos de correia que em alguns pontos da mina Próspera por exemplo está muito baixa e mal iluminada. A correia parece um fio suspenso. Igualmente baixo é o acesso das pessoas no encontro das calhas com a correia transportadora.

- ²³ Os mineiros denominados foguistas, que lidam com explosivos, tem experiência no trato com os mesmos mas não tem formação específica conforme exige as Normas Regulamentadora 6, da Portaria 3214, e normas internacionais aceitas pelo Ministério do Trabalho. Veja-se a nota anterior (16) em que a Fundacentro sugere cursos de cabo de fogo aos empregados responsáveis pelo uso de explosivos.

C A P I T U L O 4

O Perigo e o Medo.

"Na mina tem muitas função. Tem o furador, tem o queimador, tem o que trabalha com explosivos, esses tudo aí são serviço perigoso."

O risco no trabalho é real e frequente. É comum o conceito de que a esfera do trabalho incorpora o perigo, o risco, como algo que lhe é próprio. O perigo estaria materializado no espaço, nas máquinas, nas engrenagens, nos equipamentos. O perigo aparece assim como quase um ser, corporificado, ameaçando a integridade física e mental do trabalhador. Parece que o perigo cresce com as dimensões das máquinas e o risco aumenta com a amplitude do espaço. Esta postura tende a assumir o perigo no trabalho como originado exclusivamente da tecnologia. É necessário introduzir o conceito de organização da produção para tratar deste assunto pois o mesmo está vinculado à administração e organização geral do trabalho e da produção. É esta que ordena, adapta e controla a aplicação da tecnologia, condiciona e define a relação do homem com as máquinas e o espaço de trabalho.

A organização da produção deve ser entendida não no sentido restrito apenas ao seu espaço industrial. A organização ou a estrutura da produção compreenderia o espaço do mercado de trabalho competitivo, a instabilidade do emprego, a abundante mão de obra não qualificada; abrange o caráter assistencial e burocrático dos sindicatos e sua ineficácia ou proibição em interferir nas condições de segurança, a incapacidade estrutural dos órgãos do Ministério do Trabalho de fiscalizar e cobrar das empresas condições de segurança e o cumprimento da legislação

trabalhista e previdenciária. Todos estes são componentes da estrutura de trabalho, inseridos numa conjuntura político-económica que condicionam a segurança do trabalho e submetem o trabalhador aos riscos (Cohn, A., 1985, 75). O perigo alimentado por todo um sistema produtivo extra-fábricas não é visto claramente, e isto reforça a tendência de atribuí-lo à "natureza" própria das máquinas e das instalações industriais.

Na esfera do trabalho o perigo é exterior ao indivíduo, e com frequência ligado ao posto e por isto independe da vontade do trabalhador. Não raras vezes o perigo é coletivo como nos desabamentos, nas explosões, nas poeiras suspensas. Mesmo quando o risco é personalizado, pode ter consequências sobre o grupo de trabalhadores, como nos casos de choques elétricos, queda de pedras e trancamento de vagonetas, onde a segurança de um depende do trabalho dos outros. Procura-se eliminar o risco através de medidas e regras de segurança. O resultado é quase sempre uma prevenção falha e incompleta. Os investimentos na área de segurança são em geral racionados, e os investimentos na pesquisa de novas técnicas e mecanismos de proteção ao trabalho não acompanham o desenvolvimento e os resultados tecnológicos da área da produção. A política de prevenção de acidentes concentra-se sobre as práticas do trabalhador e delega a ele, quase só a ele, a responsabilidade de eliminar o risco, impondo-lhe regras disciplinares e exigindo dele atos de submissão e obediência. Tal política tem por base atos de vontade. Este tipo de prevenção tende a ser incontrolável e muito vulnerável. Eficazes são as medidas de proteção coletivas que eliminam os riscos e afastam o perigo através de meios e equipamentos materiais, reduzindo as condições inseguras. Medidas dessa ordem seriam, por exemplo, a instalação de exaustores potentes que sugassem toda a poeira suspensa, ou o uso de aparelhos rastreadores

que detectassem a presença de explosivos não detonados nas frentes desmontadas, entre outras medidas materiais possíveis. Estas medidas são substituídas por normas de efeito moral, personalizadas, ou por equipamentos de proteção individual (EPI). Com estas medidas, o risco não é eliminado, o perigo persiste¹. Há casos em que as próprias regras disciplinares e preventivas são burladas pela administração do trabalho, tendo em vista atingir metas de produção, ou em algumas minas tais medidas não existem².

Os mineiros pertencem à categoria profissional mais exposta aos riscos relacionados à integridade física. Os dados sobre acidentes típicos comprovam esta afirmação³. Os riscos nas minas atingem diretamente o corpo dos indivíduos com ameaças de mutilização, esmagamento, intoxicação, escoriações, fraturas, eletrocussão, morte violenta, doenças profissionais. As causas do dano físico podem ser explosão, desabamento, choque-elétrico, poeira intensa, gases tóxicos, etc.

Os riscos e perigos se encontram em todo o espaço subterrâneo das minas, sob formas diversas e generalizadas, e sob formas específicas em cada posto de trabalho e nas variadas instalações e máquinas de serviço. Os riscos existem desde a entrada pela gaiola ou galeira, nos postos de sustentação, do teto, de furação e desmonte das frentes, de limpeza das frentes, até nos serviços de apoio e de manutenção. Os riscos passam a ser olhados como inevitáveis, como fatalidades. "As pedras podem se soltar e cair", concluem eles. A maioria dos trabalhadores desconhece que o controle sistemático da estabilidade do teto poderia detectar grande parte dos riscos e evitá-los com medidas preventivas⁴.

Os trabalhadores sabem que o risco os acompanha em cada posto. Adquirem esse saber nas práticas de trabalho; na

convivência com o perigo. É uma pedagogia muito dura esta, inculcada por traumatismos, por mutilizações e morte de companheiros.

É usual os trabalhadores não externarem seus sentimentos de medo durante a permanência no subsolo. "Ninguém fala de medo lá embaixo", dizem, "a gente se acostuma". Este clima de aparente tranquilidade se altera, porém, com a ocorrência de acidentes, e os trabalhadores não conseguem então disfarçar a emoção que toma conta de todos.

"Quando acontece esses acidentes toda a peçozada fica meio remorseada, mas passa alguns dias e acaba, passa aquele remorse ..." (entrevista 37).

"Acaba" o "remorso" mas não é eliminado o perigo, porque este se renova e se modifica à medida que avançam as galerias. Assim como é dinâmico e itinerante o espaço de trabalho é imprevisível o risco. Das condições inseguras nasce o medo que eles aqui definiram como "remorso". É o mal-estar que toma conta do grupo, pela perda de um companheiro, de um igual a eles, no convívio com o risco presente, que ele não soube ou não pode evitar.

"O medo é bastante. O medo cresce quando acontece a morte de um companheiro. Ai a gente fica com muito medo. Mas depois o tempo vai passando, a gente começa a esfriar e vai pensando: "assim como aconteceu com ele pode acontecer comigo, mas seja lá o que Deus quiser" (entrevista 4).

O risco residual, isto é, o risco que não foi eliminado pela organização do trabalho, que descuida da proteção individual e coletiva, fica para a responsabilidade pessoal do trabalhador. É de aqui que nasce o medo. Ele surge porque o risco, de natureza material e coletiva, não eliminado, deve ser prevenido individualmente, a cada momento, no trabalho. O medo, desta forma, não nasce de uma situação psicológica individual de fraqueza, mas de uma relação concreta com o espaço de trabalho, que exige esquemas

defensivos para evitar o perigo, e sistemas defensivos interiores e coletivos para conviver com o risco. O medo visto por este ângulo é encontrado em todos os tipos de ocupações profissionais e é parte constituinte do ser operário (Dejours, 1987, 63-65).

O medo se manifesta por sinais diretos de preocupações dos trabalhadores com a saúde física. Os mineiros falam com frequência de doenças profissionais dentre elas: pneumoconiose, asma, bronquite e resfriados, entre as que afetam as vias respiratórias. Falam também das poeiras, ruídos, gases inflamáveis, choques elétricos. Têm medo de queda de pedras, caimento de teto, explosões de dinamite. Lembram rompimentos de cabos que provocam quedas. Umidade excessiva, a ventilação deficiente. Todas estas são condições de trabalho "prejudiciais para o corpo". A estas condições acrescenta-se o mistério que cerca a realidade de trabalho subterrâneo e a situação de incerteza e ansiedade que a escuridão sugere. Diz Dejours que o medo diante do risco pode ficar maior se o indivíduo desconhece sua abrangência, ou se ignora os métodos de prevenção. O medo que existe diante de uma fábrica, pelo seu aspecto em geral grandioso e barulhento, assume maior intensidade nos primeiros contatos com o espaço subterrâneo das minas. A escuridão, em muitos locais das minas, requer atenção e cuidado. O mineiro precisa colocar-se frente ao espaço de trabalho sempre em estado de alerta "alumiando" seu caminho para não pisar em falso num solo cheio de obstáculos, tendo o cuidado de esquivar-se de batidas com a cabeça em pontos rebaixados do teto, observar se não existe algum fio da rede elétrica desprendido, enfim, a escuridão requer atenção redobrada⁹. Os trabalhadores estariam mantendo, desde a entrada da mina, no trajeto, nas frentes durante as seis horas de trabalho e no retorno, um estado de atenção não relaxada, vivendo num estado emocional de medo que, com

certeza, terá consequências para a saúde do corpo e da mente.

Durante a jornada de seis horas aproximadamente 15 frentes são queimadas havendo entre dez a 18 furos carregados em cada queima. Todas as detonações são sequenciais em cada frente, o que equivale a dizer que o mineiro suporta, em média, 120 detonações diárias no subsolo. O reboar das explosões é alguma coisa de impressionante: cria impacto naquele espaço de semi-escuridão; o teto dando a impressão de estremecer e desabar a cada detonação; o barulho ensurdecador. As emoções de medo, de incerteza e de expectativa que, enfim, seja o último estrondo, para aliviar a tensão. São práticas que o cotidiano irá "naturalizar"; o mineiro irá se acostumar a mais esta violência ao corpo - aos seus sentidos e às suas emoções.

Como o trabalho nas minas se caracteriza pela itinerância, o espaço de trabalho é sempre novo em nuances para ocultar perigos. E como um sopro, intermitente, na chama sempre acesa da emoção do medo. O sentimento de medo não existe só por causa do perigo das instalações e dos riscos presentes no espaço da fábrica, ou da mina. Ele é alimentado pela organização do trabalho, representado pelo chefe ou encarregado ou pelo "capataz" que controla o trabalho e a produção; que identifica e aponta defeitos, falhas, descuido com máquinas e material; que fiscaliza a presença constante no posto de trabalho; que pode influenciar numa promoção ou pode ameaçar com uma demissão. Esta ameaça, na ausência dos chefes, se prolonga pela presença dos companheiros de trabalho chamados de "pelegos" e "puxa-sacos" que se promovem "entregando os parceiros". Assim, ao risco material soma-se a ansiedade gerada pela organização do trabalho. "Mas isso tudo", na análise de R. Linhart, "não basta para definir completamente o nosso medo. Ele é feito de algo mais

sutil e mais profundo. Está intimamente ligado ao próprio trabalho ... O medo supura da fábrica porque ela, no nível mais elementar, no nível mais perceptível, ameaça permanentemente os homens que ela utiliza" (R. Linhart, 1978, 56-7).

Da mesma forma Simone Weil diz que "é difícil vencer o medo e o desprezo"; e que "os operários, ... depois de mil feridos ... começam a olhar como uma cilada tudo o que lhes vem de cima". Uma maneira de se defender contra esta "angústica crônica" é se evadir, mesmo em pensamento, da infelicidade que os acompanha no trabalho. Por esta razão, a grande maioria não sabe falar de sua vida ameaçada no trabalho. E "como abolir um mal sem ter percebido com clareza em que ele consiste" (Weil, 1979, 144).

Mas podem os trabalhadores conviver com o medo constante sem consequências graves para a saúde do corpo e da mente? Conviver com o medo e permanecer na mina sete horas diárias durante 10 ou 15 anos até se aposentarem por invalidez ou pela "especial"? É possível conviver por período tão longo emocionalmente tomado pelo medo? Ou, existem mecanismos que amenizam o estado de tensão emocional?

Segundo Christophe Dejours, o medo no trabalho só raramente toma conta da consciência de forma racional e envolve o trabalhador induzindo-o a um estado emocional intenso; este fato faz o trabalhador acreditar e dizer que não tem medo. Mas a existência do medo aparece, incontestável, em mecanismos de defesa que o autor conceitua como "ideologia ocupacional defensiva", e afirma "que se o medo não fosse assim neutralizado se pudesse aparecer a qualquer momento durante o trabalho ... os trabalhadores não

poderiam continuar suas tarefas por muito tempo mais" (Dejours, 1987, 68). Exemplifica com a "ideologia ocupacional defensiva" dos trabalhadores da construção civil, mas diz que cada categoria profissional elabora sua própria ideologia defensiva.

A função da ideologia defensiva seria a de evitar que o indivíduo se esquive do trabalho, porque isto resultaria na miséria, na subalimentação e morte. Para evitar a fuga do trabalho perigoso, é importante que o trabalhador mascare e oculte a ansiedade que toma conta de um grupo social singular; ansiedade esta que não vai contra uma angústia individual de natureza mental, mas que luta contra riscos reais. Para ser funcional, a ideologia defensiva espera a participação de todos os integrantes do grupo numa campanha coerente que vai, por exemplo, contra as inovações propostas na área de segurança. Parece paradoxal este comportamento, no entanto ele revela que a ideologia defensiva rejeita mudanças, pois admiti-las como necessárias, seria reconhecer o medo e procurar meios de amenizá-lo. O que não construiria a ideologia ocupacional defensiva.

Os atos de coragem, que procuram negar e subestimar o perigo, são práticas que funcionam num sentido inverso do reconhecimento do perigo. A defesa coletiva diante do risco impõe atos de coragem que aparecem como opções pessoais e não imposições do meio. As práticas podem até tomar características competitivas entre os trabalhadores, no sentido de se desafiarem diante do perigo. O efeito desta rivalidade é fazer o grupo acreditar que são eles autores e controladores do risco. Assumir com coragem um risco é controlá-lo. A iniciativa e a capacidade de domínio aparecem, desta forma, ao alcance dos trabalhadores. De todos. A ideologia defensiva tem necessariamente caráter coletivo. Ninguém manifesta o medo. Os trabalhadores de postos perigosos não gostam que sejam advertidos e lembrados

daquilo que procuram "esquecer". Uma explicação para a resistência dos operários às campanhas de segurança, reside no fato de que estas trazem à consciência o perigo, que eles procuram excluir de suas preocupações; resistem também ao uso dos equipamentos de segurança porque estes tornam mais pesadas as tarefas em si já desgastantes (Dejours, 1987, 60-73).

A permanência na mina sob a ameaça de riscos é garantida, de fato, por mecanismos de defesa? Como se comportam os trabalhadores das minas subterrâneas diante do perigo e qual o tratamento que dispensam ao sentimento de medo? Quais as características das práticas do trabalhador, nas minas de carvão? Respondendo a estas questões, a partir da última, pode-se com mais objetividade aceitar ou rejeitar a existência do medo e de seus mecanismos de ocultação e, da ideologia ocupacional defensiva.

Os mineiros são apresentados, pela literatura que estuda suas práticas nas minas, como trabalhadores valorosos, destemidos, fortes e bravos. Estas características são também atribuídas por eles, a si próprios. É uma auto-imagem que exclui o medo.

"O que a gente ouve dizer pela gente que trabalha na superfície é que o mineiro é muito valoroso; é corajoso demais pra enfrentar um subsolo, em certas profundidades, longe, coisa que eles não iriam e não arriscariam. Eles aqui de fora também pensam o seguinte: - que o mineiro assim como ele vai com vida, pode voltar morto" (entrevista 04).

Os valores de identidade do grupo: de heroísmo, de masculinidade - são reproduzidos no interior do grupo de trabalho e no grupo familiar e de parentesco. A categoria cultiva, no grupo, valores e princípios que norteiam a vida no interior das minas e iniciam os novos nesta conduta. Já nesta fase inicial ocorre a primeira seleção, uma vez que muitos novatos não permanecem na mina por não se adaptarem

às práticas de risco e de intenso desgaste físico (Eckert, 1985)⁴ .

Os próprios mineiros classificam entre si os fortes e os fracos, "homem" e "mulherzinha", aceitando o jogo da empresa que intensifica o ritmo de jornada (Minayo, 1986, 70). Na descrição do trabalho nas minas de Morro Velho a característica essencial do mineiro era produzir intensamente exibindo força e "macheza". A valorização da força ia aos extremos de dispêndio de energia física. Os mineiros eram ali classificados entre "machos" e "sambados", (avaliados como "maricas"). Estes eram objeto de riso não só dos feitores mas dos próprios mineiros. Para ser promovido a feitor, por exemplo, tinha que ser "macho" (Grossi, 1981).

As qualidades de força, heroísmo, masculinidade excluem o medo, que representa fraqueza. O novato, ao enfrentar o subsolo desconhecido, já no instante que baixa à mina pela primeira vez, não pode se amedrontar. Todos demonstram coragem e bravura e colocam à prova o estreante. Muitos desistem logo nos primeiros dias.

"Os novos que chegam trabalham um ou dois dias e caem fora. Ali naquela mina entrava 10 e ficava um; nove saía (entrevista 5).

A primeira seleção é feita, pois, naturalmente. Permanecem aqueles que se dispõem a enfrentar o perigo e a dominar o medo. Mas não só a coragem seleciona. A necessidade de sobrevivência também. Os homens casados, com a imperiosa exigência cultural e biológica de "sustentar" a família, se submetem mais frequentemente que os solteiros.

"Na mina ficava aqueles que era obrigado mesmo. Ficava aqueles como nós, que não tinha outra profissão. Tinha família e então se obrigava... Prá não vê a família passando fome ele se obriga... Se eu não fosse pai com filho eu hoje não entrava na mina..." (entrevista 5).

Existindo essas pré-condições, que não deixam muitas opções, o operário enfrenta a realidade árdua e perigosa e é submetido ao ritual de adaptação. O impacto que a agressividade da mina provoca, despertando emoções de susto e medo nos novos trabalhadores, é explorado pelos veteranos que procuram mostrar-se sobranceiros e desafiantes diante da "fraqueza" dos novatos. Todo operário novo procura esconder e superar o medo de qualquer forma. Os "medrosos" são ridicularizados. Daí o medo não poder ser externado francamente. Se existe, é sempre camuflado e negado. Para fugir do ridículo de ser "medroso", o novato, que desconhece os reais perigos, se expõe, ou melhor, ele é vítima do medo que convive com todos os trabalhadores das minas.

"Quando eu me fiquei na mina e daí baixei eu tinha medo aí quando entrei. Mas agora não. A gente se acostuma" (entrevista 01).

Os depoimentos são explícitos em afirmar que, no início, a mina assusta e as emoções do medo os acompanham nas práticas de trabalho. Mas o medo, como estado emocional, tende a desaparecer e é a racionalidade que passa a comandar no espaço do trabalho. As carboníferas definem quotas de produção, o trabalho parcelado e coletivo impõem um ritmo, e a ação absorve e controla os gestos, os movimentos e também, em grande parte, o pensamento.

A ideologia defensiva funciona assim como garantia de produtividade. Para atingir os limites estabelecidos de produção é preciso trabalhar sem perda de tempo. Os cuidados e a atenção excessiva a possíveis riscos comprometem a produtividade. Ao perigo contrapõe-se a auto-determinação do trabalhador buscando a produtividade que é o objetivo principal das empresas. Os trabalhadores, empenhados em ultrapassar as quotas estabelecidas para obter vantagens salariais, permanecem absorvidos em ocupar bem o tempo com a produção, desviam a atenção e o interesse de outras

atividades que não atendam a este fim. A ideologia defensiva cumpre dupla função: garante boa produção para a empresa e livra o operário da incômoda sensação de medo; - "ai eu produzia e não tinha tempo pra pensar no perigo, ai eu me acostumei" (Anexo 3, 1.5). A adaptação do homem à mina acontece pelo próprio processo de trabalho, mas não só; é acentuada e apressada pelo confronto com os companheiros mais antigos. Estes são conhecedores, por experiência pessoal, do estado psicológico dos novatos, e os desafiam a mostrar que são "homens", "pra trabalhar na mina tem que ser macho" e as qualidades próprias do "homem" são a coragem, o desafio ao perigo, a força, o enfrentamento. Os novos assumem o desafio de mostrar que são "homens".

"Os mineiros tem muito disso que chama de machismo debaixo da mina. Eles não podem mostrar que tem medo. Quem tem medo os companheiros cai no couro dele. (é ridicularizado). Mineiro tem que ser durão" (entrevista 50).

Os mais antigos, conhecedores dos perigos que acompanham certas operações e locais, se negam a fazer "serviços perigosos". O fato de os veteranos se recusarem, prova a existência do perigo e do medo. O depoimento a seguir, de um mineiro com 16 anos de mina, mostra que a permanência no subsolo não elimina o medo, ao contrário, orienta a conduta cautelosa diante do risco.

"Quando o encarregado pede um serviço que não tem condições eu não faço. Os inocentes, os novos é que vão fazer esse tipo de serviço. Os acidentes acontecem com os inocentes que são mandados pra frente do perigo, que não sabendo e com medo de punição fazem o serviço" (entrevista 05).

A linguagem usada, "inocentes", mostra que a cautela diante do perigo só é adquirida com o tempo, pela experiência. A resistência frente ao risco também é resultado de "anos de casa". O "novato" é o mais vulnerável na relação de mando e submissão; é a vítima desta relação e das condições de perigo. O medo deve ser vencido e eles precisam enfrentá-lo para se afirmarem perante o grupo e

para garantirem o emprego, em vista de seus objetivos e necessidades pessoais. A necessidade do emprego na mina é um forte argumento para enfrentar o perigo. A falta de prática em determinado posto é outra causa de acidentes. O operário não qualificado, e com necessidade daquele emprego, assume os riscos como os "novatos" e é forçado por si mesmo a vencer o medo.

A experiência tem como bagagem o conhecimento de "macetes", fruto de descobertas através de acertos e erros, da observação e experimentação. A experiência não é, porém, individual. Ela é herança de décadas de prática que a categoria se apropria e dela partilha à medida que, os novatos passam para o grupo dos "mais velhos", que repartem o "saber" conquistado no embate com os riscos e dificuldades do trabalho. Este saber pragmático permite que os trabalhadores tenham certo controle e domínio da esfera e do processo de trabalho. Para eles isto é vital, à medida que lhes dá a sensação de manterem os riscos, ao menos boa parte deles, sob seu controle. Assim, pode-se dizer que a descoberta de "macetes" surgiu da necessidade de dominar o medo. No dizer de Dejours, "o estado de medo e de alerta que não abandona o trabalhador durante todo o tempo, espicaça a imaginação e excita a curiosidade. É nesse corpo-a-corpo violento que se elabora o saber operário; nesse confronto entre equipamentos monstruosos e ameaçadores e operários sem nenhuma preparação e formação efetiva, pressionados pela situação, ansiosos por se adaptarem o mais depressa possível, graças à descoberta e à produção de conhecimentos pragmáticos sobre o próprio instrumento de trabalho" (D. Dejours, 1987, 114).

O saber operário é defendido por eles e resguardado como propriedade do grupo, excluindo da partilha aqueles que não fazem parte do grupo de iguais, no caso engenheiros e

dirigentes que não saíram do grupo. O depoimento de um mineiro ilustra esta prática.

"O mineiro antigo, conhecedor da profissão e do ambiente, não entrega facilmente seu conhecimento ao engenheiro novo que chega, ou a um capataz que subiu sem conhecimento da profissão. Na mina acontece muito isso: vem o engenheiro, briga com um novato, dizendo que ele está fazendo errado e chama então um mineiro antigo para ensinar. Mas quem quer aprender é o engenheiro. Quando era comigo eu enrolava e não mostrava o certo. Depois eu chamava o companheiro e ensinava pra ele" (Volpato, 1984, 67).

Esse saber operário apresenta-se como um elo indispensável na corrente entre o saber científico, que "cria" toda a tecnologia teórica e material, desenvolvendo técnicas e maquinaria, e a operação efetiva dos equipamentos para a produção. O "saber operário" tem na mão a possibilidade de fazer ou de deixar de fazer a fábrica funcionar. O que usualmente ocorre é uma dinâmica muito eficaz; um desenvolvimento de grande número de macetes para facilitar o trabalho e para tornar coletivo este conhecimento entre os "iguais". Esta mobilização operária revela, por sua vez, a defesa do grupo contra a violência do trabalho. O medo do desconhecido e dos riscos agiliza a imaginação para criar "macetes" que são, ao mesmo tempo, um mecanismo dos trabalhadores e condição de produtividade para a empresa.

Os mineiros tem práticas recortadas por disposições e sentimentos: disposições de controle e de condução do processo de trabalho, e sentimentos espontâneos e abafados de angústia e incerteza. Os sentimentos e a emoção de medo são negados pelos mineiros, que se convencem a si próprios de não alimentarem a lembrança do perigo. Mas esta memória existe e permanece, sobretudo para os mineiros ligados afetivamente às vítimas. Um depoimento muito significativo de sentimentos contraditórios que presidem as práticas de trabalho nas minas:

"Se a gente fosse se lembrar dos perigos da mina, não trabalhava. Eu não fico com cisma, porque eu mesmo não posso sair da mina. A mulher me diz, que nós não temos mais futuro se eu largar a mina. E ela tá certa. Eu tenho só lembrança ruim do trabalho aí. O meu pai está inválido, doente dos pulmão, aposentado e pobre. Hoje ganha o salário da fome. Dois irmão meu morreram acidentados na mina. Um, o mais novo da família, caiu um tombo feio debaixo da mina, passou a sentir muitas dores e morreu. Ele tinha 25 anos. O outro há 6 anos atrás morreu emprensado entre dois carrinhos. Foi fatal. Morreu sozinho. Os companheiros que acharam ele morto. Era puxador mas estava naquele dia fazendo serviço de manobreiro. De certo não conhecia bem e acham que quando foi engatar o carrinho veio outro e emprensou a cabeça dele" (entrevista II).

Os perigos e as lembranças das perdas de pessoas ligadas a eles afetivamente são razões fortes para alimentar o medo e induzi-los a abandonar a mina. No entanto, diz este mineiro que não fica "com cisma" porque a sobrevivência da família é imperiosa e eles não vislumbram outra alternativa senão a mina. O medo é banido da consciência, porque tornaria o trabalho impossível. Na fala deste mineiro aparece tanto o medo quanto os mecanismos de fuga. Ele admite o perigo sem justificativas: o pai foi vítima da poluição das minas; o irmão mais moço das condições inseguras; o outro irmão, da inexperiência em posto de trabalho desconhecido para ele. O espaço de trabalho continua com estes riscos também pra ele; parece-lhe que a maneira mais confortável de conviver com os riscos é a de trabalhar sem "cisma" porque ele não "pode sair da mina" - é a sobrevivência da família que o obriga a permanecer. A impossibilidade de deixar o serviço perigoso nas minas é muito maior para os "mineiros puxadores", estes que não tem nenhuma formação e experiência profissional, senão a de empregar a força física na limpeza das frentes desmontadas. O "puxador" só tem experiência nas minas manuais. Daí a mudança, mesmo pra outra mina, deverá contar apenas com a possibilidade de troca para outra mina manual, dificilmente para outro posto de trabalho em mina mecanizada.

O medo às vezes leva a comportamentos paradoxais de temeridade, seja para desafiar o perigo ou para agredir, mostrando que o trabalho é arriscado, expondo-se a consequências imprevisíveis, mas que, presumivelmente, sua habilidade será capaz de dominar.

"Um colega na Palermo (mina) insistiu em trabalhar numa frente que tinha perigo. Encheu dois carrinhos quando a pedra caiu bateu nele e atirou ele com a cabeça dentro do carro (entrevista 22).

As práticas de negação e de pouco caso do perigo são, na verdade, afirmações de que o perigo existe, diz Dejours. Os operários que enfrentam o perigo estariam a mostrar que este é dominado pela habilidade e bravura. Enfrentar uma situação perigosa e dominá-la traz, como retorno, um sentimento de auto-afirmação no grupo, e afirma igualmente o domínio do trabalhador sobre o perigo e serve como defesa para controlar o medo. Certos acidentes acontecem nestes atos inseguros, e provocam o comentário: "Se ele morreu é porque queria, procurou isto. Exagerou". Se ofato pode até ser verdadeiro, a conclusão também é um meio eficaz para abafar o medo. Basta não querer para não ser vítima. É possível continuar sob o perigo mas, com a pseudo-segurança conferida a todos os que não se expõem, sentem-se resguardados dos perigos. Aquele que sofreu o acidente foi porque "insistiu em trabalho numa frente que tinha perigo".

O comportamento ostensivo de coragem e de desafio ao perigo não é mais praticado por aqueles que estão determinados a deixar o trabalho nas minas. Muitos depoimentos afirmaram que se esquivam de serviços perigosos quando estão de aviso prévio, ou quando procuram algum motivo para serem despedidos (com objetivo de retirarem o F.G.T.S.).

Todos os depoimentos reforçam a afirmação de que o perigo sempre desperta medo, que este é abafado no trabalho,

mas os mecanismos defensivos são afrouxados quando existem perspectivas de deixar o trabalho naquela empresa. Há trabalhos reconhecidamente perigosos, como o de recuperar parafusos em galerias de recuo. São funções que os mais antigos na mina, que já conquistaram uma ocupação mais estável, podem se recusar a fazer sem incorrerem em punições; da mesma forma os trabalhadores com aviso prévio nada tem a perder e não se submetem aos serviços de maior risco.

"... naquela época eu estava de aviso e o capataz me mandou recuperá parafuso. Aí eu disse: '-não, recuperá parafuso eu não vou'... Daí tinha um cara que era muito amigo do capataz, mas era puxa-saco demais. Ele foi... Daí ele afrouxou o parafuso e a pedra caiu... Ele caiu esgoaçado na lapa... e a pedra emprensou a cabeça dele sobre a lapa... Ele teve morte instantânea..." (entrevista 4).

As atitudes dos mineiros e suas práticas diante do risco mostram um trabalhador dividido entre o medo e a coragem. Suas falas revelam que a necessidade de produzir resulta na formação de um habitus que naturaliza o perigo, e suas práticas de rotina tendem a acostumá-los àquele espaço, a encarar o serviço "de frente", com coragem. A ansiedade é abafada pelo ritmo de trabalho, que visa a atingir ou a ultrapassar a metragem de produção definida pela empresa e, através da velocidade, garantir o salário e os prêmios correspondentes. O afã de produzir intensamente resulta na abstração do perigo e do medo das ações impregnadas pelo risco, agravados pelo ritmo imprimido na produção. A concentração sobre as práticas intensivas de trabalho tem duplo efeito: abafa o sentimento de medo e aumenta o risco. Por isto o trabalho mineiro necessita, para sua reprodução, de uma ideologia defensiva. Esta torna-se vital, inevitável e obrigatória. E a ideologia defensiva se cria e se reproduz no próprio processo de trabalho, com suas normas e ritmos, no trabalho coletivo, sem intenções declaradas de excluir o medo, mas agindo na surdina, sutilmente. O conjunto assume

coletivamente o trabalho numa cadência ininterrupta e sequencial, onde uma tarefa antecede à outra numa espiral contínua, com metas e incentivos de produção bem definidos e exigentes para cada jornada de seis horas. O trabalho assim praticado absorve a atenção e o esforço do mineiro.

Muitos candidatos à mina desistem logo nas primeiras semanas, vencidos pelo medo e pelo esforço exigidos, ou pela pressão do conjunto de trabalhadores. Os que permanecem seja pela demonstração de coragem ou pela necessidade imperiosa de sobrevivência, procuram se identificar com os companheiros de trabalho. Logo percebem que é preciso não demonstrar medo, porque se quiserem assegurar seu emprego têm que ser corajosos, pois "o mineiro tem que ser macho". A virilidade é exacerbada na formação da ideologia ocupacional defensiva das minas; supõe práticas que reafirmem o machismo e que, ao mesmo tempo, sejam funcionais na ocultação do medo e na execução de tarefas que garantam a produtividade.

Outro mecanismo empregado pelos mineiros para dissipar o medo é a instituição de um clima de "gozação" recíproca. Os temas preferidos são justamente aqueles ligados ao atributo de virilidade, de "macheza", como eles dizem, de sexo e mulher. Uns colocam os outros em situações embaraçosas e ridículas, alvos de chistes e piadas dos companheiros. Cria-se um clima de descontração, próprio para aliviar tensões resultantes de um trabalho árduo e perigoso. Em "Os Homens da Mina" (Eckert, 1985, 363-85) o tema da jocosidade é analisado, e a autora coloca o comportamento informal, brincalhão e jocoso sob a relação da amizade e aliança na mina, ao invés da relação de parentesco que orienta o comportamento na esfera doméstica da vida privada e da relação de solidariedade na vida pública (Brown, Radcliffe, 1973, cap. IV). Este mecanismo de jocosidade inclui também a identificação dos companheiros por apelidos que satirizam alguma particularidade ou fato relacionado a

eles. O comportamento jovial e satírico obedece a normas que respeitem os princípios de reciprocidade (um solteiro, por exemplo, não pode fazer brincadeiras com um mineiro casado envolvendo a mulher deste), e o espaço de trabalho (a brincadeira só pode ser feita no subsolo ou a caminho para a mina). O comportamento jovial e brincalhão, próprio entre grupos de amizade, tende a unir indivíduos desconhecidos, estabelecendo práticas de colaboração recíprocas, de companheirismo, de atenção a eventuais dificuldades do colega. A brincadeira institucionalizada, que se mantém num ambiente de aparente hostilidade, pode ser considerada como um mecanismo defensivo eficaz. Tanto dissipa a concentração sobre o perigo, e assim alivia a tensão emocional do medo, como convida o trabalhador a permanecer no trabalho e privar da satisfação pessoal afetiva proporcionada por um grupo baseado em relações de amizade. Este clima de camaradagem é lembrado com frequência e muito apreciado. Porém, ao mesmo tempo que relatam com satisfação que lá "embaixo um é por todos" acrescentam "mas isso já não é mais como antes". O companheirismo "irrestrito" se apresenta hoje como um mito que perpassa o presente, mas sua realização efetiva existiu no passado. Atualmente, a competição e a procura por conseguir as pequenas promoções que a mina oferece no subsolo, comportam práticas desleais entre companheiros e uso de subterfúgios, aliciamento e entreguismo que dividem o grupo.

"Hoje, em número maior que no passado tem mineiro que prejudica o companheiro. Hoje, o trabalhador saiu do time e ficou olhando mais para a família e quer defender o seu".

A camaradagem é abalada também por práticas de confronto pessoais, cujos conflitos tiveram origem "fora" da mina. São desavenças de ordem pessoal que os "cara vão tirá a limpo

"lá embaixo. Mas não tem nada a vê com a mina; é briga deles que vem de lá de fora; mas isso aí prejudica os companheiro que não tem nada a vê com a briga deles".

Dos dois tipos de confronto, o primeiro, de práticas "desleais" entre o grupo, tem se intensificado ultimamente com as dificuldades crescentes para manter a família e diante da ameaça permanente de desemprego.

As práticas de trabalho comportam estas ambiguidades. Mas, quando os trabalhadores falam da convivência no trabalho subterrâneo, enfatizam o passado em que a "camaradagem era bem maior", revelando uma tendência de o "individualismo" se afirmar em oposição à aliança grupal que identificava os mineiros do passado.

Os mineiros expressam, em suas práticas e em seu discurso, uma indisfarçável ambiguidade de postura e emoções no desempenho das funções em seus postos de trabalho. A ambiguidade perpassa a trajetória profissional do mineiro desde a entrada, na aprendizagem do "ser mineiro" até sua saída da mina. Mas a ambiguidade não é vivida apenas no tempo, diacronicamente; é também vivida em muitos momentos pela duplicidade do "sentir" e "pensar" o trabalho, sincronicamente.

O medo toma conta do trabalhador quando ele, como novato, pretende ser mineiro. O processo educativo exorciza o medo, ou pretende fazê-lo, contrapondo os valores culturais da coragem e valentia, atributos do homem, do "macho". Ele necessita passar pela prova de enfrentar o perigo abafando o medo, para se afirmar no grupo. Desafia a si mesmo, desavisado do risco, executando tarefas que os mais antigos e experientes, se recusam. A prova a que ele se submete pode ser fatal para ele e pode ser advertência para os companheiros, se mal sucedida. E o medo volta e toma conta, sem disfarces, de todos os que foram testemunhas do

"castigo" que vitimou um colega afoito que "se expôs". Du, em todo perigo enfrentado e dominado, cresce a auto-confiança e a disposição de continuar, sem "cisma", desligados do perigo. O cotidiano se faz de um dia após outro, recortado por momentos de descontração e jocosidade, que aliviam a tensão e faz os mineiros afirmarem que "gostam" do trabalho, apesar do perigo e das condições.

Por tudo isso, pode-se concluir que o trabalhador mineiro tem práticas e vive emoções marcadas pela ambiguidade, resultantes e reveladoras de medo e valentia, de cautela e temeridade, de auto-confiança e insegurança, de colaboração e egoísmo. Sentimentos polares e dicotômicos na forma didática de ora apresentá-los, mas que, no cotidiano existencial, aparecem mesclados, ora predominando uns, ora outros, numa luta e confronto incessantes. São sentimentos que se originam nos habitus que moldam e selecionam as práticas do grupo, e assim garantem a própria sobrevivência e a da família.

NOTAS

- ¹ Na mina Esperança existe uma prática denominada "um minuto de segurança". A empresa, na campanha de prevenção de acidentes, determinou que, antes do início do turno os superesvisores de segurança procedam a leitura de um texto relativo à questão. Os textos não são informações sobre as condições de trabalho e de segurança ou de riscos, mas são leituras de advertência, colocando sobre o trabalhador a responsabilidade dos acidentes, e mostrando as pesadas consequências de um acidente sobre sua vítima.

"CIPA - Programa de Prevenção de Acidentes de Trabalho.
Minuto da Segurança - Acidente do Trabalho."

"O afastamento do trabalhador de suas funções na empresa, por acidente de trabalho, normalmente implica em reduções consideráveis nos rendimentos mensais. Aparecem, então, a impossibilidade de se manter padrão de vida que o trabalhador dava à sua família. Surgem daí os cortes nos gastos com alimentação, com a escola dos filhos, assistência médico-dentária, etc. Várias famílias de colegas nossos acidentados aqui na Mina União, sofreram abalos em consequência desses acidentes."

"A RESPONSABILIDADE PELA SEGURANÇA NÃO É SO DA CIPA,
É PRINCIPALMENTE SUA."

- ² Há denúncias de mineiros, confirmadas pelos gerentes administrativos das minas, que os encarregados dos conjuntos das frentes de produção não cedem com facilidade o pessoal, quando solicitados pela Cipa para serviços extraordinários de segurança. O trabalho em reparos e reforços de segurança afeta a produção e reduz os salários que a maior metragem em carvão extraído confere. Há resistência em atender os serviços exigidos pela Cipa, por parte dos encarregados que querem mostrar produção e por parte dos mineiros que não aceitam perdas nos salários. Há resistência generalizada às inovações, mesmo quando representam medidas de segurança. As justificativas explicam que ele já está adaptado ao trabalho insalubre, e não se sente motivado por um novo esforço que a mudança exigiria. Ele já domina as práticas e está acomodado a elas: "já estou acostumado. É uma mangueira a mais pra puxá... é pior pros pulmão mas eu gosto mais de trabalhar sem água". As justificativas não são racionais, mas afetivas: "eu gosto", diz ele, e com isso explica porque prefere ficar no trabalho arriscado, e sem mudanças.

- ³ Conferir sobre acidentes também o capítulo sexto.

- ⁴ Através do extensômetro é possível fazer o controle da estabilidade das rochas. Através das medidas de convergência pode-se observar se há variação ou se há estabilidade do teto. A variação igual ou superior a 50

centésimos de mm/hora requer reforço de escoramento. A quase totalidade das minas da região só faz o reforço de sustentação do teto quando a variação de convergência é identificada visualmente. A falha na verificação sistemática resulta em queda de pedras isoladas e em caimento de teto. A avaliação da Fundacentro conclui dizendo que "não existe controle de escoramento e sustentação do teto e paredes das galerias"; e não se faz testes de ancoramento para os parafusos do teto; não se faz controle de aperto dos parafusos e nem há manutenção de reaperto dos parafusos; as minas manuais não usam escoramento para a limpeza das frentes e por isso "as condições de trabalho nas frentes de desmonte não são seguras" em muitos pontos de mina.

- 5 Em geral as minas manuais, e dentre estas as empreiteiras, se apresentam como as de trabalho mais duro, que oferecem menos condições e que mais castigam o corpo do mineiro. Nestas minas o trabalho exige muito esforço físico. A descrição feita pela Fundacentro retrata bem a aparência física do mineiro e seu esforço:

"Os operários trabalham semi-nus no interior da mina, sem botas e sem luvas ... trabalham e caminham com pesos excessivos empurrando e colocando nos trilhos as vagonetas carregadas de carvão, quando estas descarrilham dos trilhos. (3.9) ... A galeria principal está sem condições de movimentação pela descontinuidade de piso, acúmulo de água em alguns pontos fragmentos de madeira, de minérios e outros objetos, acrescentando-se que nesta galeria os mineiros percorrem sobre os trilhos, roletes e cabo-sem-fim (3.11)." (Fundacentro, 1985) N.36).

- 6 Cornélia Eckert em "Os Homens da Mina" um estudo sobre a Identidade e Representações dos Mineiros de Charqueadas-RS, dá grande ênfase à dimensão da auto-identidade dos mineiros como bravos e heróis. Os depoimentos dos mineiros registrados por C. Eckert ilustram muito bem estes valores e sua reprodução:

"Prá descê tem que tê coragem ... coragem e força" P. 227.

"Sempre o filho tem aquilo do pai, então através do pai sempre tive aquilo de se minero. Quando fiz 21 anos pedi prá baxá, baxá na mina ..." p. 244.

"Quem explicou mesmo foi o pessoal da equipe. O capataz de terno o capataz geral, engenheiro, nada; ... a gente aprende é na equipe". p. 245.

- 7 A respeito do comportamento jocoso e brincalhão no subsolo, C. Eckert o coloca como uma manifestação da criação de uma sociedade em oposição à da superfície (da esfera familiar e pública). Uma sociedade formada exclusivamente de homens, onde os temas tabus como sexo e relação conjugal são os preferidos na relação jocosa. A autora

analisa este comportamento também como uma manifestação de resistência à "ordem administrativa", própria da dominação do capital sobre o trabalho.

- Rolande Treppe em seu trabalho - "Les Mineurs de Carmaux" um estudo sobre a vida e as lutas dos mineiros em Carmaux na França no período de 1848 à 1914, trata do processo de passagem de "mineiros - camponeses" para a situação de "mineiros - operários". O objeto de estudo foi principalmente as relações sociais e de trabalho e a formação da consciência de classe. A autora conclui que este processo foi acontecendo pela luta, nas práticas cotidianas e nos momentos fortes, nas greves e campanhas políticas eleitorais (Treppe, 1971).

T E R C E I R A P A R T E

OS TRABALHADORES MINEIROS

O Processo de Formação do Grupo Mineiro.

"No passado a mineração era a única chance de emprego. Mas o mineiro controlava o seu trabalho e regulava a sua produção segundo sua capacidade; ele era dono do seu tempo e recebia por tonelada tirada. Dividia os ganhos com os ajudantes. Naquele tempo ou se era mineiro ou agricultor. Não tinha outro emprego."

Nesta terceira parte intitulada - Os Trabalhadores Mineiros - apresento inicialmente a história da formação do grupo - os primeiros e únicos operários do município. Este fato, aliado ao trabalho singular nas minas, formou um grupo de trabalhadores típicos e diferenciados dos demais que foram surgindo com a criação de novas indústrias. A identidade social dos mineiros, reproduzida por práticas de trabalho e por tradições familiares, preservadas ao longo da história do grupo foi sendo reforçada pelo estigma social que sempre acompanhou os mineiros e suas famílias, vítimas de acidentes fatais ou graves e sob a insegurança dos altos índices de frequência das doenças profissionais.

Os mineiros e suas famílias, mesmo vivendo no pluralismo das cidades industriais, como é o caso de Criciúma, mantêm-se destacados socialmente por suas tradições, valores e práticas, de tal forma que preservam o que chamo de identidade social dos mineiros. Os quatro capítulos - do quinto ao oitavo - desta unidade descrevem, analisam e demonstram o processo de formação e reprodução dos mineiros enquanto grupo, moldados por habitus que naturalizam seu desgaste inevitável e precoce.

Quando se afirma, hoje, que os mineiros são trabalhadores como todos os outros e não se distinguem mais como "antigamente", pode até parecer uma afirmação verdadeira. Os

fatores que contribuíram para tanto foram vários. "Antigamente", até o início dos anos 1960, a única categoria reconhecida em Criciúma era a dos mineiros, moradores de vilas residenciais próprias e exclusivas, polarizadas pelas minas. Passadas algumas décadas, com a diversificação das atividades industriais, foram se formando outras categorias profissionais, cujas características são pertinentes a todos os trabalhadores assalariados das empresas. O surgimento de ramos industriais diversificados foi imprimindo à região características e aparências de cidade industrial pluralista e niveladora das camadas populares formadas por trabalhadores. A cidade foi se expandindo para a periferia e as cerâmicas, as indústrias de couro e calçados, as indústrias plásticas e químicas, de alimentos, entre outras, foram ocupando áreas próximas às minas. A mineração por ser uma indústria itinerante, se localizava em regiões mais apropriadas em relação às jazidas, em áreas próximas ou intermediárias aos povoados que foram surgindo. A formação pluralista dos povoados e vilas contribuiu para reduzir as diferenças sociais; nivelou todos os trabalhadores a tal ponto de não se reconhecerem as características específicas dos vários grupos ocupacionais.

No entanto, observando, um pouco a história vivida pelos mineiros, a igualdade entre todos os trabalhadores da atual cidade industrial é apenas aparente. Mesmo residindo hoje em áreas habitacionais ocupadas indistintamente pelos trabalhadores, em geral, os mineiros formam um grupo mais ou menos permanente, resultado da tradição histórico-familiar que orienta as novas gerações na sua reprodução: reprodução biológica, enquanto os filhos dos mineiros, tendem a ser mineiros e reprodução social, através dos habitus que estruturam as práticas sociais e de trabalho do grupo. Contudo, a identidade mineira é atravessada pelas características comuns dos trabalhadores assalariados, e

seria radicalizar o seu perfil, não se levar em conta a pluralidade das atuais cidades industriais, onde os trabalhadores compartilham o território, procuram os mesmos serviços e têm acesso aos mesmos bens individuais na medida de seus interesses e possibilidades, permitidos pelos salários.

A primeira questão colocada é a da "identidade social" do mineiro do passado. Dizer que era uma categoria diferente da atual é afirmar o óbvio. Seria supérfluo caracterizá-lo no passado se ali não encontrássemos aquele tipo que explica as diferenças atuais e que permanece desenhando o próprio perfil através da história e da cultura², tipo portador de habitus que marcam também as práticas de outras categorias profissionais.

Como já citado em capítulo anterior, os primeiros mineiros de Criciúma foram recrutados de diversas cidades vizinhas como Laguna, Imbituba, Tubarão, Imaruí, Jaguaruna, cidades litorâneas cujas principais atividades eram a pesca artesanal e a agricultura de subsistência.

Quando as duas primeiras Carboníferas, a CBCA e a Próspera, iniciaram a exploração industrial do carvão nos anos 1913 e 1918, ainda não se podia chamar de "mineiros" os que extraíam carvão, isoladamente ou em pequenos grupos, na região que hoje é Criciúma.

A CBCA passou a minerar na região que hoje se conhece por Bairro Vera Cruz e a Próspera no atual Bairro Próspera. A mão-de-obra recrutada em sua grande maioria eram de luso-brasileiros e negros, filhos ou netos de antigos escravos. A população da faixa litorânea catarinense na quase totalidade vivia pobremente dos recursos da terra e do mar, trabalhando para atender as necessidades essenciais de alimentação e agasalho.

A mineração que se iniciava em Criciúma aparecia nesse meio como uma alternativa para sair da pobreza. O assalariamento representava um avanço ao permanente estado de carência em que viviam. O dinheiro era símbolo de ascensão social a quem a ele tivesse acesso. A mineração era vista acima de tudo, como algo desconhecido e despertava o espírito aventureiro. Foi assim que à população inicial de Criciúma formada por imigrantes italianos, se juntaram outros grupos étnicos - os luso-brasileiros e negros - que passaram a ocupar áreas bem definidas e isoladas socialmente. A localização das minas nucleou o grupo operário que passou a morar nas proximidades da "bocas de minas". "Ninguém saía da vila onde morava só por motivo muito especial" dizia um informante.

A medida que as Carboníferas aumentavam, novos trabalhadores eram recrutados, preferencialmente na mesma região litorânea. As empresas, já na década de 1920, e mais intensamente a partir de 1930, construíram casas para os funcionários que ali residiam enquanto trabalhassem na Cia. Foi assim que nasceram as vilas - Próspera, Operária, Cidade Mineira - para citar algumas.

Na década de 1930 novas Companhias foram surgindo, como a União Metropolitana, que começou a minerar no setor do Metropol e Rio Maina. A partir de 1940 é a Carbonífera Criciúma que amplia o quadro da mineração, obtendo a concessão de lavra das jazidas localizadas em Caeté e Cocal; em 1958 obteve também em Rio Maina Alta e, em seguida, São Roque.

Estas últimas concessões de lavra, a partir de 1930, foram adquiridas por imigrantes italianos e seus descendentes imediatos, no caso as famílias Guglielmi e Freitas, Zanatta, Napolini, Zanette. As companhias recrutaram a mão-de-obra para as minas entre os filhos dos

colonos da região, principalmente. Era um outro tipo de trabalhador mineiro que se formava, comparado aos grupos das Carboníferas CBCA e Próspera, nas quais predominava os luso-brasileiros e negros.

Os costumes das vilas operárias mineiras foram orientados pelas tradições das populações migrantes. Estavam nas tradições das populações litorâneas a preocupação com a sobrevivência imediata e cotidiana, representadas nas necessidades de alimentação, abrigo, agasalho e recuperação da saúde em caso de doença. Mas a moradia era garantida pela empresa enquanto fossem funcionários da Cia. O plano familiar maior era a procura da sobrevivência cotidiana, garantida pelo armazém da Companhia, onde os funcionários podiam comprar com o sistema de vales, fornecidos pela empresa.

Das práticas domésticas faziam parte a organização de recreação comunitária com a criação da sociedade recreativa. A empresa estatal obtinha na época, com maior facilidade que as prefeituras, recursos federais para aplicá-los em programas sociais, representados principalmente na qualidade de moradia e regularidade no pagamento dos salários. Isto conferiu aos trabalhadores da Carbonífera Próspera uma posição social privilegiada, em que as vagas abertas na mineração eram muito disputadas, interferindo sempre por influência política e o apadrinhamento de funcionários da Cia ou de pessoas influentes do município. "Trabalhar na Próspera era um privilégio, assim como tempos atrás era o de ser funcionário do Banco do Brasil", recordava um mineiro aposentado.

Os mineiros se sentiam dependentes da Cia não só no espaço de trabalho, mas também na esfera doméstica, pois

dela esperavam e recebiam casa para morar, vales para a compra de mantimentos para a família. Também da Cia eram os locais de lazer e a iniciativa de sua organização². Criou-se uma relação de dependência e submissão dos funcionários com os administradores, representantes do próprio Governo, proprietário da Carbonífera. Esta situação estrutural alimentava e mantinha a vila operária vinculada à empresa, dificultando a abertura da mesma para a cidade.

A tradição cultural que durante vários séculos manteve relações de mando, apadrinhamento e senhorio, correspondendo atitudes de submissão, reverência e servidão dos criados, empregados e escravos, internalizara-se como estrutura que, então, atualizava relações complementares e desiguais entre os trabalhadores e a empresa. Havia uma pré-disposição dos trabalhadores de manterem atitudes de submissão e a expectativa das posturas paternalistas que eram assumidas pela Carbonífera Estatal.

A CBCA, formada por idêntico contingente de mão-de-obra da orla litorânea que se fixou em torno da empresa, não conseguiu as vantagens dos mineiros da Próspera, pelas dificuldades da Cia, de capital privado. Os bairros Vera Cruz, Mina do Mato e Mina do Toco eram extremamente pobres em relação à organização social e política que se imprimiu à Próspera. Mas a CBCA como empresa, também agregou os trabalhadores ao redor da mina e deu origem ao surgimento das comunidades que tinham razão de ser, em função da Carbonífera.

Nos primeiros anos da mineração o trabalho nas minas envolvia os homens e as mulheres; aqueles praticavam o trabalho pesado da extração do carvão, primeiro nas camadas superficiais e depois nas mais profundas, em encostas; as mulheres auxiliavam na escolha do carvão, separando-o das

pedras, tarefa feita na superfície, próximo às bocas de minas.

Os grupos mineiros das Carboníferas Metropolitana e Criciúma, formados principalmente por descendentes italianos, apresentavam características culturais diferenciadas dos primeiros grupos de mineiros. Pertenciam a famílias de colonos que trabalhavam de "sol a sol" no cultivo da terra e na criação de animais e aves domésticas para dali obterem o sustento das numerosas famílias, onde o número de 8 a 12 filhos era comum. A medida que as terras já não poderiam ser subdivididas para prover a subsistência das novas famílias que se formavam a saída da agricultura para a mina apresentava a única alternativa viável. A exemplo das outras vilas de mineiros já constituídas, foram surgindo as novas: do Metropol, Rio Maina, Cidade Mineira, São Roque, Sangão entre outras.

Por algum tempo a atividade mineira passou a ser complementada pela agricultura, se a família permanecesse com a propriedade rural. A mulher continuava com o plantio de algumas culturas que supriam a alimentação da família e valorizavam o salário recebido pelo marido, aplicado em outros gastos, como roupas ou aquisição de um lote urbano próximo às minas para, futuramente, construir a própria casa, considerando que a Cia não oferecia moradia para todos os mineiros, e estes eram obrigados a deixar a casa assim que se aposentassem ou deixassem o trabalho nas minas.

Os mineiros de descendência italiana viviam geografica e socialmente isolados dos mineiros luso-brasileiros no início da mineração. Não havia associação ou sindicato que os aproximassem. O núcleo polarizador eram as empresas.

Os filhos e netos dos imigrantes italianos que se empregaram nas minas conviviam com as tradições e costumes próprios dos colonos. Os mineiros, antes colonos, permaneciam socialmente vinculados às famílias de agricultores que moravam nas imediações. A organização do "horário" doméstico continuava o mesmo. Pela manhã, antes do sol nascer, ao invés de "pegar a enxada e ir para a roça", o "chefe" do lar pegava sua lamparina e picareta e ia para a mina. A hora do almoço em vez dos filhos ou a mulher levar-lhe a marmita com a refeição na "roça", como o fazia antes, levava até a boca da mina quando o "capataz" dava o sinal e todos saíam da mina para o almoço. Ao entardecer a família já estava em casa. O mineiro que antes trabalhava até escurecer, ocupando-se em volta da casa com o trato dos animais domésticos, agora tinha um tempo livre para ir até a "venda" do bairro, se encontrar com os companheiros da mina e beber uns "tragos" de cachaça. A mulher cuidava de "lavar" as crianças, preparar a janta e assim que a noite caísse, nada mais restava a fazer senão descansar para o dia seguinte.

O estudo de Rolande Treppe em *Les Mineurs de Carmaux*", mostra como os trabalhadores das minas de carvão em Carmaux, na França, percorreram o caminho de trabalhadores-camponeses para trabalhadores mineiros; a passagem de "camponês" a "operário" foi um processo longo que durou quase meio século, de 1848 ao final do século XIX. O caminho percorrido por aquele grupo passava pela jornada, disciplina de trabalho, pelo salário da empresa mineradora; pelas lutas da categoria por obter vantagens e conquistar direitos; pela organização sindical e político partidária. A medida que as conquistas eram somadas às anteriores, firmavam-se as posturas operário-mineiras (Treppe, 1971).

De igual forma os agricultores e pescadores que se fixaram junto às minas em Criciúma conviveram por muitos

anos com as relações e práticas trazidas da "colônia" para a mina. Por algum tempo, os moradores mais próximos entre a área agrícola e as minas, mativeram suas propriedades rurais e continuaram como "colonos" e operários. Aliás, esta prática é comum em muitas regiões industriais do Estado de Santa Catarina. Os "colonos" mantêm a propriedade agrícola para o plantio principalmente das culturas destinadas ao consumo familiar e ao mercado local sempre que haja excedentes. Na "colônia" trabalham alguns membros da família e os próprios empregados da indústria, nas horas vagas. Os trabalhadores conservam as tradições do "homem da roça" e com frequência torna-se difícil separar o que é característico dos "colonos" e dos "operários" (Seyfert, 1982). Hoje, passado quase um século de convivência com a mineração, o "campo" e o "litoral" ainda sobrevivem na estrutura internalizada dos mineiros. São os hábitos que aparecem sutis nas práticas domésticas e que se revelam muito vivos ao se constatar que uma percentagem muito alta de mineiros, ao se aposentarem, deixam a cidade mineira e retornam para suas cidades litorâneas ou para o interior agrícola; lá retornam às atividades da pesca ou da "roça", a exemplo de seus pais ou avós, e assim complementam a renda familiar. Os mineiros aposentados que permanecem na cidade voltam ao trabalho, a grande maioria, como vigias ou guardas noturnos, em empresas prestadoras destes serviços.

O trabalho nas minas, durante os anos iniciais, não obedecia a rígida organização disciplinar e definida jornada de trabalho. Este sistema respeitava, até certo ponto, o ritmo e o controle do trabalho imprimido pelo próprio trabalhador, cuja prática era uma continuidade do regime de trabalho agrícola e pesqueiro. Eles eram donos do seu tempo e da intensidade do seu esforço. Esta fase da mineração serviu para os trabalhadores como período de adaptação ao "tempo irracional" implantado pelo sistema fabril.

Acostumados aos períodos "naturais" do dia e da noite, aos quais vinculam-se as atividades da pesca e do cultivo da terra, os horários contados em minutos nas indústrias eram tidos como práticas inaceitáveis. Thompson em seu estudo "Tradicion, Revuelta Y Consciência de Clasee", reputa a instituição do tempo como um dos "hábitus" mais arraigados do convívio de grupos, e sua alteração, nos moldes operados pelo capitalismo, é uma imposição tão difícil de integrar, quanto absurda, pois para eles sempre foi a lógica da necessidade o critério de divisão do tempo (Thompson, 1979, 239-93). O tempo, fora dos critérios da instituição capitalista, vinha carregado de critérios morais, religiosos, sanitários; sempre é considerado que o tempo é uma referência articuladora da família, da comunidade e das crenças. A sua ruptura abala laços internos que prendem valores essenciais da organização dos grupos. Dir-se-ia que a aceção "capitalista" do tempo, na análise de Thompson, já seria um fato superado e estaria integrado em todas as classes e categorias sociais do ocidente, que convivem com o modo de produção industrial capitalista. Mas não. Hoje, no relato dos mineiros aposentados, o fato de eles terem sido "donos" do seu tempo na mineração é salientado como uma das grandes vantagens do trabalho no passado.

Além do critério do tempo, todo o regime disciplinar na mineração, até os anos de 1950, era mais "solto" e personalizado. As empresas contratavam os mineiros e lhes entregavam uma galeria para minerar, deixando sob a responsabilidade deles a guarda dos instrumentos de trabalho e do material explosivo para o desmonte. Os mineiros tinham quotas fixas de produção e deviam atingi-las nos prazos estabelecidos. Recebiam pela produção alcançada. Por sua vez os mineiros subcontratavam ajudantes, dois ou três, e trabalhavam em conjunto. Havia horários estabelecidos para a jornada de trabalho que, com frequência, era alterada

segundo as necessidades ou interesses do mineiro em combinação com seus ajudantes. O auxiliar, uma vez que dominasse todas as etapas do processo de extração poderia requisitar da empresa a lavra de uma galeria, e receber seus próprios equipamentos e formar sua equipe de trabalho.

Este tipo de organização do trabalho fragmentava muito o grupo, o qual passava a ter uma identificação maior a partir da esfera doméstico-familiar no bairro que no local de trabalho, embora a empresa oportunizasse a formação do bairro operário. As casas iam sendo construídas próximas às "bocas" de mina, e iam formando os primeiros núcleos habitacionais dos operários. Estas vilas contrastavam com a paisagem das colônias agrícolas vizinhas, em que as casas dos colonos situavam-se na propriedade rural de 20 a 30 hectares de terra. A região agrícola apresentava uma boa dispersão habitacional, enquanto as vilas operárias mineiras formavam um aglomerado de casas.

Os núcleos residenciais passaram a ser identificados com os mineiros inclusive pelos nomes dados às vilas: - Operária, Cidade Mineira, Próspera, Mina do Toco, Metropol eram os nomes de algumas vilas, que foram se formando ao redor das minas que lhes deram origem. A proximidade das casas, a rotina doméstica, o mesmo trabalho nas minas em jornada única, o trabalho de escolha do carvão feito pelas mulheres nas "bocas de minas", aproximava e igualava a todos. O mesmo padrão de moradia, as mesmas práticas domésticas e de trabalho, a mesma qualidade alimentar nivelada pelos produtos adquiridos nos armazéns das Companhias, acentuavam a homogeneidade já existente pela origem cultural e ali fortalecida pela ausência de escala hierárquica no trabalho.

Tudo isto são condições e fatores da homogeneidade, que é característica das comunidades mineiras, conforme

demonstram Dennis, Henriquez e Slavgther (1956) em "Coal is our Life" na comunidade mineira de carvão em Ashton - Inglaterra; ou Alain Touraine (1967) em "Sindicato y Comunidad", no Chile e Cornélia Eckert (1985) com "Os Homens da Mina" na localidade de Charqueadas-RS, a menos de 400 km de Criciúma, para citar alguns estudos que caracterizam este tipo de comunidade.

Os estudos citados destacaram alguns fatores que funcionavam num sentido de manter culturalmente o grupo "fechado", com relações sociais comunitárias. Em geral coincidia que as "cidades mineiras" eram isoladas de outras povoações, e todos os moradores viviam em função de uma única empresa mineradora. A homogeneidade do grupo vinha do trabalho, porque a mineração praticada nessas áreas era muito elementar e nivelava o trabalho por baixo, de modo que todos os mineiros eram trabalhadores não qualificados. Neste tipo de trabalho todos eram mal remunerados e o acesso aos bens sociais e de consumo era idêntico para o grupo.

As práticas de resistência ou de submissão, tendiam a unir o grupo como um todo, envolvendo não só o mineiro, mas sua família e a comunidade que se rebelava contra "eles", os "homens", o "patrão" normalmente ausente da comunidade. A comunidade se identificava nas práticas domésticas, educação dos filhos, partilhava dos mesmos acontecimentos e notícias e das práticas de lazer. A reprodução do grupo acontecia "naturalmente" ao construir sua própria identidade sem alternativas para comparar-se com outros grupos, cujas opções eram as "possíveis" dentro dos limites estreitos das fronteiras espaciais e culturais. Aqueles estudos foram realizados em comunidades em que o universo completo da localidade trabalhava e vivia em função da indústria mineradora, única e exclusiva na região, e que dera origem à comunidade.

Em Criciúma há algumas diferenças fundamentais em relação àquelas comunidades. Primeiro, a região já era ocupada por grupos de imigrantes italianos, poloneses e alemães, sediados em "colônias" agrícolas nucleadas por etnia; segundo, foram várias as Companhias Carboníferas que se estabeleceram no mesmo território municipal; terceiro, ao mesmo tempo que trabalhadores de outros municípios procuraram trabalho nas minas, agricultores da região deixaram o campo pelas minas.

A medida que a mineração se expandia as vilas iam aumentando, a um tempo identificadas entre si pelas características do trabalho mineiro, e diferenciadas pela origem cultural e étnica que caracterizava as diversas vilas operárias.

Com o transcorrer do tempo as peculiaridades dos vários grupos e vilas foram se mesclando. Outros ramos industriais e novas categorias profissionais se firmaram, e começou a rotatividade de mão-de-obra não só entre carboníferas mas também entre os diversos ramos de indústria, a tal ponto que a cidade hoje apresenta uma população que se diferencia entre si mais por níveis de interesse e de consumo que por grupos formados a partir de etnias ou de ocupação em algum ramo industrial.

No entanto, os mineiros, no conjunto dos trabalhadores, é ainda hoje em grupo definido e serve como referência e apoio das muitas outras categorias profissionais, algumas até mais numerosas. É uma categoria estigmatizada socialmente, que encontra dificuldades de se empregar noutros ramos industriais uma vez que as empresas resistem a contratar ex-mineiros (algumas tem como critério excludente) sendo que as razões veladas, não explícitas mas reais, são as condições de saúde, as práticas de resistência e hábitos

disciplinares que perturbam e mobilizam os trabalhadores nas fábricas³.

Isto unificou e constituiu a identidade da classe mineira, mesmo que não tenham se constituído algum dia em comunidade, na acepção que a antropologia dá a este tipo de formação social, típica nas localidades ou áreas estudadas. Mesmo não formando um bloco único, pois não foi resguardada pelo isolamento e nem homogeneizada pelas relações de produção, o grupo mineiro em Criciúma cruzou com as diferenças e se distinguiu das demais categorias profissionais, não apenas nas práticas de trabalho, mas também nas práticas domésticas e de resistência.

Considero três os espaços nos quais os mineiros se relacionam com mais intensidade e ali desenvolvem práticas que revelam o processo de construção de sua identidade. Os espaços compreendem: primeiro, as práticas de trabalho, centralizado nas minas; segundo, as práticas domésticas e sociais situadas na família e no bairro; e, por fim, as práticas de organização e de resistência da categoria centralizadas nos sindicatos.

No capítulo a seguir, agregando o que já foi apresentado sobre o perigo e o medo, e considerando o processo de formação dos mineiros, vou demonstrar o que compreendo por identidade social do grupo. Ao fazê-lo pretendo mostrar como seus hábitos moldam suas práticas e, ao mesmo tempo, reproduzem o grupo e naturalizam as práticas agressivas do trabalho nas minas.

NOTAS

- ¹ Clifford Geertz em a "Interpretação das Culturas" assume o conceito de cultura a partir do pensamento de Max Weber que serve ao sentido que dou a cultura na interpretação da formação da classe trabalhadora mineira. Diz o autor:

"Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado e teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado" (Geertz, 1978, 15).

A cultura é assim tomada como um sistema tecido por signos que podem ser interpretados, não como uma relação de causa-efeito como fosse um poder, mas como um contexto e, dentro dele, os acontecimentos, os comportamentos, os processos podem ser descritos de modo a se tornarem inteligíveis.

A cultura é aqui assumida não em seu conceito geral, cujos significados sejam universais, mas numa concepção cujas formas são particularizadas à classe social em estudo, para apreender o significado simbólico de seus sistemas específicos.

Embora esteja sempre na base de qualquer sistema simbólico específico dos diferentes grupos e classes, aquele conceito de cultura que se atribui ao homem: o tornar-se "humano", tornar-se "indivíduo" sob a direção de padrões culturais, sob sistemas de significados, criados historicamente, e neles se apoiam as formas, a direção, os objetivos das "vidas humanas" (Geertz, 1978, 13-66).

Sobre o conceito de identidade social conferir o capítulo primeiro desta tese.

- ² Os tradicionais times de futebol foram organizados pelas Companhias Carboníferas, que agregavam a população para o trabalho por um lado e para o lazer por outro.

A Carbonífera Próspera fundou o Próspera Futebol Clube, sediado no bairro Próspera que hoje é o segundo time em importância na cidade. A Carbonífera União Metropolitana criou o Metropol cuja sede era o bairro de Rio Maina. Após longos anos de atuação e rivalidade, na esfera municipal, passou a competições estaduais e nacionais.

- ³ As empresas de Criciúma de outros ramos industriais não contratam mineiros portadores de pneumoconiose, e fazem restrições à contratação de qualquer candidato que já foi mineiro, alegando que estes trabalhadores costumam criar situações de oposição e resistência nas práticas de trabalho.

Classificam os mineiros como: agressivos, infrequentes, indisciplinados, e movem com frequência ações trabalhistas contra a empresa (Relatório INPS, 1987).

C A P I T U L O 6

A Identidade Social dos Mineiros.

"O mineiro é diferente de qualquer outra categoria profissional. Naquelas o operário treina, se adentra, faz carreira. O mineiro é sugado e só baixa na escala, nunca sobe. É um cara sem profissão que vai se mirrando, se apagando dia a dia. É como um cacho de bananas. Comem-se as bananas e fica só o inçoço."

A atribuição de categoria diferenciada aos mineiros, numa relação com outras categorias profissionais, é sempre remetida ao espaço de trabalho. É a mina que lhe confere a identidade social; é ali o cenário das práticas de trabalho estigmatizantes, propiciando apontá-lo e chamá-lo "mineiro". Ele é o morador mais "típico" da "capital do carvão". Sua companheira é identificada como "mulher de mineiro"; de seu filho se diz: "o pai dele é mineiro". O trabalho na mina transveste o operário em mineiro e dá origem à sua qualificação enquanto "chefes" das identidades familiares.

Ressalto esta particularidade porque é exclusiva da categoria dos mineiros. Nenhum outro ramo ocupacional na região detém identidade social que seja um estatuto ideológico reconhecido, com a mesma intensidade e popularidade que a identidade social dos mineiros.

As práticas de trabalho nas minas aparecem como origem desta identidade social, imprimindo na categoria um caráter ideológico de pertença. Qual tatuagem o curso do tempo marca também seus corpos; marca o trabalhador em sua totalidade, como homem, "pai de família" e como membro da sociedade onde vive: "ele é mineiro".

A construção da identidade social dos mineiros parece acontecer simplesmente porque eles trabalham em locais

subterrâneos, escuros, em oposição à luminosidade dos ambientes de superfície; porque estão expostos a riscos imprevisíveis e a perigos reais, existentes nas condições materiais de trabalho; porque enfrentam o desconhecido que os assusta; porque assiduamente testemunham acidentes graves e até fatais; enfim, porque este local de trabalho, como foi descrito no capítulo anterior, requer práticas específicas e adequadas.

As "marcas" tão características dos mineiros não são, no entanto, explicadas simplesmente a partir do espaço de trabalho. Há uma base cultural a ser levada em conta, e uma história pontuada por acontecimentos situados no restrito "campo" do grupo local, ou no das classes trabalhadoras em sentido mais amplo, que contribuíram na construção da identidade social dos mineiros de Criciúma.

Estes não têm uma origem étnica comum, que caracteriza a maioria dos grupos singulares quando integrantes de sociedades complexas. Ao contrário, o grupo se formou a partir de origens étnicas, culturais e geográficas diferenciadas, como já foi levantado em capítulo anterior. Toda esta diversidade não conferia aos trabalhadores das minas uma identidade seja étnica, cultural, ou política de origem. A construção da identidade aconteceu num processo histórico, longo e constante. A identidade do grupo foi sendo construída sobre a condição de "oportunidades iguais e gerais", onde as esferas sociais e de trabalho impeliam os trabalhadores às mesmas práticas, num "processo contínuo de aprendizagem". A identidade social do grupo, ao ser construída a partir das condições delimitadas pelo campo social ocupado, se redefiniu no confronto com a sociedade global onde vivia e trabalhava. No exercício contínuo de comparação entre os grupos, os mineiros elaboraram e estruturaram os conceitos de "justiça, de reciprocidade, de igualdade de direitos e de respeito pela dignidade como

seres humanos". Dos sentimentos partiram para as representações das diferenças e semelhanças entre os grupos e classes da própria formação social, no que dizia respeito ao gozo e ao acesso aos direitos e bens sociais. Este exercício levou o grupo mineiro a construir sua identidade social, pelo reconhecimento e partilha da mesma situação que os colocava numa trajetória de "aprendizagem criadora" para superação da injustiça que sofriam, e em busca dos direitos de igualdade e respeito dos quais se viam privados.

A identidade social que diferencia o grupo implica uma representação, tanto de si como dos outros, construída na história coletiva do mesmo grupo. A identidade ficou sendo, ao mesmo tempo, a própria presença dos mineiros e, também, uma diretriz nas percepções e práticas sociais; é a "estrutura estruturante" (Borndieu, 1979, 546) atuando na orientação e na redefinição de sua maneira de ser.

A formação do grupo, cuja identidade diferenciada dos agricultores da região foi acontecendo durante a primeira geração (1913-1940), consolidou-se em seus filhos que incorporavam, melhor que seus pais, a singularidade de vida dos "mineiros" em relação à sociedade global. A homogeneidade do grupo cresceu à medida que seus componentes foram acumulando experiência e formando uma memória social comum. As condições objetivas frente aos princípios de "justiça, reciprocidade, igualdade" (Habermas) e em relação com as situações estruturais, induziram o nascente grupo a eleger práticas próprias que a experiência já provara terem eficácia. A homogeneidade foi sendo alimentada pela desqualificação profissional, trabalho braçal para todos, ausência de mobilidade social, nivelamento cultural, ausência de camadas médias na mineração, forte carga emocional e tensionamento pelas condições de trabalho (Touraine, 1967, 26).

Retomando os conceitos de habitus e práticas, segundo Bourdieu, admite-se que as práticas do grupo mineiro são as ações necessárias e possíveis numa situação dada, e que correspondem a um campo social, orientadas por uma estrutura internalizada pelos indivíduos pertencentes a este grupo social. Os esquemas que interiorizam a objetividade pela experiência individual e grupal seriam os "habitus"; um sistema de disposições permanentes, como estruturas estruturadas, que funcionam como estruturas estruturantes, princípio gerador e organizador das práticas. Estas seriam comuns e próprias do grupo mineiro, ocupante de um campo social em cujo espaço as práticas são delimitadas. Ali os mineiros interiorizam valores, normas e princípios sociais, e adequam suas ações à realidade objetiva. O processo da interiorização é individual mas a objetividade do grupo é interiorizada através da ação pedagógica exercida em seu interior.

Os habitus, que informam as práticas individuais e coletivas, constroem, assim, a história dos mineiros. A continuidade se alimenta pelo "sistema de disposições" do passado que vive no presente e tende a continuar no futuro, atualizando-se nas práticas. O "habitus", produto do trabalho de inculcação e de apropriação, se torna a condição para que esse "produto da história coletiva" possa reproduzir-se e se estabelecer, como disposição durável, em todos os indivíduos pertencentes ao grupo mineiro.

Quais os valores, as crenças, os princípios e normas interiorizadas pelos mineiros sintetizados no conceito de "habitus" que informam suas práticas? Como o passado pode ser reconhecido na estrutura estruturante das práticas que perpassam o presente e se reproduzem numa perspectiva futura? Quais os temas objetivos, exteriores e coletivos, que servirão de código para decifrar os esquemas interiorizados que constroem e reproduzem a identidade social do mineiro?

Colocadas estas questões, começo por identificar os objetos comuns que aparecem nas práticas sociais dos mineiros e que são as marcas de sua identidade social. Os signos necessariamente se remetem aos habitus responsáveis pela moldagem do mineiro enquanto grupo social específico.

A marca que inicialmente identifica os mineiros é seu **corpo**, sujeito das práticas recortadas pela ambiguidade do risco, do medo e da coragem, e objeto de desgaste precoce. Outro marco é a **família** que compartilha dos valores, princípios e projetos, e permanece também como sujeito de sua reprodução social e objeto da decadência social, após o curto tempo de vida ativa do "chefe" de família. Finalmente, as **práticas** dos mineiros e de sua família, aquelas já descritas no trabalho das minas e estas que serão observadas no espaço doméstico, práticas igualmente alternadas pela naturalização e pela recusa, que historicamente vêm reproduzindo a sua identidade familiar.

Assim, entende-se a ambiguidade das práticas quotidianas (recortadas pela naturalização e pela resistência), e as formas pelas quais estas práticas moldam o corpo dos trabalhadores e constroem a identidade familiar, ao mesmo tempo que remetem a habitus específicos e a situações de classe enquanto trabalhadores.

Nesse sentido trato as práticas, primeiro em relação ao corpo, em seguida em relação à família, buscando as especificidades e as ligações que explicam a construção da identidade social dos mineiros.

O Corpo e o Trabalho

"O acidente do meu marido faz três anos. Foi num sábado, véspera do Dia dos Pais. Ele tava furando, quando uma pedra caiu em cima dele. Quebrou a perna direita e a outra

esmagou. Ai cortaram a perna fora... Depois do acidente ele tá bebendo muito; não fica 'perdido', mas bebe, talvez prá esquecer. Ele era muito alegre, agora é um cara triste; tem dias que nem levanta da cama... nunca mais saiu com os amigos... Eu tô conformada. O que se vai fazer? Aconteceu! ... Mas o peso maior é ele que carrega!"

A ênfase sobre a diferença da categoria dos trabalhadores mineiros em relação às demais, tem sua origem no passado. É lembrado com frequência que os outros trabalhadores "vieram muito depois". Além da exclusividade inicial o espaço de trabalho subterrâneo se opõe ao de superfície. São dois mundos: o "de lá" e o "daqui":

"Lá é diferente. Lá tudo é mais pesado. Lá embaixo é pior que aqui".

"Baixar a mina" representa deixar o mundo familiar da superfície e expor-se ao desconhecido, ao imprevisível, à escuridão com seus mistérios e surpresas que amedrontam. O fundo da mina se opõe aos ambientes iluminados pela luz do sol. Lá se anda encurvado, em galerias estreitas, com o solo sobre as costas, mal se enxerga poucos metros à frente.

A representação simbólica de um mundo diferente de trabalho é o ponto de partida para o reconhecimento de identidade entre os pares¹. A composição da categoria, agregando no início da mineração pescadores e trabalhadores da lavoura, de diferentes etnias e localidades, reconhecia-se e se igualava no espaço subterrâneo das minas. As diferenças anteriores não contavam nas novas práticas de trabalho, embora persistissem nas diversas vilas operárias que foram se formando. As diferenças referiam-se principalmente aos costumes e aos projetos familiares que veremos em seguida.

A relação trabalho-corpo é certamente um dos pontos definitivos na identificação social do mineiro. A relação com o corpo é o ponto de partida na identificação do próprio ser. O reconhecimento do próprio corpo, entre as classes

trabalhadoras, é relativizado sempre a partir do corpo visto como instrumento de trabalho e de produção. O corpo deve estar apto para a atividade produtiva, garantia da própria sobrevivência e da família.

A saúde e a integridade física são recursos que o trabalhador deve manter durante o período considerado de atividade produtiva, sob pena de ver-se privado dos bens necessários à consecução de seu plano de vida na esfera doméstica. Só este corpo dotado de capacidade produtiva - o "corpo trabalhador" - que é aceito e dele se fala (Dejours, 1987, 30-34). As outras dimensões e expressões do corpo, como a estética, a sexual, a esportiva, a artística ou são cercadas de tabu, ou são quase e até totalmente ignoradas e há sobre elas silêncio absoluto. Somente o "corpo que trabalha" é familiar, e dele se diz que é "forte", "fraco", "arrebentado", "estourado", expressões assíduas na fala dos mineiros.

O conceito de robustez é imediatamente associado ao corpo do mineiro. Origina-se no passado quando o processo de mineração era totalmente manual. Mesmo com a introdução de novas tecnologias o conceito persiste. É necessário que o mineiro seja "forte"; que "ele deve ganhar bem" porque "o mineiro tem que comer bem, porque senão ele não aguenta o pesado"; ... "porque se não forcejã, não se consegue nada debaixo da mina de nossa parte..." "...o cara aí tem que fazer muita força e se arrebenta todo...", são as expressões usadas ao relatarem seu trabalho (Anexo 3; 4.1 a 4.3).

Referências a outras dimensões do corpo que não a relacionada trabalho-corpo são exceções. Os mais jovens aludem algumas vezes, de forma velada, às consequências do trabalho pesado e desgastante sobre a sexualidade e a longevidade. O esforço dispendido em demasia provoca o envelhecimento precoce, que resulta em alteração do

comportamento sexual, segundo interpretam os trabalhadores (Anexo 3; 7.1 a 7.2).

Os mineiros todos, raras são as exceções, têm consciência de que o corpo deve ser "guardado" e "presevado" para o trabalho. Dificilmente um mineiro ocupa as horas de lazer com esporte, particularmente com as "peladas" de futebol, muito comuns entre trabalhadores jovens. Justificam dizendo que "o mineiro não pode se machucar"; que "na mina não dá pra enganá". O corpo é "poupado" do dispêndio de energia que não seja a destinada a produzir.

A divulgação da ideologia do "cansaço" que subjuga o corpo dos mineiros, se reproduz desde os tempos iniciais da mineração aos dias de hoje; o que fortaleceu e generalizou o costume de empregar no "descanso" todo o tempo livre após a jornada de trabalho. O período de sono é variável a cada semana, pelo rodizio de turnos, entre noturnos ou diurnos. É costume encontrar os mineiros sentados na varanda, ou soleira da casa "descansando" enquanto aguardam a hora do "deslocamento" para a mina. Este costume era universal entre os grupos étnicos luso-brasileiros e negros, que foram os primeiros mineiros. Os trabalhadores de origem italiana ou polonesa mantiveram, durante algum tempo, atividades paralelas às do trabalho mineiro. Hoje, tornou-se prática cotidiana e generalizada o "descansar" em casa após a jornada na mina. A rotatividade da mão-de-obra serviu para nivelar as diferenças de costumes e, atualmente, a inexistência de áreas agrícolas na região da mineração favoreceu a homogeneização do hábito e a divulgação ideológica de que os mineiros não conseguem fazer mais nada após o desgaste sofrido na mina (Anexo 3, 7.3. a 7.6).

Por ocasião das entrevistas, realizadas nas casas dos mineiros, constatou-se que, quando eles não estavam no turno de trabalho nas minas, se encontravam, deitados

dormindo, ou descansando, sentados em alguma cadeira mais confortável. Em alguns centros comunitários grupos de mineiros se juntavam para jogo de cartas, dizendo que é uma ocupação que "ajuda a descansar". Grande número de mineiros tem como lazer o cuidado com um ou mais pássaros na gaiola; se preocupam com troca de espécies entre os companheiros. Também este é um lazer, que segundo eles, "não cansa". Os mineiros não cultivam hortas caseiras. O principal argumento é que não conseguem fazer outros trabalhos; que precisam descansar para "aguentar o trabalho na mina".

Observa-se uma representação ideológica generalizada da necessidade de descanso durante todo o período em que não se encontram nas minas. A falta de iniciativas para ocupação ativa do lazer se apóia na tradição, que sempre caracterizou a mineração como extenuante, e, a partir daí, sustentou a ideologia do "cansaço".

A consciência de que são "portadores" de um "corpo cansado" faz parte da representação simbólica de todos, e este "cansaço" resulta indiscriminadamente de toda e qualquer função exercida na mina. Existe, sim, entre as funções, uma escala que gradua as mais cansativas, mas a avaliação é apenas de grau, pois todas são igualmente desgastantes:

"Só ir lá embaixo, andá abaixado até na frente, chegá e sentá e não fazé anda, já cansa... Quando chega de volta pra casa depois das 6 horas da mina a mulher diz: 'pô tu não qué fazé nada?', mas não é; é que estamos arreventado".

As outras categorias profissionais compartilham do conceito de "cansaço" resultante das práticas do trabalho mineiro, e admitem que haja diferenças salariais em razão do desgaste corporal que a categoria sofre. A comparação entre os diferentes ramos ocupacionais em relação à mineração estabelece uma diferença fundamental na caracterização destes trabalhadores. Na construção da identidade social dos

mineiros, a dimensão da gradativa debilidade do corpo atravessa a história da formação do mineiro e permanece, atualmente, como uma marca física, objetiva, acentuada pela representação ideológica generalizada de que as práticas de trabalho nas minas são extremamente cansativas.

A esta primeira característica somam-se outras, resultantes das condições de trabalho nos diversos postos do subsolo. Antes de caracterizar o mineiro vou referir-me ao local de trabalho já descrito anteriormente.

Os fatores nocivos à integridade física e à saúde estão presente nas condições de temperatura, ventilação, umidade, luz, ruído, gases, poeiras, fumos e vapores; nas condições inseguras propiciando quedas, esmagamento, explosões; na exigência de esforço físico extremo, intenso e contínuo; por situações de ansiedade, de ritmos excessivos, de posições inadequadas e incômodas. Todos esses fatores acabam por incidir sobre o corpo do trabalhador, justamente sobre o único meio de sobrevivência dele e de sua família, enquanto portador de força de trabalho.

Os diversos ramos industriais apresentam escalas de periculosidade e nocividade na esfera do trabalho. Como indicadores das condições inseguras estão as doenças profissionais e os índices de acidentes e sua gravidade. São indicadores irrefutáveis. As condições inseguras e nocivas podem ter origem na situação estrutural, nas inadequadas instalações de máquinas e equipamentos, nos poucos investimentos em mecanismos de proteção e meios de higiene no trabalho, no emprego de mão-de-obra destreinada em postos de riscos, para citar algumas.

A mineração de subsolo é reconhecida, historicamente, como um dos ramos industriais que mais expõe o trabalhador a

riscos de acidentes, em geral graves, e a contração de doenças profissionais, principalmente a antracose, conhecida genericamente por pneumoconiose (Anexo 3, 7.7).

Mas não apenas da pneumoconiose o mineiro se torna vítima. Todo o seu corpo começa a sofrer marcas, sinais exteriores, que aparentemente não os preocupa. São as unhas, as mãos, os pés, as mucosas dos olhos, nariz, o couro cabeludo, tudo encardido pelo carvão. Em seguida, aparecem outras marcas já dolorosas e persistentes como as dermatites provocadas por arranhões, esfolamentos, queimaduras que, em contato permanente com a poeira de carvão, sílica e enxofre, não cicatrizam facilmente.

Os organismos sensíveis a poeiras, mofos e fumos, após um período não muito longo, dois ou três anos, apresentam crises de alergia, de asma, bronquites, gripes provenientes de afecções do aparelho respiratório.

Outras doenças profissionais mais graves podem tomar conta de seu corpo como reumatismos, lombalgias, escoliose, decorrentes das posturas inadequadas, como caminhar e trabalhar encurvados em galerias de altura inferior à estatura dos trabalhadores, e do esforço físico demasiado quando empurram vagonetas carregadas e as recolocam nos trilhos².

Nas minas de carvão de Criciúma, as condições de trabalho se enquadram na classificação de ambiente perigoso e nocivo à qualidade de vida, o que se pôde constatar no capítulo anterior. O espaço de trabalho nas frentes de serviço apresenta alto índice de poeira suspensa e fumaça. Todos inspiram o ar poluído, particularmente os que exercem funções que provocam a suspensão das poeiras e fumos. Mas quantidade de poeira, carvão e sílica inspirada será maior ou menor na proporção de fadiga corporal em função da tarefa praticada. Os furadores de teto, por exemplo, despendem

muita energia enquanto sustentam o martetele a ar comprimido e sofrem intensa vibração por todo o corpo.

Em condições de trabalho normais, sem fadiga, um trabalhador introduz nos pulmões, a cada minuto, dez litros de ar com substâncias nocivas; após seis horas de trabalho ele inspirou 3.600 litros de ar poluído. Em estado de fadiga intensa o mineiro pode inspirar até 100 litros de ar por minuto, o que soma, ao final de seis horas de trabalho, 36 mil litros de ar carregado de poeira, isto é, dez vezes mais que o trabalhador não cansado (Oddone, 1986, 19).

Nas práticas de trabalho nas minas, boa quantidade dos finos de carvão não é expelida pela expiração do ar. Essas pequenas partículas se acumulam nos pulmões e a tentativa de expeli-las provoca lesões nos alvéolos pulmonares, destruindo a capacidade respiratória do indivíduo afetado. A condição permanente de exposição às poeiras no subsolo, leva o trabalhador, uma vez afetado, a estágios de lesão pulmonar classificados em P¹, P² e P³ e respectivas subdivisões de gravidade. A pneumoconiose ou, mais especificamente, a antracose (pneumoconiose contraída por carvão), que seria estacionária se em estágio inicial houvesse a cessação dos agentes causadores, torna-se, em estágios mais avançados, progressiva e irreversível, mesmo eliminando as causas.

A pneumoconiose não é reconhecida como doença profissional com direito aos benefícios previdenciários de aposentadoria, senão ao atingir o estágio final, quando resta pouco tempo de vida ao portador da doença. A tendência é o mineiro permanecer no trabalho esperando a progressão da doença, se aposentando por invalidez ou, se alcançar os 15 anos legais, aposentar-se pela "especial".

O trabalho mineiro apresenta uma situação de ambiguidade. Os salários diferenciados e a aposentadoria aos 15

anos, são e aparentam benefícios, mas atuam também de modo a facilitar a submissão do trabalhador e a evitar práticas de resistência.

"O mineiro com seis ou sete anos de subsolo, ou, se está doente, começa a se segurar e não reage mais contra nada. Ele só tem uma idéia na cabeça - conseguir a especial" (entrevista 58).

Quando se constatou a doença, é comum o mineiro encontrar na mulher uma aliada em relação à sua permanência na mina. Há casos em que o mineiro, portador de adiantado grau de pneumoconiose, é estimulado pela mulher a continuar nas frentes de trabalho. As famílias, e não apenas o trabalhador, compartilham da "ideologia da vergonha" em relação à doença, como fala Dejours (1987, 30). A doença, para ser reconhecida, deve apresentar sintomas evidentes e visíveis, alcançando a gravidade que impeça o exercício da atividade profissional. Como a pneumoconiose em seus estágios iniciais, apresenta sintomas de indisposição e cansaço, e as radiografias pulmonares e os testes de capacidade respiratória não são eficientes no início da doença, há tendência de desacreditar ou de subestimar os sintomas de cansaço generalizado. Nos estágios mais adiantados e comprovada pelo diagnóstico médico, ainda assim há cumplicidade familiar no sacrifício do trabalhador. As pensões durante o "encosto" (afastamento do trabalho na doença) e as pensões de aposentadoria por invalidez, não são suficientes para garantir a sobrevivência da família. O afastamento definitivo da mina por doença significa desemprego permanente. Sobre esta realidade um grupo teatral formado por famílias de mineiros, representava o drama do mineiro doente: a busca de emprego e a recusa sistemática das empresas, a fome na família quando os armazéns cortaram as vendas de alimentos; a insistência da mulher pelo retorno à mina... Esta representação teatral, recriando uma situação

real, foi confirmada por depoimentos em entrevistas com as famílias dos mineiros.

"Com 12 anos de mina, não posso largá agora. Se não consegui a especial me aposento por invalidez e a família fica garantida. Mesmo se eu não tivé aí, a mulher ganha a pensão" (entrevista 37).

Outro depoimento de uma mulher de mineiro, soa calculista e frio, contudo ilustra com um vigor dramático que o corpo do operário deve estar apto para a função produtiva do trabalho.

"É melhor ser viúva e ter na mesa comida pros filhos que ficá com um desempregado em casa e na desgraça".

O mineiro acostumado ao trabalho do subsolo em jornada de seis horas, trabalhando sob controle disciplinar mais "frouxo", com a perspectiva de aposentadoria após 15 anos de serviço, recusa deixar o subsolo mesmo quando comprovado seu estado de doença. Na empresa Próspera, por exemplo, dos 74 mineiros acometidos por pneumoconiose, apenas dois aceitaram um emprego na superfície, mantendo-se o salário do subsolo. Os outros 72 recusam. As razões remetem-se justamente a questões disciplinares, ao costume, à jornada, à aposentadoria especial e às efetivas perdas salariais, pois deixam de receber adicionais de produção e de horas noturnas, além da exclusão do espaço da mina que realimenta pelas práticas próprias sua identidade social, muito importante para eles. Muitas são as ambiguidades com as quais os mineiros convivem. Há queixas explícitas sobre a política autoritária das práticas da medicina do trabalho. Queixam-se de não obterem acesso aos diagnósticos verdadeiros de seu estado de saúde. Acusam as instituições de saúde da cidade de fornecerem radiografias e laudos médicos negativos de pneumoconiose, enquanto os mesmos exames, se realizados em hospitais ou clínicas de cidades vizinhas, em datas aproximadas, acusam diagnósticos

positivos. Contudo, contraída e comprovada a doença resistem a deixar o subsolo pelas razões já expostas (Anexo 3, 7.8 a 7.10).

Em oposição a isto está a prática utilizada, não tão raramente, segundo os depoimentos, de solicitação dos mineiros acometidos de pneumoconiose a algum amigo ou parente sadio se apresentar, em seu lugar, para as radiografias pulmonares requisitadas pelas empresas. A finalidade é não identificar a doença oficialmente, evitando o afastamento da frente de trabalho (Anexo 3, 7.11 a 7.12).

Os mineiros vivem um pacto não explícito de solidariedade na decisão de não trocarem o subsolo pela superfície. Justificam com argumentos: de ordem afetiva, "que gostam da mina"; de costume, "não vão se acertá aqui fora"; de probabilidade, "esperam chegá lá". Mas de fato ali permanecem porque, deixar o subsolo, seria admitir a doença, submeter-se a mais longos anos de trabalho e com a progressão da doença. Há uma expectativa comum de abreviar ao máximo o tempo de submissão obrigatória no trabalho, porque a doença pode se agravar mesmo na superfície. Daí a importância de garantir uma pensão para a família no menor espaço de tempo possível. E isto eles conseguem se permanecerem nas frentes.

A doença, para as classes trabalhadoras, significa uma situação de não-trabalho que compromete a sobrevivência e pode evoluir para uma situação de fome. Toma o sentido de impedimento ao trabalho e é encarada sempre nesta relação. A ansiedade da família do trabalhador doente não se manifesta explicitamente ao sofrimento, à decadência, à morte; sua angústia vai contra a doença enquanto ela é agente de destruição do corpo portador de força e capacidade de produzir trabalho (Dejours, 1987, 34). A ideologia da vergonha que o autor constatou em relação à doença nas

camadas do subproletariado na França, e dos operários em países subdesenvolvidos, se manifesta naquelas famílias mineiras que vivem exclusivamente do trabalho, e nada podem esperar das relações de parentesco em termos de sobrevivência. Em geral, dependem totalmente do trabalho do mineiro, aquelas famílias cujos pais foram mineiros e, se aposentados, recebem o "salário de fome", na definição de um trabalhador. Seus irmãos normalmente tem a sobrevivência também vinculada ao próprio trabalho, cujos salários são escassos para suas famílias. Estes não tem condições de vislumbrar alternativas. Reconhecem o estado de doença mas contra ela se antepõe o trabalho como sinônimo de sobrevivência, e a consequente impossibilidade de se estabelecer uma situação de "não-trabalho".

"Eu sinto que não tô bem. Tô muito cansado. Tô atacado... Tenho mais seis anos pela frente, mas acho que não tô com condição de chegá na especial, vai sê por invalidez. Tem dias que dá vontade de sai; eu tô muito revoltado, mas tô ao mesmo tempo muito envergonhado, porque se eu i lá falá o que tô sentindo eles vão dizê que é mentira; o peço é total desacreditado. Tem veis que não tem condição, que tô mal, mas daí penso que será pior não i... perdê um dia por conta não dá; penso que se eu i bem devagá, vô; e depois de chegá lá, se não dé, volto" (entrevista 31).

Quando as condições de sobrevivência são vinculadas mês a mês, aos ganhos salariais, a perda de um dia significa um pouco mais de carência no suprimento das necessidades básicas. Então, não há espaço para a angústia por causa de doença. A angústia existe, é claro, mas é orientada para a obrigatoriedade do trabalho, para a "vergonha" que sente por ser desacreditado pelos chefes imediatos, que julgam-no preguiçoso. Assim, a luta pela saúde é quase sinônimo de luta por "poder" trabalhar. Porque, antes de cuidar da saúde, é necessário assegurar a subsistência, ignorando-se a doença.

Se a doença profissional é um estigma social, muito mais o é a mutilação do corpo resultante de acidentes de trabalho. A marca corporal estigmatizante é causadora de

segregação social, se a vítima pertence à classe trabalhadora. A situação de classe delimita as condições econômicas, culturais e psicológicas, gerando a marginalização do acidentado. O trabalhador sem qualificação profissional necessita de um corpo sadio e sem mutilações, para poder concorrer com os demais trabalhadores no mercado de trabalho. Para estes, nenhum outro requisito é tão decisivo para manter-se no trabalho ou pleitear uma vaga no setor produtivo braçal ou mecânico, que as perfeitas condições físico-corporais.

Os trabalhadores das minas mais expostos aos perigos nos diferentes postos de trabalho, e mais vulneráveis aos riscos de acidentes, são justamente os mineiros sem qualificação profissional, que ocupam as funções nas frentes de serviço. Mesmo furadores, operadores de máquinas, foguistas, que descrevem sua função como se fossem profissionais qualificados, detêm somente um treinamento específico para o exercício de tarefas restritas à esfera das minas. Considerando-se a gravidade dos acidentes nas minas, provocando em geral lesões e mutilações corporais irrecuperáveis, pode-se avaliar as consequências para a vida de um trabalhador sem profissão. Privado de um membro do corpo como braço ou perna, de órgãos vitais como olhos ou ouvidos, ou reduzido a se locomover em uma cadeira de rodas por fratura de coluna, ou vítima de outro traumatismo grave, ele está excluído do mundo do trabalho. O corpo, conhecido e valorizado quase exclusivamente como "corpo-trabalhador", perde também sua referência na representação ideológica da classe trabalhadora, além de perder sua função ocupacional na sociedade³.

Antes de traçar o perfil social dos mineiros, a partir da facilidade de acidentes e a relação que se constrói a partir de sua incapacidade para o trabalho, apresento o quadro de ocorrência de acidentes nas minas, comparando os

índices com outros ramos industriais da região. A partir da situação criada, é possível entender os hábitos que sustentam as práticas sociais, revelando de mais uma dimensão da identidade social do grupo mineiro⁴.

Os quadros sobre acidentes de trabalho e frequência cada vez maior de doenças profissionais, ilustrados com os depoimentos que apontam os problemas existentes, acentuam ainda mais os traços já carregados da descrição até aqui feita.

O saldo de acidentes com morte e com dias perdidos, e os novos casos de doença profissional nas minas de carvão, nos anos de 1986 e 1987, se encontram na tabela 2, logo a seguir, profissional, somando a assustadora cifra de 3.464 casos, em apenas 2 anos. Isso significa que, em cada mil operários, aproximadamente 200 se acidentaram ou contraíram doenças profissionais a cada ano, ou 20% da força de trabalho sofre mutilação, morte ou doenças profissionais no exercício de um ano de trabalho.

TABELA 2

Acidentes de trabalho na Indústria de Extração de Carvão na Região Sul de Santa Catarina nos anos de 1986 e 1987.

Período	Número de Minas	Número de Trabalhadores	A C I D E N T E S				TOTAL
			Morte	Típico	Trajeto	D. Prof.	
1986	20	9.420	9	1.877	108	40	2.034
1987	17	7.470	4	1.307	72	47	1.430
TOTAIS	-	-	13	3.184	180	87	3.464

Fonte: Sub-delegacia do trabalho Criciúma

Observa-se que os acidentes ocorreram indistintamente em todas as companhias mineradoras, o que coloca as práticas de trabalho nas diversas minas de carvão no mesmo patamar de periculosidade. Os índices variam em número de casos, mas em todas a incidência é alta. Os acidentes mantêm-se numa regularidade constante. Observa-se quase igual número de casos entre os anos de 1986 e 1987. Em 1987, houve menos óbitos, mas os acidentes, em termos de dias parados, representaram uma média de trinta dias para cada acidente, superior à média no ano de 1986, que foi de 24 dias parados por acidente.

Nem sempre o número de acidentes fatais registrados correspondem à realidade. Há casos de acidentes graves, como traumatismos cranianos, esmagamento de tórax e abdômem, cujas sequelas se prolongam e os casos não são cadastrados com o devido rigor. A "causa mortis" pode constar desde hemorragias internas, infecções generalizadas etc., sem citar a origem inicial - o acidente de trabalho. Os mineiros costumam denunciar isto, em seus depoimentos, dizendo "ninguém morre na mina, todo mundo vai morrer no hospital"... querendo dizer com isto que muitos casos são omitidos das estatísticas de acidentes. O fato é confirmado também nos encontros regionais de técnicos de segurança e médicos do trabalho.

Os acidentes nas minas de carvão apresentam um coeficiente de gravidade muito alto se comparados com o dos acidentes em outros ramos de atividade⁹.

Quanto à tecnologia empregada, as minas mecanizadas apresentam um índice de acidentes mais alto que as semi-mecanizadas e as manuais (Conferir tabela 7 e 8)⁹.

TABELA 3

Acidentes de Trabalho por Cia Carbonífera - 1986

Cias Carboníferas	Número de Operários	Número de Mortes	Número de Acidentes	Numero de Dias Perdidos	Dias Debitados
Próspera	1.936	3	357	9.194	18.000
CCU	1.997	2	413	14.487	19.500
CC Catarinense	407	1	57	2.702	6.000
CBCA	1.573	2	183	2.023	12.000
C. Criciúma	1.670	1	179	5.806	6.000
Metropolitana	1.056	-	263	3.891	-
Rio Deserto	226	-	42	1.362	-
C. Barro Branco	600	-	345	5.486	-
C. Treviso	298	-	38	325	-
TOTAL	9.762	9	1.877	45.276	61.500

Fonte: sub-delegacia do Trabalho Criciúma

A incidência de acidentes de trabalho nas carboníferas⁷ representa uma cifra altíssima se comparada com a frequência de acidentes ocorridos em âmbito nacional (cf. tabela 10). Além da alta frequência, Criciúma registra acidentes graves, resultando em incapacidade permanente ou em óbito.

Os números acima, comparados nas diversas esferas, ressaltam a diferença em termos de frequência e gravidade. Enquanto o Brasil projeta um número de 7.44 acidentes por 1.000 habitantes, Criciúma ostenta um número de 21.27 acidentes por 1.000 habitantes. A população mineira estimada apresenta uma cifra alarmante de 46.92, o que sobrecarrega os índices de Criciúma em particular e mexe no índice do Estado⁸.

TABELA 4

Acidentes de Trabalho por Companhia Carbonífera -
1987

Cias Carboníferas	Número de Operários	Número de Mortes	Número de Acidentes	Número de Dias Perdidos
Próspera	1.930	1	335	6.573
CCU	1.668	1	184	10.191
CC Catarinense	398	-	75	3.431
CBCA	847	-	33	835
C. Criciúma	1.662	1	391	12.966
Metropolitana	555	1	108	1.827
Rio Deserto	227	-	23	606
C. Barro Branco	540	-	143	1.805
C. Treviso	291	-	15	272
T O T A L	8.114	4	1.307	38.506

Fonte: Sub-delegacia do Trabalho Criciúma

TABELA 10

Quadro comparativo de Acidentes de Trabalho:
Brasil, Santa Catarina, Criciúma.

Indicadores	Brasil	Santa Catarina	Criciúma	Mineração
Habitantes	145.000.000	4.158.765	143.559	40.000*
Acidentes Típicos	1.079.015	56.555	3.064	1.877
Acidentes de Trajeto	69.545	3.331	277	108
Doenças Profissionais	5.920	211	99	40
Acidentes com Morte	5.578	257	16	9
Acidentes por 1.000 Ha	7.44	13.59	21.27	46.92

Fonte: Secretaria de Trabalho de S.C.

* População estimada

Obs.: os dados referentes à mineração também estão incluídos no todo de Criciúma.

Outro dado observado é indica relação entre acidentes e o tempo de trabalho nas minas e a idade dos trabalhadores. Nas minas manuais o maior número de acidentes ocorre com trabalhadores em seu primeiro ano de trabalho (55%). Nas mecanizadas por bobcats e mecanizadas com máquinas pesadas, os índices são de 37% e 36% respectivamente no primeiro ano de permanência na mina. A situação se inverte após esse período de permanência, em relação à mecanização das minas. Nas minas manuais, 36% dos acidentes acontecem com mineiros que já trabalham ali entre dois a dez anos. Enquanto que nas mecanizadas, leves e pesadas, os índices sobem a 55% e 52% respectivamente. Isto se deve a que os operadores de máquinas, funções que exigem maior aprendizagem, são trabalhadores com dois ou três anos de permanência na mina. Todas as funções supõem um período de adaptação, vulnerável a acidentes, e os postos destas funções são os que apresentam mais riscos e maior número de acidentes graves. Já nas manuais, o período de adaptação se dá no primeiro ano de mineração. Na lavra manual há pouca divisão de trabalho e baixa especialização, razão porque os postos são preenchidos por trabalhadores que neles permanecem.

Quanto à idade, observa-se que o maior número de mineiros acidentados tem menos de 34 anos. A mineração dispõe de uma força de trabalho relativamente jovem, que ingressa nas minas a partir dos 21 anos. Ao completar 35 anos já cumpriram o tempo de serviço legal para aposentadoria. Disto resulta que a maioria dos acidentes ocorre com mineiros abaixo de 34 anos. Observa-se nas minas manuais e nas semi-mecanizadas que os acidentes, nesta faixa etária, alcançam o índice de 70% e nas minas mecanizadas chegam a 76%. Considerando que dos 1.700 acidentes que ocorrem a cada

ano nas minas (tabela 2), cerca de 80 são graves e, destes, quase 50 não possibilitam recuperação (tabela 12); concluímos que anualmente a mineração exclui da capacidade de produzir, 50 homens com idade inferior a 34 anos⁹. Prosseguindo nesta contagem, no final de 10 anos seriam 500 mineiros incapacitados para o trabalho por terem sofrido lesões e mutilações corporais graves. Estes todos pela idade (menos de 44 anos), estariam integrados na força de trabalho ativa.

O grupo mineiro inclui, pois, também um contingente de aposentados por invalidez, homens relativamente jovens, cujos filhos vivem sob a dependência econômica e cultural da família. Como as pensões da previdência tendem a se deteriorar a cada ano, o empobrecimento das famílias dos acidentados é uma consequência quase inevitável.

O elevado número de famílias de mineiros cujos chefes são aposentados por invalidez, é mais uma característica própria que resulta das práticas de trabalho na mineração. Este fato soma-se a outros traços específicos da categoria e reforçam a identidade social dos mineiros. Mesmo as famílias que não vivem o problema da "invalidez" do chefe, tem exemplos muito próximos e citam casos de irmãos, ou pais, ou "compadres" entre outros, que vivem de "pensão" da Previdência.

As práticas mais comuns, de os acidentados-mutilados conviverem com as limitações físicas e sociais, são aquelas que os integram no restrito grupo familiar compreendido pela mulher e os filhos. A maioria se "esconde" do convívio social mais amplo e passa a ser dependente da mulher. Esta contingência traz modificações profundas nas relações domésticas. O acidentado, "chefe" do lar e participante de uma cultura que destaca a supremacia masculina, sofre alterações emocionais de humor que modificam seu

comportamento. E levado a isto pela limitação corporal, pela permanência no espaço doméstico (enquanto a mulher vai para a esfera pública do trabalho), pela redução do salário em mais da metade em relação ao que recebia na ativa, com tendência a se deteriorar à medida que passam os anos. Para o trabalhador com lesões corporais graves, o acidente é o começo da decadência. Com o passar do tempo alguns se integram e se reorganizam, enquanto a maioria se aprofunda numa situação de pobreza que os impede cada vez mais a ter acesso aos bens de consumo e aos serviços. O impacto da mutilação e incapacidade já é um fato que altera a relação da vítima consigo própria, porque deixa marcas e sequelas visíveis no corpo, dificultando a locomoção, o exercício de atividades e o atendimento das necessidades pessoais mais elementares. Isto, além do sentimento de rejeição e sofrimento motivado pela deformação e perda de membros ou faculdades corporais. O indivíduo adulto, habituado à independência no atendimento de serviços pessoais, se vê submisso à "boa vontade" e aos "favores" dos familiares. Normalmente, o estágio de aceitação e adaptação é longo e doloroso. O acidentado não encontra razões e nem dispõe de recursos para conviver com as limitações que o acidente deixou em seu corpo.

Os trabalhadores, durante a fase de vida ativa, não dispõem de períodos longos de tempo livre. Não há pessoas adultas disponíveis para entreter e valorizar o "ócio" dos incapacitados para o trabalho. Este fato dificulta ainda mais a superação da fase inicial depressiva e derrotista em que cai o acidentado. A aceitação, a reeducação e a integração das vítimas do trabalho inseguro são etapas longas e dolorosas sob o aspecto emocional, para ele próprio e para sua família. Alguns encontram na religiosidade o caminho do reencontro pessoal; outros, na luta que empreendem para exigir que se lhes faça justiça pela

mutilação que sofreram e assim garantirem a sobrevivência; há os que se reeducam para ganhar a vida com trabalhos manuais ou da "caridade" pública; não poucos se entregam à bebida dificultando muito a vida na família.

Alguns depoimentos de acidentados ilustram com clareza o drama pessoal e o difícil processo de retomada da própria vida após os acidentes graves (Anexo 3, 7.14 a 7.17 e Anexo 5).

Outro problema constantemente trazido pelos mineiros é que, quando ocorrem acidentes com morte no local de trabalho, a empresa não permite que se consigne no laudo pericial esta ocorrência. É voz uníssona entre os trabalhadores que "nessas minas o mineiro nunca morre embaixo. Sempre vai morrer no hospital". Esta queixa e acusação liga-se à razão fundamental, ao motivo que mantém o mineiro na mina - a garantia de sobrevivência da família. O seguro integral, a que a viúva do mineiro teria direito num acidente com morte no local de trabalho, sofre reduções quando a morte ocorre no trajeto ou na casa de saúde, reclamam os trabalhadores. Eles se submetem ao sacrifício, até à morte para não ver a "família perecer", mas também esta garantia é incerta mesmo quando teriam direito, denunciam com emoção e revolta e classificam esta política da empresa como "uma injustiça". A injustiça se estende à família que fica sem os recursos necessários para a educação e sustento dos filhos e da mulher; é injustiça em relação aos companheiros que continuam trabalhando em locais inseguros sem a interdição e vistoria do local por agentes fiscais, conforme as normas regulamentares da segurança do trabalho, cujo objetivo seria o de eliminar a origem dos riscos, liberando a área somente após feitas as correções das falhas ou instalação de medidas preventivas (Anexo 3, 7.13).

As famílias dos mineiros são potencialmente vulneráveis ao risco de acidentes e doenças profissionais graves que se estende a todo e qualquer trabalhador mineiro. A representação ideológica desta possibilidade faz parte da consciência social da classe trabalhadora que convive nos bairros com as famílias dos mineiros. Assim, a representação simbólica da "invalidez" precoce é alimentada por centenas de casos reais, multiplicada e atribuída ideologicamente a todas as famílias mineiras como "probabilidade". A mutilação do corpo e as doenças profissionais se somam às características e às práticas do mineiros, identificando-os socialmente como trabalhadores destacados dos demais, características extensivas às famílias dos mineiros, como veremos a seguir.

NOTAS

¹ O "mundo da mina" é o oposto do "mundo da superfície". Sobre esta oposição e especificidade descreve e analisa L. Duarte sobre os pescadores de Jurujuba onde "o mundo do mar legitima assim toda uma elaboração ideológica de diferença e oposição ao mundo da terra ... (Lopes, Coord., 1987, 174). Ver também no capítulo primeiro desta tese a questão da Identidade Social.

² Sobre o esforço ver também a nota número 5 do capítulo anterior.

TABELA 1

Distribuição dos Acidentes em Subsolo, Segundo a Parte do Corpo Atingida e a Base Técnica Utilizada nas Minas de Carvão Estudadas, Criciúma, 1986/1987.

Parte do Corpo Atingida	Manual	Semi-Mecanizada	Mecanizada	TOTAL
Cabeça	02 (1,22)	03 (1,04)	27 (3,37)	32 (2,55)
Face	04 (2,44)	10 (3,46)	15 (1,87)	29 (2,32)
Pescoço	- -	01 (0,35)	08 (1,00)	09 (0,72)
Olhos	01 (0,61)	09 (3,11)	17 (2,12)	27 (3,37)
Tórax	11 (6,70)	21 (7,27)	60 (7,49)	92 (7,34)
Membros Superiores	10 (6,10)	20 (6,92)	41 (5,12)	71 (5,66)
Mãos	16 (9,76)	40 (13,84)	76 (9,49)	132 (10,53)
Dedos das Mãos	38 (23,17)	34 (11,76)	83 (10,36)	155 (12,36)
Abdomem	02 (1,22)	06 (2,08)	06 (0,75)	14 (1,12)
Região Lombar	23 (14,02)	40 (13,84)	156 (19,48)	219 (17,46)
Membros Inferiores	21 (12,80)	54 (18,68)	104 (12,98)	179 (14,27)
Pés	28 (17,07)	30 (10,38)	128 (15,98)	186 (14,83)
Dedos dos Pés	02 (1,22)	05 (1,73)	12 (1,50)	19 (1,51)
Quadril R. Inguinal	03 (1,83)	07 (2,42)	18 (2,25)	28 (2,28)
Corpo Inteiro	01 (0,61)	02 (0,69)	18 (2,25)	21 (1,67)
Politraumatismo	02 (1,22)	07 (2,42)	32 (3,98)	41 (3,27)
TOTAL	164 (100,00)	289 (100,0)	801 (100,0)	1254 (100,0)

FONTE: Cadastro Técnico de Acidentes na Mineração - DNPM.

(Do Relatório: Impacto do Processo Produtivo da Extração do Carvão Mineral na Saúde Humana e Ambiental no Município de Criciúma-SC, 1988).

- 4 Coeficiente de Frequência e Gravidade nas Carboníferas Catarinenses nos Anos de 1986 e 1987.

TABELA 5

Acidentes de Trabalho nas Carboníferas

Companhias Carboníferas	Hora/Homem Trabalhada	Coef. Freq.	Coef. Grav.	Hora/Homem Trabalhada	Coef. Freq.	Coef. Grav.
Próspera	3.133.000	90	6.835	3.222.440	93	3.712
CCU	3.125.320	140	11.238	1.301.040	65	7.100
CC Catarinense	634.920	94	13.828	624.640	118	5.717
CBCA	1.226.948	159	8.458	110.110	112	2.334
C. Criciúma	2.546.020	82	2.148	2.592.720	117	5.431
Metropolitana	466.440	177	24.200	-	-	-
Rio Deserto	352.560	121	3.863	354.120	65	1.711
C. Barro Branco	936.000	370	7.480	421.200	339	4.285
C. Treviso	619.840	61	524	605.280	25	449
T O T A L	13.063.048	-	-	9.221.550	-	-

Cálculo: H.H.T. = Nº empregados X 260 X 6

$$\text{Coef. Freq.} = \frac{\text{Nº acidentes} \times 1.000.000}{\text{Homens horas trabalhadas}}$$

$$\text{Coef. Grav.} = \frac{\text{dias perdidos} + \text{dias debotados} \times 1.000.000}{\text{Homens horas trabalhadas}}$$

Nº acidentes = acidentes + doenças prof. + acid. trajeto

Dias perdidos = em acidentes + doenças prof. + acid. trajeto

FONTE: Sub-delegada do trabalho de Criciúma, 1988.

- 5 Acidentes de Trabalho nas Principais Atividades da Região de Criciúma¹.

TABELA 6

Tipo de Atividade	Número de Empregados	Acidente C/ perda Tempor.	Dias Perdidos	Coeficiente	
				Freq.	Gravid.
Miner. Carvão*	9.420	2.034	39.697	155,7	8.728,0
Cerâmica	5.066	48	1.995	8,9	211,0
Calçados	1.557	18	283	10,6	159,4
Metalmúrgica	1.060	28	1.674	27,4	4.750,0
Coque	921	48	816	44,6	703,0
Transportes	826	6	158	2,7	145,6
Construção Civil	642	35	1.092	54,2	1.685,0
Plásticos	641	4	158	5,4	495,0

FONTE: Sub-delegacia do Trabalho-Criciúma, 1988.

† Ano base: 1985

* Ano base: 1986

1. Os municípios pertencentes à sub-delegacia de Criciúma são os seguintes: Criciúma, Içara, Lauro Muller, Orleans, Sombrio, Urussanga.

↳ Acidentes por Setor nas Minas Manuais e Mecanizadas nos Anos de 1986-1987.

TABELA 7

	Manuais		Semi-Mecanizada		Mecanizada		TOTAL
	Casos	%	Casos	%	Casos	%	CASOS
Frente de Lavra	63	38,4	142	49,1	517	64,5	722
Galeria	82	50,0	78	27,1	174	21,7	334
Chapão	18	11,0	-	-	-	-	18
Boca de Poço	01	0,6	07	2,4	11	1,4	19
Correia Transport.	-	-	51	17,6	72	9,0	123
Oficinas	-	-	07	2,4	22	2,7	29
Ignorado	-	-	04	1,4	05	0,7	09
T O T A I S	164	100,0	289	100,0	801	100,0	1.254

FONTE: Cadastro Técnico de Acidentes na Mineração - DNPM.¹

7 Acidentes nas Minas Segundo a Tecnologia Empregada - 1986-87.

TABELA 8

Tipo de Lavra	Número de Minas	Número de Empregados	Número de Acidentes	Incidência
Mecanizada	3	3.827	801	21 %
Semi-Mecanizada	3	2.148	289	13,5%
Manual	3	1.060	164	15,5%
TOTAL	9	7.035	1.254	17,8%

Fonte: DNPM e Companhias Carboníferas¹.

1. (Do Relatório : Impacto do Processo Produtivo da Extração do Carvão Mineral na Saúde Humana e Ambiental no Município de Criciúma-SC, 1988).

^e Distribuição dos Acidentes em Subsolo, nas Minas de Carvão, por Tempo de Serviço, Segundo a Base Técnica das Mineradoras, Criciúma e Içara, 1986/1987

TABELA 11

Tempo de Serviço (Meses)	Manual (%)	Semi-Mecanizada (%)	Mecanizada (%)	TOTAL (%)
0 ---- 1	07 (4,27)	02 (0,69)	- -	09 (0,72)
1 ---- 4	43 (26,22)	37 (12,80)	120 (14,98)	200 (15,95)
4 ---- 12	41 (25,00)	71 (24,57)	169 (21,10)	281 (22,41)
12 ---- 24	22 (13,41)	46 (15,92)	95 (11,86)	163 (13,00)
24 ---- 60	23 (14,02)	85 (29,41)	169 (21,10)	277 (22,09)
60 ---- 120	15 (9,15)	28 (9,69)	165 (20,60)	208 (16,59)
120 ---- 180	04 (2,44)	06 (2,08)	42 (5,24)	52 (4,15)
180 ---- e +	04 (2,44)	06 (2,08)	42 (5,24)	52 (4,15)
Ignorado	- -	02 (0,69)	03 (0,37)	05 (0,40)
TOTAL	164 (100,0)	289 (100,0)	801 (100,0)	1.254 (100,0)

Fonte: Cadastro Técnico de Acidentes na Mineração-DNPM

Distribuição dos Acidentes em Subsolo nas Minas de Carvão por Idade Segundo a Base Técnica das Mineradoras, Criciúma e Içara, 1986/1987.

TABELA 12

Idade (Anos)	Manual (%)	Semi-Mecanizada (%)	Mecanizada (%)	TOTAL (%)
20 ---- 24	25 (15,24)	49 (16,95)	124 (15,48)	198 (15,79)
24 ---- 29	44 (26,83)	79 (27,33)	255 (31,83)	378 (30,14)
30 ---- 34	48 (29,27)	75 (25,95)	242 (30,21)	365 (29,11)
35 ---- 39	22 (13,41)	61 (21,11)	116 (14,48)	199 (15,87)
40 ---- 44	10 (6,09)	13 (4,50)	41 (5,11)	64 (5,10)
45 ---- 49	04 (2,44)	09 (3,11)	08 (10,99)	21 (1,67)
50 ---- e +	-	-	01 (0,12)	01 (0,08)
Ingnorado	11 (6,70)	03 (1,04)	14 (1,75)	28 (2,23)
TOTAL	164 (100,0)	289 (100,0)	801 (100,0)	1.254 (100,0)

FONTES: Cadastro Técnico de Acidentes na Mineração-DNPM

As tabelas 11 e 12 foram apresentadas pelo Relatório: Impacto do Processo Produtivo da Extração do Carvão Mineral na Saúde Humana e Ambiental no Município de Criciúma-SC. 1988 (mimeo)

9 A triagem da clientela que aguardava pelo PRP/Criciúma (Programa de Reabilitação Profissional) revelou a seguinte origem: 25% eram mineiros, 25,5% eram desempregados e 22,5% provinham de outros ramos industriais. Dos 102 mineiros, 78 foram convocados para a triagem: 37 foram classificados como "inelegíveis permanentemente para reabilitação" e 11 não compareceram. (INPS, 1987).

A ausência é normalmente indicadora de incapacidade de locomoção, ou de que os candidatos se sentem "inelegíveis"... Com isto pode elevar-se até 60% os acidentados graves das minas considerados não reabilitáveis pelo Programa de Reabilitação Profissional/Criciúma-SC.

TABELA 13

**Idade dos Trabalhadores do Setor Produtivo
nas Indústrias do Carvão**

Faixas de Idade	Faixa Relativa (%)	Faixa Cumulativa (%)
18 - 21	1,5	1,5
21 - 25	15,0	16,5
25 - 30	30,0	46,5
30 - 35	33,0	79,5
35 - 40	10,0	89,5
40 - 45	5,5	95,0
45 - 50	3,0	98,0
50 - +	1,0	99,0
S/R	1,0	100,0
TOTAL	100,0	100,0

FONTE: Volpato, 1984, 85.

C A P I T U L O 7

As Famílias dos Mineiros.

"Cada um tem a alegria individual. Agora eu acho que tudo o que eu tenho na vida é a minha esposa e são os dois filhos que eu tenho. Todo o meu viver, todo o meu esforço eu faço prá família."

A importância da família não se circunscreve ao campo social ocupado pelas classes trabalhadoras. A descrição e a defesa do significado insubstituível do grupo familiar é encontrada na literatura, tanto referente a grupos ou classes das sociedades industriais modernas, quanto das comunidades tradicionais camponesas. A importância que ocupa a família nas relações da vida social de todos os grupos e classes, porém, não reduz a um nivelamento uniforme e indiferenciado o lugar da família, entre os vários grupos sociais.

São as diferenças e as especificidades das famílias dos mineiros que vou observar. Descrevo suas práticas e as formas da organização familiar que apontam para os habitus específicos do grupo, os quais por sua vez, moldam as práticas sociais, de trabalho e de resistência. O grupo familiar mineiro é formado pelas famílias nucleares, integradas pelo casal e filhos, cujas unidades são estruturadas e organizadas a partir da divisão sexual do trabalho. A divisão do trabalho entre homens e mulheres constitui a própria divisão social do trabalho. Considerada historicamente, a atual estrutura da divisão sexual do trabalho remonta ao advento do capitalismo. A relação salarial conta com o suporte do trabalho doméstico.

Do surgimento do capitalismo ao atual desenvolvimento das relações de trabalho, vem correspondendo formas de

divisão do trabalho entre os sexos que remetida à relação social entre homens e mulheres, a divisão do trabalho atravessa e é atravessada por outras modalidades como, por exemplo, da divisão internacional do trabalho, do trabalho manual e intelectual, etc.

No caso da divisão sexual do trabalho nas famílias mineiras, o trabalho doméstico das mulheres significa uma dimensão importante das práticas de trabalho das unidades familiares, não apenas como conceito representativo da realidade mas também como práticas diferenciadas de trabalho, assim apreendidas pelas famílias mineiras. A divisão sexual do trabalho, como é praticada no grupo mineiro, é aprovada e defendida pelos mineiros e pelas mulheres; é vista como uma situação dada que não admite questionamento. Supõe práticas "naturalizadas" e representa um mecanismo de reprodução de valores que identificam o grupo:

"A minha mulher trabalha em casa. Cuida dos serviço da casa, das compra, faz os pagamento, cuida das criança, e deixa tudo pronto pra eu podê sai bem atendido e sossegado. Eu sempre digo pra ela: 'cuida dos serviço da casa que o sustento da família é comigo'" (entrevista 39).

O trabalho remunerado nas minas e o doméstico são complementares, e não aparece a dicotomia ideologicamente construída pelas "disjunções clássicas entre trabalho/não-trabalho; trabalho assalariado/trabalho doméstico" (Hirata e Kergoat, 1987, 2-3).

A remuneração diferenciada que trabalhos perigosos e sujos recebem, em relação a outros supre com menos faltas às necessidades familiares. Os trabalhadores destes tipos de serviços reivindicam para si a responsabilidade de sustento da família. Existe uma relação direta entre a sujeição a trabalhos desgastantes e as representações machistas do trabalhador, no sentido de excluir a mulher dos trabalhos

remunerados. A atribuição masculina de suprir a subsistência sozinho funciona de forma a valorizar sua força de trabalho perante si mesmo, a família e a sociedade. A mulher cabe manter-se nos serviços domésticos, reafirmando e valorizando o trabalho masculino perigoso, mas compensador.

Os estudos sobre a divisão sexual do trabalho, quando não partem das dicotomias assinaladas por Hirata, com frequência se orientam por abordagens dualistas, que privilegiam por sua vez a explicação estrutural; daí a frequência, na análise dos trabalhos femininos, da relação entre tradicionalismo-modernização subdesenvolvimento-desenvolvimento. A subordinação da mulher trabalhadora estaria relacionada à situação estrutural de subdesenvolvimento e tradicionalismo; outras análises concluem o contrário - a "modernização e o desenvolvimento capitalista acentuavam a subordinação das mulheres na sociedade de classes" (Souza Lobo, s/d, 2)¹.

A divisão sexual do trabalho entre os mineiros não encontra sua explicação neste enfoque dualista e estrutural. A questão fica muito mais clara a partir de representações e símbolos que atendem a reprodução social do grupo e preservam sua identidade social. Cabe bem aqui a conclusão de Elisabeth Lobo quando diz que

"as relações que se estabelecem entre os homens e mulheres não são puros reflexos das relações econômicas mas traduzem representações e símbolos com que homens e mulheres enfrentam sua vida cotidiana. São relações também assimétricas porque são assimétricas suas relações com a sociedade. São também relações de poder regidas por leis e normas, tradições e hábitos" (Souza Lobo, s/d, 18).

Na esfera doméstica as mulheres, ao preencherem as funções de mães, de esposas e "donas" do lar, com todas as tarefas afins em relação aos filhos, aos cuidados da casa, atendem simultaneamente ao modelo machista, muito definido entre os mineiros, e salvaguardam a imagem do companheiro

frente aos outros mineiros na esfera social e do trabalho. A permanência da mulher no lar é ponto de honra para os mineiros. Valor regido por "tradições e hábitos", atentamente resguardado pelos mineiros e acatado pelas mulheres.

A estas considerações acrescento as reflexões de Hirata e Kergoat (1987) para explicar a reprodução da família mineira. As autoras, se referindo à "ideologia defensiva de profissão para uma população de trabalhadoras, alertam para o problema do coletivo e da contribuição do coletivo em relação ao trabalho e tipos de trabalho. O coletivo só pode ser pensando entre os mineiros a partir das famílias onde o trabalho doméstico, suposto no trabalho mineiro, é organizado e defendido pela cultura e tradições; a presença da mulher nos serviços domésticos complementa e se inclui no próprio trabalho dos mineiros. O coletivo envolve as unidades familiares, onde homens e mulheres partilham do trabalho desgastante e inseguro, porque as famílias formam com os mineiros os sujeitos deste tipo de trabalho. A presença das mulheres na esfera doméstica mantém a integração do trabalho mineiro. Elas estão incluídas no grupo mineiro enquanto família e, desta forma, participam da vida e dos trabalhos dos maridos enquanto se envolvem com a preocupação e emoção comum: o trabalho perigoso que paira sobre a família.

A compreensão do sistema defensivo e das ideologias defensivas, diz Hirata, "deve se situar na atual fase de pesquisas sobre o tema, mais na capacidade heurística" para elaborar conceitos e noções sobre os "instrumentos que propõe do que nos resultados propriamente ditos" (Hirata e Kergoat, 1987, 4). A representação de ideologias defensivas se elaboram a partir das diferentes categorias profissionais (Dejours, 1987). As noções a respeito da "ideologia defensiva" no grupo mineiro induzem à compreensão dos

efeitos estruturantes do trabalho doméstico, para as mulheres, vinculado ao trabalho nas minas. A "ideologia defensiva" para as mulheres, que estimulam seus maridos a permanecerem nas minas, é elaborada não a partir da periculosidade do trabalho doméstico (o lar é símbolo de defesa, de proteção), mas a partir da subordinação da mulher ao risco e à insegurança, por extensão, do trabalho perigoso de seus maridos nas minas. O estímulo das mulheres, para que seus maridos permaneçam nas minas, reforça a "ideologia defensiva", "naturaliza" as práticas de risco das quais elas, os filhos são vítimas junto com o "pai da família mineira", exposto aos acidentes, à doença, à invalidez e à morte violenta. A "ideologia defensiva" funciona também para a mulher como mecanismo de garantia de sobrevivência para a família, quando se apóia na segurança que uma pensão representa à manutenção dela e dos filhos em caso de doença, invalidez ou morte.

"Se eu vier a faltá, a família fica garantida com a pensão" (entrevista 39).

"Ele, coitado, perdeu a vida na mina mas deixou pra mim, e pros dois filho dele, o sustento. Todo mês vô lá e volto com a pensão que ele dexô (entrevista 36).

Para o mineiro, o trabalho doméstico, além do apoio e dos serviços que a mulher lhe presta, representa uma presença vigilante e ansiosa durante sua jornada de trabalho nas minas, e garante a expectativa da "espera" pela esposa, em casa. Faz parte do ritual cotidiano, completando assim no lar a elaboração e as práticas decorrentes do mecanismos defensivos, suportes na reprodução social das famílias mineiras.

A fala de um mineiro, com 12 anos de mina, portador de pneumoconiose, interpreta o sentimento e define a prática das mulheres dos mineiros, referindo-se à própria esposa, presente na entrevista:

"Ela aí sabe como é; o pai dela também já foi mineiro; a mulher fica em casa, mas sufoca aquele remorso enquanto o marido tá na mina. Daí quando ele aponta pra vista dela, já ele vê ela na porta, espreitando se o mineiro dela tá voltando. Daí ela sossega. Ela aí sabe! Com o pai dela foi assim. Ela sempre recorda e pensa que isso não muda; a mãe dela passou esse sufoco da espera. Porque tem isso aí; todo mundo fala: 'O mineiro vai, mas não sabe se volta'".

A divisão sexual do trabalho é, pois, um traço marcante da identidade social da "família mineira". A divisão de tarefas fortalece a responsabilidade do "chefe" da família em prover a subsistência do grupo familiar: a ele cabe garantir o "sustento da casa" e a ela o cuidado dos filhos e a administração do lar².

"A mulher em casa tem os serviço que é dela e eu não levo os problema pra ela. A mulher tem que cuidá da casa e das criança que é pra quando o mineiro chegá em casa, podê descansar".

O cotidiano das mulheres é uma sucessão de práticas variadas e tem pouco em comum com o passado, onde o tempo livre representava boa parte do dia. A distribuição do tempo não obedece aos critérios tradicionais de dia e noite. Os turnos de trabalho apresentam-se hoje como naturais, e a nova divisão do tempo parece ter sido interiorizado pelas famílias. As noites não são necessariamente destinadas a um período de sono ininterrupto. Quando o turno do mineiro em determinada semana inicia às 3 horas da manhã, muitas mulheres levantam à 1:30h da madrugada para preparar o café e o lanche que o marido leva para a mina. Às 2:00h, em geral, ele sai de casa e se dirige até a estrada geral por onde passa o caminhão que o transporta até a boca da mina. Quando o marido deixa a casa, a esposa retorna ao repouso interrompido (Anexo 3. 10.1). Noutras minas os turnos da produção iniciam às 6:00h, às 18:00h e à meia-noite, respectivamente. Nessas famílias a rotina obedece esses horários. Se o início da jornada na mina absorve o trabalho da mulher no preparo do café, almoço ou janta, o final do

turno é marcada pela expectativa do retorno. O atraso do marido é motivo, primeiro, de preocupação; em seguida, a mulher vai procurar saber na vizinhança se os companheiros de seu marido já voltaram, ou se alguém ouviu falar "alguma coisa" da mina. O atraso no retorno levanta sempre a dúvida e a angústia de um possível acidente. O medo e a ansiedade nascem dos frequentes acidentes graves. Considerando que, por ano, em cada cinco mineiros um se acidenta, e que há quase cinco mil mineiros na cidade, pode-se afirmar que o estado de ansiedade e de medo é constantemente alimentado por novos casos concretos e próximos de suas famílias.

A expectativa e a angústia das mulheres, relacionadas ao eventual atraso dos mineiros após a jornada de trabalho, desenvolveu práticas de pontualidade de retorno ao lar e da "espera" dele, em casa. Há uma cumplicidade entre a expectativa da espera e a auto-satisfação de ser esperado, vivido dia a dia em cada família e reproduzido na história do grupo.

"Ela me espera na hora certa! Se tivé um atraso ela já perde o sossego. Ela sabe o que pode acontecé pro mineiro. Ela conhece o costume. O pai dela também foi mineiro" (Anexo 3, 8.1 a 8.5).

Esse habitus induz às práticas de "espera" e "pontualidade" numa aparente indiferença rotineira, mas atua com a força e a eficácia de um ritual. É reforçado pela representação ideológica da "naturalidade" e pelo discurso da certeza recíproca desta prática. Há, na fala do mineiro, um sentimento de satisfação ao afirmar que é esperado todo dia e que seu atraso provoca emoção na família. Nas práticas cotidianas não existe a expressão verbal de satisfação pelo retorno, mas os mineiros mantêm a certeza que ela existe e afirmam com muita frequência o ritual do retorno ao lar, tradição exclusiva da categoria. A representação de dois mundos "o de lá embaixo da mina" e "o daqui de fora" explica

e justifica que só existe motivo de espera no retorno do mineiro, não de outros trabalhadores. Porque, só ele sai "daqui de fora" e vai "lá embaixo"; "ele vai, mas não sabe se volta!" Esse habitus reforça a atitude machista do mineiro, que não quer perder a tradicional "espera" diária, e dificulta a entrada da mulher no mercado de trabalho. Alterar este costume significaria perder um traço cultural forte, construído pela história do grupo, que foi se interiorizando individualmente e se tornou uma das marcas da identidade social do mineiro.

Aproximadamente 70% das famílias-mineiras dependem exclusivamente da renda familiar do mineiro. Famílias com duas pessoas no mercado de trabalho representam 25%. Em apenas 5% das famílias são três ou quatro pessoas que contribuem para a renda familiar. Uma explicação razoável vem da faixa etária jovem das famílias mineiras. Cerca de 80% dos mineiros da ativa tem menos de 35 anos. E quase 50% tem menos de 30 anos. Em famílias cujos filhos estão em idade escolar ou pré-escolar, há menos pessoas disponíveis ao mercado de trabalho.

As mulheres, tradicionalmente, estiveram muito ligadas ao trabalho de seus maridos na mineração. Na fase em que o carvão era escolhido manualmente, elas auxiliavam seus maridos nesta tarefa, na boca da mina. Os mineiros que vieram da agricultura, no passado, mantinham suas propriedades rurais e as mulheres cultivavam boa parte dos alimentos consumidos pela família. A medida que a mineração não incluía mais a escolha manual e que se tornou inviável a permanência na "colônia", porque as bocas de mina se distanciaram de suas casas, as mulheres passaram a exercer as tarefas domésticas, exclusivamente.

O homem nas minas e as mulheres em casa foi o costume mantido, sem questionamento, durante meio século na região. A entrada das mulheres no trabalho das empresas locais começou há 20 anos, com a diversificação dos ramos industriais. Mas as mulheres dos mineiros permaneceram em suas casas, exercendo as tarefas tradicionais que o costume lhes conferia como sendo a elas "destinado pela natureza". A tradição se fortalece, na história da categoria e na história doméstica, considerando-se que 55% dos atuais mineiros são filhos de mineiros e cerca de 30% filhos de agricultores e pescadores. Nestes dois grupos a mulher sempre se ocupou com os serviços domésticos (Anexo 3, 9.1 a 9.8).

Segundo o conceito de habitus em Bourdieu, esta é uma estrutura estruturante, internalizada, que orienta as práticas de trabalho e domésticas. As justificativas se apóiam em princípios doutrinários que dogmatizam as práticas como naturais e necessárias, e não se apóiam em critérios que demonstrem a validade atual das mesmas práticas.

Os mineiros afirmam com "orgulho" e "naturalidade" que sua mulher não trabalha fora. Dizem que o "mineiro" tem "salário melhorzinho", que a mulher "não precisa trabalhar fora". Ela tem que "cuidar das crianças" e "deixá tudo pronto prá hora que o mineiro sai pra mina". Que "as crianças não tem onde ficar, se a mulher também sair de casa", lembram alguns. Estas razões que justificam a presença da mulher em casa, não são as justificativas mais enfáticas dos mineiros. Ao defenderem a permanência da mulher no lar e afirmarem que ela "não precisa" trabalhar "fora", ocultam também um sentimento de insegurança em relação à questão da fidelidade, objeto de brincadeiras e de muita gozação nas minas. A mulher que trabalha "fora" é como se escapasse do seu controle, "possível", porém, se ela

permanecer em casa. O trabalhador mineiro tem muito cuidado em manter sua identidade como "homem", como "macho".

Outra razão da permanência da mulher no lar vem do sistema de rodízio dos turnos. A esposa deve estar disponível para preparar as refeições, que os mineiros levam ao trabalho. Os trabalhadores de outros ramos industriais não tem essa preocupação, pois fazem suas refeições nas empresas. Porém, este motivo dificilmente é levantado. Seria admitir uma desvantagem do trabalho mineiro que eles não gostam de lembrar. O fato de ser a mulher que prepara as refeições dá-lhe a garantia de receber a melhor parte. Todas afirmam junto com seus maridos: - "o mineiro tem que comer bem; ... "ele precisa se fortalecê" ... "é ele que pega no pesado".

Os mineiros costumam afirmar e até insistir que "comem bem". "Comida forte" é o alimento rico em carbo-hidratos, lipídios e proteínas. Sobretudo proteína animal, particularmente a bovina, muito apreciada, mas de consumo controlado, pelos preços. Frutas, verduras e legumas são pouco consumidos e representam "comida fraca". Leite e derivados normalmente são excluídos pelo custo que representam; o leite é reservado para o consumo das crianças, porém, é racionado, porque "não dá de comprá e dexá as criança bebê à vontade... tá tudo muito caro".

Todos os mineiros demonstram atitudes e sentimentos de "vergonha" ao falarem dos alimentos que compõem seu regime alimentar. Dizem que o "mineiro tem que comer bem", mas não se sentem à vontade para especificar o que comem. Suas respostas são vagas e genéricas. Ao dizerem que "o mineiro deve comer bem" atribuem ao "mineiro" essa "necessidade" e "obrigação". A atitude de esquivar-se de

falar a estranhos sobre seu costume alimentar revela uma distorção entre o imaginário e o real. Na fala dos mineiros existe um "cardápio ideal", de alto valor nutritivo, que "cabe à sua alimentação", mas que pertence à representação ideológica e apenas a identifica como "necessidade"; porém, existe outro cardápio, o "real" no qual estão ausentes, ao menos nas quantidades idealizadas, os alimentos que gostariam de comer e dos quais poderiam falar sem constrangimento. A "vergonha" de expor o "seu alimento" existe em relação até ao próprio grupo de trabalho.

As mineradoras não tem refeitórios e nem serviço de cozinha pelas dificuldades que a itinerância da mina significa. Os mineiros que trabalham nos turnos, por exemplo das 9:00h às 15:00h, ou das 15:00h às 21:00h ou, noutras minas das 12:00h às 18:00h, costumam levar as marmitas para almoçar ou jantar no local de trabalho. Mas ali, o ato de comer se torna em geral uma prática isolada, em que cada mineiro se acomoda à distância dos companheiros para fazerem sua refeição, preservando também no grupo a representação simbólica da "boa alimentação do mineiro"³.

Podemos buscar as origens das representações ideológicas da imperiosa necessidade de boa alimentação desde os tempos em que as Companhias mantinham armazéns próprios de distribuição de alimentos básicos aos mineiros através do sistema de "vales". A afirmação constante da necessidade de boa quantidade de alimentos, servia como pressão junto às empresas para a concessão de "vales", mesmo que, ao final do mês, o mineiro estivesse em dívida com a empresa. Os salários diferenciados em relação às outras categorias também contribuíram para destinar boa parcela à compra de alimentos. Mas, apesar destas vantagens, os mineiros não apresentam aspecto físico de trabalhadores fortes e bem nutridos. A grande maioria, ao contrário, aparenta cansaço,

envelhecimento precoce, palidez, respiração ofegante e tosse persistente.

A tradição da casa própria, como propriedade, localizada no bairro, onde, por circunstâncias históricas e pessoais fixaram residência, foi se afirmando à medida que as companhias carboníferas encerraram o programa de construção das vilas operárias, e também à medida que diminuiu o retorno dos operários aposentados às suas terras de origem. Conseguir casa própria sempre foi muito importante para todos os mineiros, mas a tradição é mais forte entre os descendentes dos imigrantes italianos e poloneses que deixaram a agricultura pela mineração. Os de origem luso-brasileira e os negros, o principal contingente de trabalhadores das Carboníferas pioneiras, seguiram depois o exemplo dos mineiros, filhos de imigrantes, por força de condições objetivas que os induziram à luta. A política da empresa estatal Próspera de desalojar mineiros aposentados das casas da Cia. passou a ser criticada e de difícil execução. Os mineiros alegavam direitos adquiridos sobre a moradia. Este fato facilitou-lhes a compra destas casas por preços simbólicos e, aos poucos, foi sendo desativado o programa de construção de casas pela Companhia. Tal fato incentivou estes grupos étnicos a incorporar, lentamente, a preocupação com aquisição de casa própria, o que já fazia parte do projeto de vida das famílias de imigrantes, antes agricultores, agora mineiros⁴.

Aproximadamente 60% das famílias mineiras moram hoje em casas próprias; 30% moram em casas alugadas e para aproximadamente 10%, as casas foram cedidas por algum parente ou moram em dependências da casa dos pais ou de algum irmão.

A aquisição de casa própria é um projeto que, para quase 50% dos mineiros, só se torna viável após a aposentadoria (Anexo 3, 10.1 e 10.2). A preocupação com a sobrevivência enquanto trabalham, e gastam com os filhos menores em saúde e educação além da alimentação, não permite retirar parte do salário para construção ou compra de casa própria. Normalmente as economias são guardadas para adquirir um lote que, no futuro, será o local da própria casa.

Aqueles que constroem a própria casa durante o tempo de vida ativa nas minas, em geral são os operadores de máquinas, ou técnicos de manutenção dos equipamentos, são os operários qualificados que têm salários mais altos. Alguns trabalhadores sem qualificação, mesmo com o salário base apenas, também constroem sua casa própria, em geral fazendo acordo com a Companhia, sendo demitidos e imediatamente readmitidos. Com isto retiram o FGTS a cada três ou quatro anos. São etapas do processo de aquisição da casa que se inicia, num primeiro passo, na compra do lote (há quem recebe o lote dos "pais dela ou dele"); em seguida partem para a compra de uma casa pequena de madeira que transportam para o próprio lote; num terceiro momento vêm os acabamentos e melhorias e, se possível, ampliação da mesma (ANexo 3, 10.3 e 10.4). Assim, aproximadamente 50% das casas são de aparência e de condições extremamente precárias, de duas a três peças no máximo, sem banheiro, com sistema de água e esgoto também precários. As casas de boa aparência, que apresentam espaços confortáveis, com instalações sanitárias de banheiro, água e esgoto, não representam 20% das moradias dos mineiros. Outras, 30% da totalidade, podem-se classificar como casas regulares, com alguns problemas de segurança, pouco conforto, pequenas, sem instalações sanitárias adequadas (Anexo 3, 10.5 a 10.11).

As melhores moradias estão mobiliadas, em geral, com um conjunto de sofás estofados e coloridos na sala, e conjunto de mesa, cadeiras e armário tipo balcão ou "americano" na copa, pouco usado pela família. As refeições são feitas em pequena mesa na cozinha e quase nunca em família, todos juntos. Os horários da mina, que funcionam em rodízio, determinam o café da manhã, o almoço e janta do mineiro; as crianças dependem dos horários da escola; os mais crescidos que trabalham, também estão sujeitos a turnos nas cerâmicas ou outras indústrias. Assim, o tradicional encontro familiar ao redor da mesa não existe nas famílias dos mineiros. Isso ocorre apenas no almoço de domingo, enquanto a família conta com os filhos menores. A refeição não tem o sentido simbólico do encontro. Ela é meramente a satisfação da necessidade biológica de alimentar o corpo para o trabalho e para o crescimento, no caso dos filhos. Não há horário estabelecido para as refeições, pois o mineiro normalmente leva o almoço ou janta, e faz a refeição na mina. A mulher e os filhos menores que não frequentam a escola tomam as refeições assim que esta "fique pronta". As crianças que frequentam a escola fazem sua refeição principal no próprio estabelecimento de ensino servindo-se da "merenda escolar", muito valorizada pelas famílias dos trabalhadores.

A mulher são atribuídas todas as tarefas da administração doméstica. Além de garantir a limpeza e higiene da casa e das roupas, é ela que paga as taxas de água e luz, e de impostos se a casa é própria. Paga também as prestações das compras feitas de comum acordo com o marido. As prestações sempre existem. Tudo o que adquirem em roupas e eletro-domésticos e móveis é comprado no sistema de crediário. Concluída a última prestação de alguma compra já se pensa na próxima aquisição. As compras nas lojas em geral são feitas depois de levantamento de preços e a escolha do

artigo é feita mais pelo preço que pela qualidade. As casas comerciais que mantêm sistema de compras pelo crediário e oferecem "artigos populares" são as mais procuradas e, nestes estabelecimentos, se faz a pesquisa do preço e das condições de pagamento. Isto sempre demanda algum tempo e várias saídas de casa aos centros comerciais.

As compras pagas em prestações são feitas em geral a partir do dia 10 de cada mês, que coincide com a data de pagamento nas Cias. Ao receberem o salário no dia 10, este já sofreu, em geral, desconto dos adiantamentos que os trabalhadores obtiveram. A partir do dia 16 de cada mês algumas empresas liberam vales para supermercados com os quais mantêm convênios^o. Estes vales representam de 25% a 50% do salário do mineiro. Outras empresas adiantam 30% ou 50% das notas de farmácias referentes à compra de remédios. Há Companhias que, a partir do dia 25, pagam 30% do salário líquido ainda por receber. Isto significa que no dia 10 de cada mês grande parcela dos salários já foi adiantada para a compra de alimentos. Os "vales" de 25% a 50% que recebem, podem ser gastos só no super-mercado a que foi destinado. E ali que fazem o "rancho" do mês". As mercadorias são entregues em casa pelo supermercado ou, transportados de taxi quando o estabelecimento não mantêm serviço de entrega a domicilio. O "rancho" é feito pela mulher uma vez por mês. Os produtos como pão, leite, carne são adquiridos nos armazéns dos bairros uma ou duas vezes por semana.

Do salário recebido no dia 10 é reservado uma quantia para estas compras menores. Se resta algum dinheiro este é destinado para a aquisição dos bens de consumo duráveis, que, em termos de prioridade são assim classificados e adquiridos pelas famílias: fogão a gás, televisão e geladeira (95% das famílias os possuem); ferro elétrico e rádio (80%); móveis de sala e copa (60%); máquina de costura (55%); móveis de quarto (30%); toca-disco, bicicleta e

ventilador (27%); liquidificador, enceradeira, máquina de lavar (10%); motocicleta (7%) e carro (3%).

O tempo para aquisição destes bens, somado ao da compra ou construção da casa própria, dura tanto quanto o tempo de vida ativa, e se prolonga até após a aposentadoria para muitos deles. A luta pela sobrevivência inclui a preocupação com um esquema de vida que não permite desperdício no suprimento de nenhuma das necessidades básicas, sejam biológicas como alimentação, vestuário, remédios, moradia, ou culturais representados pelos bens de consumo duráveis destinados ao serviço e conforto do lar ou às necessidades de transporte e lazer.

A mulher que administra o lar influencia na decisão do que é possível comprar, seja na quantidade e qualidade dos alimentos, ou na aquisição de bens que ela julga prioritários. Se observarmos o tipo de produtos adquiridos pelas famílias, vemos que os considerados mais necessários, dos quais um número maior de famílias dispõem, concluímos que todos são artigos que interessam mais à mulher que aos homens. Uns facilitam o serviço e administração da casa, outros preenchem as horas vagas, e no caso dos móveis da sala e copa, mesmo poucos utilitários para a família, estão presentes em 60% dos lares. São adquiridos pela influência da mulher que alega motivos de auto-afirmação da família perante os vizinhos ou parentes. Uma casa vazia, sem móveis, denuncia uma situação de carência que é estendida a outras necessidades básicas, mais difíceis de provar se estão sendo supridas ou não, como a boa alimentação, por exemplo. A crença de que o mineiro corre risco, mas deve ter sua compensação - ele é bem pago por isto - faz parte da ideologia que as mulheres interiorizaram junto com eles e orienta as práticas de consumo no sentido de ocultar a pobreza. Há uma memória do grupo, sempre lembrada, de que o mineiro já foi muito bem remunerado no passado. E todos

complementam que, mesmo hoje, o salário melhor ainda é o da mina. E, como conclusão, dizem que a mulher insiste que ele continue, pois, se deixarem a mina, não têm mais perspectiva futura (Anexo 3, 8.7 e 8.8). Um sentimento de ambiguidade em relação ao salário recorta suas práticas e representações. A afirmação de que os salários estão defasados faz parte das estratégias e das práticas de resistência, confirmada pelas dificuldades de sobrevivência e denunciada por uma situação de pobreza. Há, porém, mecanismos para evitar que esta "decadência" se torne pública na esfera doméstica do bairro. O fato de ser mineiro deveria destacá-los dentre outras categorias de trabalhadores, e tornar público que mantêm uma qualidade de vida que compensa o risco. O salário deles deve ser diferenciado e o estilo de vida deve mostrar esta diferença (Anexo 3, 8.9 e 8.10). As necessidades objetivas se confundem com as necessidades subjetivas, pois que estão definindo um estilo de vida, própria ao espaço social que o estilo de vida delimita e impõe ao grupo (Pinçon, 1985, 104).

O piso salarial dos mineiros corresponde a 2,5 salários mínimos. Sobre isto eles recebem horas extras, correspondentes à hora do deslocamento (entrada e saída das minas) e às horas do turno noturno. Há também o salário-produção conseguido com o excedente produzido acima das quotas. Esses adicionais são variáveis de acordo com os postos e funções, que por sua vez já apresentam também salários diferenciados. Os salários nas minas de subsolo estão assim classificados:

TABELA 1.

Classificação dos salários dos mineiros

Salários Mínimos Recebidos	Mineiros (Porcentagem)
2 - 3	35
3 - 5	35
5 - 7	20
7 - 10	10

As mulheres contam com dificuldades para administrar a casa e suprir as necessidades de alimentação com o salário da mina que é um pouco superior aos salários dos operários não qualificados da região. Cria-se na família uma situação que não dá margem para a reflexão sobre a permanência ou não do "chefe" do lar no trabalho arriscado e desgastante da mineração. A ele cabe "trazê o sustento da família" e ela "cuidá da família".

Há aqui cumplicidade de ambos em defender-se da angústia que a consciência do trabalho arriscado tenderia a gerar. Os mecanismos de defesa naturalizam a divisão do trabalho e suas práticas nas minas e na esfera doméstica. A divisão sexual do trabalho não está isenta do dualismo: trabalho assalariado/não assalariado; porém esta dicotomia não caracteriza profundamente o trabalho nas famílias mineiras, e não significa, essencialmente, uma relação de dominação do homem e submissão da mulher. As diferenças que perpassam a divisão sexual do trabalho remetem às tradições, aos valores e à ideologia defensiva, construída pela categoria a partir do trabalho perigoso nas minas e compartilhada pela família na esfera doméstica. Ali, juntos, o mineiro, a mulher e os filhos, enquanto naturalizam as práticas desgastantes e inseguras, vão construindo a própria identidade e alimentando os mecanismos que os reproduzem socialmente.

NOTAS

- ¹ Elisabeth Souza Lobo, num estudo em que sistematiza os enfoques e conclusões das diferentes abordagens sobre a divisão sexual do trabalho, analisa que estas abordagens

"guardavam pontos em comum, originados no privilegiamento da explicação estrutural na análise dos trabalhos femininos e na referência às dicotomias tradicionalismo/modernização, subdesenvolvimento/desenvolvimento. Segundo esta lógica, a subordinação das mulheres, própria às sociedades tradicionais e/ou desenvolvidas se resolveria pela modernização/desenvolvimento das forças produtivas. Ou, ao contrário, a modernização e o desenvolvimento capitalista acentuavam a subordinação das mulheres na sociedade de classes" (Lobo, s/d 1-2).

A este tipo de abordagem Elisabeth Lobo seleciona e agrupa outras como: "a divisão sexual do trabalho e sexualização das ocupações"; a divisão sexual do trabalho na indústria; divisão sexual do trabalho e hierarquia de género; considerando vários trabalhos voltados para estes objetos de estudo. Observa que a partir da questão colocada por Stolcke (1983) seja a divisão sexual do trabalho, "causa ou efeito da subordinação das mulheres", os estudos apontam para a impossibilidade de se chegar a explicações demonstrativas quando elas se fundam essencialmente "no desenvolvimento económico para analisar as práticas de trabalho das mulheres".

Dentre as conclusões sobre o estudo das abordagens da divisão sexual do trabalho, a autora acena para a subordinação feminina como uma possível "estratégia de sobrevivência" mas também de resistência à dominação e subordinação; conclui igualmente que, além do capitalismo expropriar o trabalho e os saberes de homens e mulheres, induz a divisões internas. (Souza Lobo, s/d, 17-8).

- ² Em Criciúma, a participação da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho é alta. Em alguns setores, como no comércio, é majoritária. Na indústria das confecções e malharias predomina a mão-de-obra feminina com 85%. As indústrias de confecções empregam o maior número de pessoas após a indústria cerâmica e a carbonífera. Seu número é difícil de precisar porque muitas pequenas e micro-indústrias não aparecem nos registros do DRT e Cadastro municipal. E são centenas delas em Criciúma. A indústria de calçados, também, emprega 42% de mulheres. Há ainda os serviços de saúde, de limpeza pública e dos condomínios, realizados por mulheres. A indústria cerâmica já empregou 40% de mão-de-obra feminina até o ano de 1986. A partir daí começou a baixar e hoje significa 27%. Esta alteração deveu-se à implantação do terceiro turno (22:00h às 5:00h) no qual, por força de legislação, só trabalham homens. Nas indústrias de abate de aves 44% dos empregados são mulheres.

São todos ramos industriais e de serviços que empregam alta percentagem de mão-de-obra não qualificada, proveniente das classes trabalhadoras em que estão incluídas as mulheres dos mineiros. Porém, elas não entram neste mercado de trabalho desqualificado, ou entram, numa proporção muito pequena. As mulheres de mineiros, que trabalham em empregos com horário e disciplina rígidos, em empresas, não alcançam o índice de 5%. Algumas exercem função remunerada, mas trabalham como diaristas algumas horas por semana, ou prestam serviço de lavagem de roupa para terceiros nas próprias casas. No total, menos de 10% das mulheres dos mineiros contribuem para a renda familiar.

* Os mineiros desenvolvem o raciocínio, e sua fala é constante neste sentido, de que devem estar bem alimentados para levar a bom termo as tarefas e as agruras da jornada diária de trabalho. A referência à boa alimentação tem perpassado historicamente toda a tradição mineira. Ações concretas foram assumidas pelas Cias mineradoras que sempre mantiveram armazéns próprios ou convênios com mercado, onde os mineiros se abastecem para que esta necessidade sentida e explicitada fosse suprida.

Alguns fatos e práticas, contudo, exigem melhor clareza ou reflexão:

Segundo Viacava (1983, 179) em *A Desnutrição no Brasil* - a atividade mineira está enquadrada entre as categorias que exigem realmente uma alimentação do grupo "muito pesada" - Grupo 4. Com uma elevada previsão de gastos energético.

A alimentação dos mineiros segue um dos dois costumes basilares da região, que são os costumes alimentares da orla litorânea ou os herdados da migração italiana. Nos dois casos há uma supervalorização dos alimentos à base de farinhas, massas e gorduras. Em ambos há despreocupação com o teor equilibrado ou balanceado da alimentação. O "Comer bem", se por um lado é o imperativo do consumo de energia do trabalho, por outro lado é a vazão que se dá ao costume alimentar, que consiste em volume, independente de seu valor energético.

Os mineiros "se isolam para comer". Este fato certamente reflete a certeza de que na marmita não estão os alimentos necessários e nutritivos. Ele sabe que deveria romper certas barreiras e ingerir verduras, (mas "na mina não se come capim") e carnes, ("está muito cara") ou peixes (há uma conotação negativa do peixe), mas isto é

preferível que permaneça na ordem do verbal e não do real, logo, deve ser ocultado.

As empresas da região, principalmente as Cerâmicas, estão servindo refeições rigorosamente balanceadas à luz dos critérios do consumo energético dos trabalhadores e adotaram esta prática a partir da constatação de que a produtividade da maioria dos trabalhadores bem alimentados sobe de 20-30% no mês. (dados constados na Ind. Carboquímica de Imituba e nas Cerâmicas Eliane de Criciúma e Urussanga). Frente a esta situação há que se perguntar por que as mineradoras insistem em ser excessão nesta questão alimentar?

Como o trabalho do mineiro, em geral, é remunerado pelo volume de produto extraído e, conseqüentemente, há um sobre-salário para as metragens acima das cotas pré-estabelecidas, não se faz uma análise mais séria da lucratividade que aconteceria com um volume-mineiro-mês maior. A média menor não afeta a margem de contribuição do produto extraído desde que seja atingida a cota básica. Origina-se daí uma despreocupação em elevar o nível de extração, pela boa alimentação aos mineiros.

A itinerância e provisoriedade dos equipamentos de apoio nas bocas de minas, é uma argumentação para a dificuldade de instalação de refeitórios e cozinhas. Contudo, os custos de tais instalações são mínimas, uma vez que em Criciúma há cozinhas industriais e o SESI (Serviço Social da Indústria) que servem empresas, o que exigiria das minas, apenas um pequeno espaço para restaurante.

O custo da alimentação - um benefício acrescido ao salário - é realmente pequeno, de modo a ser fartamente compensado pela produtividade a mais dos funcionários.

Leva-se a crer que este fato ocorre por duas razões: os mineiros não pressionam as mineradoras no sentido de instalarem refeitórios porque não lhes interessa tanto o salário indireto. A refeição poderá ser entendida como salário indireto e seria um argumento para que o salário direto fosse menor.

Os mineradores, por sua vez, mantêm o expediente do refeitório como um trunfo para momento maior de crise, quando entraria como pauta de negociações. Simplesmente como benefício, não o concedem, uma vez que as relações capital-trabalho são quase sempre tensas, e não haveria espaço para tal concessão.

- 4 A diversificação da produção industrial foi atomizando as famílias na composição e formação dos bairros operários. O crescimento da cidade descentralizou a vida social, os serviços e as opções de comércio, para a população periférica. A heterogeneidade das ocupações profissionais, o constante e numeroso surto migratório aos bairros, descaracterizou as vilas residenciais como comunidades mineiras. O resultado foi a formação de bairros operários cada vez mais identificados com o pluralismo das cidades industriais de médio porte, como é o caso de Criciúma hoje.
- 5 As Companhias Metropolitana e Próspera, não adotam este sistema de adiantamento do salário através de vales. A administração da Metropolitana afirma que os salários pagos são aproximadamente 10% superiores aos das outras Carboníferas e com isso não adiantam em "vales" ou por outras formas. A Companhia Próspera, a partir de abril de 1988, deixou de fazê-lo pois foi incorporada à CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) e as folhas de pagamento são feitas no Rio de Janeiro.

C A P I T U L O 8

A Reprodução Social dos Mineiros.

Naturalização das Práticas

"Tem mineiro que já tem determinado tempo de subsolo, vamos supor 8 anos. Então ele pensa assim: 'vou aguentar mais 7 anos e saio da mina novo ainda'. Então é que eles preferem mais a mina - só por causa desses dois motivos. As 6 horas que é pouco e os 15 anos pra fazer a especial. Só por isso que amarra o mineiro."

A identidade social do trabalhador mineiro, desde suas origens e em seu processo de formação e reprodução, supõe a formação de um habitus que naturaliza o desgaste e a agressão à vida, através de um discurso que enfatiza a neutralidade das técnicas e a inevitabilidade das práticas de trabalho, e através da história cultural do grupo mineiro. A particularidade do trabalho mineiro e suas consequências, compartilhadas pelas famílias, organizam os habitus e os projetos familiares, sempre de forma a naturalizar os efeitos e as implicações do trabalho sobre o corpo do trabalhador em troca da sobrevivência da família. A naturalização das práticas marca a identidade social dos mineiros e ao mesmo tempo explica sua reprodução.

Mas, como acontece esse processo de "naturalização" das práticas, que reproduz um grupo sob as determinações de uma situação hostil nas relações dos indivíduos com tal situação?

No caso do camponês, diz Bourdieu, ele reage a condições objetivas, mas essa reação significa um processo de condições apreendidas através de esquemas socialmente constituídos. É uma busca de interiorização da objetividade, pois indivíduos que se relacionam não podem

ser confinados às determinações sociais (Bourdieu, 1972). As disposições interiorizadas servem como esquemas defensivos diante de situações indesejadas que moldam as práticas, de forma a torná-las adequadas e assim se apresentarem ao grupo.

Empregando estes conceitos ao caso dos mineiros, observo como suas práticas resultam da interação do grupo com a situação e como o grupo utiliza os meios adequados ao momento presente, marcado pelo passado. Com isso permanece em "seu lugar" em "seu espaço" físico e social. Os esquemas que interiorizam a objetividade resultam da experiência nas famílias e nas categorias sociais. A experiência comum e a situação também comum induzem a uma mesma visão do mundo que não vem de um esquema de "fora", mas da experiência do próprio grupo. As práticas se reproduzem no grupo "naturalmente" e, uma vez "naturalizadas", são difíceis de questionar. Elas decorrem de habitus que ocultam razões e valores inquestionáveis. Ocultam práticas de resistência, cujas estratégias não chegam a fazer análise da situação de opressão; apenas organizam práticas que resistem à exploração, embora possam até parentar submissão (Bourdieu, 1972). A "naturalização" das práticas de desgaste corporal, de risco à integridade física, de "descaso" da família, etc., reproduz socialmente o mineiro. As práticas "naturalizadas" e "reproduzidas" identificam o mineiro na sociedade, revelam intenções que rejeitam mudanças, pois elas comprometeriam as suas formas de ser e atingiriam os esquemas interiorizados e organizados pela experiência histórica.

A "naturalização" das práticas tem sua razão e eficácia, pois são cimentadas pela tradição e explicadas por representações ideológicas que estão presentes no discurso, nos rituais, nos sinais, nos atos aparentemente insignificantes do cotidiano. Práticas estas que o processo

de inculcação as torna automáticas. Mas elas se apóiam em princípios fundamentais da cultura e se impõem como necessárias (Bourdieu, 1972, 199).

A naturalização das práticas que agridem o corpo e a vida dos mineiros, estão presentes, primeiro na relação com a situação tecnológica e com a organização geral do trabalho; segundo, na relação doméstica, enquanto portadores efetivos ou potenciais de um corpo ameaçado e enfraquecido, e enquanto se reproduzem não apenas social, mas até biologicamente, lutando pelo "direito de fichar os filhos na mina"; terceiro, até na relação do grupo com a entidade sindical, enquanto suas práticas de resistência não se dirigem primordialmente contra as políticas que reproduzem o desgaste e a agressão à vida; quarto, na relação da indústria de mineração com o meio ambiente, enquanto o descaso com a natureza favorece o descuido do corpo e da vida humana em geral. Este processo de "naturalização" e reprodução social nestas esferas será visto agora.

"Na mina não tem serviço bom. Tudo é perigoso. O cara quando entra na mina já tá preparado pro pior. A mina é isso aí..."

A reprodução dos trabalhadores mineiros é possível, pois, pelos habitus que naturalizam o desgaste no trabalho.

Todas as práticas de trabalho são desenvolvidas dentro de uma rotina própria da sua organização, e por meio de tecnologias diferenciadas e específicas que já incorporam atividades caracterizadas como neutras, inevitáveis e "naturais". O discurso não falado da tecnologia empregada, divulga a ideologia da neutralidade das máquinas, da sua necessidade; e, mais, que as práticas de trabalho por ela incorporadas são imutáveis. Tecnologia e treinamento

conduzem a práticas de trabalho necessárias, mecânicas, uniformes e insubstituíveis. Toda a administração e controle da produção reforçam a execução da tecnologia prevista.

Esta objetividade é interiorizada pelos trabalhadores, toma formas representativas correspondentes e, ao se manifestar através de um discurso ideológico, revela admitirem que as más condições de trabalho são inevitáveis, logo, são "naturais".

"Quem trabalha numa máquina tem que comer pó. Não tem como evitar" (entrevista 66).

Du depoimentos como o que segue evidenciam uma consciência que incorporou a agressão à vida como fatalidade e que só pode ser aceita "naturalmente":

"Como vai evitar uma pedra que cai? A pedra soltou, ela cai. As vezes dá azar e cai no infeliz que tava aí" (entrevista 19).

"Tem o fogo perdido. Esse aí é um acidente que vai muito da sorte. Deu azar, o furador bota a broca na espoleta, esse tá queimado" (entrevista 34).

A maioria dos trabalhadores, contudo, desconhece que as empresas adquirem as máquinas e equipamentos empregados na extração, desprovidos dos acessórios de segurança e proteção. Desconhecem também que existem equipamentos e técnicas que garantem maior segurança e proteção que as precárias condições oferecidas pelas companhias onde trabalham. Não avaliam a extensão dos riscos que representam as condições de instalação da rede elétrica, do escoramento e a forma de uso de explosivos. Todos esses fatos têm uma carga ideológica e funcionam para inculcar que a mina é perigosa por natureza, porque toda a sua infra-estrutura se apresenta com características consideradas próprias da mina.

A linguagem tecnológica é um fator significativo no processo de naturalização das práticas de trabalho, justamente porque, ao agredir o corpo e a vida em geral toma

formas próprias a cada estágio do processo tecnológico da produção. Cada espaço de trabalho aparece como encerrando em si mesmo a fatalidade dos riscos, o que consegue manter o trabalhador, até certo ponto, submisso e inconsciente. Até certo ponto, porque existe resistência ao meio e à tecnologia de trabalho. Por isso, mesmo o discurso simbólico e ideológico que o espaço de trabalho e a tecnologia transmitem, não é um discurso uníssono e convincente. Como existem tecnologias diferentes, são igualmente distintos os espaços de trabalho, em termos de maior ou menor agressão ao trabalhador. A comparação pode e de fato é feita pelos mineiros, classificando minas e postos como mais ou menos perigosos e difíceis.

Consideradas as fases da indústria mineradora e sua tecnologia, bem como a tradição e origem cultural do mineiro, observa-se que a reprodução social do trabalho mineiro, fundamentado nas respectivas organizações e tecnologias do trabalho, acontece numa dinâmica alternada por situações de inconsciência que tendem a naturalizar as práticas, e por situações de resistência, caracterizando a luta. No espaço da mina o trabalho é desempenhado numa dinâmica de ambiguidade entre posturas de submissão e resistência, cujas práticas se adequam aos postos de serviços ou se opõem a eles. Do confronto entre a submissão e a resistência, como expressões da naturalização ou rejeição das práticas do trabalho, consolida-se a reprodução social do mineiro, com perdas pessoais (desgaste corporal) e garantias de sobrevivência. Esta luta tem expressões não só na esfera individual, que o mineiro trava diante de si próprio, defendendo e agredindo seu corpo, mantendo sua família, mas arriscando sua vida através do trabalho nas minas. O confronto se dá também entre os componentes do espaço de trabalho, entre as frações do grupo mineiro

("combativos" e "pelegos"), e do grupo mineiro com os administradores e executores do processo de mineração.

A condição social dos trabalhadores só tem saída no assalariamento para atender a seus projetos de vida, em geral restritos à sobrevivência. Na comparação dos salários pagos à mão de obra não qualificada, o melhor salário é o da mina. A menor jornada é também a da mina. A aposentadoria se dá após 15 anos de frente. A fiscalização e controle dos postos e funções é mais frouxa na mina. As perdas físicas são maiores mas, após 35 anos em outros serviços, o desgaste se equipara. Os riscos na mineração também são maiores, mas o fator sorte e a recusa dos serviços perigosos pode lhes ser favorável (Anexo 3, 13.1 a 13.5) Por sua vez, tanto a vantagem da aposentadoria especial quanto a realidade da doença, ao invés de serem condições de resistência, transformam-se em aliadas do silêncio dos mineiros. Estas duas razões atuam de forma muito integradas sobre as práticas de trabalho, seja nas minas, em suas casas ou nos sindicatos. De um lado, há a recessão e o desemprego; de outro, o mineiro, que já trabalhou sete ou oito anos nas minas, considera o processo de sua atividade profissional irreversível - já percorreu 50% de um caminho duro e difícil; mais sete ou oito anos e conseguirá a meta: a aposentadoria. Se ele for portador de pneumoconiose em suas fases iniciais, restam-lhe duas alternativas: conseguir completar os 15 anos de serviço com chances de permanecer no estágio F2 ou, se a doença progredir para F3, poderá se aposentar antes dos 15 anos completos de frente no subsolo. O que não pode acontecer é ele, doente, ser despedido do emprego, pois dificilmente será contratado por outra indústria. Ademais, sabe que o salário diferenciado das minas não receberá em outro emprego como operário não profissionalizado (Anexo 3, 13.6).

O reconhecimento de condições insalubres e perigosas sugere, antes, a reivindicação e as práticas de luta para conseguir salário, insalubridade e a diminuição da jornada de trabalho e do tempo de atividade, que campanhas para sanear e corrigir aspectos da infraestrutura das minas, principais fatores do desgaste precoce.

O desconhecimento do próprio corpo e a redução quase absoluta à dimensão de "corpo-trabalhador", faz com que as lutas se voltem para diminuir o tempo de serviço. Pois a mina é a situação que ameaça sempre a capacidade do corpo. As outras dimensões: a estética, a sexual, a esportiva, artística, de lazer, são aspectos ignorados, pois não identificam o mineiro, que deve ser portador de um corpo forte e apto para o trabalho ou portador da negação deste corpo, um corpo doente, envelhecido, fraco e mutilado. A redução de todas as potencialidades a uma função exclusiva, facilita a exploração do "corpo-força-de-trabalho" até sua exaustão. A ética da necessidade do trabalho como uma contingência do "ser humano", a crença de que "trabalhar é necessário", fortalece e realimenta os dispositivos interiorizados pelos mineiros para aceitarem a imposição do trabalho como condição inapelável e com isto, bloqueiam a reflexão sobre as condições e as formas de trabalho. Aditem, conseqüentemente, que a imposição moral do trabalho supõe a aceitação das contingências ligadas a ele como sendo "próprias", "naturais", "insubstituíveis".

Permanecer nas minas torna-se "natural" para viver na ilusão e na esperança de que o elo da submissão obrigatória ao trabalho desgastante se rompa na geração seguinte, com seus filhos. Os mineiros incorporam e alimentam esquemas de promoção para os filhos, através de representações que não se concretizam, porém. A sobrevivência, bem cedo, rompe com as expectativas infundadas e sem tradição no grupo, da promoção através da educação. Os valores da família, através

das práticas quotidianas, reproduzem o próprio grupo, dando continuidade ao trabalho nas minas, uma geração substituindo a outra. A reprodução biológica e cultural dos mineiros acentua a "naturalização" do desgaste através da história do processo de trabalho relatado aos filhos. Há uma tendência "natural" em super-dimensionar condições agressivas do trabalho nas minas do passado, e a minimizar as precárias condições atuais. Sempre se servindo de comparações entre ações de bravura do passado e do presente, onde então o mineiro aparecia como o verdadeiro forte e herói. A história revivida nas famílias através desta didática, traz como ensinamento que o desgaste na mineração é inerente ao processo, sempre existiu, e tende hoje a ser mais ameno. É esta uma forma educativa eficaz na transmissão da "naturalidade" do desgaste aos novos mineiros.

"Tudo o que eu quero é dar estudo pros meus filhos, não é suficiente, porque não posso, mas prá eles podê até ir debaixo duma mina, mas como encarregado, não como puxador".

As justificativas dos mineiros sobre a continuidade de suas práticas vêm mescladas de muitas causas, todas elas, umas mais, outras menos, vinculadas à necessidade insubstituível do trabalho como única forma de ter acesso aos bens sociais para sobrevivência própria e da família. No grupo familiar encontramos os habitus que estruturam as suas funções, o papel e a responsabilidade do "chefe" em prover as necessidades da família; em promover socialmente o grupo familiar através dos filhos; em garantir um mínimo de segurança futura para o casal através da aposentadoria.

Existe uma realidade contraditória entre o projeto de promoção social e a reprodução social do grupo mineiro.

A fala dos mineiros descreve uma situação e revela outra estrutura internalizada que é responsável pela formação e reprodução do próprio grupo. Sem preparo profissional, mas como homem casado, lhe é atribuída a tarefa da manutenção do lar, induzindo-o a procurar um emprego que atenda a imposição desta atribuição; para este homem a mina é a melhor alternativa. Aspira promover-se socialmente através da educação dos filhos. Mas o discurso ideológico vem mesclado pela consciência da situação objetiva do grupo e pela expectativa infundada de garantir aos filhos um lugar noutra patamar da classificação social. As falas dos mineiros sobre promoção social estão limitadas pela situação, que orienta as práticas possíveis; e pela aspiração, que pretende ultrapassar esta barreira. Querem que seus filhos não experimentem a mesma condição de pobreza e de desgaste que eles próprios sofrem, e dizem que vão dar "estudo aos filhos"; mas logo reconhecem que existe a imperiosa necessidade da sobrevivência e devem escolher entre "alimentar" a família ou "estudar os filhos". Como, na maioria das famílias dos mineiros "da ativa", os filhos ainda são menores, eles vivem a ambiguidade da "situação" e da "aspiração" (Anexo 3, 11.1 a 11.2).

As famílias dos mineiros são formadas por casais jovens e seus filhos são menores, em idade pré-escolar ou são alunos do primeiro grau. Outro dado significativo: o grupo mineiro é formado por homens casados ou que "entraram para a mina" porque já estão de "casamento marcado". O fato reforça a existência da relação entre a submissão ao trabalho da mina e a obrigação de garantir a sobrevivência da família.

Existe entre os casais a consciência da necessidade de controle da natalidade. Mais de 80% das famílias tem até três filhos. Contudo, 46% dos mineiros estão abaixo da faixa etária dos 30 anos. Este fato admite a possibilidade ou até sugere a tendência a aumentar o número de filhos em quase

metade das famílias mineiras. Esta afirmação se apóia na verificação de que, dos 20% de mineiros que estão com mais de 35 anos, 12% deles tem entre 4 a 6 filhos e 8% tem mais de 7 filhos (Volpato, 1984, 85, 86). Trata-se de uma possibilidade, uma vez que os casais jovens afirmam que "hoje em dia não se pode tê mais que um casal de filhos. A vida tá muito difícil".

O cuidado e a educação dos filhos está sob a responsabilidade da mulher. É ela que leva os filhos ao posto de saúde do bairro e recebe a orientação do médico do posto. Ela cuida da matrícula dos filhos e da frequência às aulas. Mantém sob seus olhares os filhos menores, que brincam em casa. Enquanto os meninos brincam na rua e bem cedo a mãe até os "perde de vista", as meninas começam, com pouca idade, a ajudar a mãe nos serviços caseiros, que consistem em lavar e secar a louça, varrer a casa e o terreiro, cuidar de algum irmãozinho menor. É insignificante a percentagem de filhos de mineiros que frequentam cursos pré-escolares como escolas maternais e jardins de infância. Os pais consideram que seus filhos não precisam frequentá-los, pois a mãe está em casa para cuidar das crianças. A educação pré-escolar destina-se aos filhos de operários que não têm onde deixar seus filhos. Mas o número de estabelecimentos de educação pré-escolar da rede pública (gratuita) é reduzido nos bairros operários, e só têm capacidade para atender uma parcela muito pequena das crianças.

As crianças são matriculadas, em sua grande maioria, para cursar o primeiro grau. É a partir de então que começa a obrigatoriedade do ensino. O ambiente doméstico não oferece um clima que estimule a aprendizagem das crianças. As famílias dos trabalhadores não têm nenhuma familiaridade com o sistema de ensino. Muitas apresentam dificuldade de aprendizagem, mais por razões culturais que por problemas psico-motores, segundo constataam os especialistas em

educação (Prefeitura Municipal), 1967). Nem todas as crianças que foram matriculadas nas escolas dos bairros operários concluem o primeiro grau. A educação sistemática nas escolas públicas não alcança o objetivo de entregar à sociedade indivíduos alfabetizados e capazes de se promoverem socialmente via educação.

Dir-se-ia que todos aqueles que frequentaram a escola durante quatro ou cinco anos estariam definitivamente "salvos" do analfabetismo. Porém, não é bem assim. Uma vez deixada a escola, esta fica de fato no passado. Não há entre as classes trabalhadoras a prática da leitura. A alfabetização torna-se instrumento útil para assinar o próprio nome; passar recados escritos, simples; ler anúncios e chamados sem complexidade. Como não há a prática da leitura, a compreensão e interpretação de um texto escrito tende a se distanciar, cada vez mais, das práticas dos operários. A isto, acrescenta-se que a evasão escolar entre os filhos de operários ocorre em altos índices antes deste completarem a 4a. série do primeiro grau¹.

Estes fatos revelam uma distância entre a fala dos operários e suas práticas. Na intenção dos mineiros está a promoção de seus filhos através da educação escolar. Porém, assim que surge uma oportunidade de emprego, a escola torna-se secundária e até é abandonada se o desempenho do trabalho o exigir. Os pais aspiram à promoção social para seus filhos ao afirmarem que não pretendem vê-los empregados nas minas. Mas esta aspiração é frustrada por não ser possível romper o círculo reprodutivo da classe operária (Anexo 3, 11.3 a 11.7)².

As formas de reprodução dos trabalhadores mineiros acontecem tanto cultural como biologicamente. Em muitos grupos ou categorias de trabalhadores é "natural" que os filhos sejam iniciados no trabalho de seus pais. As relações

informais e o conhecimento do ambiente se tornam o caminho de introdução da nova geração no mercado de trabalho, através dos adultos de sua relação, no caso, os pais ou parentes e amigos. Na classe operária são muitos os menores que começam a trabalhar nos ramos industriais em que seus pais trabalham, mesmo que em seguida passem para outro emprego que seja melhor remunerado. Entre "a classe operária, na maioria dos casos, não é o trabalhador que escolhe seu trabalho, mas o trabalho que escolhe o trabalhador" (Bourdieu, 1979, 56).

Na mineração, porém, não há lugar para menores de 21 anos, por força da legislação trabalhista. Os filhos dos mineiros, à semelhança de outras categorias profissionais, começam a trabalhar já a partir de 15 ou 16 anos, num emprego fixo ou temporário, mas sob disciplina e horários rígidos.

A semelhança de seus pais, são candidatos a trabalhos desqualificados, pois não têm profissão. Empregam-se na primeira oportunidade que aparece e isto significa, em muitos casos, deixar de frequentar a escola (Anexo 3, 11.8 a 11.9)³.

Até completarem 21 anos os filhos das famílias mineiras se empregam em serviços que não exigem qualificação profissional. Primeiro, como ajudantes em serviços gerais de limpeza em micro-indústrias de produção ou prestação de serviços, como em carvoeiras vegetais, ferrarias, consertos de carros, móveis, utensílios, calçados⁴, limpeza de jardins e terrenos urbanos ou rurais, da periferia. Em seguida, passam como ajudantes gerais na indústria da construção civil ou noutras, como em oficinas mecânicas e de consertos; ou entram no setor produtivo de olarias e cerâmicas, que também dispensam a qualificação profissional.

Porém, ao completarem 21 anos, quase todos os que não têm perspectiva de promoção no emprego, passam a procurar as companhias mineradoras para "se fichar nas minas". Todas as carboníferas dão preferência aos filhos de mineiros em relação a outros candidatos, sempre que estes preenchem as exigências de costume. Na primeira tentativa de adaptação há muitos desistentes (Anexo 3, 11.10 a 11.14). Mas os filhos de mineiros significam hoje 55% da categoria⁹, o que reforça não só a reprodução do grupo, mas sua identidade social.

A reprodução social dos mineiros, com todas as características que identificam a categoria, é um processo muito ligado à reprodução doméstica da família. Os habitus que orientam e selecionam as práticas são reproduzidos na família pela participação conjunta do casal, considerando que cerca de 48% das mulheres dos mineiros tiveram convivência familiar com mineiros antes de casar, ou porque são filhas de mineiros, ou porque seus irmãos trabalham nas minas; além de, na atualidade, participarem intensamente das práticas domésticas e sociais marcadas pelas práticas de trabalho do marido. A participação de 55% na formação da categoria pelas novas gerações originárias das famílias de mineiros, contribui para "perpetuar" os costumes, as tradições, os padrões que tipificam o mineiro. A criança, o adolescente, o jovem e, finalmente, o adulto, recebeu informações verbais e acompanhou as práticas e rituais da família; assimilou suas crenças, os valores da luta e da coragem, os sentimentos e emoções de angústia e medo que a família viveu durante o período de trabalho do pai nas minas. Escutou relatos que evidenciavam bravura e atos que desafiavam o perigo. Por tudo isso, o candidato à mineração, filho de mineiro, ao "baixar" à mina já "sabe" o que "cabe ao mineiro fazer". Ele "baxa e se lembra do pai dele que falou de como é o serviço lá". Mas não são apenas as práticas de trabalho que ele assimila por antecipação à própria

experiência do trabalho nas minas. Os habitus e suas práticas sociais, domésticas, de resistência, próprias da família mineira, são reproduzidas na nova família que se constitui. Mais que no local de trabalho, que dá nome ao mineiro e o inclui na categoria, é no espaço doméstico que ele se forma e interioriza as estruturas que moldam as práticas no processo de sua reprodução social. E esta continuidade do grupo, presidida pela família, que imprime a eficácia da preservação da identidade social dos mineiros, mesmo convivendo na heterogenidade dos bairros operários, com o pluralismo atual das ocupações profissionais. As marcas históricas e culturais da categoria são tão fortes que não apenas garantem sua continuidade específica, mas imprimem noutras categorias profissionais, práticas típicas dos mineiros⁶. Coletivamente, o grupo se destaca entre os trabalhadores da cidade, e é parâmetro principalmente de práticas reivindicativas e de resistência para outras categorias profissionais.

A tradição de luta, centralizada nos sindicatos e em alguns grupos militantes nas minas, em períodos de repressão sindical ou de administrações sindicais "pelegas", alimenta a consciência de "resistência" se voltam contra o desgaste cujos efeitos que garantem a adesão da categoria para obter compensações em salários e na redução do tempo de serviço. A eliminação das causas do desgaste não é objeto de lutas da categoria; é como se, ao "cortar o mal pela raiz", se investisse contra a fonte que alimenta a luta dos mineiros; é como se secada a fonte, não houvesse mais luta... Este fato mexe com sua identidade social, que se reconhece e é reconhecida pelos não-mineiros, como um grupo formado de trabalhadores aguerridos que "lutam contra a exploração". As formas de resistência e o alvo das práticas de recusa indicam também os esquemas inconscientes, interiorizados, que orientam a resistência contra os efeitos

enquanto naturalizam as reais fontes que mantêm e renovam as múltiplas formas de agressão ao corpo e à vida do mineiro. Esta representação ideológica inconsciente, que naturaliza o desgaste, é que também orienta a resistência contra a "exploração", pois a característica da militância faz parte de suas vidas. Manter a fonte que gera os alvos da luta é vital para a defesa e para o reconhecimento de sua própria identidade social, alimentando a crença de que as vantagens salariais, da jornada e aposentadoria, serão mantidas enquanto houver riscos, perigos e insalubridade nas minas⁷.

Os salários diferenciados aparecem como sendo a principal motivação que os mantém nas minas; salários destinados a manter um nível de consumo pertinente ao grupo. Por detrás do consumo há valores não bem explicitados pelos mineiros. O desabafo de um trabalhador, revoltado com o resultado positivo de radiografias acusando que estava com P1, ilumina um pouco a penumbra inconsciente que naturaliza o desgaste:

"Os mineiros só pensam no dinheiro e não pensam na saúde. Entregam até a vida só pra ganhá um pouco mais".

A experiência comum do grupo, que sempre foi muito exigido, que impôs a si próprio muito esforço e trabalho para conseguir boa ou excelente produção em troca de bons salários, formou um habitus que comandava práticas exaustivas e de estímulo recíproco. Não só a empresa, mas os próprios mineiros têm em alto conceito a capacidade de resistência ao trabalho, que resulta em produção e em salário maior.

A auto-valorização pela capacidade produtiva era reforçada na esfera doméstica, pela mulher que estimulava a dedicação do marido, auxiliando-o, no passado, na escolha do carvão, afim de garantir-lhe bons índices de produtividade e, conseqüentemente, melhores salários. Hoje, elas continuam incentivando seus maridos a permanecerem na mina, mesmo nos

casos em que já se manifestaram doenças profissionais⁹. A tradição do marido mineiro, que se responsabiliza pela renda familiar, preserva-a do desgaste da dupla jornada de trabalho, enquanto mantém o costume da sua permanência no lar, administrando a casa e cuidando dos filhos. O significado social desta prática dá a ela uma posição de distinção entre as mulheres da classe trabalhadora - significa que ela "não precisa" trabalhar "fora". Seu marido é "mineiro" e sustenta a família!

"Quem trabalha numa mina tem que comê pó. Mas aqui em cima não tem pó. Tem carvão nas boca de mina e tem poluição só nos monte de pirita porque queima e daí dá aquele mau cheiro. Mas a cidade é igual às outra; cidade é tudo igual..."

A relação que se mantém entre o grupo mineiro e o meio ambiente concorre também para a formação de hábitos responsáveis na reprodução social do grupo e na naturalização das práticas cotidianas que levam à dilapidação do corpo e à destruição implacável da natureza. Os efeitos negativos destas práticas tendem, assim, a agir de forma recíproca, de modo que junto com a relação predatória dos homens sobre a natureza, ocorre também a destruição precoce dos trabalhadores. As estruturas internalizadas, ao mesmo tempo que moldam as práticas de descaso em relação ao meio-ambiente, naturalizam o desgaste acelerado dos trabalhadores das minas.

Na indústria extrativa quase tudo é tratado como descartável. As instalações são provisórias; o espaço de trabalho, depois de minerado, é um local estéril e por isso é abandonado mas só depois do desmonte; as galerias abertas pelos mineiros através de planos bem traçados pela engenharia de minas, são entulhadas pelo caimento do teto na extração de recuo; as galerias, símbolos do trabalho

realizado, são apagadas às vistas dos mineiros. Tudo o que resta é um subterrâneo intransitável, um subsolo lacrado pelo desmonte, sem finalidade. Por extensão, a superfície recebe sem maiores preocupações o tratamento que a indústria extrativa confere ao subsolo. Áreas de depósito dos rejeitos do carvão são necessárias e isto é uma questão com a qual os mineiros nunca se preocuparam. Resolver este problema sempre esteve na alçada dos mineradores.

Analisando a questão a partir do descaso com que o meio ambiente é tratado, pode-se também especular sobre a influência desta postura para a naturalização do desgaste e da dilapidação do corpo nas práticas de trabalho.

O tratamento que se dá à paisagem, às águas, às terras férteis, ao ar, excluindo-se a preocupação com a beleza, com salubridade, com a fertilidade do solo e com outras condições necessárias ao bem-estar, definem também as práticas noutras dimensões da vida.

Os mineiros, envolvidos por um meio-ambiente continuada e progressivamente destruído pela indústria carbonífera, sofrem influências importantes na formação de habitus que orientam suas práticas na reprodução social de forma a naturalizá-las, mesmo se forem destrutivas.

O cotidiano das práticas de trabalho sob formas destrutivas e a convivência com uma situação assumida como passageira e relegada ao abandono necessário, favorece a interiorização de disposições contrárias ao cuidado e ao respeito com as coisas, com o espaço, com o ambiente e com o próprio corpo. Assim, se tratar as minas, o trabalho, o meio-ambiente, a própria vida como passageira e muito fugaz e, sob muitas formas, continuamente ameaçada.

A transitoriedade das minas e do trabalhador acontece junto e sugere práticas compensatórias imediatistas.

"O mineiro, ele pensa assim... qué vé ele pensa assim: 'desse mundo nada se leva', E isso aí: o mineiro tira o carvão; tira o carvão, aquela mina não serve mais; vai pra outra. Tira o carvão e não serve mais. Passô um tempo e o mineiro também não presta mais. Tá estorado. Por isso, daí que o mineiro tem que comê bem; tem que ganhá bem porque se arrebenta todo, só de forcejá. Porque se ele comê bem ele vive mais conformado. Ele tolera tudo que é mau no trabalho, enfrenta os maus trato, até a doença ele dobra, se ele comê bem. As coisa ruim ele aguenta porque ele tá com o corpo bem. Eu falo pra mulhé - "passá a vida humilhado, de pobre e descontente e ainda passá fome?" O mineiro não tem nada nessa vida. Daí porque tem que comê bem..." (entrevista 29).

A convivência com o perigo, com a destruição e com o desmonte do espaço de trabalho atuam de forma a estruturar internamente nos mineiros habitus que acentuem a vida em sua dimensão passageira, estendendo esta característica ao espaço social e de trabalho. O corpo, a vida, as minas, a paisagem, as águas, tudo é fugaz e cotidianamente destruído pela ação mineradora. E o trabalho do homem que, ao mesmo tempo que molda e destrói seu próprio corpo, desmonta e desfigura a natureza. Servindo-se da definição de Marx, o trabalho é um ato que se passa entre o homem e a natureza. Ao agir sobre a natureza o homem a modifica e modifica-se a si próprio (Marx). Se o trabalho molda e aprimora o homem e a natureza, a partir deste enfoque é também verdade que, na mineração, ele se destrói a si mesmo enquanto força de trabalho, e destrói a natureza enquanto fonte de outras riquezas.

A natureza na mineração começa pelo espaço subterrâneo, se estende à superfície das minas, aos bairros residenciais e à área carbonífera em geral.

Os mineiros, habituados a um ambiente subterrâneo extremamente poluído, tendem a tratar os diversos espaços comparativamente. As "bocas" de minas, os lavadouros de carvão, os depósitos de rejeitos, são espaços decorrentes do processo de mineração e se apresentam aos mineiros como "necessários e inquestionáveis". Sendo o subsolo

extraordinariamente mais poluído que a superfície, é fácil a comparação contrastante dos dois ambientes. O contraste atua sobre a percepção dos mineiros de forma a minimizar a degradação ambiental da superfície. A agressão sofrida direta e intensamente no trabalho induz os mineiros a não sentirem outras formas e práticas agressivas, ou, ao menos, atribuir-lhes um peso e significado bem menor. Testemunhar a degeneração ambiental não causa impacto aos seus olhos habituados à desarmonia existente no subsolo. Esta percepção mascara a realidade e favorece a exclusão do problema ambiental. A comparação atua como mecanismo de defesa e argumento na negação do problema.

"Lá embaixo é aquele poeirão. Quando o furador tá furando, tem que botá a lanterna bem pertinho, tem que alumia bem assim na cara pra enxergá se é o seu fulano. Aqui em cima não tem poluição. Tem, mas é coisa pouca, não perturba. Poluição é lá no subsolo" (entrevista 4 e anexo 3, 13.7 e 13.8).

A poluição ambiental decorrente da mineração não aparece como uma questão problematizada pelos mineiros. Nos dissídios coletivos de trabalho, ou em greves, a pauta de reivindicação não inclui itens reclamando medidas saneadoras ou de defesa ambiental. Igualmente não há nos sindicatos denúncias ou campanhas de alerta ao problema, nem práticas para sanear ou reverter a situação à medida que a mineração prossegue?

O problema imediato levantado pelos mineiros refere-se ao transporte do carvão das "bocas" de minas aos lavadouros. A questão é identificada como transgressão das companhias carboníferas às determinações legais sobre o transporte do carvão. A poluição provocada pelos caminhões decorre da não observância da "lei que manda cobrir a carga" para evitar a perda do carvão e a formação de poeira nas imediações das rotas das minas aos lavadouros (anexo 3, 13.9 a 13.11). A poeira levantada pelo transporte atinge as camadas mais pobres da população que moram em bairros

próximos às bocas de minas, cujas ruas não são pavimentadas. Afora esta questão concreta, os mineiros não acenam para a questão ecológica. Observa-se que a defesa ou a recuperação do meio ambiente é um "assunto estranho" aos moradores pobres das áreas mais poluídas ocupadas por trabalhadores de vários ramos industriais, inclusive da mineração.

Entre os mineiros, à semelhança do descaso ao perigo das minas, a questão ecológica é "ignorada". Reconhecer os prejuízos da extração do carvão à vida da população, dos animais, da vegetação, dos rios da região, seria incluir-se entre os agentes responsáveis ou participantes no processo de destruição da natureza. Admitir isto questionaria a validade da mineração; colocaria dúvidas sobre sua participação social na degeneração da natureza; significaria um ameaça ao próprio trabalho e à sobrevivência, enfim, problematizaria a própria reprodução social.

O mecanismo da ideologia defensiva, desenvolvido por trabalhadores ocupados em serviços perigosos, que abstraem a lembrança dos riscos como recurso para melhor suportar o trabalho (Dejours, 1987), prolonga-se para além do espaço de trabalho das minas. Todo questionamento sobre a validade do trabalho, em função do custo social e da degradação ambiental, é banido das representações e dos discursos dos mineiros.

O mesmo mecanismo que, afinal de contas, funciona para defender o trabalho nas minas enquanto emprego que garante salários e a sobrevivência, funciona também como defesa fora daquele espaço. Problematizar a questão ambiental decorrente da mineração incomoda aos mineiros que sentem em seu próprio corpo os efeitos perversos da poluição no trabalho. A ideologia defensiva atua no sentido de induzir os trabalhadores, no caso os mineiros, a "ignorar" o risco, o medo, a degradação em toda a extensão alcançada

pelo trabalho. A naturalização do desgaste do corpo pelas práticas de trabalho, se desdobra na naturalização do efeito degenerador do meio-ambiente provocado pela mineração. As práticas que provocam a destruição ecológica se apresentam à percepção dos mineiros como necessárias, insubstituíveis, naturais. Os efeitos nocivos do trabalho perigoso e insalubre são desviados da atenção consciente dos trabalhadores para que eles possam tolerar mais facilmente este risco e assim garantir a sobrevivência. De igual forma os efeitos igualmente danosos sobre o meio ambiente, por serem incômodos e agressivos, são banidos. A categoria se defende excluindo de suas práticas de resistência as campanhas de alerta à destruição ecológica, ou não assume programas pró-recuperação do meio ambiente. Ao contrário, à toda ameaça de retração da indústria carbonífera na região, surge vigorosa movimentação dos sindicatos em defesa da manutenção do número de empregos nas minas. As lutas das companhias carboníferas na defesa do carvão nacional, na expansão da indústria de mineração e nas campanhas contra a importação de carvão, sempre contaram com os mineiros como fortes aliados.

A garantia do emprego nas minas como meio de sobrevivência é o objetivo maior dos mineiros. A manutenção da família se impõe como obrigação inquestionável. Disso decorre que as iniciativas que venham a atrapalhar seu recurso de vida - o trabalho, gerador de salários, são todas excluídas de suas práticas.

A negação, ou o silêncio e a passividade dos mineiros em relação à degradação ambiental resultante da indústria carbonífera é a expressão de um mecanismo de defesa, reforçando a segurança dos trabalhadores na manutenção do emprego e da sobrevivência como objetivo mais imediato e realista. Mas funciona também como mecanismo necessário na reprodução do grupo mineiro e de sua identidade social que

representa um tipo de trabalhador valoroso, criador de riquezas e construtor de sua cidade - a capital brasileira do carvão. Conceito alimentado pelo grupo e atribuído a eles também pela população não mineira.

No entanto, existe um tímido ensaio de defesa ambiental entre a população criciumense e moradores das cidades vizinhas, que compartilham dos problemas de degradação dos recursos naturais: solo, ar, água, consequência das práticas de mineração do carvão. O movimento agrega grupos ou minorias ligados a partidos políticos de esquerda, à igreja de militância política, aos moradores de regiões agrícolas ameaçadas pelo avanço da extração do carvão, seja no subsolo ou como no município vizinho de Siderópolis, totalmente agredido pela mineração a céu aberto¹⁰.

A naturalização das práticas agressivas aos mineiros nas minas e a reprodução social do grupo, encontra na família o principal espaço de interiorização dos habitus que moldam práticas seja no trabalho, na própria família, nos sindicatos e na relação com a natureza que os acolhe e lhes garante a qualidade de vida. Mas este processo educativo é constante e se realiza com especificidades próprias aos espaços onde trabalham e mantêm relações sociais.

Os argumentos que os mineiros usam para justificar sua permanência nas minas são aqueles que fazem parte do repertório de temas das conversas quotidianas: entre eles e na família; e são expresso também pelas bandeiras de lutas sindicais. São as razões da submissão e são as fontes de recusa, simultaneamente.

Há, porém, esquemas inconscientes, dos quais eles não falam porque desconhecem. São os costumes, os valores, os habitus incorporados comandando suas práticas; são os mecanismos defensivos; denunciá-los seria desmistificar a naturalização da agressão e reconhecer os mecanismos com que

se processa a submissão do grupo. Tomar consciência destes mecanismos tornaria insuportável a permanência no trabalho, sem perspectiva de outra opção alternativa. A consciência dos esquemas que naturalizam o trabalho perigoso ameaçaria a própria identidade social dos mineiros, reconhecida nos valores da coragem, bravura, masculinidade, responsabilidade como chefe e mantenedor do lar. Conhecer os esquemas que o reproduzem seria, enfim, antecipar a reprodução de um futuro incerto e decadente. Tudo isto tornaria a permanência no trabalho inviável e realização dos projetos pessoais e familiares mais difíceis senão impossíveis. A reprodução social acontece justamente a partir destes esquemas socialmente construídos capazes de, num só tempo, "naturalizar" o perigo, a insegurança, o desgaste, e recusá-los.

NOTAS

- ¹ Um levantamento feito em um bairro operário de 186 famílias, registrou 194 crianças entre 7 e 14 anos. Destas, apenas 89 frequentavam a escola. Significa apenas 46% de frequência em idade escolar.
- ² As afirmações de que não se pode garantir uma oportunidade de estudo para os filhos nem sempre é real e verdadeira. Em Criciúma existe a SATC - uma fundação educacional mantida pelos mineradores que se destina à formação profissional dos filhos dos mineiros. É uma escola de alto padrão, excelentemente equipada, com currículo e professores seletos. Os filhos dos mineiros, mesmo quando internos nas dependências da escola, nada pagam pelo estudo ou pensão. No entanto, os filhos dos mineiros não exercem procura maior, deixando espaço para os filhos dos profissionais liberais, comerciários e comerciantes. A dificuldade apontada da locomoção não é tão verdadeira. Os pais não incentivam os filhos. O estudo, no entanto, continua sendo inatingível. Um discurso de procura e uma prática de fuga, é o que se verifica na maioria dos casos.
- ³ O serviço de recrutamento e seleção de uma cerâmica de Criciúma revela o número alto de procura de menores de 15 anos. Seus pais alegam as mais variadas razões para que seus filhos se tornem office-boyz da empresa. Fazem os maiores malabarismos para garantirem frequência noturna nas escolas, despreocupando-se com a infrequência, desde que passem a garantir um aumento da renda familiar. Em seguida, os meninos abandonam a escola e se preparam para empregos marginais para o resto da vida.
- ⁴ Há várias fábricas de calçados em Criciúma, uma delas com 245 funcionários, dos quais 180 menores de 18 anos e destes, 75 menores de 14 anos.
- ⁵ Conferir Anexo 4. Dos 73 entrevistados, 40 afirmam que seus pais foram mineiros.
- ⁶ Informações que transitam entre a classe patronal fortalecem a política adotada pelos empresários locais de resistirem à contratação de mineiros. Após levantamento feito em indústrias metalúrgicas e têxteis do norte do Estado, procurando as causas da mudança da política sindical das categorias antes "ordeiras" e "cumpridoras de suas funções", e atualmente incentivando as greves e estimulando "práticas desordeiras", constatou-se que os líderes da nova política não eram "gente da casa" mas "pessoal do Sul do Estado". Conclusão que passou a orientar o recrutamento de pessoal das empresas, no sentido de recusar os candidatos do Sul do Estado, além

da decisão tomada de demitir "oportunamente" os "baderneiros".

- 7A recusa e as formas de luta que reproduzem a categoria conforme capítulo décimo - A Resistência nos Sindicatos.
- 8 Vários depoimentos das mulheres de mineiros afirmam que seus maridos não tem outra saída, senão aguentar na mina até suportarem, pois não vêm outra forma de sobrevivência. Dizia uma delas: "É melhor ser viúva e ter comida pros filhos que ficá com um desempregado em casa e na desgraça".
- 9 O CEDIP (Centro de Educação, Informação e Pesquisa), no serviço de documentação que realizou sobre os mineiros e suas lutas procurou colocar para os sindicatos a questão do meio ambiente na área carbonífera (o responsável pelo CEDIP em Criciúma é membro do PT - Partido dos Trabalhadores). Alguns núcleos do partido assumiram posições ecologistas em Santa Catarina (Viola, 1987, 20-2). Os sindicatos porém, não incorporaram, em seus programas e atividades, as práticas ecologistas.
- 10 O poder público, representado pela Prefeitura municipal de Criciúma, através da Secretaria de Saneamento Básico e Defesa do Meio Ambiente, realizou, entre 1984 a 1988, programas de recuperações de áreas mais críticas como o nivelamento dos montes de pirita e a cobertura da área com uma camada de terra. Com isto extinguiu 15 focos de combustão espontânea da pirita.

A FATMA (Fundação de Amparo a Tecnologia e o Meio Ambiente), órgão estatal, também atuou de forma incisiva sobre as Cias Mineradoras, exigindo a construção de bacias de decantação nos lavadouros de carvão. Atuou Cias por estas e outras infrações contra o meio ambiente. Igualmente a FATMA posicionou-se a favor de movimentos de agricultores com o objetivo de impedir o avanço da mineração de subsolo, sob os terrenos férteis e detentores de mananciais importantes de água potável.

Outra forma de denúncia e apoio à defesa do meio ambiente está na imprensa falada, escrita e televisada da cidade e do Estado.

Q U A R T A P A R T E

A R E S I S T E N C I A

C A P I T U L O 9

A Resistência nas Minas.

"Na base do pedido não dá! O peão tem que por os pés. Se não botar os pés não ganha. Os homens não querem fazer uma coisa legal; eles querem que o cara esteja sempre revoltado... Os mais velhos na mina lutam, se reúnem, falam, e vão até a greve."
(Entrevista 30)

Ao incluir nesta tese o estudo da resistência à exploração, manifesta em práticas que negariam a submissão do grupo, proponho demonstrar que resistência e naturalização não se excluem recíprocamente. Ao contrário, formam dimensões que se completam; ambas afirmam e demarcam a identidade social do grupo e assim o reproduzem. Em parte esta questão já foi levantada no capítulo anterior.

A resistência acontece sempre que um grupo passa pela experiência da injustiça. Segundo os pressupostos de B. Moore (1987), a injustiça é identificada através das práticas da submissão ou da revolta social. A experiência da injustiça vivida pelos mineiros define as práticas de resistência ou submissão a partir da formação familiar na esfera doméstica e são realimentadas e redefinidas no espaço de trabalho sempre que se sentem explorados, e ali se recusam ao desgaste sob variadas formas; pretendo demonstrar como as práticas de resistência nas minas se constituem em recursos para fazer frente à opressão a que são submetidos seja pelas precárias condições de trabalho, seja pelas relações de trabalho.

Em seguida, analiso as práticas sindicais dos mineiros, como expressões da resistência organizada do grupo ao mesmo tempo em que acompanham a trajetória do movimento sindical brasileiro. Ao situar historicamente o surgimento

da organização sindical no Brasil, faço-o com o objetivo de analisar a experiência sindical dos mineiros de Criciúma que se inicia a partir de 1945, quando, na esfera nacional, os trabalhadores já possuíam uma boa experiência. Referendo sempre o processo sindical nacional como parâmetro e como momentos que norteiam os sindicatos locais. Paralelamente, porém, trago a história singular da movimentação sindical dos mineiros, com suas práticas de resistência e submissão, que envolvem habitus moldados na relação com o trabalho nas minas e nas relações sociais familiares.

Por último, incluo nesta parte o "resíduo humano" deste processo contínuo de exploração, submissão, naturalização e resistência - o mineiro aposentado. Apresento um trabalhador desgastado, que perdeu as bases de sua identidade social, mas que incorpora e manifesta formas de resistência capazes de sustentar por mais algum tempo, parte ao menos de sua identidade social - a do aposentado "militante", porque no passado era identificado como "mineiro".

A ambiguidade da naturalização e das práticas de recusa à exploração, sempre foi uma das marcas que atravessou a história da reprodução social e cultural dos mineiros. Pode-se dizer que a "naturalização" do desgaste preside o processo de reprodução social da categoria e garante a continuidade do trabalho nas minas; mas a resistência ao desgaste "natural" deste processo é que dá as tintas que identificam a reprodução social dos mineiros. É um processo contínuo, repetitivo, quase hereditário, "natural", mas permeado por práticas de recusa e momentos de luta.

Aos esquemas tecnológicos e representativos, que naturalizam o desgaste e a agressão à vida e submetem o trabalhador às inevitáveis práticas de trabalho, juntam-se: a tradição de luta, a memória da ação política do passado,

as práticas sindicais do presente, a expectativa e planos familiares e o empenho pessoal de cada mineiro para conseguir os objetivos pessoais e do grupo. A objetividade da situação é interiorizada e redefinida pelos mineiros que a traduzem em práticas paradoxais de submissão e resistência, em atitudes de docilidade ou revolta, de silêncio ou denúncia, de obediência ou enfrentamento daquelas situações perigosas, insalubres e desgastantes.

A resistência pode aparecer, no embate de forças, quando os interesses das classes forem divergentes na execução de um projeto comum. E assim na relação de trabalho. As classes trabalhadoras se confrontam com as classes proprietárias ou seus representantes, na relação de produção. Dos interesses diferentes entre as classes - bons salários com um mínimo de desgaste e boa produção e lucro com o mínimo de custos - para citar os antagonismos fundantes, podem nascer práticas de recusa ao processo estabelecido e práticas de dominação para garantir a obediência ao processo e à consecução dos objetivos programados.

A resistência dos trabalhadores tem sido tratada, pela organização administrativa da produção, como uma prática passível de controle e até de exclusão do espaço fabril. Isto seria a meta das empresas movidas por interesses econômicos e pela convicção de que a dominação política da classe trabalhadora é uma necessidade. As estratégias do capital foram sistematizadas no taylorismo, fordismo e noutras propostas da administração científica do trabalho. Toda a preocupação das empresas era deter o domínio completo das ações, e até dos ritmos e movimentos dos trabalhadores, para terem a certeza de que a produtividade do trabalho estava definida e controlada pelo capital. Intenção temerária e impraticável, que bem cedo as práticas de resistência dos trabalhadores, sob múltiplas formas,

desmentiram. Não passou de pretensão o domínio absoluto do capital sobre o trabalho.

Entrando no espaço de trabalho, e observando as práticas individuais e coletivas comandadas pela organização, percebe-se que o "mito" da "submissão total e incondicional" apresenta flancos vulneráveis; os trabalhadores exercem seu poder de resistência tanto contra as medidas disciplinares, quanto contra o sistema produtivo em seu todo. As práticas de resistência são dirigidas contra os administradores e chefes dos setores produtivos, quando os trabalhadores resistem às medidas disciplinares; contra as máquinas e tecnologia empregada, como forma de defesa da exploração que o processo produtivo exerce sobre eles.

Por esta razão, a administração científica do trabalho tem procurado sempre novas formas de organização e controle do processo de trabalho, reciclando-se constantemente, a fim de não perder o domínio total que julgava intransferível do capital ao trabalho¹.

Hoje, a moderna administração da produção industrial já não subestima a capacidade de resistência dos trabalhadores; utiliza estratégias que envolvam a iniciativa e criatividade dos operários, visando a minimizar o poder de recusa das classes trabalhadoras. Mas, ao mesmo tempo, é minuciosa em definir normas disciplinares, visando a controlar todos os aspectos comportamentais do operário no espaço da fábrica².

A recusa, por parte do indivíduo ou do grupo que se tem por mais fraco, nasce de uma situação de injustiça, na análise de B. Moore (1987). O sentido de injustiça resulta dos tipos de normas sociais estabelecidos e de sua violação. Os indivíduos podem se irar porque sentem que as normas em

vigor estão erradas e precisam ser mudadas, e que eles não podem aceitar toda e qualquer norma; mas podem se irar também quando as normas que eles reconhecem justas não são cumpridas; quando se vêem privados de satisfazer as exigências físicas que garantem a sobrevivência, tais como o ar, a água, o alimento, o sono, o abrigo; podem se irar sempre que sofrem maus tratos físicos, como a tortura e maus tratos morais, como a injúria e o desprezo.

A capacidade dos grupos humanos de suportarem o sofrimento e o abuso é muito grande mas, em determinados momentos, estes grupos rompem com a submissão. Não se acomodam mais ao estado de opressão e partem para a resistência. Quando e em que circunstâncias isto corre? E a história cultural de cada grupo oprimido que pode dar resposta a esta questão. E no contexto estrutural e na objetividade interiorizada que se encontram as tendências do grupo de partirem para práticas de recusa ou de submissão (Moore, B. Jr., 1987, 1935).

A resistência de grupos a situações de desconforto nasce do sentimento de revolta. A ira surge quando as leis da justiça distributiva, fruto do contrato social, são violadas. Os grupos se julgam lesados quando sentem a agressão ao corpo e a ofensa moral, quando o esforço e a exposição extraordinária ao perigo não recebe recompensas especiais. E aceita com facilidade a tese de que os grupos humanos têm uma forte inclinação em estabelecer uma relação de equivalência entre o esforço que investem em uma tarefa e o benefício que devem tirar de sua execução (Moore, 1987, 74). O esforço frustrado pode ser a fonte vigorosa da revolta que sugere atos de recusa.

Na divisão do trabalho há muita concordância na história e nas culturas sobre o que é e o que não é trabalho indesejável. A ira moral contra a obrigação de realizar um

trabalho desse tipo parece ser a reação universal, onde quer que esse trabalho exista. Essa ira cresce quando um grupo se submete ao trabalho e, na posterior distribuição de recursos, o pagamento por esses serviços não corresponde a uma porção diferenciada maior que a destinada a pagar outros serviços não desagradáveis. A violação deste princípio desperta e alimenta a ira moral (Moore, 1987, 78).

Persistindo as situações externas, e objetivas de agressão à vida e à dignidade do indivíduo ou do grupo, vai se interiorizando neles o sentimento de revolta, e se elaboram representações de injustiça. Estariam assim formados, no interior de cada indivíduo e no grupo, sentimentos de injustiça continuamente alimentados e reelaborados por novas práticas de resistência que a situação hostil sugere.

O relato das condições de trabalho e as evidências do perigo elucidaram as situações que geram o medo, a coragem, o machismo, o companheirismo, presentes nas práticas de trabalho e domésticas dos mineiros.

A história cultural do grupo também elucidou a formação dos habitus da naturalização do trabalho desgastante, da definição de papéis e funções do homem e da mulher na família, e da delimitação de expectativas dos mineiros em seu campo social próprio, orientando para práticas correspondentes à consecução de seus projetos e objetivos.

Agora, através das práticas e do discurso dos mineiros vou buscar a compreensão do sentimento de "injustiça" que está presente no trabalho, nas famílias, nos sindicatos; explicar como os sentimentos de injustiça marcam a reprodução dos mineiros, identificando-os socialmente como grupo revoltado e que incita a posturas de rebeldia e a práticas de resistência também a outras categorias profissionais. Estas, por sua vez, comparam constantemente sua

submissão ou recusa às práticas de resistência dos mineiros e, não raro, pautam suas práticas políticas e sindicais pela lutas e conquistas dos mineiros. A resistência e as reivindicações dos trabalhadores das minas, sem dúvida, são uma característica da identidade social deste grupo, reconhecido por outros grupos de trabalhadores da região, justamente por suas práticas políticas de recusa.

Como os mineiros viveram a experiência da injustiça e quais as práticas e suas formas de resistência e submissão decorrentes dos habitus moldados na relação e com o trabalho da mina, é o que pretendo tratar agora.

"Naquele tempo o trabalho nas frentes era muito sacrificado. Antes de começã tinha que tirã a água que ia até pra mais do joelho. Não tinha boaba. Era de balde. De balde pro carrinho. Primeiro era tirã a água e depois o carvão. Os carrinho de carvão era empurrado na força do braço pra fora. Era muito penoso. Muito esforçado" (entrevista 49).

Das lembranças do trabalho no passado destaca-se a memória "daquele tempo como sendo muito sacrificado". As condições eram insalubres e penosas, decorrentes do acúmulo de água, das galerias baixas (cuja altura era muito inferior à estatura dos trabalhadores), da ventilação precária, dos trilhos de madeira, que tornavam o transporte muito pesado, do trabalho exclusivamente braçal, exigindo grande esforço físico. A situação das minas e o trabalho ali era muito desagradável ao corpo. Não é difícil classificar as atividades de mineração do subsolo entre as indesejáveis. Só recompensas especiais seriam capazes de recrutar a mão-de-obra e mantê-las neste tipo de trabalho. O princípio de compensações, vinculadas às atividades indesejáveis, sempre esteve presente nas relações de trabalho dos mineiros.

A organização dos trabalhadores, reivindicando melhores condições de trabalho e salários diferenciados pela insalubridade e insegurança das minas, foi anterior à instalação do sindicato em 1945³.

A revolta interior, ou a ira moral de que fala Moore (1987), não precisou da organização sindical para se manifestar (Anexo 3, 14.1); ela foi sendo interiorizada pela categoria à medida que foi vivendo a violência do trabalho sobre o próprio corpo; esta, desde o início, foi se somando à experiência coletiva do grupo, que procurava livrar-se da opressão através de práticas diversas, até contraditórias entre si, como entrar em greve ou ceder à cooptação das chefias (Anexo 3, 14.1).

A literatura que versa sobre comunidades mineiras é unânime em reconhecer o estado de revolta destes grupos e a história de lutas contra a situação opressora do trabalho subterrâneo. A luta dos mineiros, diz Rolande Treppe, nasce do sentimento de insegurança que todo trabalhador vive pelo próprio fato de ser trabalhador. Insegurança que gera o medo do desemprego, que faz parte do "ser operário"; e para os mineiros, também o medo da morte, invalidez e doença, uma vez que trabalham o tempo inteiro com a ameaça da morte "pairando sobre suas cabeças". Do sentimento coletivo de insegurança surgem as greves, que pretendem basicamente duas garantias: primeiro, a defesa dos salários e, segundo, melhores condições de trabalho. Estas garantias moveram os mineiros de Carmaux nas 14 grandes greves, entre 1855-1914. A insegurança e o perigo deviam ser compensados em salários ou minimizados⁴.

As reivindicações sociais e de trabalho ficam mais objetivas e definidas como direito à medida que as relações de trabalho passam a ser regidas pela legislação trabalhista, e as empresas se estruturam sob moldes mais

burocráticos e impessoais. No início, as companhias carboníferas eram unidades produtivas que reuniam condições mínimas de contratar trabalhadores, mas estes iam trabalhar nas minas porque ali tinham a chance de atender às necessidades essenciais de sobrevivência. O trabalho na pesca e agricultura de subsistência, de onde vieram, dava-lhes um retorno mínimo que mal lhes permitia comer e morar, em condições de extrema pobreza. Trabalhar nas minas significava ter acesso aos armazéns da Companhia através de vales e, com isso, garantir o alimento para a família. Em muitos casos, conseguiam casa nos conjuntos residenciais da Companhia. Estes benefícios já representavam vantagens pelo trabalho pesado nas minas, comparado com o da agricultura e da pesca. As reivindicações ficaram restritas inicialmente à garantia dos benefícios da alimentação e moradia.

O mesmo comportamento "acomodado", observa R. Treppe em seu estudo, tinham os camponeses-operários enquanto trabalhavam nas minas mas continuavam com as atividades agrícolas. Suas reivindicações se concentravam em garantir uma jornada nas minas que lhes possibilitasse o trabalho no campo, porque era deste que retiravam boa parte do alimento para a família (Treppe, 1947, 190).

As Companhias de mineração, desde o início (em 1914 e 1919, as duas primeiras) até o final dos anos 30, eram indústrias pequenas, cuja produção era também muito reduzida, condizente com o mercado consumidor. Foi na Segunda Guerra e depois, com a construção da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda-RJ, que o carvão teve sua produção ampliada, com significativas mudanças estruturais na organização e administração empresarial. Foi nessa fase que as relações de trabalhos se modificaram e começaram a despontar movimentos trabalhistas reivindicatórios. E o período também de mudanças na política e na estrutura sindical do país e da "outorga" de

direitos ao trabalhador, que culminaram com a CLT, promulgada no governo de Getúlio Vargas em 1943^a.

"O mineiro ele faz corpo mole quando tem um perigo de pedra, de caimento. Então ele faz corpo mole pra não i. Às vezes ele é suspenso...

O Peão de uns tempos atrás tinha mais coragem, brigava mais, eram mais unidos; agora não: uma parte pende para o patrão, outra se une".

A revolta e a resistência são marcas muito fortes da identidade social dos mineiros. São marcas que consolidam e não desagregam o trabalhador de subsolo; não impedem o processo de sua reprodução social. A resistência não aparece, assim, como uma negação dos mineiros à sua identidade ou como fuga do trabalho, a ponto de ameaçar a reprodução social do grupo. Ao contrário, a resistência consolida e perpetua a continuidade da categoria.

A resistência dos mineiros se fortalece coletivamente nas principais esferas de seu cotidiano. Estas esferas pode-se, para fins didáticos, separá-las em três: as minas, os sindicatos e os bairros residenciais ou a sociedade em que vivem com suas famílias. Cada ambiente é palco de práticas de resistência específicas, próprias ao espaço que ocupam e são respostas a situações objetivas de agressão. Mas a motivação que informa e orienta a recusa é sempre o mesmo sentimento interiorizado individualmente e na coletividade - a injustiça que desperta a ira moral e induz a práticas que procuram minimizar o mal estar provocado pelo sentimento de desigualdade. As reações são adequadas à situação e ao ambiente que ocupam no momento que reagem à agressão.

Dai as práticas de resistência próprias do espaço de trabalho ou do sindicato ou do espaço doméstico.

No interior das minas a recusa aparece nas atitudes de submissão e subserviência, ou de insubordinação aos chefes e engenheiros no processo de trabalho; nos atos calculados ou displicentes que resultam em quebra de máquinas e equipamentos e em desperdício de material; na alteração dos ritmos de trabalho e índices de produtividade; no entreguismo de companheiros. No espaço sindical, as principais formas de luta são as greves, as pressões da categoria nos dissídios coletivos, a entrada de ações judiciais contra a empresa por direitos trabalhistas lesados; na promoção de viagens com grande número de mineiros (100, 200, ou mais), a Brasília, Florianópolis, como meio de pressão junto aos poderes legislativo e judiciário, visando a aprovação de leis ou julgamentos favoráveis à categoria. Na esfera doméstica e social, a resistência se manifesta nos movimentos da comunidade para sanar prejuízos e desconfortos provocados pela indústria carbonífera; na ocupação de locais públicos e estratégicos; na obstrução das vias de circulação e transporte; na organização das mulheres dos mineiros em períodos de greve, na representação teatral das questões-problema dos mineiros e suas famílias⁶.

Nas minas, as atitudes de recusa estão definidas por algumas variáveis como a insegurança, o tempo de permanência na atividade e na carbonífera, o estado de saúde em relação à aposentadoria especial, além das características pessoais que facilitam ou dificultam as relações de trabalho entre companheiros e com as chefias.

Os mineiros mostram ter conhecimento e consciência das condições de trabalho e fazem comparações destas entre as diversas minas. Aqueles que já haviam percorrido várias minas, caracterizavam a situação das mais bem cuidadas e das mais precárias.

As práticas defensivas tomam formas explícitas e tradicionais de luta, ou aparecem camufladas, sutis e criativas. As práticas de resistência dos trabalhadores podem nascer da consciência de exploração a que estão submetidos; ou das sensações de desconforto sentidas no corpo ou, ainda, das emoções de medo, incerteza, angústia, geradas pelas condições inseguras, ou declaradamente perigosas e prejudiciais.

Os depoimentos mostram o conhecimento, embora parcial, que os mineiros têm do seu espaço de trabalho e a consciência de que suas práticas acontecem sob riscos, incertezas e ameaças e, mais, que tais práticas são atos de violência ao corpo e à sua integridade física (Anexo 3, 14.2 a 14.6).

Os riscos que a mina apresenta e as condições precárias de trabalho, já descritas e analisadas anteriormente no capítulo sobre o trabalho nas minas, justificam que os trabalhadores tomem posições defensivas e apresentem práticas de resistência à exploração. Estas práticas, em geral, vêm acompanhadas de sentimentos emocionais de revolta que os mineiros desabafam contra tudo o que representa e contra quem exerce opressão.

Os depoimentos apontam como prática de resistência mais usual a recusa a submeter-se a serviços perigosos. O relato destas ocorrências é feito com ânimo exaltado, e a recusa é sempre apresentada como uma atitude de coragem frente às ordens dos encarregados. Enfrentar uma determinação do chefe, e negar-se a executar uma tarefa perigosa, é uma prática que reputam como ato de bravura, de experiência e de respeito para consigo próprio. Contudo, se os mais experientes recusam, o mesmo não fazem os "novatos". Estes têm "medo da punição" ou "não sabem do perigo" e vão fazer o serviço, dizem os mais antigos. Se os novos não

podem enfrentar uma ordem, o que os antigos fazem, isso mostra que entre os mineiros e os chefes as relações são de mando e submissão, mas não sempre; também são relações recortadas pelo poder de recusa dos operários; são relações em que as posições hierárquicas são confrontadas no cotidiano, e garantidas ou não numa luta incessante entre subordinados e chefes.

É generalizado entre eles o descontentamento sobre o tratamento que recebem. Revelam um estado de revolta, têm mágoa pelo não reconhecimento das dificuldades enfrentadas e têm o sentimento de que sua "dignidade humana" é agredida pelo tratamento que recebem em termos disciplinares. Razão porque o principal alvo de suas críticas e das práticas de resistência se dirige aos chefes imediatos: encarregados, engenheiros, e depois aos empresários (Anexo 3, 14.7 a 14.9).

A divisão do trabalho não consiste apenas na divisão técnica que atribui funções a cada trabalhador com vistas à produtividade, finalidade explícita e objetiva de qualquer unidade produtiva. A divisão do trabalho forma também grupos de trabalhadores que se identificam como iguais e se reúnem de forma coesa tendendo a excluir outros trabalhadores que não pertencem ao grupo. Na mineração estão dois grupos que se estranham e se excluem um ao outro: o dos mineiros, que inclui todos os trabalhadores braçais, operadores e ajudantes; e o grupo oponente a este que inclui os engenheiros, encarregados e a segurança.

A identidade de "pertença" ao grupo dos mineiros orienta as relações que se estabelecem entre os pares e os "estranhos". Os mineiros, na representação ideológica do grupo, são as vítimas do trabalho desgastante e são os que fazem acontecer a mineração. Eles são os homens que se expõem aos perigos; os atributos de homem de coragem, de

valor, de força, pertencem a eles exclusivamente, e não é estendido às chefias as quais recebem tratamento de desconfiança e de hostilidade; ou então o tratamento de respeito e submissão. Isto caracteriza a postura de desigualdade, diferenciação e confronto entre os grupos.

A auto-identificação dos trabalhadores da produção, como grupo singular e diferenciado de outros trabalhadores da hierarquia organizacional da empresa, não é exclusivo do grupo mineiro. Ocorre também em outros ramos industriais. Mas na mineração de subsolo a "pertença" ao grupo ou a "exclusão" é radical. O desafio grupal diante do trabalho arriscado, inseguro e insalubre, realizado num "mundo" escuro, subterrâneo e apartado do "mundo natural", induz à definição e à afirmação da identidade e orienta as práticas de auto-defesa.

O isolamento no subsolo, a distância que os separa do controle central da superfície, a impossibilidade das chefias do subsolo manterem controle visual constante sobre o grupo mineiro, são condições favoráveis para que estes se fechem sobre si mesmos e orientem a agressividade que os cerca contra os estranhos ao grupo, presentes porém, naquele "mundo" que "pertence" ao mineiro. É usual atribuir a culpa dos acidentes e outros contratempos do trabalho ao encarregado, ao capataz e engenheiro que obedecem às ordens do patrão, todos personagens estranhos ao grupo e que só "pensam na produção" (ver Anexo 5, 15.2). As pessoas presentes mas excluídas do grupo são consideradas na representação dos mineiros, as causadoras da revolta e se tornam o alvo fácil das práticas de recusa⁷.

A situação de isolamento do grupo tende a exacerbar as emoções e a fortalecer os laços de unidade do grupo. As condições e princípios antropológicos, definidores das identidades sociais dos grupos, encontram no ambiente

subterrâneo das minas uma concretude quase total. As representações de "pertença" ao grupo, com a conseqüente exclusão dos estranhos a este grupo são decisivas para classificar os dois grupos denominados em "nós" e "eles". Já na esfera social doméstica ou mesmo sindical, esses laços se afrouxam e predominam as identidades muito mais marcadas pelas práticas políticas de identificação do grupo, que as vigentes no subsolo, definidores de "pertença".

A relação de conflito, sendo uma das marcas da identificação do mineiro no trabalho, desenvolve marcas de confronto explícito e traz uma carga emocional agressiva e de desconfiança recíproca entre mineiros e encarregados. Relações de trabalho em que predominem critérios que atendam à boa administração, visando tanto a produtividade quanto o respeito recíproco entre trabalhadores e chefias, são exceções. A organização do setor produtivo e o controle do trabalho, nas práticas cotidianas, acontecem num clima de tensão, enfrentamento e provocação. Esse estado interior de revolta é relaxado na execução das funções e tarefas rotineiras, pois seria impossível permanecer no trabalho sob uma carga emocional de revolta constante. O relaxamento da tensão acontece pelo companheirismo entre iguais, pelo comportamento jocoso e atenção constante aos riscos diversos, presentes em cada posto de trabalho⁹. Contudo, qualquer incidente: uma observação, uma ordem ou distribuição de tarefas eventuais, é motivo para despertar a revolta e orientar as práticas de resistência dos mineiros. Seu discurso não esconde a relação de conflito entre eles e as chefias. Relatam os atos de recusa atravessadas por sentimentos contraditórios de auto-estima, revolta e insubordinação, de humilhação e vergonha por sua posição de dominado. A resistência se lhes apresenta como salvaguarda da dignidade enquanto trabalhadores e "chefes de família honestos". A relação de trabalho que inclui "maus tratos",

desrespeito, "uma verdadeira escravidão", nas representações do grupo é externada em seu discurso e admitida como parte integrante das relações de trabalho. Mas concluem que os mineiros devem resistir, não se submeter às ordens que envolvem riscos num trabalho em si mesmo desgastante (Anexo 3, 14.10 e 14.11).

A fala dos mineiros revela que existem não apenas práticas de resistência, mas sentimentos e emoções que acompanham tais práticas. A resistência se dirige contra o sistema em si próprio, contra a hierarquia de mando disciplinar e organizacional do trabalho, e contra os proprietários das empresas de mineração. Estes são vistos pelos trabalhadores como alguém que só manifesta superioridade e que personifica a "oposição" em relação a eles, trabalhadores. Essa distância polar é apontada pelo "desconhecimento" com que são tratados, pelo recurso dos patrões à polícia e às conseqüentes ações de repressão física; pelas diferenças de acesso aos bens sociais entre eles e os patrões.

A revolta tende a se acentuar nos períodos em que os salários estão defasados e perderam seu poder de compra. A insubordinação aos chefes imediatos é alimentada pela situação de injustiça, que reconhecem existir entre as condições insalubres e difíceis do trabalho e o retorno em salários. Nestes períodos eles identificam melhor as diferenças hierárquicas da mina: mineiros, engenheiros, administradores e patrões. Nestas ocasiões, seu discurso torna-se agressivo e explicita a ira moral que o grupo interioriza por enfrentar situações hostis. As práticas de resistência são as formas de realimentação da experiência da injustiça, diante da desigualdade social e da agressão no trabalho. Os depoimentos, repassados por uma fala emocional, elucidam e ilustram que as práticas de resistência são traços fortes de sua identidade social (Anexo 3, 14.12).

Os mineiros não formam, contudo, um grupo coeso; sem restrições ou defecções nem todos investem com agressividade contra os diversos escalões de chefia. Nas relações de trabalho existem atitudes de submissão e a disciplina é aceita com naturalidade. Os comportamentos contrários entre si, submissão de um lado e agressividade de outro, são, denunciados e se conformam. Uns, identificam e rotulam os trabalhadores que acatam as ordens e a disciplina no trabalho por "pelegos" e "puxa-sacos", enquanto a si próprios se denominam os "combativos". Já os demais se reconhecem como "honestos", "cumpridores do dever", em oposição aos "encrenqueiros", aos que "não se botam no seu lugar", que "ficam arrumando confusão" (Anexo 3, 14.13 a 14.15).

O grupo que se auto-denomina como "honesto", que "procura fazer a sua parte", admite que "o mineiro que trata bem o encarregado também é bem tratado". Para o mineiro conseguir um "servicinho melhor" ele tem que "mostrará serviço"... "tem de se respeitoso".

O grupo dos "combativos", ao avaliar a postura de submissão à ordem estabelecida por aqueles a quem chamam de "pelegos" e "dedos-duros", admitem que existe uma dupla relação de conflito: entre as duas facções de mineiros e destes todos com os encarregados, engenheiros e patrões. A conclusão dos "combativos" é que os "pelegos" agem desta forma por medo de "ir pra rua", para ser "poupado no serviço" (Anexo 3, 14.16 e 14.17).

A submissão de um grande número de mineiros, ou as atitudes de aliciamento dos chefes e encarregados, o sacrificar-se em situações perigosas e desgastantes, são resultados de personalidades diferentes mas, além disso, cumprem a função de aliviar a tensão e o medo no grupo; o comportamento destemido e temerário de alguns permite

atribuir a ameaça do risco e do perigo à imprudência e subserviência dos incautos e submissos, e serve como ideologia defensiva da categoria.

Por sua vez, a submissão ou o aliciamento dos trabalhadores a seus chefes pode ser tomada como outra face da resistência. Em vista dos objetivos finais buscados pelos dois grupos, qual seja, livrar-se da opressão do trabalho desgastante e perigoso, pode-se dizer que tanto a submissão quanto a revolta são disposições que orientam práticas de subserviência e de recusa, respectivamente, mas com a finalidade de não ser explorado nas relações de trabalho. A submissão é calculada por quem a pratica, pois espera com ela percorrer um caminho de libertação da opressão, mesmo que, numa fase deste processo, tenha que se submeter ao perigo e tenha que despender um esforço maior. Observa-se na fala dos mineiros que a subserviência, o aliciamento, a submissão, não são gratuitos. Representam uma espécie de "compra", através de práticas não violentas; é a busca de uma situação mais favorável e mais confortável no trabalho; mas não deixa de ser também uma forma de recusa ao desgaste.;

A submissão e suas práticas têm origem também na cultura do grupo que, entre outras decorrências, traz a definição incontestada da atribuição do chefe do lar como provedor da manutenção da família. A submissão tem sua razão de ser se o trabalho é pesado, sujo, difícil, mas, em contrapartida, garante o acesso a um maior número e à melhor qualidade dos bens sociais - alimentação, moradia, educação, saúde, etc., - aos familiares. "Aqui o homem sofre mais, mas a família vive melhor" (Hirata e Kergoat, 1987, 11; cf. Anexo 3, 10.5; 10.7-8; 11.11).

O objetivo da aposentadoria especial é outra razão que garante a submissão do mineiro. E, porém, uma atitude

submissa calculada e bem orientada. Ela se apresenta muito mais como uma atitude de recusa à exploração que de conformismo e inconsciência. A meta da aposentadoria, a vontade de livrar-se do peso do trabalho controlado e perigoso no mais breve espaço de tempo possível, motiva os mineiros a aparentarem conformismo e disciplina no trabalho (cf. Anexo 3, 13.1 a 13.6).

Os mineiros que se denominam "combativos" fazem críticas assíduas aos companheiros a que chamam de "pelegos". O procedimento dos "pelegos" é rejeitado pelos "combativos", uma vez que consideram as práticas de resistência costumeiras da categoria parte do dever cotidiano de todos os mineiros. Os atos de defesa são diversos, como já citados, e chegam a atos de sabotagem, porém menos frequentes, praticados em geral por mineiros de aviso prévio ou que desejam provocar sua demissão; ou, quando pretendem "descansar um pouco", usam de artifícios para sustar o funcionamento mecânico dos equipamentos e atrasam todo o processo de extração. Esta prática é criticada e controlada pelos mineiros que zejam por um bom índice de produtividade, uma vez que seus salários têm acréscimos sobre a metragem de produção (Anexo 3, 14.18 a 14.25).

Mesmo com as diferenças de práticas entre os trabalhadores ("pelegos" e "combativos"), existe comunicação intensa entre eles. As possibilidades de encontro e troca de idéias são muito mais fáceis que em outras empresas, organizadas em postos fixos e separados entre si pelo ruído, pela distribuição dos tempos e ritmos e pela organização geral da produção. Isso tudo, muito bem planejado pela ordem interna da produção, dificulta e mesmo impede a comunicação entre os operários, visando a dispersão da classe e a inibição da iniciativa operária para uma ação coletiva (Moroni, 1982, 5.-55).

Já nas minas, mesmo nas mecanizadas, a organização da produção não alcança a eficácia que a moderna administração do trabalho conseguiu implantar e controlar nas fábricas e instituições de serviço. Nas minas existe a estrutura itinerante, que funciona justamente com a intensa locomoção e deslocamento de máquinas, equipamentos e trabalhadores. Estes transitam livremente de uma frente a outra e a comunicação se torna fácil, natural e disfarçada, se for preciso. A reunião à boca das minas e o deslocamento a fundo do poço ou da embocadura, até as frentes, num percurso de dois a três quilômetros, é outra oportunidade de comunicação, troca de informações e de influência que um mineiro exerce sobre o outro.

As minas, como espaço da organização das lutas e das práticas de resistência dos mineiros, têm origem em épocas anteriores à criação do sindicato.

"Quando nois não tinha o sindicato nois se reunia no fundo das minas, assia que o capataiz saía. Ali nois discutia o que ia fazê pra ajudá o nosso lado" (mineiro aposentado).

Essa forma de articulação perdura e se tornou uma das características da organização do trabalho nas minas. É uma prática que as empresas de outros ramos industriais da região receiam que se instale em suas fábricas. Os mineiros "nunca estão contentes" e criam um "clima de revolta" também nas fábricas, afirmam os administradores industriais. É comum os mineiros ocultarem, nos primeiros contatos na seção de recrutamento de outras empresas, que já trabalharam nas minas. Nas Companhias carboníferas porém, na rotatividade da mão-de-obra, os mineiros têm preferência sobre outros operários no preenchimento de vagas abertas.

As minas tornam-se locais privilegiados, comparando-se com outras fábricas, para a mobilização da categoria. As reivindicações, em especial as de salário, passam a ser o

assunto principal nas galerias e frentes de serviço. A questão salarial está acima de qualquer divergência entre formas e práticas, nas reivindicações da categoria. A insatisfação que nasce nos subterrâneos das minas e ali mesmo é alimentada, sobe para a superfície e se centraliza nos sindicatos da categoria que articula as reivindicações dos vários grupos, já unificados nas dezenas de minas da base sindical. A trajetória da insatisfação é quase sempre a mesma - eclode nos postos de trabalho, ali se espalha, se fortalece e envolve o sindicato a assumir a "causa dos mineiros". Por isso, mesmo em fases ou nas gestões de sindicatos "pelegos", eles são obrigados a formular a pauta de reivindicações já levantadas pelos trabalhadores.

O segundo espaço das práticas de resistência dos mineiros é o do sindicato, onde se articula, especialmente, a mais tradicional forma de luta dos trabalhadores na conquista e defesa de seus direitos - a greve.

A tradição de luta dos sindicatos dos mineiros, as formas que estas tomaram nas diferentes fases dos sindicatos, e a atuação destes sob a conjuntura sócio-política e sob o modelo sindical brasileiro, são condicionantes que enquadram e moldam as práticas de resistência dos mineiros. É o que pretendo demonstrar agora.

NOTAS

- ¹ Cf. Giorg, Andre. Org. Critica da Divisào do Trabalho. Nessa coletânea vários artigos, de autores diversos, apresentam de forma crítica o processo de controle do capital sobre o trabalho por razões econômicas de produtividade, mas também e, principalmente, com intenções de dominação política, cujo objetivo era excluir o fator trabalho do processo de decisão e da organização das práticas de trabalho. (1980, 81-9).
- ² Cf. Maroni, Amneris. A Estratégia da Recusa. No capítulo Primeiro - A violência no cotidiano, a autora resume as etapas do processo de controle do capital sobre o trabalho e mostra que existe o reconhecimento da resistência operária por parte dos controladores do processo industrial. As normas disciplinares e as sanções impostas às práticas de resistência diversas que eles identificam, mostram que, por mais que o capital se esforce por controlar e dominar o trabalho, este se insurge sempre sob formas novas, além das tradicionais.
- ³ Nas entrevistas feitas com mineiros aposentados, eles relatam que, antes da instalação do sindicato, havia um grupo de trabalhadores que fazia reuniões às escondidas nas matas, próximas às minas, e ali decidiam sobre as pressões que iriam mover contra as companhias mineradoras, a fim de obterem melhores salários e condições de trabalho menos desgastantes.
- ⁴ Além de Rolande Trespé (1974), outros estudos sobre a classe trabalhadora mineira trataram das reivindicações sociais e práticas de resistência, como a pesquisa de Minayo, M.C., 1987 - Os Homens de Ferro. Nesse estudo sobre os trabalhadores das minas de ferro da Cia. Vale do Rio Doce, a autora analisa a "dialética da subordinação e da resistência", como práticas diferentes entre si mas motivadas por razões e objetivos comuns. Essas duas práticas, aparentemente em oposição, fazem frente à exploração e buscam minimizar seus efeitos sobre suas vidas.
- ⁵ Cf. Bases Estruturais e Legais da Organização Trabalhista Brasileira (Erickson, 1979, 50-79) e cf. também Da Repressão Policial à Repressão Administrativa - (Souza Martins, Heloisa H.T., 1979, 13-71). A organização dos sindicatos na região de Criciúma, se deu durante a fase classificada pela autora como a da Repressão Administrativa.
- ⁶ A representação teatral das questões problematizadas pelos mineiros e suas famílias é um dos recursos empregados por grupos amadores de representação

artística. Os papéis de "personagens problema" são, em geral, desempenhados por mineiros aposentados, ex-mineiros ou afastados das minas por motivo de doenças profissionais. As questões mais comuns que aparecem, sempre como denúncia, são: medo do desemprego frente à doença; incentivo da mulher a que o mineiro continue na mina até a aposentadoria (mesmo doente); a sobrevivência ameaçada em ocasiões de desemprego; os acidentes de trabalho com morte ou mutilação; o mineiro aposentado em situação de miserabilidade e mendicância.

- 7 Luiz Duarte fala sobre práticas até agressivas (mas aceitáveis entre iguais) dos pescadores em alto mar, que excluem de qualquer relação que envolvem cumplicidade, os dirigentes e os donos das embarcações. (Duarte, 198)

Eckert fala igualmente de jocosidade, brincadeiras, cumplicidade dos mineiros de Charqueadas. Mas o mais significativo é que, no subsolo, a pertença ao grupo se torna total. Há um depoimento na tese de Eckert em que os mineiros explicitam esta pertença.

"O mineiro na Cartera é só aquele que baixa na mina. O minero de superfície é operário, vai especificado. E tudo a mesma categoria, mas minero mesmo é aquele que baixa." (Eckert, 1985, 309).

- 8 Sobre o relaxamento da tensão emocional veja-se o que foi dito sobre o medo, no capítulo quarto, deste estudo.

C A P I T U L O 1 0

A Resistência nos Sindicatos.

"Uns tempos atrás os mineiros aceitavam tudo isso aí, os maus tratos, e procuravam se acomodar, porque existia muito peleguismo. Então aqueles que não era pelego começou a botar nas cabeça dos pelego que assim não dava pra continuá... Hoje ainda existe bastante pelego mas o clima de resistência é maior por parte dos combativo. Hoje tem o sindicato que apóia o mineiro. Daí é denunciá no Sindicato... é baixá a produção... é pegá nos pé dos patrão pra dá aumento... é paralização... não deu certo nois paremo. O patrão não qué cedê nois paremo."

A História das classes trabalhadoras no Brasil está vinculada ao processo de transformação da economia brasileira no final do século passado. O trabalho assalariado, substituindo o trabalho escravo, marcou o início da formação dos núcleos operários em São Paulo e Rio de Janeiro, surgindo ali as lutas operárias.

As primeiras reuniões de operários, em âmbito nacional aconteceram no final do século XIX e primeira década do século XX. Foi em 1906 que o Congresso Operário Brasileiro lançou as bases para a organização sindical no Brasil, através da Confederação Operária Brasileira (C.O.B.).

Dentro do movimento operário, duas tendências de atuação política se defrontavam: a anarco-sindicalista, que supervalorizava a luta no próprio processo de trabalho não admitindo a importância da luta política. A do socialismo-reformista, que visava a transformação gradual da sociedade capitalista, defendendo a existência de um partido político para a classe trabalhadora, buscando, para isto, ocupar lugares no parlamento (Castro Gomes, 1988, 85-134).

A classe trabalhadora manifestou-se combativa, através de greves constantes deflagradas a partir de 1917 até 1920, motivadas pela crise da produção e queda dos salários após a Primeira Guerra. Essas greves fortaleciam a

influência anarquista dentro do sindicato. Suas lutas eram de caráter apenas econômico e imediatista, ignorando a luta política.

A impossibilidade de condução do movimento trabalhista-anarquista para fins mais objetivos, e a repercussão mundial que teve a vitoriosa Revolução Socialista na Rússia, levou um grupo significativo a romper com a corrente anarquista e partir, em 1922, para a criação do Partido Comunista Brasileiro (P.C.B., logo decretado ilegal) que atuou, divulgando sua doutrina através de folhetos, revista e do jornal "A Classe Operária". Criou-se a Federação Regional do Rio de Janeiro, que mobilizou a classe operária de vários estados. Assim, em 1929, realizou-se o Congresso Sindical Nacional, ocasião em que nasce a Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil (C.G.T.), agrupando os sindicatos de orientação comunista (Antunes, 1980).

O governo brasileiro esteve, desde o início, atento à organização da classe trabalhadora no território nacional. As lideranças governistas entraram na corrente anarquista e dirigiram sindicatos importantes, como os dos ferroviários e marítimos, que em suas greves não questionavam o sistema; seu alvo eram conquistas específicas, limitadas à categoria. A partir da década de 1920, o Estado reforçou sua atuação junto às lideranças sindicais (Simão, 1966, 1-4). Em 1921 fundou o Conselho Nacional do Trabalho, cujo objetivo era reforçar o caráter conciliatório entre as classes trabalhadoras e empresariais (Antunes, 1980).

A recomposição das classes dominantes, na década de 1930, marca a tímida transição de uma economia agrária-exportadora para uma economia industrializante. Neste contexto, Getúlio Vargas assume a presidência da República. A cisão da classe empresarial motiva o governo a se fortalecer na aliança com a classe trabalhadora,

mantendo, sistematicamente, o movimento operário e sindical sob a tutela do Estado. O Estado Brasileiro, com maior ou menor ênfase, no decorrer da História, sempre se apresentou com um caráter corporativista, mantendo-se como árbitro na hierarquia constituída de associações de empregados e empregadores. Os conflitos surgidos entre as classes seriam resolvidos via administração burocrática, e não através de confronto político entre as forças da sociedade (Simão, 1966, 159-199).

Em 1930, Getúlio Vargas cria o Ministério do Trabalho, com o objetivo de controlar a política sindical operária, que deveria mover-se dentro dos limites estabelecidos pelo Estado. Política de caráter conciliatório entre o capital e o trabalho, visando a substituir a luta de classes pela cooperação entre as classes. Este é o objetivo da Lei de Sindicalização, no Decreto 19.770/31, que exigia o registro das organizações junto ao Ministério do trabalho, Indústria e Comércio. Lindolfo Collor, Ministro do trabalho, falava da lei dizendo que esta daria à nação "uma nova fisionomia social, orientada no sentido de cooperação de classes", onde os sindicatos ou associações de classes mediariam as tendências antagônicas, sob a tutela do Estado (Erikson, 1979. 51).

O Estado vai gradativamente fechando as iniciativas operárias, declarando ilegais as associações que se coligavam em âmbito nacional, e reprimindo com força armada as mobilizações da classe. Consegue cooptar muitos líderes, e no sindicato, se cria uma burocracia vinculada ao Ministério do Trabalho.

Três decretos definiram a atuação do Estado no sindicalismo foram expedidos em 1931, 1934 e 1939 e elaborados em plena vigência do Estado Novo. Os dois primeiros não conseguiram anular a atuação política dos sindicatos, se bem

que já se fazia sentir a função assistencial-administrativa. Havia recusa dos sindicatos em se registrarem no ministério do trabalho, principalmente das facções anarquistas, socialistas e comunistas-stalinistas, comunistas-trotskistas. Mas a fracassada "Intentona Comunista" em 1935 e a repressão governamental marcaram "o início do enquadramento definitivo das organizações sindicais no Estado" (Souza Martins 1979, 48).

Getúlio Vargas promulgou, a 1º de maio de 1943, a consolidação das leis do Trabalho (CLT), que consistia na sistematização dos três principais decretos - os de 1931, 1934 e 1939. Com a CLT estava efetivamente elaborada a estrutura sindical e seu "espírito" corporativista, com três níveis hierárquicos na organização dos trabalhadores: o sindicato na esfera municipal; a federação, de âmbito estadual; e a confederação, de âmbito nacional, compreendendo sete confederações, por setores da economia (Erikson, 1979).

Extra-oficialmente, haviam organizações centrais sindicais, como a Confederação Nacional dos Trabalhadores (CNT) e o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), ambos criados por correntes de esquerda nacionalista, declarados ilegais pelo Estado. A CNT foi suprimida pelo governo, juntamente com o partido comunista, em 1946. O CGT, muito atuante nos anos de 1962-64 foi também extinto pelo Estado (Erikson, 1979).

Finalmente, o caráter corporativo da organização trabalhista se reforça com o Instituto da Previdência Social, cuja função é manter a integração social pela justiça distributiva, conforme menciona a CLT. Os custos dos serviços seriam mantidos por contribuições equivalentes, de três fontes: empregados, empregadores e Estado. Esta medida reforça o caráter burocrático, administrativo e assistencial dos sindicatos no Brasil (Souza Martins, 1979).

O final da Segunda Guerra Mundial acentuou a movimentação política nacional. No cenário internacional, era evidente a vitória das Nações Unidas e a conseqüente derrota do nazi-fascismo. Cresce no Brasil, na segunda metade do ano de 1944 e em 1945, a campanha pela reconquista das liberdades democráticas que se opunham frontalmente ao regime ditatorial vigente no país. As vozes que se levantavam, ocupando tribunas e páginas de jornais, exigiam uma nova Constituição, que atendesse aos anseios populares e se enquadrasse no novo clima democrático que se espriava no mundo.

No início de 1945 começam a se formar os primeiros partidos políticos; entre eles, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que Getúlio queria ver unido ao PSD para garantir a vitória de seu condidato no poder. O movimento queremista era formado essencialmente por petebistas. O PTB era formado com base na máquina sindical e "a grande força do partido foi ter Vargas como cabeça de chapa" (Castro Gomes, 1988, 320). Foi assim que, no final do governo de Vargas, em 1944, através do Ministério do Trabalho, o país passou por uma intensa campanha de sindicalização das classes trabalhadoras. Nos grandes centros industriais do Rio e São Paulo os trabalhadores já estavam organizados em sindicatos. Mas era necessário criar sindicatos em todos os estados e municípios e, com isto, o governo contaria com uma máquina eleitoral atuante em todo o território nacional. Sem a organização das classes trabalhadoras se tornaria difícil para o governo controlar e avaliar a força do exército eleitoral necessário e imprescindível para a manutenção do poder¹.

Foi nesta conjuntura histórica que nasceu o sindicato dos mineiros em Criciúma. Em 1944 foi fundada a associação dos mineiros que em maio de 1945, foi consolidada com a criação do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de

Extração do Carvão de Criciúma. A primeira diretoria do sindicato foi eleita pela categoria em 26 de agosto de 1945. O pequeno número de mineiros presentes - 42 sindicalizados, para eleger a nova diretoria, é sinal do descrédito da classe no sindicato. Este não era a representação dos interesses dos mineiros, mas um instrumento do governo para atender aos objetivos eleitorais, e fora criado por "gente de fora", por funcionários da delegacia do trabalho de Florianópolis e Porto Alegre².

O sindicatos dos mineiros de Criciúma, sendo criado por política do governo federal, com intenção eleitoreira a partir de 1944, evidencia que os trabalhadores do carvão de Criciúma não participaram da experiência sindical vivida nos centros industriais do país que se somava desde o início do século. As diversas fases, com tendências sindicais bem definidas, partilhadas pelos setores produtivos de ponta do eixo industrial Rio-São Paulo, durante as décadas de 1910 a 1940, estiveram totalmente excluídas da organização dos mineiros enquanto trabalhadores assalariados. Esta foi uma das razões porque durante os anos de 1945 e 1957 predominam, com relativa facilidade, na direção sindical a orientação das lideranças pelegas, bem ao agrado dos proprietários de minas, apesar de já existirem práticas de resistência em seu interior. Foi a partir da recusa dos mineiros a este sindicato "pelego", cuja estrutura corporativista tinha raízes no Estado, que novas lideranças surgiram, formadas pela experiência da injustiça vivida no espaço de trabalho. Os dois grupos, "pelegos" e "autênticos", foram praticando as lutas pela conquista da direção sindical durante a primeira década de existência do sindicato dos mineiros.

A direção sindical nem sempre partilhava das mesmas disposições dos trabalhadores. Entre eles se registravam divergências e oposições, principalmente na política de reajustes salariais. A direção do sindicato propunha medidas

conciliatórias, de negociação e de dependência frente às decisões patronais e da Delegacia Regional do Trabalho. Os mineiros pleiteavam posições mais definidas e "decisivas", como greves, evitando atitudes passivas frente à delonga das respostas patronais e do Ministério do Trabalho. Com frequência, depois de "muita discussão" entre a diretoria e os mineiros, a Assembléia aprovava propostas da diretoria, provisoriamente³.

As diretorias dos sindicatos foram constituídas por "lideranças pelegas", afirmam os associados de então, hoje aposentados.

"Um exemplo do peleguismo da época: em 1952, os mineiros fizeram uma greve; o presidente do sindicato, na viatura da polícia, ia dedando os líderes da greve..." (entrevista 65).

Desde a criação do sindicato em 1945, até 1957, passaram-se doze anos nos quais os mineiros não encontraram em seu sindicato um espaço de luta. O local de resistência continuou sendo o espaço de trabalho - as minas.

"Desde a fundação do sindicato em 1945, até fins de 1957, estiveram na direção do sindicato, só pelegos..." (entrevista 65).

A partir dos anos 50 cresciam as divergências entre os dirigentes e os mineiros. Estes não apoiavam a política patronal, cumprida pela direção do sindicato. O movimento trabalhista autêntico crescia, dificultando as lideranças oficiais do sindicato. Esta situação levou a diretoria do sindicato a renunciar coletivamente, em Assembléia Geral realizada em 16 de dezembro de 1956. Na mesma ocasião se procedeu a "escolha dos membros que irão compor a Junta Governativa Provisória"⁴.

Em 15 de dezembro de 1957, procedeu-se à eleição para a diretoria do sindicato, quando a chapa dos "autênticos" elege a diretoria.

Foi a partir do ano de 1957 que o sindicato passou a se constituir num local e num símbolo da resistência dos mineiros. As greves, dentre as formas de luta dos trabalhadores, passaram a ser comandadas pelo sindicato e este se tornou o órgão que se identificou com a luta contra todo tipo de opressão no trabalho. As Cias. carboníferas e o poder público passaram a ver no sindicato ou, mais precisamente, na direção do sindicato, o foco gerador e irradiador da revolta do trabalho contra o capital.

Mas, antes desse tempo, não era o sindicato o local de resistência. Havia um discurso comum entre técnicos da delegacia regional do trabalho, representantes da igreja católica local e dos mineradores e dos próprios dirigentes sindicais. O discurso predominante era o de "cooperação entre classes" para o "bem comum", para a "construção da grandeza da nação" e de alerta aos mineiros, para não se deixarem envolver com os "agitadores" e "perturbadores da ordem", que estavam "infiltrados" entre "homens honestos e ordeiros", semeados a "discórdia" e a "revolta"⁹.

Ao situarmos a primeira fase do movimento sindical mineiro, que vai desde sua criação em 1944, como associação, até fins de 1957, no contexto histórico do trabalhismo sindical brasileiro, constatamos que seu início obedece ao modelo nacional. O sindicato dos mineiros é fundado, em Criciúma, ao final da ditadura Vargas. Nesse período, e no que se segue, com Dutra, encontramos, no panorama nacional, a campanha pró-sindicalização. Os sindicatos deviam exercer a função de integração e coesão social, dentro do modelo corporativista (Eriksson, 1979)⁶.

Em Criciúma, no sindicato dos mineiros, único da cidade, a política do Ministério do Trabalho se somava à

postura patronal, indicando e patrocinando a eleição de dirigentes sindicais dóceis à orientação do governo, cujo objetivo precípua era o de controlar as reivindicações operárias.

Durante o governo anti-democrático de Dutra houve, em âmbito nacional, medidas repressivas sobre o movimento sindical. Em 1946, Dutra proibiu a existência do Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT), criado no ano anterior; determinou a ilegalidade do PCB, cassando o mandato de seus representantes no parlamento; decretou a intervenção e suspensão das eleições sindicais. Ora, todas essas medidas repressivas pesaram sobre o nascente sindicato dos mineiros e orientaram sua política.

A partir de 1950, em âmbito nacional, o movimento sindical recomeça a se afirmar e a defender os direitos trabalhistas. O sindicato dos mineiros de Criciúma, até ali, não tinha nenhuma tradição de luta. E só a partir do espaço que se criou para o trabalhismo sindical, com Getúlio novamente no poder, que a classe trabalhadora mineira começa a se treinar na busca de posições dentro da organização sindical, com vistas à defesa e conquista dos direitos trabalhistas. Em 1950, até um pouco antes, iniciam as manifestações operárias, que contrariam a orientação oficial do sindicato dos mineiros. Essas posições e confrontos foram afirmando e fortalecendo os mineiros, até que, em 1957, conseguem afastar, via eleições, os "candidatos dos patrões" e conduzir à direção do sindicato mineiros que se identificavam com os interesses do grupo, e imprimiram uma nova política no movimento sindical mineiro (Volpato, 1984, 113).

O período compreendido entre dezembro de 1957 e 31 de março de 1964 representou, na história do trabalhismo sindical dos mineiros de Criciúma, a fase de militância na defesa de seus interesses imediatos. Foi um período em que as condições precárias de trabalho, a exploração sofrida pela categoria, a insegurança do trabalho nas minas eram denunciados pelo sindicato.

As greves, como expressões fortes das práticas de resistência dos mineiros, nasciam da situação de injustiça em que o grupo se sentia sujeito. As emoções eram alimentadas e ameaçadas por representações ideológicas contraditórias diante das situações objetivas em que se encontravam trabalhadores, capatazes e patrões. Os sentimentos ou emoções alimentavam as práticas de resistência. Acompanhavam estas emoções atitudes ambíguas, entre submissão e resistência, uma situação singular, muito frequente nas Companhias carboníferas: a indução dos mineiros à greve pelas empresas mineradoras. Estas, não dispunham de estratégia política mais eficaz junto aos órgãos públicos que administravam o preço do carvão, que a pressão exercida pelos mineiros nas greves, buscando a reposição ou aumento salarial.

O sentimento de injustiça, gerado na relação de produção e distribuição do produto entre patrões e operários, sempre alimentou a disposição interior de cada trabalhador de lutar por melhores salários para com isto sanar, em parte, a desigualdade que existe entre mineiros e mineradores. O discurso que denuncia a injustiça nas relações de trabalho sempre foi muito explícito e frequente entre os mineiros. Vejamos algumas frases que foram proferidas num tom emocional de revolta, de "ira moral", como Moore (1987) conceitua este sentimento.

"Mineiro nunca gostou do dono da mina. Todos os donos ficaram muito ricos nas costas dos mineiros" (entrevista 68).

"O patrão tem nojo dos operários mas enricou às custas deles" (entrevista 69).

"Todo mineiro pensa é chegá na especial. Porque mais nada se adquire debaixo da mina. Porque eu nunca vi um mineiro andar com um carro zerinho, ou ter uma boa casa, uma boa propriedade, eu nunca vi até hoje..."

"O patrão fica bilionário e a gente parece que só vem pra trás" (entrevistas 11).

A experiência da injustiça, vivida individualmente e pelo grupo, se acende toda vez que a categoria relaciona suas reivindicações, especialmente no período de reposição salarial. As negociações entre as empresas e os operários vão se desenvolvendo entre propostas e contra-propostas de lado a lado, através de um diálogo, senão agressivo em palavras, ao menos de confronto, pelas posições assumidas num verdadeiro jogo de "queda-de-braço". As duas partes se medem e nenhuma propõe o que de fato espera conseguir e o quanto pode conceder na abertura das negociações. Existe um ritual que se estende por várias "rodadas" de negociações, nas quais cada parte vai cedendo um pouco, à medida que a força de argumentação e habilidade política obrigam a outra parte a ganhos ou perdas. Em geral, desde o início das negociações, tanto a parte patronal quanto a sindical trabalhadora conhece e sabe até onde um e outro aceitam ceder e ganhar. Mas, mesmo assim, se pratica o ritual de confronto que tem a duração de várias semanas ou meses, até. Durante este período circulam entre a grande maioria de trabalhadores, que não participa das negociações, muitos boatos ou fatos imprecisos, que despertam entre eles sentimentos de ira moral pelas agressões e desrespeito ao grupo por parte da empresa, seja pelos boatos, seja pelo "endurecimento" patronal, que lhes oferece índices de reajuste "irrisórios" e "inaceitáveis".

Com frequência os mineiros deflagaram greves por reposição salarial e entraram no movimento com "ânimos exaltados. Recordava um mineiro aposentado:

"No meu tempo, nós fazia greve todo ano. Nós era boriado. Os homem queria rebaixá os minero. Mas minero nunca gostó de humilhação... Alguns revoltado até se prejudicaro. Arrentaro cabo... fizeram sabotage... isso não pode... (entrevista 70).

A nova diretoria sindical eleita em 1957, cujas práticas políticas se opunham às atividades conciliatórias exercidas até então, aproveitou a mobilização dos mineiros, já existente nos locais de trabalho desde o tempo em que estes não confiavam no seu órgão de classe. Fortaleceu as comissões das minas que elegiam um representante para servir de comunicação entre as comissões e o sindicato. Os "dirigentes" das comissões recebiam formação no sindicato através de palestras, ministradas pelo advogado do sindicato e pelos políticos do PTB (Anexo 3, 15.1.)⁷.

O dinamismo do movimento trabalhista mineiro está registrado pela frequência de reuniões e assembléias gerais realizadas pela categoria, bem como pela participação ativa dos sindicalizados nas campanhas e bandeiras levantadas pelo órgão de classe. Sua atuação e representatividade aparecem, também, na participação ativa da direção do sindicato em reuniões e conversações de caráter nacional com membros do Ministério do trabalho; ou através das audiências, nas quais o presidente do sindicato dos mineiros de Criciúma era recebido pelo Ministro do Trabalho, pelo presidente do Plano Nacional do Carvão, por assessores dos ministérios do Trabalho e da Previdência Social. Audiências onde o assunto era as reivindicações da categorias (Volpato, 1984, 115).

Havia uma política patronal não explícita de não atender às reivindicações dos mineiros ou atender em níveis tão baixo de tal forma que a categoria não duvidasse de entrar em greve. Todo reajuste ou aumento salarial era

precedido por aumento no preço do carvão, tabelado pelo governo federal e comprado pelas empresas estatais. Os mineiros em greve, organizavam comissões de viagem ao Rio de Janeiro, juntamente com os mineradores, para pressionar as autoridades a reverem a política de preços do carvão nacional. Os mineiros tinham muito interesse na elevação do preço do carvão pois recebiam os salários baseados na produção e nos custos do produto.

As greves tinham dupla função: exercer pressão sobre a classe patronal e garantir vantagens para os mineiros e, paradoxalmente, favorecer a classe patronal em seus interesses de lucro. Por isso as greves sempre eram declaradas e praticadas com sentimentos de ansiedade e desafio, medo e coragem, com expectativa, mas muita incerteza.

Os mineiros sempre negaram que seus movimentos e que as greves, enfrentadas com coragem e sacrifício, eram facilitadas ou provocadas pelos mineradores. Isso seria admitir que, até nas práticas de resistência, estariam concedendo vantagens a quem, nesses momentos fortes, se opunham frontalmente. Há, porém, alguns registros nas atas do sindicato que denunciam esta política:

"...usou da palavra o companheiro Presidente, dizendo que os mineradores de Criciúma não queriam pagar o aumento e que foi firmado apenas um contrato com a Próspera e que os mineradores desejavam com tal manobra, provocar uma greve a fazer com que os mineiros fossem lutar por um aumento no preço do carvão" (Ata da Assembleia Geral, 1963, 8/3).

Mas, se as greves eram sugeridas ou incentivadas estrategicamente pelos mineradores, isto não queria dizer que estas não apresentavam um desafio e incerteza aos mineiros. Sempre significavam resistência e confronto, e exigiam a participação dos "autênticos" para garantir a paralisação total das minas. Daí a necessidade de piquetes e outros

recursos usuais para evitar seu esvaziamento. Além disso, as greves, muitas vezes, trouxeram perdas aos mineiros: demissões, perda dos dias parados e reajustes salariais abaixo das expectativas.

A estratégia patronal, utilizando-se da pressão dos mineiros para obter elevação das quotas e do preço do carvão, revestia-se de muita ambiguidade. De um lado, favorecia os lucros da empresa; de outro, garantia melhores salários, mas resultava também num poder de resistência maior dos mineiros, que a cada nova greve ganhavam em organização, experiência e respeitabilidade enquanto detinham o poder. O enfrentamento e a medida de forças eram cada vez mais frequentes entre mineiros e mineradores. Na expressão de um administrador de uma carbonífera, "eles criaram uma cobra que estava sempre pronta para dar o bote".

Os mineiros tinham conhecimento do poder do grupo e do sindicato. No depoimento de um militante da época, percebe-se como era cultivado entre os mineiros a consciência do poder e as estratégias para mantê-lo.

"O presidente do Sindicato naquela época era forte. Mas era forte porque tinha um exército atrás de si, que eram os mineiros... Esse exército era formado no Sindicato que instrua os "comandantes" que eram os líderes das comissões das minas, que passavam as instruções para os mineiros... Isso do lado do Sindicato, porque os patrões também preparavam o lado deles" (entrevista 71).

A greve mais prolongada que mobilizou os mineiros foi a de janeiro de 1960, quando os mineiros se negaram a baixar às minas, até que as empresas lhes pagassem a insalubridade. Até chegarem ao movimento paredista de 1960, pelo salário insalubridade, circularam muita correspondência, manifestos e moções do sindicato às empresas e aos órgãos públicos do Ministério de Trabalho e Previdência Social. Já em 1958 isto constava do rol de reivindicações apresentadas ao Plano Nacional do Carvão. Em assembléia geral realizada em

dezembro de 1959, os mineiros colocam o prazo limite de 30 dias, a partir de 4 de dezembro de 1959, para que o Governo e as empresas efetivassem a regulamentação da taxa de insalubridade a ser paga a todos os trabalhadores do subsolo ou de postos de serviço insalubres, na mineração. Como até 3 de janeiro de 1960 não obtiveram resposta, seja do Governo, seja das empresas, os mineiros votam pela paralisação geral das minas, a partir do dia 4 de janeiro de 1960. Entram em greve e promovem uma passeata pelas ruas de Criciúma, em protesto às atitudes dos diretores da Companhia Carbonífera Metropolitana, que vedaram a entrada de dirigentes sindicais no território da companhia, "visando a impedir as reivindicações dos trabalhadores e desmoralizar o sindicato perante seus associados"º.

Depoimento de um mineiro militante durante a greve pela conquista do salário insalubridade:

"A greve que ocorreu em 1960 foi a mais ferrenha da história sindical de Criciúma. Houve muita repressão. A greve nasceu na Metropolitana e se estendeu a todas as mineradoras. Para reprimir, veio o exército na rua, com cacetetes, bombas de gás lacrimogénio, etc. Na Próspera, tiveram que fazer piquetes cercando os caminhões que levavam mineiros à mina de Urusanga. Os piquetes eram formados pelas mulheres dos mineiros, que se deitavam no meio da estrada; havia mulheres grávidas deitadas no meio da rua, para impedir a passagem dos caminhões que levavam os trabalhadores. A participação das mulheres resguardava os trabalhadores, mais facilmente expostos aos desmandos dos patrões e exército. Foi uma paralisação de 28 dias. Em contrapartida, houve represália das empresas. Só da Metropolitana foram demitidos mais de 50 mineiros, alguns até com estabilidade" (entrevista 65).

O mineiro aposentado, Antônio Ronchi, ao falar da greve de 1960, diz que:

"Antônio Parente, então presidente do Sindicato, tomou algumas atitudes radicais, pois mandou descer à mina e rebentar cabos de carros, fazer sabotagem, era um sujeito muito explosivo. Isto veio prejudicar muito o andamento da greve, pois os patrões recorreram à polícia, abriram inquéritos e conseguiram botar pra rua até operários que tinham estabilidade. Mas foi um grande sujeito, pois transformou o sindicato em órgão respeitado".

Os mineiros, durante a greve, mantiveram o sindicato em assembléia geral permanente. Em sessão realizada em 13 de janeiro de 1960, analisaram a proposta do governo - portaria de 5/1/60 - propondo o salário-insalubridade a partir dos meses de maio-junho. O Delegado regional do Trabalho, presente na assembléia, não soube explicar aos mineiros porque a portaria não entrava em vigor a partir de sua publicação. Assim, a greve continuou. Nova sessão foi realizada em 15/1/60. O advogado do sindicato, Aldo Dietrich, denuncia que a proposta de pagar insalubridade apenas a partir de maio-junho era manobra do governo, por coincidir com o usual aumento de salário, e certamente o Ministério do trabalho pretendia incorporar a insalubridade no salário. Face a isto, os mineiros votaram pela continuidade da greve, o mesmo correndo nas sessões realizadas em 21/1/60 e 24/1/60. Nesta sessão, os mineiros prestaram menção de solidariedade aos trabalhadores do piquete da Carbonífera Catarinense, presos pelo exército, "pela maneira como se portaram na defesa dos direitos dos trabalhadores".

Na sessão realizada em 28/1/60, os mineiros nomearam uma comissão que iria ao Rio de Janeiro, negociar com o Ministério do Trabalho a questão da insalubridade e a forma de pagamento dos dias parados. Votam pela volta ao trabalho. Foi uma greve de muita luta, cujo saldo era o fortalecimento da categoria em torno de seu sindicato, afirmam os aposentados que participaram daquela greve. A razão da greve - pagamento da insalubridade - foi até certo ponto frustrada. O governo manobrou este direito dos trabalhadores a seu modo, beneficiando as empresa mineradoras; apenas em agosto de 1960 os mineiros recebem aumento salarial: 43% para os da superfície e 48% para os trabalhadores do subsolo, incluindo a insalubridade (Volpato, 1984, 117-118).

Naquela época, porém, os mineiros não se mobilizavam apenas nas greves, declara Raimundo Verdiere, ex-dirigente sindical e hoje "encarregado" numa coqueria.

"No próprio sindicato o advogado dava aulas sobre leis trabalhistas, e os representantes do sindicato nas minas ficavam levantando os problemas como falta de ar, linhas de madeira, diferença de salário. Isso então era resolvido na justiça, ou em acordo. Quando, porém, o problema era muito grave, então se ia pra greve. As assembléias eram preparadas nas minas. Os líderes das comissões sindicais explicavam, os mineiros discutiam. Em cada mina havia três a quatro setores, presididos por um líder. O sindicato fazia questão de instruir a comissão. E a comissão que estava mais perto dos operários instrua e sondava o parecer dos operários. A diretoria do sindicato era informada pelas comissões. Era ali, nas comissões de minas que se escolhiam os candidatos para as chapas de dirigentes sindicais, que depois, na assembléia, eram aprovados ou não. Assim era com todos os assuntos. Já iam pra a assembléia muito discutidos e antes de assembléia os dirigentes ficavam conhecendo as opiniões do mineiros (entrevista 71).

Se o sindicato preparava os seus líderes, as empresas, além da prática de cooptação de mineiros, através de promoções, contava com a Igreja local como "aliada" sua na preparação das "lideranças pelegas".

"O nosso pessoal se reunia nas bocas de mians, nos bairros, e tirava a chapa de autêntico. O pessoal que formava a chapa de pelego, na época, era a igreja. O pessoal ligado à igreja. A igreja, com uma posição muito ruim. Todo o movimento que nós fizemos em Criciúma, contamos com a briga da Igreja contra nós. Então eles tinham um tal de círculo operário, que era a formação de líderes deles. E esse círculo operário era inclusive financiado pelos patrões, e de lá surgia a chapa de pelegos. Então os padres iam pra rua fazer discurso contra a chapa de autênticos" (Volpato, 1984, 119-120).

Nesse período de intensa movimentação sindical no país⁹, a categoria dos mineiros na região carbonífera era, dentre os trabalhadores do estado de Santa Catarina, a que também acompanhava as greves políticas que aconteciam nos grandes centros do país, em setores estratégicos e de indústrias de ponta: siderúrgica, metalúrgica, automobilística, de transporte ferroviário e marítimo (Erikson, 1979).

Foi nesse período compreendido entre os anos de 1957 e 1964 que se formou um sindicato identificado socialmente com a luta e a resistência. Esta imagem de sindicato forte era partilhada pelos mineiros e pela população da região. O fortalecimento do grupo era avaliado principalmente pelo poder de compra dos salários. Na comparação entre vários períodos, há unanimidade em reconhecer aquele tempo de lutas como o período de grandes conquistas salariais.

No período de 1945 a 1964, os sindicatos de maneira geral no Brasil aumentaram sua influência na vida social, o que decorreu, em parte, do aumento da população operária e da industrialização no país. Mas o peso de influência dos sindicatos, nas questões políticas e nas pressões sobre decisões econômicas, não eram significativas de modo geral; só exerciam pressão e obtinham conquistas mais econômicas (salariais) que políticas, isto se os sindicatos conseguissem mobilizar seus associados. Mas não tinham a capacidade de enfrentar grandes empresas. Esta fraqueza era compensada pelas alianças que procuravam firmar com facções dominantes e obter, por vias políticas, com o patrocínio dos "aliados", nas esferas que influenciavam as decisões no Estado, ou no Legislativo, aquilo que não conseguiam por vias conflitivas na relação com o poder empresarial (Rodrigues, 1974, 97).

Os mineiros se enquadram dentro desta análise do autor, e suas alianças por conquistas salariais se iniciavam com os próprios mineradores, quando a obtenção de melhores salários estava condicionada ao aumento dos preços do carvão, administrado pelo Estado. Firmavam alianças com técnicos e burocratas ligados aos institutos do "carvão" e com políticos influentes junto aos ministérios de Minas e Energia e do Trabalho.

As principais reivindicações dos mineiros eram econômicas. As conquistas salariais eram muito valorizadas, como "poder" do grupo. A avaliação que os mineiros da época fazem sobre o poder de compra dos salários refere-se à moradia e à subsistência, principalmente.

"Naquele tempo o mineiro comia bem, comprava roupa pra família, remédio, fazia uma viagem na casa dos parentes, cada ano; todo ano o mineiro visitava os parentes e sobrava dinheiro. Esse dinheiro guardava e dava pra comprar a casinha dele. Hoje? pode perguntar se o mineiro de hoje faz isso tudo. Hoje, ele só come e come mal!" (entrevista 72).

Ao lado das vantagens salariais, que eram os objetivos imediatos da categoria, criou-se uma imagem social dos mineiros e de seu sindicato, identificada com a defesa dos direitos do trabalhador e com uma classe decidida e corajosa. O conceito de trabalhador valoroso e destemido, que é diferente dos outros por se sacrificar "lá embaixo" com coragem, é estendida também ao sindicato, formado pelos mesmos homens lutadores.

Foi curto o período em que o sindicato teve espaço para suas lutas e para formar uma identidade social destacada, que permaneceu como referência para os períodos que se seguiram. A imagem de um sindicato aguerrido, resistente, forte, permaneceu na lembrança dos mineiros, hoje aposentados, pais dos atuais mineiros (55% dos atuais mineiros são filhos de mineiros), que falam com emoção do "seu" sindicato:

"Os pelegos acabaram com o sindicato. Vendo a situação do sindicato, sinto até vontade de chorar, porque dediquei a minha vida, mais ao sindicato que à família... pode ser que a atual diretoria poderá ressuscitar o sindicato..." (entrevista 73).

Mas a mesma imagem de sindicato forte, lutador, está nas representações dos atuais mineiros, dos trabalhadores pertencentes a outras categorias profissionais, de boa parcela da população. Contudo, a identificação social com

resistência é muito mais vinculada à tradição de luta e à história vivida num período, que às efetivas posições e práticas do sindicato no período compreendido entre 1964 e 1987. No ano de 1988, com a mudança de orientação da diretoria que assumiu o sindicato, houve fatos e tomadas de posição que justificam novamente a identificação do sindicato dos mineiros com a resistência.

"O sindicato dos mineiros sofreu um duro golpe que reduziu o seu poder de representação; dividiram o sindicato pra enfraquecê os mineiros".

Após a vitória da chapa dos "autênticos" nas eleições sindicais em outubro de 1961, os mineradores iniciaram uma campanha junto aos mineiros pela divisão do sindicato. Envolveram as lideranças cuja chapa, por eles patrocinada, fora derrotada. Passados 10 dias das eleições, foi criada a associação dos mineiros do Rio Maina - distrito de Criciúma - e, após dois meses, foi solicitada ao Ministro do Trabalho a Carta Sindical.

A criação do segundo sindicato dos mineiros em Criciúma recebeu o apoio das carboníferas, da Delegacia Regional do Trabalho e da Igreja local. Os discursos proferidos então pelos representantes destas entidades apontam as razões político-ideológicas que motivaram a divisão do sindicato. Em síntese, era para que o sindicato atendesse às suas finalidades e prestasse os serviços que lhe competia, assim explicitados: a) "promover a colaboração entre patrões e operários" excluindo do sindicato a prática de "jogar os operários contra os patrões"; ao contrário, "solicitar a intervenção dos patrões" junto ao sindicato sempre que necessário. Outra razão citada por todos era para livrar os operários "das garras do comunismo" e "dos

elementos comunistas e agitadores", dirigentes do sindicato dos mineiros de Criciúma.

A partir de fevereiro de 1962, os dois sindicatos, comandados por diretorias divergentes ideológica e politicamente, assumiram práticas correspondentes aos princípios que as norteavam.

O novo sindicato, com sede em Rio Maina, se caracterizou desde sua fundação por práticas assistenciais, especialmente voltada para o aspecto médico-farmacêutico. Este tipo de serviço prestado pelo sindicato foi sempre bem recebido pelos associados, e conquistou a aprovação da maioria dos mineiros que pertenciam àquela base sindical. Os serviços assistenciais foram se ampliando e, a partir da mudança de governo em 1964, não havia mais dúvida quanto à orientação que se devesse seguir no sindicato, pois ele estava dentro do modelo que passou a caracterizar quase todos os sindicatos durante os governos militares, até 1985.

A existência de dois sindicatos da categoria na cidade acentuou a distinção e a comparação entre os militantes sindicais "autênticos" ou "combativos" e os "pelegos". O sindicato "antigo" de Criciúma continuou com sua política de resistência, de greves, enquanto o novo sindicato não defendia as propostas de luta por melhores salários ou condições de trabalho, e se voltava para os programas de assistência, que eram subsidiados em grande parte pelas empresas. Da divisão jurídica da entidade resultou também a divisão do grupo em relação à postura política e à orientação dos programas e práticas adotados pelos dois sindicatos.

Por um lado, a melhor qualidade e variedade de assistência médica, dentária e farmacêutica oferecida pelo novo sindicato de Rio Maina era solicitada também pelos associados do sindicato da sede, que não dispunha de

recursos para serviços assistenciais. Ora, os serviços à saúde são muito valorizados em cidades pequenas, que dispõem de um departamento de saúde pública muito precário. Era este o caso de Criciúma na década de 1950. Mas, por outro lado, a militância sindical na defesa dos direitos trabalhistas, também era valorizada por muitos mineiros de um e de outro sindicato. O confronto de posições se tornou mais explícito e dividiu também a opinião dos moradores da cidade sobre a real função do sindicato.

"No dia 10 de abril de 1964 ocorreu a prisão dos principais líderes e dirigentes sindicais de Criciúma. Ao todo foram 42 mineiros, se não me falha a memória. A diretoria do Sindicato quase inteira e mais todo operário aí que era meio lutador nas minas; aproveitaram o embalo, botaram pra rua e tocaram pra cadeia. Botaram 42" (entrevista 65).

Por ocasião dos conflitos e greves ocorridos no Rio de Janeiro e pela crise política nacional, que culminou com o golpe militar, derrubando o governo Goulart, a CGT decretou greve geral de protesto contra o golpe. O então presidente do sindicato, Jorge Feliciano diz que foi motivo de satisfação encontrar os mineiros mobilizados, independentemente do sindicato.

"o sindicato dos mineiros de Criciúma acatou a palavra de ordem da CGT. Pela manhã do dia 1 de abril de 1964, quando o sindicato foi às empresas mineiras, a fim de fazer parar o trabalho, algumas delas, cujos operários ouviram pela rádio a palavra de ordem da CGT, já estavam paradas" (entrevista 65).

A militância do sindicato da sede foi, porém, anulada pelo golpe militar de 1964, que não só provocou a queda do governo de João Goulart, mas instalou no país o governo militar autoritário, exercendo o poder de intervenção sobre muitas associações democráticas¹⁰. Os sindicatos, federações e confederações de trabalho, com práticas sindicais políticas de oposição ao capital e ao golpe militar,

sofreram intervenção do governo, que destituiu as diretorias eleitas e nomeou interventores, até que se procedesse o "expurgo" dos "agitadores" e se processasse a eleição de uma nova diretoria. Mas como a partir de 1964 "tivemos golpes em todas as sucessões presidenciais" (Weffort, 1985, 4), as eleições nos sindicatos não passavam de farsas, sempre vigiadas pelo governo.

Foi o que aconteceu no sindicato de Criciúma. A diretoria foi destituída em 10 de abril de 1964 e presa com mais outros 40 mineiros militantes, sob a acusação de práticas subversivas e de serem simpatizantes ou filiados ao partido comunista. As lideranças sindicais que restaram, amedrontados, não se manifestaram durante os anos da repressão em que os sindicatos foram administrados por interventores ou por mineiros eleitos em pleitos "fraudulentos", segundo a análise dos grupos descontentes com a atuação do sindicato¹¹.

Um dos dirigentes sindicais, que ficou detido na prisão de 64 a 66 e novamente em 1973-4, afirma:

"A partir de 1964 tudo foi bem bolado para desmontar o que se tinha conseguido até ali. Então, a classe mineira era muito respeitada no Brasil. Empresários de direita acusavam-na de subversiva e comunista... foi a classe que ficou mais sob o olho da repressão" (entrevista 65).

A repressão, a intervenção e todas as medidas de força do governo militar instalado no país, que visavam a desestabilizar o movimento trabalhista sindical, se estenderam em Criciúma até 1976, quando novamente apareceram ensaios de movimentação entre os trabalhadores mineiros, na tentativa de dinamizar os sindicatos, caracterizando-os por órgãos de defesa dos interesses dos trabalhadores.

No Brasil, na década de 1970, começam vários ensaios na tentativa de retomar as práticas políticas dos sindicatos barrados pelo golpe de 1964 e pelas consequentes práticas

autoritárias e repressivas. O Sindicato de Metalúrgicos de São Bernardo despontou como liderança na virada da apatia sindical "moldando uma linha de resistência coletiva que terminou por alterar profundamente as relações de trabalho nessas empresas e a influenciar o conjunto do país" (Sader, 1988, 277)¹². Importante influência exerceu também a campanha salarial de 1979 sobre os sindicatos do país. "As reivindicações de São Bernardo integraram-se numa pauta comum, acordada pelos sindicatos metalúrgicos de todo o Estado (Sader, 1988, 305). A greve de 1980 não significou uma luta isolada. A importância do setor metalúrgico paulista e o grande número de trabalhadores em greve deixou uma lição ao sindicato brasileiro: entrava em cena "um outro sujeito político no cenário público" (Sader, 1988, 310).

Em Criciúma, os ensaios de mobilização e mudança nas práticas sindicais foram iniciados com a campanha eleitoral dos deputados, senadores e prefeitos. A grande vitória do MDB em 1974 deu novo impulso ao movimento sindical "autêntico", que não teve êxito em Criciúma pelas práticas repressivas, fraudulentas e arbitrárias ainda vigorosas¹³.

Os sindicatos, uns mais que os outros, a partir de 1978-80, propuseram mudanças no sentido de representarem os reais interesses da classe trabalhadora. Os dirigentes sindicais eleitos, após um longo período de intervenções ou de eleições fraudulentas, viram-se diante de uma realidade adversa à movimentação operária.

A grande maioria dos mineiros, que no passado gozou de estabilidade no emprego e viveu a experiência da organização sindical nos anos 1955-64, já se aposentara. Os novos trabalhadores não tiveram a convivência com a luta e os movimentos de resistência. Havia só a lembrança histórica relatada na esfera doméstica pelos mineiros aposentados ou afastados. Após o período de repressão e de pouca

movimentação sindical, desapareceram as lideranças entre os trabalhadores. Na interpretação dos mineiros não havia mais ocasião de formar lideranças:

"O líder nasce na luta e é nela que ele se forma. Como não houve mais lutas entre os operários, não nasceram mais líderes" (entrevista 65).

As práticas de resistência deram lugar às práticas assistenciais. Estabeleceram-se entre as atividades dos sindicatos, como as mais significativas, as de caráter assistencial nas áreas de saúde, direito trabalhista, previdenciário e educação (concessão de bolsas de estudo). Os diretores sindicais envolveram-se completamente com as atividades burocráticas-administrativas.

Estas atividades foram crescendo e, após alguns anos, tomavam todo o tempo dos diretores, que passaram a contratar pessoal técnico especializado para isso. As práticas administrativas e assistenciais que substituíram as anteriores, de caráter reivindicativo, facilitaram o desenvolvimento de um sindicato burocrático, de práticas muito mais autoritárias que as do passado.

Foi uma decorrência quase "natural" das relações desiguais de poder que passaram a vigorar nos órgãos públicos e associações de classe, a exemplo das relações autoritárias em vigor no governo, nos ministérios e repartições públicas em geral. Tal modelo coloca a questão da democracia. Se esta já era limitada nos sindicatos por razões culturais, desigualdade de acesso à educação e às práticas políticas, ficou muito mais difícil as práticas de educação democráticas dos associados nos sindicatos burocrático-administrativo-assistenciais.

No período anterior a 1964, o confronto dos sindicatos com as companhias carboníferas, a disputa interna entre as duas principais tendências, agrupando os "autênticos"

contra os "pelegos" na conquista, via eleições, da administração sindical, não deixaram de ser uma escola de educação democrática de seus associados.

A tomada do poder pelo golpe militar instituiu novas formas de relações, cujos princípios tiveram por base não o confronto democrático mas a conduta autoritária, onde as posições e as decisões não eram questionadas e facilmente chegavam às margens do arbitrio.

Considera-se que, em todo relacionamento entre os homens e destes com as instituições, existem, necessariamente, opiniões, tendências, interesses variados e, às vezes, interesses conflitantes que se confrontam numa relação de poder. O poder pode se afirmar em princípios democráticos, onde o critério da vontade da maioria é o mais comum definidor das questões confrontadas. Há, contudo, o caminho autoritário ou ditatorial, em que as decisões acontecem ignorando-se as vontades contrárias ou impondo-se à revelia dos opositores ou, ainda, evitando a participação dos associados, mantendo-os desinformados ou distantes, ou por qualquer outra forma de alienação.

Assim, o conceito de democracia vai além do tradicional, que privilegia a liberdade partidária na disputa pelo poder, como sendo o critério básico da vigência ou não da democracia nas sociedades e instituições. Entendo que envolve todas as relações sociais entre os indivíduos, grupos e instituições e destas com o Estado.

"As representações e as participações que realizam a democracia são tanto as de caráter institucional que dizem respeito à legislação e funcionamento dos órgãos públicos, quanto em relação às liberdades da sociedade civil e da esfera privada. Mas não só; também a representação e participação na política econômica do país de tal forma que todos tenham acesso ao exercício da cidadania" (Weffort, 1985).

A prática da democracia, especificamente nos sindicatos, deveria exercitar e promover o exercício da liberdades

individuais e as da categoria; deveria experimentar a força de pressão dos associados através de suas práticas políticas que são aqui entendidas como atitudes e ações conjuntas da categoria no sindicato. Estas práticas referem-se a ações que resultam do confronto de posições e que são desempenhadas pelos membros de uma entidade por decisão dos participantes. As práticas políticas não supõem, necessariamente, ações político-partidárias, embora estas não estejam excluídas. São todas as ações dos membros da categoria, dirigidas no sentido de garantir as conquistas ou obter vantagens novas; alterar condições de trabalho adversas; assegurar os direitos do trabalho reconhecidos por lei ou propor alterações na legislação trabalhista; enfim, a defesa de bandeiras de interesses da categoria ou, mesmo, bandeiras de interesse mais amplo que ultrapassam as fronteiras do sindicato. As práticas políticas supõem que o indivíduo encaminhe suas ações com vistas à esfera pública, através de movimentos, de associações ou de instituições que se relacionam com o mundo da produção, com setores públicos, com o Estado. Nos sindicatos, em geral, são ações que nascem das relações estruturais, isto é, das relações de trabalho no processo produtivo; das relações entre o cidadão e o Estado em face de direitos e deveres recíprocos e legitimados socialmente. As práticas políticas nos sindicatos necessariamente supõem ação coletiva dos associados. A definição destas práticas passa por um processo mais ou menos democrático, de eleição de prioridades e estratégias de ação, entre seus participantes.

As relações desiguais de poder entre governo e associações foram moldando o sindicato burocrático-administrativo e assistencial cujas ações, seus limites, suas atribuições, passaram cada vez mais a ser objeto de definição do governo. As atividades de caráter educativo (congressos, formação e ampliação de bibliotecas,

assembléias, etc.), de cunho político (manifestações coletivas, atos públicos, etc.) sofreram restrições ou proibições sumárias. Atribuíram-se aos sindicatos funções assistenciais que por sua vez requeriam grande parcelas do orçamento dos mesmos. Os programas assistenciais atendem, não as ações coletivas mas os interesses individuais dos trabalhadores, sobretudo em regiões carentes de serviços à saúde, à educação, aos direitos individuais (Souza Martins, 1979).

As atividades administrativas ou assistenciais não oferecem margem para que se promovam discussões democráticas entre os associados. São ações inquestionáveis. Tanto as atividades burocráticas quanto as assistenciais supõem um desempenho técnico que exclui, de saída, a participação democrática dos frequentadores dos sindicatos. Estas apresentam-se como ações naturais e necessárias e são portadoras de um autoritarismo intrínseco em seu desempenho.

Dentro deste modelo atuaram os sindicatos dos mineiros durante um longo período de vinte anos. Atendiam a uma clientela numerosa de mineiros aposentados e da ativa e suas famílias, oferecendo: consultas médicas, tratamento dentário, serviço ambulatorial e de medicamentos, concessão de bolsas de estudo a filhos de mineiros; empenho em conseguir emprego nas companhias carboníferas ou em outras empresas para os familiares dos associados; consultoria jurídica em favor dos associados contra as companhias mineradoras ou contra a previdência, principalmente por mineiros ao se aposentarem ou por aqueles demitidos do emprego. (Os mineiros que estavam sendo lesados mas pretendiam permanecer no emprego, não moviam ação em defesa própria. Seria exposição gratuita a uma possível demissão).

O índice de sindicalização dos mineiros, mesmo assim ultrapassava os 50%. E a razão mais comum da filiação ao

sindicato residia na oferta de serviços assistenciais; à medida que aumentavam, iam legitimando a existência e a razão de ser dos sindicatos e iam compreendendo a totalidade das ações desenvolvidas. A população trabalhadora pobre, doente e injustiçada, sempre procurou a assistência à saúde, à educação e aos direitos trabalhistas oferecidos nos sindicatos, já que estes serviços nas instituições públicas são muito deficientes.

As atividades empreendidas pelo sindicato se caracterizaram como ações e empreendimentos voltados para os interesses individuais dos mineiros. As ações de cunho político e de movimentação coletiva estavam excluídas deste modelo de sindicato. Os associados solicitavam os serviços da entidade, mesmo em questões trabalhistas, sempre numa relação indivíduo versus associação. As práticas de caráter coletivo e político, que ainda poderiam mobilizar o grupo, como nos dissídios coletivos, praticamente deixaram de existir com a decretação de índices nacionais de reposição salarial.

Este modelo sindical nunca foi rejeitado. Ele atendia à família e seus interesses na esfera doméstica; todo programa que prestasse assistência nas áreas da saúde, educação, emprego, era valorizado. O sindicato assistencial era defendido pelas famílias mas recebia críticas dos mineiros, que guardavam lembranças do sindicato de cunho político que se identificava com a luta, que defendia os interesses e direitos dos mineiros e buscava garantir suas conquistas.

Atualmente, os dois sindicatos em Criciúma contam com diretorias identificadas com as lutas dos mineiros reconhecidos como combativos. Desde janeiro de 1988, na

sede, e a partir de abril em Rio Maina, as diretorias apoiaram ou dirigiram quatro greves envolvendo duas vezes todos os mineiros da região e noutras duas vezes os empregados de duas carboníferas - a CBCA e a Próspera.

As greves gerais da categoria foram por melhores salários, sendo esta a principal reivindicação de uma lista com mais de vinte itens¹⁴. Já na CBCA os empregados da companhia pararam pelo atraso de três meses de pagamento dos salários. A empresa faliu e os mineiros permaneceram parados por mais de quatro meses, quando, após desencontros e negociações, o sindicato dos mineiros de Criciúma aceitou ser síndico da massa falida. Com os recursos recebidos do governo federal foi paga parte dos salários atrasados e procedeu-se a recuperação da infra-estrutura das minas, a fim de que houvesse condições de trabalho.

Os mineiros da Carbonífera Próspera permaneceram 40 dias parados quando a companhia foi incorporada à CSN do Rio de Janeiro, que não cumpriu a decisão do Tribunal Regional do Trabalho que concedera 145% de reajuste salarial. A CSN pagou apenas 79%, que coincidia com os cálculos de reposição salarial do governo. Os mineiros em greve reivindicavam a equiparação salarial. Historicamente a Carbonífera Próspera mantinha uma classificação hierárquica de trabalhadores na produção, melhor remunerados que os de outras companhias. Pela primeira vez os mineiros desta empresa estavam em desvantagem salarial frente aos demais. Isto motivou a deflagração da greve de todos os trabalhadores da Próspera¹⁵.

As práticas reivindicativas, além de greve em si, consistiram em piquetes às bocas de minas, organização de "caravanas" a Brasília¹⁶, pressão das mulheres junto aos mineradores, solicitando ou "exigindo" a concessão de "vales" para compras em supermercados¹⁷, acampamentos em

locais estratégicos¹⁰, confronto com a política. Todas estas práticas fazem parte do movimento de resistência dos mineiros.

Envolvido em atividades burocráticas e exercendo um parco poder de mobilização da categoria, o Sindicato dos mineiros de Criciúma viveu um longo período (de 64 a 78) de letargia, que o nivelou ao estilo e práticas de outros sindicatos locais. Um corte na história, neste período, não traria à tona a análise das lutas que fazem parte da identidade social dos mineiros. Contudo, aos primeiros sinais, a nível nacional, de uma retomada de lutas coletivas por condições que favoreciam mais a categoria que o indivíduo, os mineiros de Criciúma se levantam e sinalizam sua presença na comunidade catarinense e nacional. "Criciúma é o pólo sindical mais forte do Brasi, fora do eixo Rio-São Paulo" (diz em discurso o vereador Itaci de Sá, no Sindicato dos Ceramistas de Criciúma). Foi como se houvesse uma força e uma energia latentes na categoria dos mineiros, no seu sindicato, que fazem parte ou compõem sua identidade. Uma vez removidas as barreiras, a pressão abre novamente um espaço de lutas e reivindicações. Os mineiros estão identificados com a luta e com a resistência se irradiam, envolvendo outras categorias. E a minoria social fundada na tradição de luta, que é reelaborada frente às situações objetivas presentes e projetada para conquistas de melhorias futuras. E a identidade social constante, definida, mas dinâmica, na concepção de Habermas (1983).

A população da cidade reconhece e identifica os mineiros como uma classe muito combativa. Dizem que os mineiros "não levam desaforo pra casa" e mostram que não têm medo de fazer valer seus direitos. Decididamente, não existem dúvidas sobre a combatividade dos mineiros, mas há

uma postura ambígua da população entre aprovar e apoiar as práticas de resistência, e colaborar, ou criticar por promoverem desordem e incitarem outros trabalhadores à revolta. Esta avaliação parte principalmente de empresários, e de administradores das empresas que têm a responsabilidade de organizar a mão-de-obra nos setores de recrutamento e formação.

As demais categorias profissionais esperam com ansiedade as negociações de reajuste salarial dos mineiros. Os índices reivindicados por eles são parâmetros para definir os seus. Dificilmente uma categoria entra em greve por reajuste salarial se os mineiros não entrarem antes. O apoio dos mineiros a outras categorias é decisivo para fortalecê-las e para a adesão dos trabalhadores em suas lutas. Enfim, nenhum sindicato de trabalhadores fecha negociações salariais e tira indicativo de greve sem antes olhar para a conduta dos mineiros. Estes, por sua vez, são sobranceiros e decidem independentemente de outras categorias. A segurança em definir suas estratégias de lutas com certeza se apóia nos sentimentos de injustiça que a história e a experiência foram formando, e hoje são uma marca forte da identidade social dos mineiros que são reconhecidos pela própria história, pelas condições criadas no decorrer da formação da categoria que se confrontava com uma situação específica e a induzia às práticas de resistência. Situação que compreendia a agressividade do trabalho; a conjuntura política; a produção e comercialização do carvão, em que os preços eram majorados muito em função das greves; a intensa e fácil comunicação entre os mineiros nas minas e nas comunidades; a reprodução social e biológica dos trabalhadores do carvão em que os filhos substituíam os pais nas minas. Todos estes componentes sociais que sempre integraram o universo do grupo e favoreceram a formação da "ira moral" e da "revolta"

interior vividas na experiência da injustiça. O sentimento, primeiro individual e depois coletivo, de se sentir lesado no corpo e na dignidade humana em relação aos valores ideológicos e culturais, estão continuamente influenciando as decisões dos mineiros e orientando para práticas que rejeitem a opressão e o sofrimento. A experiência da injustiça, que fortalece a recusa, é muito mais profunda nos mineiros que entre os demais trabalhadores, talvez porque os sofrimentos e as perdas dos primeiros são qualitativamente maiores.

Outro dado diferencial nas greves é a adesão dos mineiros. Pode até haver quem esteja contra a greve, mas a categoria consegue a paralisação total das minas. A adesão de 100% é usual. Em muitas greves os piquetes são desnecessários. Os piquetes servem mais para dar segurança aos "medrosos" que para impedir o trabalho dos "fura-greves". Aqueles que iriam trabalhar por medo de perder o emprego ou porque são novatos, são "defendidos" pela existência dos piquetes. São muitos os depoimentos nesse sentido:

"O peão que é novo de mina ou que tem algum outro problema no trabalho precisa da gente que não tem medo. Daí nós vamos lá, fazemos piquete. Daí eles vem, diz que vieram trabalhar e os companheiros não deram passagem. Assim eles ficam desobrigados. O piquete desobriga eles do trabalho" (entrevista 4).

Nas outras categorias em greve, os piquetes têm funcionado na região como força impeditiva, e não raro existem casos de agressão física entre companheiros "piqueteiros" e "fura-greves".

A memória e as tradições moldam as práticas de resistência dos mineiros, fortalecidos pelas representações que valorizam a coragem, o machismo e o desafio e ao mesmo tempo, identificam o mineiro no subsolo e nas demais práticas de resistência no sindicato e comunidade.

A resistência, assumida como expressão da virilidade, torna-se uma fonte de satisfação que tanto reproduz o **trabalho penoso** quanto a **luta** pela justa retribuição ao sacrifício imposto ao corpo.

A representação ideológica do atributo da virilidade vinculada ao mineiro, pode-se reconhecer como uma característica que se afirma através das práticas de resistência. A permanência prolongada nas minas vai debilitando fisicamente o trabalhador, minando um dos atributos constitutivos de sua identidade social - a força, a virilidade. A essa reconhecida perda contrapõe-se a firmeza e a força nas lutas nos espaços sociais. O trabalho desgastante, não acompanhado da correspondente retribuição salarial, é rejeitado por uma luta viril que devolve ao grupo sua identidade social. As greves redimem o trabalhador e trazem ao espaço social, mais amplo que o das minas, os atributos da coragem, da força, do machismo, que caracterizam o trabalho subterrâneo e reforçam sua identidade social.

A reprodução social do grupo, identificado com as lutas e as práticas de coragem, é seriamente ameaçada justamente pela **meta** arduamente perseguida durante os 15 anos de subsolo - a **aposentadoria**. Passado o impacto inicial, provocado pelo afastamento das minas, espaço em que o trabalhador confirmava seu valor, restam ao aposentado duas alternativas possíveis: acomodar-se e deixar-se absorver pelo anonimato entre o grande contingente das pessoas pobres que apenas sobrevivem, sofrendo a carência de bens e necessidades básicas, ou mesmo crescentemente depauperado, entrar em mais uma fase de luta a fim de manter sua dignidade, enfrentando a injustiça e preservando sua identidade social de homem valoroso. Começa, para alguns, a fase da resistência dos aposentados.

A Resistência dos Aposentados

"Meu pai trabalhou 18 anos na mina e se aposentou por invalidez. Teve problema de pulmão e hoje ganha o salário da fome. O pai voltou pra lavoura, lá em Brusque, e nóbis trabalhava com ele na roça. Daí aos 20 anos casei e vim pra Criciúma e peguei na mina onde tô até hoje. Tô com 12 anos de mina. Só espero é chegá na especial. 12 anos só nesse serviço, só nessa função. Hoje eu com 33 anos já me acho um homem estourado na mina. 12 anos debaixo da mina; e é umidade, é calor, é poluição é tudo isso".

A aposentadoria faz parte dos "sonhos" do mineiro. E com euforia e certeza que encara os 15 anos de frente ao baixar a mina com saúde e força. Como o organismo não se ressentia inicialmente das condições agressivas ao corpo e à saúde, é "natural" que o novo mineiro se sinta invulnerável e, até certo ponto, diferenciado dos outros que foram vítimas das precárias condições de higiene e segurança das minas. Ao imaginar que aos 36 anos estará aposentado, livre do compromisso disciplinar do emprego fixo, este jovem mineiro projeta uma passagem pela mina sem consequências e mudanças radicais em seu corpo e em sua vida.

Isto tudo, porém, se define nos primeiros dias ou semanas, caso a "dureza" do trabalho, ou algum acontecimento trágico, ou o "susto" e medo inicial, não levarem este mineiro à desistência. Superado o período de adaptação, se permanecer na mina e levar o trabalho nesta expectativa por dois ou três anos, é muito difícil que desista. A aposentadoria especial continua sendo a motivação decisiva, além da jornada de seis horas, que sustenta seu propósito de permanecer na mina. A isto se acrescenta a reprodução social dos mineiros de pai para filho, ambos mineiros, mas a nova geração alimenta a esperança de que o trabalho hostil à vida, é coisa do passado; arruinou seu pai, mas não vai derrubar sua força e juventude. As condições de saúde e de desgaste físico dos mineiros com mais de dez anos de mina são, porém, visíveis. A situação de "homem estourado", "arrebentado", "envelhecido", é tema de conversas e

comentários constantes dos mineiros. A alusão de que dificilmente chegarão à aposentadoria especial, que "certamente será por invalidez", é outra observação assídua dos mineiros mais antigos. Contudo, a nova geração que inicia o trabalho nas minas parece insensível a esta experiência que se concretiza em cada geração a partir da metade do período de sua vida ativa. (Anexo 3, 7). E como se o desgaste fosse a seqüela do trabalho dos outros, dos mais velhos, e eles estivessem isentos dos riscos, das doenças, da dilapidação que acompanha as práticas de trabalho. Assim, os novos vão levando o trabalho, sem o cuidado que a experiência ensinou aos mais antigos. Passados alguns anos eles, gradativamente, vão assumindo a postura e o discurso dos antigos, fruto da vivência com o perigo que os fez testemunhas ou vítimas de acidentes graves e fatais e do cansaço e desgaste físico.

A mesma "esperança" de chegar na "especial" que orientava suas práticas durante a vida ativa depois alimenta a ilusão do desfrute da aposentadoria precoce. As práticas cotidianas dos mineiros aposentados mostram que após 15 anos de subsolo eles são homens precocemente envelhecidos, cansados e pobres. Todos comentam a drástica redução das pensões em relação aos salários. A mesma expectativa de sonho e de esperança que animava os novos a permanecerem na mina apesar da "fatalidade" do desgaste, alimenta os mineiros mais antigos na busca e na expectativa da aposentadoria como solução final aos "sacrifícios" do trabalho mineiro.

A vida pobre e sacrificada dos aposentados não se apresenta aos trabalhadores atuais como a etapa posterior que "necessariamente" sucederá a esta, que hoje, como mineiros da ativa, estão querendo vencer. A ilusão de que a aposentadoria será o prêmio da vida sacrificada que "aguentaram", sobretudo nos últimos anos, já doentes e

cansados sustenta sua permanência nas minas e as práticas que resultam na reprodução da categoria. A ilusão e a expectativa funcionam também como um mecanismo ideológico de defesa contra a quase inevitabilidade do desgaste progressivo e das doenças profissionais e contra a "programada" degradação das pensões que levam ao empobrecimento inevitável dos aposentados.

Mas, como vivem os mineiros aposentados? Identificam-se como mineiros aposentados? Distinguem-se dos aposentados de outras categorias profissionais?

A aposentadoria especial ansiosamente esperada, quando conquistada, reveste-se de ambiguidades. Finalmente, se vêem donos de seu tempo, libertaram-se da disciplina e rigidez da jornada de trabalho, estão fora dos riscos de acidentes da mina. Podem desfrutar mais do tempo livre, da vida "despreocupada" na família. Contudo, essas sensações e sentimentos de liberdade, bem depressa tornam-se carências.

A relação com os companheiros começa a lhes fazer falta. Antes, a convivência com os "iguais" era diária, agora ocasional e muito passageira. A aposentadoria precoce dos mineiros não é aceita na comunidade local e nem na própria família. A mulher passa a sentir o marido em casa, sem ocupação, como um "estorvo" à rotina diária de seus afazeres. Ele, aos poucos, sente-se "inútil", uma vez que toda a sociedade está estruturada para valorizar aqueles que produzem. A gota d'água no conjunto dos sentimentos é a percepção da quebra imediata de 30% a 40% no orçamento familiar. A expectativa alimentada em relação à aposentadoria se transforma, à medida que os meses passam, em nova ansiedade e em incerteza.

Observando-se a tabela de idade dos trabalhadores nas minas¹⁹, chega-se à conclusão de que mais de 90% dos mineiros se aposentam com menos de 40 anos de idade e 80%,

com até 36 anos. É uma média muito baixa, se comparada com a de outras categorias profissionais. Seus filhos são menores e ainda frequentam o curso do primeiro grau. Este fato os obriga a garantir uma renda que possibilite a criação e formação dos filhos. Normalmente, passados alguns anos depois da aposentadoria, a renda familiar se reduz a 40% dos antigos salários. Esta situação induz os aposentados a preverem uma renda alternativa e a procurarem empregar os filhos menores para auxiliar nos gastos progressivos da família.

Não há um levantamento sobre o número de mineiros aposentados na região. Ao se aposentarem, alguns procuram um "lugarzinho" à beira da praia, compram um barco com o FGTS, ou uma "casinha", e passam a viver da pesca artesanal. Outros voltam pra "colônia", onde vivem seus irmãos e parentes e "trabalham na terra" para ajudar no sustento da família. Alugam a casa em Criciúma para terceiros, se são proprietários, e se estabelecem no interior. Atualmente, é certo que muitos permanecem na cidade.

A redução substancial da pensão previdenciária em relação ao salários, bem depressa os faz voltar ao trabalho. Há aqueles que abrem um comércio autônomo: uma banca ou mercadinho de frutas e verduras; uma "venda" ou barzinho, elementares. Tornam-se vendedores ambulantes, em carrinhos, cujas mercadorias são: balas, pipoca ou bugigangas. Outros se empregam com salários reduzidos em agências de prestação de serviços, e trabalham como vigias em bancos, em condomínios e ruas, em residências. Há, também, quem preste serviços como autônomos: em limpeza de jardins, terrenos baldios; passam a ajudantes de pedreiros autônomos; fazem pequenos fretes de carrocinha de tração animal, e outros serviços na economia marginal.

A fala dos mineiros aposentados manifesta um conflito individual, que passa a ser coletivo enquanto partilham de uma mesma situação objetiva externa, discordante com os habitus que orientaram as práticas durante a fase de vida ativa. A estrutura internalizada pelos mineiros, formada por princípios e valores como a coragem, a bravura, o machismo, o privilégio na família, a distinção entre os trabalhadores, a esperança do porvir, a própria incumbência de manutenção do lar, não correspondem mais à situação externa que mudou profundamente. Aquelas práticas que identificavam os mineiros não encontram eco na situação nova que a aposentadoria vai cotidianamente ampliando; sentem-se agora deslocados e não se identificam claramente diante de si próprios, na família, entre os antigos companheiros.

A aposentadoria antecipa entre os mineiros a crise reservada para a velhice nas outras categorias. Aposentadoria e velhice em geral chegam juntas para a maioria dos trabalhadores. Aos mineiros, resta um tempo bastante longo entre ambas. Já aos 35/40 anos passam a sentir que a "sociedade industrial é maléfica para a velhice", porque a "velhice" lhes é antecipada pela aposentadoria. Como aposentados, ao procurar se engajar novamente no mercado de trabalho eles "são discriminados e obrigados a rebaixar sua exigência de salário e a aceitar empreitadas pesada e nocivas à saúde", como observou Ecléa Bosi (1987, 37). Para os mineiros, a degradação senil começara já, prematuramente, durante a vida ativa, pelo desgaste extraordinário, resultante das condições de trabalho. Agora, na aposentadoria, ela prossegue pelos padrões sociais reservados aos aposentados.

Aos poucos, os filhos menores entram no mercado de trabalho e a renda familiar fica equilibrada, até que casem e formem sua própria família, economicamente independente. Com a independência econômica dos filhos se deteriora a

qualidade de vida dos aposentados. E nesta ocasião que muitas mulheres, já em idade madura, com mais de 45 anos, passam a procurar serviços eventuais ou emprego, como faxineiras e lavadeiras para ajudar na economia do lar, porque a aposentadoria do marido "não dá mais prá comer".

E comum encontrar "aposentados da mina" como guardas noturnos, acometidos de pneumoconiose em grau adiantado, com dificuldade até de subir alguns degraus ou de envidar qualquer esforço físico, pela "falta de ar" proveniente das lesões pulmonares. Vivem sob medicação. Sua aparência é deprimente. Permanecem encurvados, apoiando-se em cadeiras ou paredes, com visível dificuldade respiratória. Estão sempre ofegantes. Consideram que o trabalho noturno é uma "distração". Melhor que ficar em casa "passando as noites em claro", pois a falta de ar não lhes permite se deitar. Só "cochilam sentados", dizem (Anexo 3, 12.1).

Enquanto mineiros em atividade, informavam com orgulho sua "profissão". Depois, não há mais satisfação em declarar que são mineiros aposentados. Parece que com a aposentadoria o mineiro perdeu sua identidade social. Os habitus interiorizados que moldavam suas práticas e eram responsáveis por sua reprodução social, enquanto trabalhadores produtivos e "chefes do lar", foram ultrapassados. Esses habitus eram adequados à reprodução do "mineiro", não do "aposentado". A dispersão geográfica da categoria através de um processo de migração de retorno às origens; o empobrecimento pela deterioração das pensões; a perda da energia e da vitalidade, fruto do desgaste do corpo, da progressão das doenças ou de mutilações físicas (Anexo 3, 12.1), são fatores que contribuem e até decidem a "morte social" do mineiro aposentado. A inadequação entre os habitus que moldam as práticas dos mineiros da ativa e a nova situação histórico-estrutural dos aposentados, entra em desacordo e desarticula sua reprodução social.

Os aposentados vivem da memória que simplesmente revive o passado (Bosi, 1939, 39). Por isso o presente não é projetado em função do futuro, mas é estéril porque rememora o passado, que não se reproduz no presente. Não é uma saudade do trabalho, em si desgastante, perigoso, hostil. Mas, é a memória das práticas inadequadas ao "novo tempo" que se inaugurou com a aposentadoria. A ambiguidade criada pela estrutura interna, que não se adequa à situação, é insolúvel perante a perda da identidade social, e resta a persistência do mineiro em ressuscitá-la do passado, apenas pela memória.

Os mineiros aposentados, como "a mulher, a criança e o velho, são aspectos diversificados, embrutecidos por entre as classes sociais (Bosi, 1987, XI). Eles vivem incluídos entre os trabalhadores ocupados em serviços eventuais e autônomos, mas não se associam a nenhuma categoria profissional. Eles formam, junto com os agricultores sem terra, com os sub-empregados, com os ocupados em economias marginais, a grande porção da população pobre. Pertencem justamente a essas camadas sociais que vivem à margem da economia de mercado em relação ao sistema produtivo da sociedade. Esta marginalidade supõe a reorganização de novas práticas possíveis aos trabalhadores que lutam apenas pela sobrevivência. Contudo, os mineiros aposentados, em relação a outros grupos marginais, mantêm a vantagem de serem proprietários de suas casas e de continuarem filiados aos sindicatos dos mineiros, recebendo os benefícios assistenciais da categoria.

A situação de pobreza e decadência acentuada não acontece, com a mesma intensidade, com todos os mineiros. Aqueles que ocuparam funções melhor remuneradas e organizaram a economia doméstica, embora sofram perdas crescentes em suas pensões, têm melhores oportunidades de conseguir um emprego ou rendas que suplementem as baixas pensões.

As práticas de recusa e o inconformismo com a exploração, que os levou a práticas de resistência durante a vida ativa, continuam motivando muitos mineiros aposentados e se organizarem para defenderem os interesses dos aposentados em âmbito nacional. A associação dos aposentados de Criciúma, organizada e dirigida por ex-mineiros, procura dar novas formas às práticas de resistência, expressas nas reivindicações e pressões em geral, contra as instituições do governo. Práticas que mantêm os aposentados numa política que recria no presente características de luta do passado. Ao dar continuidade à reprodução social do grupo específico e diferenciado, cujas práticas políticas perpetuam a identidade social que a aposentadoria tende a descaracterizar, a luta dos aposentados, encabeçada pelos mineiros, realimenta o sentimento de injustiça que os discrimina socialmente.

A identidade social do mineiro como um defensor de seus direitos de trabalhador e de um lutador contra a injustiça, vai, pois, além da organização sindical da categoria de mineiros da ativa. Os mineiros aposentados, hoje, através de sua associação, encaminharam práticas de resistência que desafiam a idade e as condições precárias de saúde. Esta associação, que reúne trabalhadores aposentados indistintamente da categoria profissional a que pertenceram, identifica-se com as práticas de resistência usuais à categoria dos mineiros.

A sede administrativa da associação se localiza numa sala das dependências do sindicato dos mineiros; a diretoria da associação tradicionalmente vem sendo exercida por mineiros aposentados; a maioria dos sócios é de mineiros aposentados; nas assembléias e reuniões da associação com frequência estão presentes diretores do sindicato dos

mineiros da sede. Por estas razões, ou pela origem da associação, criada por iniciativa de mineiros aposentados, as lutas destes homens de aparência cansada e doente têm o vigor e a ousadia das práticas dos mineiros da ativa.

Para os aposentados, a greve, como forma tradicional de luta, está excluída, mas outras práticas de resistência são discutidas e definidas nas reuniões da associação²⁰.

A luta dos aposentados de Criciúma é singular no Estado, onde os mineiros se destacam e se antecipam aos demais trabalhadores. A não aceitação passiva da decadência, a recusa a viver num estado de extrema carência em vista das pensões e aposentadorias irrisórias, se alimenta no sentimento de injustiça e move os aposentados a resistirem ao processo de depauperação. Suas falas revelam a revolta interior que sugere as práticas de resistência. A comparação entre os anos de trabalho que deram para "construir este Brasil" e a "troca" que recebem "por um aposento de vergonha", "de fome", é que "obriga" o aposentado a lutar (Anexo 3, 12.1-12.4).

"O trabalhador se sacrifica, como eu, que fui mineiro por 27 anos; sempre mortificado lá na mina, sujeito a morrer de fogo, de caimento, mas Deus me guardou na mina pra eu criar meus filhos... trabalhei duro, sem prejudicar ninguém; trabalhei pra família... eu vi esta cidade crescer... e agora? recebi essa miséria! (menos de meio salário mínimo). Tenho vergonha e só revoltado por isso. É uma injustiça o que o governo fez... mas nós trabalhamos... só muito revoltado... (entrevista 72).

Aposentados de outras categorias profissionais, a exemplo dos mineiros, tiveram suas pensões reduzidas com o correr dos anos. A situação objetiva exterior é comum aos aposentados. Todos sofrem um processo de emprobecimento, se dependem das aposentadorias. As condições culturais também são comuns, enquanto trabalhadores descendentes dos grupos colonizadores ou dos contingentes migratórios. Contudo, os mineiros, ao se aposentarem, continuam diferenciados nas práticas de resistência. As práticas diferenciadas entre os

aposentados mineiros e os de outras categorias, podem ser explicadas a partir do sentimento de injustiça que o grupo mineiro interioriza, ao confrontar o desgaste que sofreu com o retorno que a aposentadoria lhe traz. Quanto mais forte a emoção vivida no interior do grupo, alimentada pela ideologia e vivência da injustiça, tanto mais fácil é para estes aposentados buscar a "reparação" ou a "superação" das condições de opressão. A situação objetiva externa, de pobreza e privação, encontra uma disposição interior de rejeitar ou ver-se livre da opressão, e o grupo parte para atos de recusa e se organiza para alcançar uma situação mais confortável.

Os mineiros, enquanto trabalhadores da ativa, tendem a manter o equilíbrio entre o esforço dispendido e a respectiva retribuição em salários, diminuindo assim a tensão provocada pela sensação de injustiça. Suas práticas de resistência são selecionadas dentre as possíveis, as mais eficazes. Este comportamento de recusa se perpetua através das lutas dos aposentados.

Enquanto os mineiros da ativa servem de parâmetro nas lutas de outras categorias profissionais, seja nos dissídios coletivos ou nas greves, os mineiros aposentados lideram as práticas de recusa às pensões depreciadas, e contagiam outros aposentados com o sentimento e a experiência de injustiça que os motiva e os impele à luta.

NOTAS

- ¹ Angela de Castro Gomes - A Invenção do Trabalhismo vê na criação dos sindicatos uma política do Estado de Getúlio Vargas, que buscava arregimentar eleitores entre a classe trabalhadora, através da filiação ao PTB, que se fortalecia pelos sindicatos. Daí a criação dos sindicatos nem sempre era resultado da movimentação e organização das diferentes categorias profissionais. A iniciativa do governo era recebida em muitas regiões do interior com desconfiança e a criação dos sindicatos se fazia com um mínimo de participação dos associados (1988, 314-321).
- ² Cf. Volpato, 1984, 110-145. A história do sindicato dos mineiros, colhida na memória dos mineiros que viveram o período de sua criação e relatada nos livros de atas, mostram que o sindicato não foi resultado da luta dos trabalhadores decorreu um longo período até os mineiros "autênticos" conquistarem a direção do sindicato para fazer dele um instrumento de defesa dos interesses da classe.
- ³ Livro de Atas, Nº 1, Ata 96, p. 79-80.
- ⁴ Livro de Atas, Nº 2, p. 58.
- ⁵ Livro de Atas, Nº 1, p. 1-80.
- ⁶ Sobre a formação e função dos sindicatos no Estado Corporativista, Kenneth Erickson assinala a recusa dos trabalhadores em se submeterem à intervenção do Estado na organização sindical. Já havia uma boa experiência de sindicatos livres em algumas categorias profissionais como as dos gráficos, ferroviários, que não aceitavam a nova orientação sindical do Estado (Erickson, 1979).
- ⁷ No livro de atas das reuniões do sindicato registra-se a presença de Doutel de Andrade para proferir palestra aos mineiros, entre outros políticos vindos de Porto Alegre para falar aos mineiros aposentados, dirigentes sindicais da época, recordam com orgulho e saudade "aquele tempo" em que o "sindicato era respeitado" até pela "oposição". (De entrevistas).
- ⁸ Livro de atas do período de 14.01.55 a 07.06.62, p. 19-20.
- ⁹ Cf. Greves Políticas num Período de Colaboração entre Militantes e Trabalhadores em Erickson, 1979, 138-163. Cf. também: Sobre a História do Movimento Operário. In Telles, 1981, 73-174. O autor, de mineiro a deputado estadual no RS, relata a movimentação operária e sindical no Brasil no período entre 1959 a 1962.

- ¹⁰ A intervenção nos sindicatos e a prisão de líderes sindicais foi a política adotada pelo governo militar pós-1964. Alegando que a subversão, especialmente das classes trabalhadoras, causara a instabilidade política e a crise econômica anterior a 1964, o governo Castelo Branco interveio nos sindicatos politicamente ativos expurgando as lideranças. As confederações e federações, por serem politicamente mais ativas, sofreram intervenção de 67% e 42% respectivamente de suas entidades; enquanto houve intervenção em 19% dos sindicatos (Erickson, 1979, 109), dentre os quais estava o sindicato de Criciúma. O sistema intervencionista visava a restabelecer o modelo sindical antigo, onde a tônica era a de cooperação e harmonia entre as classes produtoras, empresários e trabalhadores - promotoras do desenvolvimento econômico e da paz social, que exclui o sindicato político (Souza Martins, 1979, 90).
- ¹¹ Cf. Volpato, 1984, 121-45. As diversas etapas dos sindicatos e a orientação seguida por eles estudadas naquela pesquisa.
- ¹² Eder Sader reconstituiu a história das lutas sindicais dos metalúrgicos de São Bernardo durante a década 1970-80. Descreve e analisa a representação do sindicato para os associados; o exercício das negociações com as empresas; as campanhas para unificar a categoria; lutas por reposição salarial segundo as estatísticas do DIEESE que apontava a deteriorização salarial; a relação dos sindicatos com as fábricas; lutas por pagamento adicional de insalubridade; lutas contra as horas extras; eleição de Lula em 1975; o sindicato como espaço público dos operários nas greves de 1978-80; greves que se espalham por todo o Estado; greve de 41 dias de São Bernardo; as prisões dos líderes grevistas; as proibições das manifestações públicas dos sindicatos; manifestações de apoio à greve por entidades da Sociedade Civil. (1988, 277-310).
- ¹³ Nos registros das atas das eleições encontram-se relatadas ocorrências que provam processos fraudulentos, ações ilegais e políticas que garantiam a continuidade dos interventores na direção sindical e o impedimento de concorrer às eleições ou de impedir a posse de lideranças eleitas não aceitas pelos mineiros e autoridades políticas com eles conviventes. O mesmo procedimento é denunciado nas entrevistas com mineiros, hoje aposentados.
- ¹⁴ A Convenção Coletiva de Trabalho realizada em 03.02.88, registra entre as principais conquistas as seguintes:

reajuste de 122,98% mais residuo inflacionários e URP, que per fez o total de 145,26% de aumento sobre os salários de dezembro de 1987; estabilidade ao trabalhador acometido de pneumoniose até completar o tempo regulamentar de sua aposentadoria. O deslocamento do funcionário do subsolo à superfície não interferirá em seu salário; e mais 20 itens relativos a condições e assistência no trabalho.

- ¹⁵ Na greve dos mineiros da Próspera, como forma de pressão, para obrigar a CSN a equiparar seus salários aos concedidos no disídio coletivo da categoria em janeiro de 1988 (índice de reajuste de 145% contra o índice de 79% concedido pelo governo aos funcionários das estatais), os mineiros, no 20º dia de greve, decidiram formar piquetes em frente ao Banco do Brasil e à Caixa Econômica Federal para impedir seu funcionamento, não permitindo a entrada dos funcionários nas agências de Criciúma, Içara e Siderópolis, três municípios com minas da Próspera.

As 11 horas da manhã houve o primeiro confronto quando os policiais tentaram desalojar os piquetes formados em frente à CEF. Houve agressões recíprocas de policiais e mineiros. A partir das 14 horas o confronto se tornou mais grave. Há versões de que os policiais provocaram o confronto e outras de que só reprimiram a agressão dos mineiros que iniciaram a atirar pedras e objetos nos policiais. Estes revidaram com cassetetes e bombas de gás lacrimogénio. O policiamento foi reforçado. Na falta de pedras para atirar contra os policiais, os mineiros botaram abaixo parte de um muro na praça da igreja e atiravam os tijolos. Cerca de 20 pessoas, mineiros, populares, policiais, inclusive um deputado estadual que apoiava os mineiros, ficaram feridos, sem maior gravidade. As ruas centrais da cidade foram bloqueadas pelos policiais. As 15 horas, os dirigentes sindicais, sob a mediação de dois padres da igreja católica, procuravam o comandante da polícia para negociar uma trégua que foi aceita pelo sindicato e pelo comandante da polícia. Os policiais formaram um corredor de isolamento desde o centro à sede do sindicato, (aproximadamente uns 700 metros), por onde os mineiros se retiravam até sua sede e eram aplaudidos pelos populares.

No dia seguinte cerca de 240 mineiros viajaram em cinco ônibus até Florianópolis para acompanhar o julgamento no TRT sobre a legalidade da greve. O tribunal ratificou o índice de 145% concedido à categoria mas se julgou incompetente para julgar a legalidade da greve.

Os setores em greve da Próspera, além das minas, eram o do lavador de Capivari e do transporte ferroviário. Por

esta razão as demais minas estavam com estoque nos limites máximos, não conseguindo entregar o carvão. O estrangulamento do transporte recaía sobre todas as carboníferas em produção.

- 16 Em 1987 foram a Brasília quatro "caravanas" de mineiros, como eles as designavam. Por duas vezes, foram ônibus com aposentados, cerca de 50 aposentados cada vez. O objetivo era pressionar os parlamentares na votação da lei que equiparava os salários dos aposentados aos da ativa. Em 1988, novamente os aposentados (150), em três ônibus, permaneceram em Brasília de 3 a 23 de maio, esperando e pressionando a votação da lei constitucional de equiparação salarial.

Ainda em 1987 foram duas "caravanas", com 100 homens cada vez, mineiros das CBCA - Companhia Carbonífera de Araranguá -, que pleiteavam uma solução administrativa para a empresa falida, com quase dois mil mineiros sem receber salários por quatro meses. Os mineiros pressionavam para que o governo nomeasse a Carbonífera Próspera-estatal, como síndica e administradora da "massa falida", o que não acontecia. Os sindicatos dos municípios de Criciúma e Lauro Muller se constituíram então síndicos da "massa falida" desde outubro de 1987.

Estas cinco "caravanas" ficaram "hospedadas" durante uma ou duas semanas no estádio de futebol "Mané Garrincha" em Brasília.

Em março de 1988 nova "caravana" lotando cinco ônibus viajou a Brasília. Desta vez, eram mineiros da Carbonífera Próspera-estatal. A companhia não cumpriu o julgamento do Tribunal Regional do Trabalho que concedeu 145% de reajuste salarial, mas apenas 79% de acordo com o disposto pelo governo para as empresas estatais. Cerca de 200 mineiros da Próspera permaneceram em Brasília durante duas semanas, acampados na garagem e no pátio do Ministério do Trabalho, pleiteando a equiparação concedida aos mineiros das companhias privadas.

- 17 Quando, em março de 1988, uma "caravana" de 200 mineiros da Próspera permanecia em Brasília, se alojando precariamente em garagens e pátios do Ministério do Trabalho, as mulheres dos mais de 1.000 mineiros da Cia decidiram em reunião que iriam, em data aprazada, aos escritórios da Próspera e exigiriam do presidente a liberação de "vales" para compra de alimentos nos supermercados conveniados com a empresa. Caso o presidente não se encontrasse no escritório da Cia, todas iriam em passeata e cercariam a residência do presidente

da empresa, impedindo-o de sair até que autorizasse ao departamento de finanças da carbonífera a distribuição de vales aos operários que os pedissem.

- ¹⁸ Durante a longa greve de quatro meses os mineiros da CBCA estiveram por duas vezes, durante algumas semanas, acampados em barracas junto à estrada de ferro que transporta o carvão. O acampamento visava a chamar a atenção da população para o problema dos mineiros em greve, e, em determinados dias, impedir o escoamento do carvão. Além das barricadas levantadas nos trilhos, quando o confronto se tornou mais emocional, eles arrancaram trechos da ferrovia, impedindo qualquer tentativa de passagem.

Nessa ocasião houve o confronto dos mineiros com a polícia, que recebeu reforço de Florianópolis, numa luta de agressões corporais de parte a parte. Os mineiros agrediam com pedras, paus, latas e outros objetos que eram arremessados nos policiais. Estes, revidavam com as armas convencionais para este tipo de confronto, quais sejam: cassetetes, bombas de gás lacrimogênio, cães adestrados.

Os mineiros contavam com o apoio da população do bairro Finheirinho, onde se deu o confronto. Toda vez que algum grupo estava em apuros, batia nas casas dos moradores e era salvaguardado da investida dos policiais.

- ¹⁹ Cf. Tabela 13, em notas do capítulo sexto.

- ²⁰ No ano de 1988, para sensibilizar e pressionar o governo e mais especificamente o Ministério da Previdência Social e a Assembléia Nacional Constituinte, organizaram duas caravanas com cerca de 100 aposentados cada vez e viajaram até Brasília. Lá, permaneceram uma e duas semanas, respectivamente, precariamente alojados nas dependências do Estádio Mané Garrincha e nas garagens do Ministério do Trabalho. Voltaram, nas duas vezes, ruidosamente festejando as conquistas garantidas no Congresso e na Assembléia Nacional Constituinte. Conquistas efêmeras e não efetivadas. A primeira, que concedia equiparação salarial aos da ativa, foi derrubada pelo veto presidencial; a segunda, que resgatou o direito de aposentadoria integral na Constituição, só recebeu a implementação prevista para ser efetivada após longa espera e vem sendo ameaçada. Na verdade ocorreu o atraso no pagamento das aposentadorias, não corrigidas. Razão que novamente mobilizou a associação e, como protesto e forma de pressão, algumas dezenas de aposentados acamparam em frente às instalações do INPS. Outra forma

de pressão foi a ocupação da BR-101, impedindo a circulação de veículos durante três horas, por duas vezes, em 1988. Ao mesmo tempo que realizaram o protesto, procuraram a divulgação do movimento através dos meios de comunicação: jornais, rádio e TV.

CONCLUSÃO

Os mineiros de Criciúma, enquanto grupo socialmente identificado, se comparados com outros grupos mineiros, apresentam características comuns a partir de sua formação inicial. O processo assemelha-se ao relatado por Treppe (1973) sobre os mineiros de Carmaux que, de agricultores transformaram-se, historicamente em mineiros. A exclusão de outros grupos ali facilitou a formação de uma comunidade, vivendo o seu cotidiano balizado pelas fronteiras do "mundo" compreendido pelas esferas da mina, doméstica e social (Treppe, 1973). Assim entenderam também o processo comunitário mineiro outros estudos como o de Dennies, Henriques e Slangther (1956) em Ahston; de Cornélia Eckert (1985) em Charqueadas - RS; de Alain Touraine (1967) em Lota no Chile, para indicar alguns exemplos de abordagens sobre comunidades mineiras.

O presente estudo confrontado com aqueles, constatou diferenças na situação objetiva externa da formação histórica da cidade. Nos demais grupos havia a formação da "comunidade mineira" que integrava a totalidade da população numa única empresa mineradora, sediada em local destinado exclusivamente à indústria extrativa. Em Criciúma, os mineiros se estabeleceram em bairros operários mas conviveram com trabalhadores agrícolas, partilhando das tradições de imigrantes europeus fundadores da cidade, num primeiro momento; em seguida, do pluralismo da cidade industrial vivido conjuntamente pelos primeiros mineiros e por outros trabalhadores. Porém a diversidade das ocupações e o aumento do número de operários não foram fatores decisivos e capazes de homogeneizar os trabalhadores de forma que se pudesse considerar a todos os operários como um grupo único e indiferenciando entre si. Os mineiros se destacaram, mesmo convivendo em bairros comuns e tendo

acesso aos mesmos bens de consumo e de serviços, dos demais trabalhadores.

Os trabalhadores das minas, no processo histórico de construção da própria identidade, apoiados na tradição e atraídos por uma visão prospectiva, viveram o cotidiano como aprendizagem criadora, moldando-se "mineiros" através de "uma memória social aberta" (Habermas, 1983). Na construção da identidade mineira a agregação de novos indivíduos não a desintegrou mas fortaleceu-a através de um processo de aprendizagem de práticas moldadas por estruturas internalizadas individualmente, porém, selecionadas coletivamente. A identidade social do grupo ao mesmo tempo que se formava, passou a ser o princípio que funcionou como bússola na orientação dos indivíduos em selecionar práticas adequadas, garantindo desta forma a reprodução social dos mineiros.

A identidade social não se formou essencialmente a partir de critérios econômicos e não foi moldada apenas pelas relações de produção (tendência acentuada na literatura que versava sobre questões operárias relativas às condições de vida das classes trabalhadoras) (Lopes, 1984).

A construção da identidade social dos mineiros pode, num primeiro momento, aparecer como resultado inevitável das práticas de trabalho num espaço típico e singular - o subsolo - palco de condições inseguras e desconfortáveis em grau extremo, cujo saldo é a frequência potencial e efetiva do desgaste precoce, da morte violenta ou da mutilação do corpo e da degradação da qualidade de vida. Porém estas marcas físicas não resumem a qualificação de "mineiros", embora, sob o ângulo do estigma social do corpo desgastado e mutilado se vincule, sim, ao espaço de trabalho.

Há, porém, uma base cultural que define a história da formação do grupo mineiro, enquanto operários assalariados,

como grupo único, que acumulou experiências através de uma memória social comum. As condições objetivas em relação aos princípios de "justiça, reciprocidade, igualdade" (Habermas); e os habitus, a "estrutura estruturante" do grupo, confrontada com "situações estruturais" (Bourdieu), proporcionaram aos mineiros acumular experiências não apenas em relação ao espaço de trabalho, mas também ao doméstico e social.

Foi neste campo social global ocupado pelo grupo mineiro, que o mesmo garantiu sua reprodução social. Esquemas naturalizavam o desgaste e organizavam a resistência, gerando por sua vez práticas atravessadas por ambiguidades e contradições expressas também nas falas, nas representações e nas mesmas práticas que, de um lado caracterizavam o grupo e de outro construíam o esquema reprodutor de sua identidade social.

A naturalização das práticas ao adaptar os mineiros ao risco, ao perigo, tende a abstrair ou minimizar o medo daí resultante. Os mineiros, submetidos a um trabalho desgastante e sujo, reduzem o corpo a um instrumento de sobrevivência (Boltanski, 1979: 168) e assumem as tarefas penosas e insalubres como afirmação de um comportamento viril, cuja maior remuneração reforça a auto-realização enquanto homem, chefe e provedor da família (Hirata e Kergoat, 1987). O corpo passa a ter uma significação muito importante na identificação dos mineiros, qualificado como necessariamente "forte" enquanto corpo produtivo e é nesta qualidade de corpo apto ao trabalho que ele é aceito (Dejours, 1987: 32).

O medo, enquanto emoção resultante de atos inseguros e perigosos, é tratado coletivamente, constituindo-se a "ideologia ocupacional defensiva" (Dejours, 1987: 68) adequada e própria ao trabalho mineiro. Mecanismo

constituído a partir do ritual de iniciação dos novatos mais expostos aos riscos: por inadvertência, pela necessidade de auto-afirmação, pela ocultação do medo. Mecanismo reforçado pela organização do trabalho delegando ao mineiro, individualmente, o cuidado e proteção por sua segurança; pela auto-confiança adquirida através da experiência criativa de macetes no desempenho das tarefas perigosas; pela absorção no trabalho para atingir bons índices de produtividade. A ideologia ocupacional defensiva é um esquema interiorizado individualmente, mas criado coletivamente. Induz a práticas perigosas que a um tempo neutralizam o medo e criam práticas de coragem que caracterizam as representações da identidade social dos mineiros. A naturalização supõe práticas que destaquem a coragem e um comportamento viril e, simultaneamente, sejam funcionais na ocultação do medo e na garantia da produtividade do trabalho.

A naturalização do desgaste é manifesta também pela valorização e defesa de uma jornada diária de 6 horas e por um período de vida ativa de 15 anos no subsolo, acrescido pelo valor que significa ao grupo não estar sujeito a um rígido controle disciplinar, comparando-se a mina às condições organizacionais dos demais ramos industriais. Toda esta situação objetiva que reforça a naturalização e a aceitação do desgaste é atravessada pela recusa de permanecer neste espaço hostil à vida. A permanência é aceita em função dos tempos reduzidos das jornadas diárias e aposentadorias; é aceita e amenizada pelo mecanismo de jocosidade e pela amizade e aliança que predominam nas relações entre iguais (Brawn, 1973) nas minas.

Passando da esfera do trabalho ao espaço doméstico encontramos mecanismos e práticas moldadas pela

naturalização do desgaste sendo decisivos na reprodução social do grupo mineiro. A formação do grupo foi acontecendo durante as duas primeiras gerações (1913 - 1940) e foi se consolidando em seus filhos que incorporaram a singularidade da vida dos "mineiros" em relação à sociedade global. A homogeneidade, alimentada pela desqualificação profissional, trabalho braçal, ausência de mobilidade social e de camadas médias, forte carga emocional (Touraine, 1967) vivida nas minas e nas unidades familiares.

A relação com o corpo enquanto instrumento de trabalho e produção, apto para garantir a sobrevivência própria e a da família, prolonga-se nas práticas domésticas, considerando-se que a saúde e a integridade física são atributos do corpo a serem mantidos durante o período de atividade produtiva. O corpo deve, pois, ser "guardado" e "preservado" para o trabalho e se exclui toda ocupação e lazer que signifiquem dispêndio de energia. As práticas aceitas são as passivas, moldadas por uma disposição interior que alimenta representações de um corpo "cansado". O "descanso" doméstico compreende todo o tempo em que passam em casa, aguardando a "hora" do "deslocamento" para as minas. A esfera doméstica reproduz as representações da redução do corpo a um instrumento de trabalho para sobrevivência, e visam a poupar esforços adicionais a um corpo "cansado" que a cada dia na esfera doméstica deve se refazer para o trabalho. A especificidade do corpo "cansado" está na representação cultural exacerbada, real ou fantasiosa, do mineiro portador de "cansaço" crônico reproduzido socialmente em seu cotidiano.

A naturalização do trabalho perigoso e a formação de uma ideologia ocupacional defensiva se prolonga do subsolo das minas ao espaço doméstico, onde a divisão sexual do trabalho é parte integrante das tradições, dos costumes, dos valores das famílias mineiras.

Os salários, em média um pouco superiores àqueles pagos por trabalhos sujos e não qualificados em outras ocupações que não as das minas, historicamente foram responsáveis pela divisão do trabalho - assalariado / doméstico. Por sua vez os mineiros empregados em trabalhos perigosos, melhor remunerados, reivindicam para si a responsabilidade do sustento da família que funciona como valorização dos atributos masculinos. A permanência da mulher na família preserva-a da dupla jornada e representa a valorização do trabalho masculino, arriscado, sim, mas suficiente para prover as necessidades da família.

Há uma cumplicidade entre o mineiro e sua mulher na naturalização da divisão do trabalho - mineração e doméstico. A permanência da mulher no lar é ponto de honra para os mineiros que ela acata e defende; ela é um plantão de espera ao regresso incerto do marido. As mulheres, ao estimularem a que seus maridos permaneçam nas minas, reforçam a ideologia ocupacional defensiva que atua no sentido de administrar o medo e de naturalizar as práticas de risco das quais a família partilha por extensão. A mulher e o filhos são vítimas, juntamente com o mineiro, da decadência que se abate real ou potencialmente sobre a família enquanto exposta à insegurança dos acidentes, à doença ou à morte de seu chefe.

Os mecanismos de defesa naturalizam a divisão do trabalho e suas práticas nas minas e na família. A divisão sexual do trabalho contém em parte o dualismo: trabalho assalariado e dominação se opõem ao trabalho doméstico e

submissão; porém, esta dicotomia não representa principalmente uma relação de dominação do homem e de submissão da mulher. As diferenças que perpassam a divisão sexual do trabalho vêm marcadas pelas tradições, valores e pela ideologia defensiva, construída pela categoria e reforçada pelas mulheres. Juntos, naturalizam as práticas desgastantes enquanto reafirmam esta dimensão de sua identidade e alimentam os habitus que os reproduzem socialmente. Todo este processo é facilitado por uma reprodução quase "biológica" do grupo mineiro. Até hoje, mais de 50% dos mineiros têm uma tradição familiar e costumes e valores próprios. Filhos de mineiros que são, crescem participando passiva ou ativamente da construção social do grupo. Aos 21 anos procuram as minas como opção de sobrevivência e já "baixam" à mina com uma memória social do que é ser mineiro; as moças, ao casarem com filhos de mineiros ou com rapazes que se empregam nas minas, reproduzem as tradições que viveram em suas famílias. A tendência dos filhos reproduzirem o trabalho dos pais é alimentada no próprio campo social ocupado pelo grupo, que vive os valores da coragem e heroicidade do trabalho mineiro. O discurso ambíguo de trabalho valoroso mas inseguro existe na família enquanto os mineiros estão na ativa e o resultado é a afirmação radical de que seus filhos não serão mineiros. Porém, a aposentadoria precoce, seguida da drástica redução da renda familiar, obriga os filhos a entrarem no mercado de trabalho bem cedo, não concluindo sequer o primeiro grau do ensino formal. O resultado desta prática é a reprodução de mão-de-obra desqualificada. Ao completarem 21 anos deixam os sub-empregos e procuram as minas, onde, como filhos de mineiros, têm preferência sobre os demais candidatos. Todas as Cias têm como um critério significativo a admissão de filhos ou parentes próximos de mineiros. Esta preferência se dá em função da adaptação fácil e "natural" destes, contra a evasão logo nas primeiras

semanas ou meses, dos outros candidatos, o que confirma a importância doméstica na naturalização do desgaste e na reprodução social do grupo.

A relação dos mineiros com o meio ambiente também favorece a formação de habitus responsáveis pela reprodução social do grupo e naturalização das práticas cotidianas que resultam na dilapidação do corpo e na destruição implacável da natureza. Os mineiros, envolvidos por um meio-ambiente continuada e progressivamente destruído pela indústria extrativa do carvão, tendem a estender os mesmos efeitos destrutivos às práticas cotidianas de trabalho. As minas, tratadas como bens esgotáveis, suportam uma organização da produção e do trabalho também de caráter descuidado, porque provisório. No subsolo resta um espaço desmontado e desordenado, com muito desperdício; na superfície, extensões imensas de solo são destruídos pelos rejeitos ali depositados que agem em cadeia, poluindo o meio ambiente. O tratamento que se dá à paisagem, às águas, às terras férteis, ao ar, excluídas as preocupações com a beleza, salubridade, fertilidade, definem o descaso com outras dimensões da vida. Os mineiros, envolvidos por um meio ambiente progressivamente destruído, sofrem influências importantes na formação de habitus que orientam suas práticas em relação ao corpo e à vida, sendo "natural" o desgaste do corpo como "natural" e "inevitável" é a poluição das minas e do meio-ambiente.

O mecanismo da ideologia defensiva desenvolvido pelos mineiros, abstraindo a lembrança dos riscos para melhor suportar o trabalho, prolonga-se para fora do subsolo. O questionamento do custo social e da degradação ambiental, e daí da validade da mineração, é banido das representações e das falas dos mineiros. O mesmo mecanismo que defende o

trabalho enquanto sobrevivência, defende a mineração como construtora da riqueza social da cidade. Questionar a validade da mineração, colocar dúvidas sobre a participação social na destruição do meio-ambiente, significa uma ameaça ao próprio trabalho e à sobrevivência e problematiza a reprodução social do grupo. A categoria se defende excluindo de suas práticas campanhas de alerta à destruição ecológica, e não assume bandeiras pró-recuperação do meio ambiente. Ao contrário, a qualquer ameaça de retração da indústria carbonífera, os mineiros se levantam para defendê-la, para manter e até aumentar o número de empregos, enfim, para garantir a sobrevivência e a reprodução social do próprio grupo.

A naturalização das práticas desgastantes que garantem a reprodução social não exclui as práticas de resistência ao processo de dilapidação vigorosa do corpo e da ameaça as suas vidas. Naturalização e resistência formam dimensões que se completam; ambas afirmam a identidade social do grupo e o reproduzem.

A experiência da injustiça vivida pelos mineiros define as práticas de resistência ou submissão através de um processo educativo nas famílias, realimentado no espaço de trabalho pela exploração. A recusa ao desgaste se dá ali mesmo, sob variadas formas em relação às condições ou às relações de trabalho. A resistência acontece também nos sindicatos onde a forma mais usual é a greve.

A ambiguidade da naturalização das práticas desgastantes e da resistência à exploração são marcas sociais da identidade mineira que atravessam a história da reprodução social e cultural do grupo. É um processo contínuo, repetitivo, quase hereditário, "natural", mas permeado por

práticas de recusa e momentos de luta. A objetividade da situação opressora é encarada pelos mineiros com uma disposição interior de ira moral frente à injustiça de que não são vítimas (Moore, 1987). O resultado são práticas paradoxais de submissão e resistência, de docilidade e revolta, de silêncio e denúncia, de obediência e enfrentamento àquelas situações perigosas, desgastantes e injustas.

A situação de isolamento no subsolo tende a exacerbar as emoções e a fortalecer a unidade do grupo. As práticas de resistência se dirigem ali contra todos que não pertencem ao grupo, como chefes, engenheiros e patrões, e contra as mudanças tecnológicas que ameaçam o "saber operário" e o domínio sobre um ambiente hostil e perigoso.

As práticas de submissão por sua vez são calculadas em vista dos objetivos finais - livrar-se o mais cedo possível da opressão do trabalho desgastante e perigoso; tanto a submissão quanto a revolta são disposições que orientam práticas de subserviência e de recusa, ambas com a finalidade de não ser explorado nas relações de trabalho.

A resistência nas minas é o resultado não só do intenso grau de desgaste e das condições de insegurança. A comunicação fácil e constante praticada no fundo das minas desenvolve no grupo a coragem de fazer frente à exploração. Já noutras unidades industriais a organização geral da produção elimina as oportunidades de comunicação entre os operários, visando à opressão e a inibir a iniciativa para ações coletivas de recusa (Maroni, 1982). As minas, como espaço de organização das lutas e das práticas de resistência, foram utilizadas nos períodos anteriores à criação dos sindicatos e hoje continuam como palco de lutas específicas. A trajetória da insatisfação, com frequência,

nasce e se fortalece nas minas e é levada ao sindicato, que assume ou é levado a assumir as causas dos mineiros.

A criação do sindicato dos mineiros está inserido no contexto histórico estrutural brasileiro e participou, após um período de formação e organização da categoria local, das fases pelas quais passou a movimentação político-administrativa sindical do país.

As lutas sindicais em Criciúma são marcadas pela disputa interna no sindicato entre facções identificadas como "pelegas" e "autênticas", em vista da conquista, via eleições, da direção do sindicato. A participação das Cias mineradoras foi sempre muito intensa na política de eleição sindical, com o objetivo de garantirem dirigentes sindicais que acatassem os interesses das empresas. Quando o sindicato escapou do controle patronal pela eleição de dirigentes "autênticos", que passaram a fazer oposição aos mineradores, estes conseguiram, por vias políticas, a divisão jurídico-administrativa do sindicato, surgindo em Criciúma mais um sindicato de mineiros, que se curvou à política de controle e domínio patronal.

A prática democrática interna de conquista da máquina sindical por lideranças "pelegas" ou "autênticas", soma-se uma condição singular na organização das lutas e das greves dos mineiros. A própria classe patronal, paradoxalmente, favoreceu a organização das práticas políticas de recusa à opressão, quando se utilizava dos mineiros e suas greves para pressionar o governo na política de comercialização, de definição de preços e de cotas do carvão. Para os mineradores, nenhum argumento era mais forte junto ao governo federal para a majoração dos preços do carvão que as greves dos mineiros por melhores salários.

Assim, muitas greves aconteciam sob a complacência patronal, que delas se beneficiavam. Os sentimentos de injustiça diante da opressão e desigualdade social, aliados à facilidade de mobilização de toda a categoria, favoreciam a organização das práticas de resistência. Esta experiência conferiu segurança aos mineiros em definir suas estratégias de luta que por sua vez eram reforçadas pelos sentimentos de injustiça. Sua resistência traz as marcas da história e da experiência que se reproduz e se atualiza diante de novas situações. Situações que têm a ver com a agressividade do trabalho, com a coragem e virilidade do mineiro, com a facilidade de comunicação nas minas, com a reprodução social e biológica dos novos mineiros, com a conjuntura política sindical do país, com os preços e cotas do carvão. Todos estes componentes sociais sempre integraram o universo do grupo; favoreceram a formação dos sentimentos da "revolta" interior; orientaram as práticas de resistência que se manifestaram muito mais radicais entre os mineiros que entre os demais trabalhadores, talvez porque os sofrimentos e as desigualdades na opressão sejam diferentes qualitativamente, sem a correspondente retribuição social e porque a identidade comunitária exercia um importante elemento de agregação nas lutas.

A resistência é também expressão da virilidade que tanto reproduz o trabalho penoso quanto a luta pela justa retribuição ao sacrifício imposto ao corpo. A resistência redime os mineiros ao trazer para o espaço social os atributos da coragem, da força, do machismo, valores "necessários" nas minas e manifestos nas greves no espaço social. Assim as lutas reproduzem e confirmam a identidade social dos mineiros sob a característica da resistência.

A reprodução social do grupo, identificado com as lutas e práticas de coragem, é ameaçada pela meta ansiosamente perseguida durante os anos de vida ativa a aposentadoria. Uma vez conquistada reveste-se de ambiguidades: enfim, donos de seu tempo, livres da disciplina e rigidez da jornada de trabalho, livres também dos riscos de acidentes, poderiam desfrutar do tempo livre e da vida despreocupada na família. Contudo, essas sensações e sentimentos de liberdade, transformam-se em carências. A estrutura internalizada pelos mineiros, formada pelos princípios de coragem, bravura, machismo; os privilégios na família, a representação dos valores masculinos como chefe e como provedor do lar, sofrem modificações profundas com a aposentadoria. Aquelas práticas que identificavam os mineiros não se renovam; sentem-se cada vez mais deslocados e não se identificam mais diante de si, da família e entre os antigos companheiros. A aposentadoria antecipa entre os mineiros a crise reservada para a velhice (Bosi, 1986) nas outras categorias profissionais. Passado o impacto inicial provocado pelo afastamento das minas, restam aos aposentados duas alternativas: acomodar-se e deixar-se absorver pelo anonimato entre o grande contingente dos pobres, carentes dos bens básicos para a sobrevivência; ou, mesmo depauperados entrar numa derradeira luta, enfrentando as desigualdades e as injustiças, a fim de sobreviver mais dignamente, apoiando-se na própria identidade social de homens valorosos e resistentes à decadência precoce que os aflige.

A redução substancial dos salários às pensões de aposentados obriga o retorno ao trabalho, seja "mudando-se" para a "colônia" para ali sobreviverem com a agricultura ou pesca de subsistência; ou enfrentando sub-empregos em agências de segurança como vigias e guardas, ou partindo para serviços autônomos como diaristas, ou enfim, vendedores

ambulantes ou fixos em pequenos barracos, ou outras ocupações, dentro da economia marginal.

A situação de pobreza e decadência admite graus. Os mineiros que ocuparam funções melhor remuneradas e organizaram a economia doméstica, embora sofram perdas em suas pensões, conseguem mais facilmente suplementar as baixas pensões com rendas alternativas.

As práticas de recusa contra a exploração na vida ativa, persistem na associação de aposentados de Criciúma, organizada e dirigida por ex-mineiros. A identidade social do mineiro como um defensor de seus direitos e de lutador contra a injustiça vai além da organização sindical da categoria. Os mineiros aposentados, através de sua associação, encaminham práticas de resistência que desafiam a idade e as precárias condições de saúde.

Os mineiros aposentados se diferenciam nas práticas de resistência em relação a outras categorias. Isto se explica pelo sentimento de injustiça que o grupo interioriza ao confrontar o desgaste que sofreu o retorno das baixas pensões. A situação objetiva de pobreza e privação encontra uma disposição interior de livrar-se da opressão e orienta o grupo para atos de recusa, e este se organiza para alcançar uma situação mais confortável.

Enquanto os mineiros da ativa servem de parâmetro nas lutas de outras categorias profissionais, seja nos dissídios coletivos ou nas greves, os mineiros aposentados lideram as práticas de recusa às pensões depreciadas e contagiam outros aposentados com o sentimento e a experiência da injustiça e da desigualdade que os motiva e impele à luta.

Concluindo, é verdadeira a afirmação de que na história da fundação da cidade, de sua expansão e da conquista do quarto lugar no parque industrial catarinense, os mineiros percorreram juntos este trajeto e deram à cidade o título de capital brasileira do carvão com o qual Criciúma se identifica.

O processo de construção da identidade social dos mineiros, como grupo singular que se reproduz socialmente, acontece através da "apropriação crítica da tradição", que não se baseia apenas na fixidez da tradição e nem apenas numa visão prospectiva, mas na "aprendizagem criadora" (Habermas, 1983). O grupo se reproduz, se reconhece e se torna socialmente identificado pela capacidade de integrar o perigo, o medo, a coragem, o desgaste, com uma naturalidade só explicável pelas disposições interiores construídas no transcorrer de sua formação como grupo. Manifesta-se como grupo também através da luta e da resistência à exploração em que a base da submissão e da revolta se remetem aos princípios de igualdade, de justiça e de reciprocidade violadas nas relações sociais e de trabalho.

O desgaste precoce do corpo e da vida naturalizado ou recusado serve a um objetivo principal: a sobrevivência, garantida aos pobres e despossuídos apenas enquanto portadores de um corpo trabalhador. E os mineiros de Criciúma construíram através de sua experiência histórica uma maneira própria de trabalhar e lutar para sobreviver e reproduzir-se.

B I B L I O G R A F I A

- ABRANCHES, Sérgio Henrique. Os Despossuídos. Crescimento e Pobreza no País do Milagre. Rio Jorge Zahar Editor, 1985.
- ALMEIDA, Maria Herminia T. de. O Sindicalismo Brasileiro entre a Conservação e a Mudança. In: Sociedade e Política no Brasil Pós - 64. São Paulo, Ed. Brasiliense, 2ª Ed. 1984. p. 191-214.
- ANGERAMI, Waldemar Augusto et alii. Crise, Trabalho e saúde mental no Brasil. São Paulo, Traço Editora, 1986.
- ANTUNES, Ricardo. O Sindicalismo no Brasil. In: O que é Sindicalismo. São Paulo, Editora Brasiliense, 1980.
- BASSIT, Ana Zahira et alii. Identidade - Teoria e Pesquisa. São Paulo, Editora da PUC, 1985.
- BENAKOUCHE, Rabah. Mimetismo Tecnológico. Florianópolis, Editora da UFSC, 1984.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Magia e Técnica. Arte e Política. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.
- BENOIST, Jean-Marie. Facetas de la identidad. In: La Identidad. Barcelona, Editora Petrel, 1981.
- BERLINGER, Giovanni. A Saúde nas Fábricas. São Paulo, Cebes-Hucitec, 1983.
- , Medicina e Política. São Paulo, Cebes-Hucitec, 1978.
- BOLTANSKI, Luc. As Classes Sociais e o Corpo. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- BOSI, Ecléa. Cultura de Massa e Cultura Popular. Leituras de Operários. Petrópolis, Vozes, 1979.
- , Memória e Sociedade - Lembrança dos velhos. São Paulo, EDUSP, 1987.
- BOUDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo, , Ed. Perspectiva, 1982, 2ª Edição.
- , O desencanto do Mundo. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1979.

- . Esquisse d'une Théorie de la Pratique. Genève Draz, 1972.
- . A Reprodução. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1975.
- . Travail et Travailleurs em Algérie. Paris, La Haye, Monton, 1963.
- . La Distinction: critique sociale du jugement. Les Editions de Minuit, Paris, 1979.
- . Actes de la Recherche in Science Sociales nº 32/33, Paris, 1980.
- . O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.) - Pierre Bourdieu. São Paulo, Ed. Atica, 1983. 122-155.
- . Les Sens Pratique. Paris, d. de Minuit, 1980.
- . Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu. São Paulo, Ed. Atica, 1983. p. 46-81.
- BRAVERMAN, H. Trabalho e Capital Monopolista. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- BRITO, José Carlos Aguiar. A tomada da Ford. O Nascimento de um sindicato livre. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1983.
- BROOK, Eve e FINN, Dan. Estudos Comunitários e as Imagens da Classe Operária sobre a Sociedade. In: Da Ideologia, Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- BUBER, Martin. Do Diálogo e do Dialógico. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- BYINTON, Carls. O conteúdo da Identidade Individual e Coletiva na Dimensão Simbólica. A Identidade do Self. In: Identidade - Teoria e Pesquisa EDUC, Ed. da PUC. São Paulo, 1985.
- CALDEIRA, Teresa Feres do Rio. A Política dos Outros. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.
- CARDOSO, Ruth (Org.) A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- CARVALHO, Edgard de Assis. Identidade e Projeto Político. In: BASIT, Ana Zahira (Org.) Identidade: Teoria e Pesquisa. São Paulo, Educ, 1985. 15-22.

- CASTORIADES, Cornélius. A Experiência do movimento operário. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- CASTRO GOMES, Angela de. A invenção do Trabalhismo. São Paulo, Editora Vértice, 1988.
- CEDEC. Sindicatos em uma Época de Crise. Petrópolis, Vozes, 1984.
- CENTRE FOR CONTEMPORARY CULTURAL STUDIES da Universidade de Birmingham. Da Ideologia. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1983.
- CESPEDES, Augusto. Metal do Diabo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- COHN, Amélia e outros. Acidentes do Trabalho. Uma Forma de Violência. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.
- CONTI, Laura. Ecologia: Capital, Trabalho e Ambiente. São Paulo, Ed. Hucitec, 1986.
- CRONIN, A.J. A Cidadela. O Romance de um Médico. 15ª Ed. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1956.
- DECCA, Edgar de. O Silêncio dos Vencidos. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- DEJOURS, Christophe. A Loucura do Trabalho. Estudo de Psicopatologia do Trabalho. São Paulo, Cortez Editora, 1987.
- DENNIS, Henrique e Slaughter. Coal is our Life. London, Tavistock Publications, 1969.
- DIAS, Maria Esther B. A Dialética do Cotidiano. Cortez Editora, 1982.
- DURHAM, Eunice. A Família Operária. In: DADOS. Rev. de Ciências Sociais. V.23, nº 2, Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1980.
- , A Reconstituição da Realidade. Ensaios 54, São Paulo, Ed. Atica, 1978.
- , Cultura e Ideologia. III Encontro ANPOCS, 1974.
- ENGELS, F. A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra. São Paulo, Global Ed., 1985.

- ECKERT, Cornélia. Os Homens da Mina. Porto Alegre, UFRGS, 1985.
- ERICKSON, Kenneth Paul. Sindicalismo no Processo Político no Brasil. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1979.
- FAUSTONETO, Ana Maria Q. Família Operária e Reprodução da Força de Trabalho. Petrópolis, Ed. Vozes, 1982.
- FERNANDES, Florestan. Marx Engels. São Paulo, Ed. Atica, 1983.
- FOUCAULT, Michel. Micro Física do Poder. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 4ª Ed., 1984.
- GALEANO, Eduardo. Veias Abertas da América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- GARCIA, Elisabeth Souza Lobo. Do Desenvolvimento à Divisão Sexual do Trabalho. USP, s/d.
- . Experiência de Femmes. Destin de genre. In: APRE: Les Rapports Sociaux de Sexe. Problématiques, Methodologies, Champs d'analyse. Cahiers nº 7, Vol. II, 205-216. USP.
- GARRET, A. A Entrevista seus Principios e Métodos. Rio de Janeiro, Agir, 1981.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GHISLAINE, Marie S. Os Mendigos da Cidade de São Paulo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- GOFFMAN, Erving. Estigma. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 4ª Ed., 1982.
- . Presentation de la Persona en la Vida Cotidiana. Buenos Aires, Amorrurtu Editores, s/d.
- GORZ, André. Adeus ao Proletariado. Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 1982.
- . Estratégia Operária e Néo-Capitalismo. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1968.
- . Crítica da Divisão do Trabalho. São Paulo, Martins Fontes Ed., 1980.

- GROSSI, Yone de Souza. Mina de Morro Velho, A Extração do Homem. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- HABERNAS, Jungen. Mudança Estrutural da Esfera Pública. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1984.
- , Para a reconstrução do Materialismo histórico. São Paulo, Brasiliense, 1983. Cap. II.
- HALL, Stuart et alii. Da Ideologia. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1983.
- HELLER, Agnes. O Quotidiano e a História. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- HILL, Christopher. O Mundo de Ponta Cabeça. São Paulo, Ed. Schuvarcz Ltda., 1987.
- HIRATA, Helena e Kergoat Daniéle. Divisão sexual e Psicopatologia do Trabalho. Trabalho apresentado ao IX Encontro Anual da AMPOCS, Aguas de São Pedro, 1987.
- HIRSCHAMAN, Alberto. De Consumidor a Cidadão. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.
- HOGGART, Richard. As Utilizações da Cultura. Lisboa, Ed. Presença, 1973.
- HOBBSBAWN, Eric J. Mundos do Trabalho. Novos estudos sobre a história operária. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- , Os Trabalhadores. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- , História do Trabalho e Ideologia. In: Tudo é História nº 1, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1977.
- KRISCHKE, Paulo, J. Terra de Habitação. Terra de Espoliação. São Paulo, Cortez Editora, 1984.
- KRUIJT, Dirck y VELLINGA, Menno. Estado, Clase Obrera y Empresa Transnacional el Caso de la Minería Peruana, 1900-1980. México, Siglo Veintiuno, 1983.
- LAGO, Mara Coelho de Souza. Identidade: um conceito polissêmico. UNICAMP. s/d. mimeo.
- LAMOUNIER, Bolivar. Direito Cidadania e Participação. São Paulo, T.A. Queiroz Ltda., 1981.

- LEITE LOPES, José Sérgio. Cultura e Identidade Operária. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero, 1987.
- . In: Condições de Vida das Camadas Populares. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1984.
- . Formas de Proletarização. História Incorporada e Cultura Operária. Museo Nacional, UFRJ, 1982. mimeo.
- . O Vapor do Diabo. O Trabalho dos Operários do Açúcar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- LEVI-STRAUSS, Claude. L'identité. Paris, Editions Grasset et Fasquelle, 1977.
- LINHARES, Herminio. Contribuição à história das lutas operárias no Brasil. São Paulo, Ed. Alfa Omega, 1977
- LINHART, Robert. Greve na Fábrica. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- LUTZENBERGER, José. Ecologia. Do Jardim ao Poder. Porto Alegre, L e PM Editores Ltda., 1985.
- MACEDO, Carmen Cinira. A Reprodução da Desigualdade. São Paulo, Ed. Hucitec, 1979.
- MAGNANI, José Guilherme C. Festa no Pedaco. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.
- MARONI, Amnérís. A Estratégia da Recusa. Análise das greves de maio/78. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- MARX, Karl. O Capital. Livro 1. Vol. 1. São Paulo, Difel, 1984.
- . Ideologia Alemã. In: FERNANDES, Florestan. Marx e Engels. São Paulo, Ed. Atica, 1983.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista. O Diálogo Possível. São Paulo, Ed. Atica, 1986.
- MICELI, Sérgio. Introdução. In: Bourdieu. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1982.
- MINAYO, Maria Cecilia. Os homens de Ferro. Rio de Janeiro, Dois Pontos Editora, 1986.
- MINAS, Vitor. Reportagem de uma Morte Anunciada. A Tragédia dos Mineiros do Carvão. Porto Alegre, Editora Ltda. 1988.

MORRE, Barrington Jr. Injustiça - as bases sociais da obediência e da revolta. São Paulo, Brasiliense, 1987.

----- Poder Político & Teoria Social. São Paulo, Editora Cultrix, 1972.

MORIN, Edgar, A Entrevista nas Ciências Sociais, na Rádio e na Televisão. In: MOLES, Abraham A. et alii. Linguagem da Cultura de Massa. Petrópolis, Vozes, 1973.

MOSER, Anita. A Nova Submissão. Mulheres da Zona Rural no Processo de Trabalho Industrial. Porto Alegre, Edipaz Editora Ltda., 1985.

MUCHAIL, Salma. Identidade e projeto político. In: Identidade. São Paulo, Educ, 1985. 23-26.

ODDONE, Ivar et alii. Ambiente de trabalho. A luta dos trabalhadores pela saúde. São Paulo, Editora Hucitec, 1986.

OLIVEIRA, Francisco de. O Elo Perdido. Classe e Identidade de Classe. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1976.

ORTIZ, Renato. A Consciência Fragmentada. Ensaios de Cultura Popular e Religião. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

----- Pierre Bourdieu. São Paulo, Ed. Atica, 1983.

PAOLI, Maria Célia, SADER, Eder e ALLES, Vera. A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

PAULA, Sérgio Góes de e BRAGA, José Carlos de Souza. Saúde e Previdência. Estudos de política social. São Paulo, Editora Hucitec, 1986.

PENA, Maria Valéria J. A Mulher na Força de Trabalho. BIB, 1984. p. 11-20.

PINÇON, Michel. Un Espace Social a Trois Dimension. In: L'Apport de Travaux de Pierre Bourdieu. A une Sociologie des Modes de Vie, 1985. 95-117.

POSSAS, Cristina. Saúde e Trabalho. A Crise da Previdência Social. São Paulo, Editora Hucitec, 1989.

- RAGO, Margareth. Do Cabaré ao Lar. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- RAINHO, Luiz Flávio. Os Peões do Grande ABC. Petrópolis, Vozes, 1980.
- REZENDE, Ana Lúcia Angela de. Saúde - dialética do pensar e do fazer. São Paulo, Ed. Cortez, 1986.
- RIAZANOU, D. Marx e Engels e a História do Movimento Operário. São Paulo, Ed. Global, 1984.
- RODRIGUES, J.C. Tabu do Corpo. Rio de Janeiro, Ed. Achiamé, 2ª Ed., 1980.
- RODRIGUES, Leoncio Martins. Trabalhadores, Sindicatos e Industrialização. São Paulo, Brasiliense, 1974.
- ROMANO, Jorge O. Identidade e Política: Representação e construção da identidade política do campesinato. In: Relação de Trabalho versus relações de Poder. Fortaleza, NEPS, 1986. 194-204.
- SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- SADY, João José. Direito e Luta de Classes. São Paulo, Ed. Parma, 1985.
- SAHLINS, Marshall. Cultura e Razão Prática. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- SANTOS, Guilherme Wanderley dos. Cidadania e Justiça Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1979.
- SCHINDLER, Ana Maria. Uma Reflexão Teórica sobre a resistência. Inédito, s/d.
- SEYFERTH, Giralda. Aspectos da proletarização do campesinato no vale do Itajaí, SC. Os colonos operários. In: Formas de proletarização. História Incorporada e Cultura Operária. Rio de Janeiro, 1982.
- SIMÃO, Azis. Sindicato e Estado. São Paulo, Dominus Editora, 1966.
- SOUZA FILHO, Albino José. ALICE, S.H. Doenças Profissionais Causadas por Poeiras. Pneumoconiose dos Trabalhadores do Carvão. In: Medicina do Trabalho. Ed. Livros Médicos, 1980.

- SOUZA MARTINS, Heloísa H.T. O Estado e a Burocratização do Sindicato no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1979.
- STELMAN, Ieane M. e Susan Daum. Trabalho e Saúde na Indústria. São Paulo, Ed. E.P.U. e EDUSP, 1980.
- STRAUS Levi C. Prólogo. En la Identidad. Barcelona, Editora Petrel, 1981. 7-10.
- TELLES, Jover. O movimento sindical no Brasil. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.
- TENFELDE, Klaus. Sozialgeschichte der Bergarbeiterschaft an der Ruhr im 19 Jahrhundert. Bonn, Verlag Neue Gesellschaft GmbH, 1981.
- THOMPSON, E.P. Tradição, Revolta e Consciência de Classe. Barcelona, Ed. Critica, 1979.
- A Formação da Classe Operária Inglesa. I. A Arvore da Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- A Maldição de Adão II e A Força dos Trabalhadores, III. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- TOURAINÉ, Alain, Sindicato y Comunidad. Buenos Aires, Graficolor, 1967.
- TREMPE, Rolande, Les Mineurs de Carmaux, 1848-1914. Paris, Les Editions Ouvrieres, 2 tomos, 1971.
- TRAGTENBERG, Maurício. Administração, Poder e Ideologia. São Paulo, Editora Novaes, 1980.
- TRONTI, Mário et alii. Processo de Trabalho e Estratégias de Classe. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1982.
- VELHO, Gilberto. Subjetividade e Sociedade uma Experiência de Geração. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.
- VERRET, Michel. Sur la Culture Ouvriere. A propos d'un Livre de Hoggart. In: La Pensée, nº 163, junho, 1977. 11-33.
- VIACAVA, Francisco et alii. A desnutrição no Brasil. Petrópolis, Editora Vozes, 1983.
- VIANNA, Luiz Verneck. Liberalismo e Sindicato no Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- VIEZZER, Moema. "Se me Deixam Falar". São Paulo, Edições Símbolo, 1979, 5ª Ed.

VIOLA, Eduardo J. O Movimento Ecológico no Brasil (1974-1986), do Ambientalismo à Ecopolítica. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. 3. ANPOCS, São Paulo, Ed. Cortez, 1987.

VOLPATO, T. Gascho. A Pirita Humana. Os Mineiros de Criciúma. Florianópolis, Ed. UFSC, 1984.

WEFFORT, Francisco. O Populismo na Política Brasileira. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1980.

-----, Por que Democracia? São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

WEIL, Simone. A Condição Operária e Outros Estudos sobre a Opressão. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1979.

ZOLA, Emile. Germinal. São Paulo, Hemus, 1982.

RELAÇÃO DE ARTIGOS DE JORNAIS DO ESTADO E LOCAIS

I - Diário Catarinense, Florianópolis, Santa Catarina

<u>Título do Artigo</u>	<u>Data</u>	<u>Pág.</u>
- Carvão perde espaço no sul de SC	14/04/89	23
- A briga dos mineiros, na luz do dia	16/04/89	7
- Dez mil mineiros estão paralizados em Criciúma	14/03/89	23
- Mineiros reivindicam 219%	06/12/88	10
- Choque entre mineiros e FMs	02/03/88	5
- Greve na Próspera é total	18/02/88	19
- Mineiro decide suspender greve	18/01/88	9
- Mineiros adiam início da greve	11/01/88	11
- Recuperação ambiental no sul	17/12/87	4
- Mineiros participam da direção de Carbonífera	15/12/87	3
- Passeata de mineiros tenta reabrir empresa	15/10/87	10
- Carvão, meio ambiente, economia	14/10/87	6
- Mineiros	07/07/87	4
- Mineiros: 48 horas de tensão	06/07/87	8
- Juiz decreta falência de carbonífera no sul	03/07/87	12
- Mineiros: assembléia decide encerrar greve	29/01/87	7
- TRT considera legal a greve dos mineiros	28/01/87	3
- Dissídio dos mineiros vai ser julgado hoje	27/01/87	
- Minas de carvão criam desertos no sul	25/05/86	24/5

II - O Estado, Florianópolis, Santa Catarina

<u>Título do Artigo</u>	<u>Data</u>	<u>Pág.</u>
- Conflito deixa 27 feridos em Criciúma	02/03/88	8
- Mineiros vão a Brasília em caravana	07/07/87	9
- Pedro Ivo: solução para mineiros com Sarney	06/07/87	5
- Decretada oficialmente falência da CBCA	25/03/87	9
- DRT vai a Criciúma tenta negociar greve dos mineiros	25/03/87	9

III - Gazeta Mercantil, Porto Alegre, RS

<u>Título do Artigo</u>	<u>Data</u>	<u>Pág.</u>
- Relatório da G.M.: O sul Catarinense, Criciúma	09/03/88	1/14

IV - Jornal da Manhã, Criciúma, SC

<u>Título do Artigo</u>	<u>Data</u>	<u>Pág.</u>
- Não conseguiram encontrar a saída (greve dos mineiros)	19/04/89	1
- Mineiros em greve. Patrão não deu Aumento Salarial	13/03/89	6
- Siderópolis não quer mais devastação no Município	12/03/89	10
- Mineiros não tiveram aumento e entraram em greve	13/02/80	3
- Mineiros da Próspera ameaçam parar dia 11	09/02/88	5
- Mineiros decidem hoje a greve geral	11/01/88	4
- Projeto pretende salvar o meio ambiente do Sul do Estado	07/01/88	6/7
- Mineiros podem aceitar 100% de reajuste	23/12/87	2
- Projeto vai recuperar meio ambiente da região	18/12/87	1
- Diretoria do sindicato de Rio Maina é "Felega"	01/12/87	3
- Mineiros reivindicam reajuste salarial	10/11/87	5

V - Jornal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

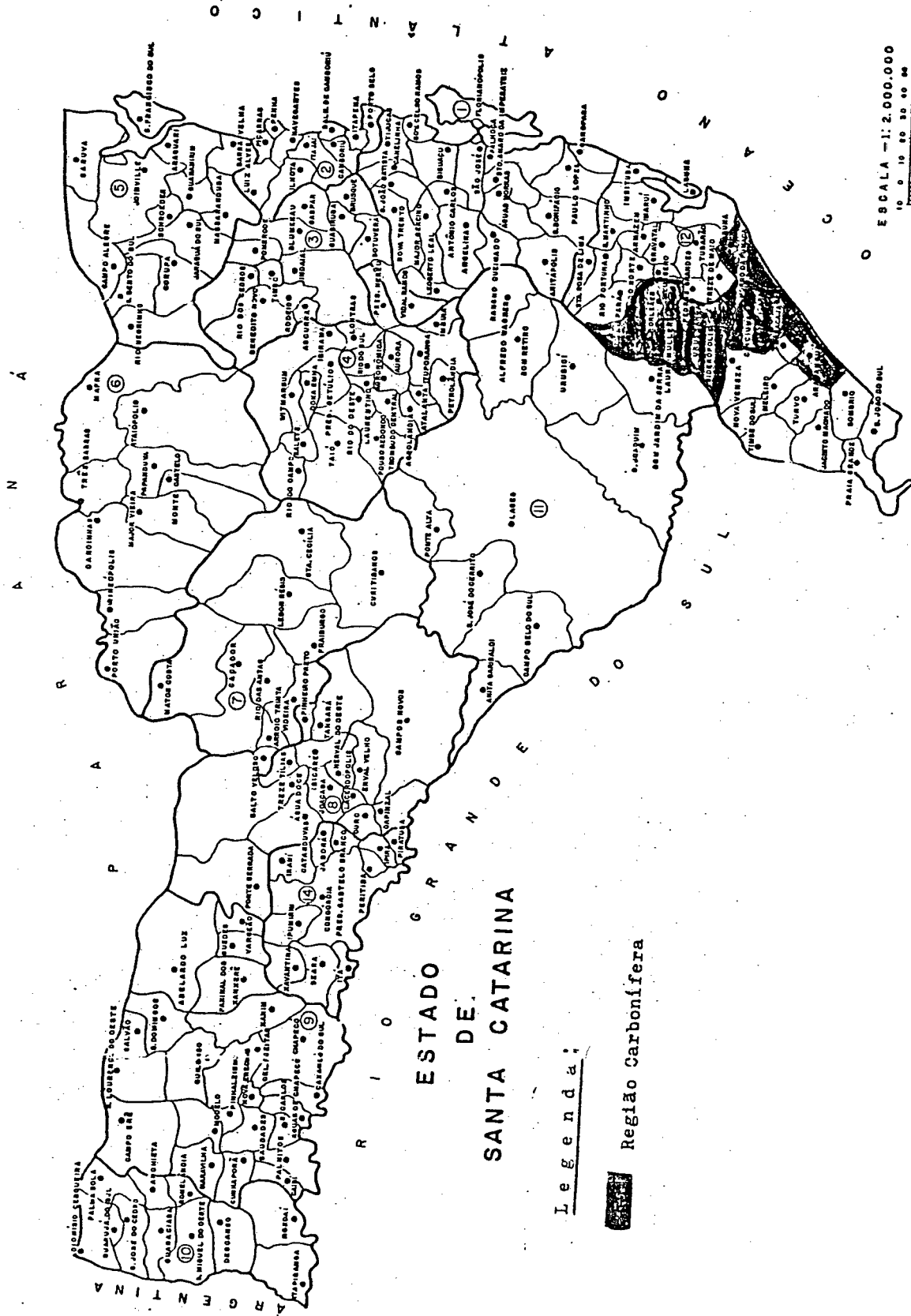
<u>Título do Artigo</u>	<u>Data</u>	<u>Pág.</u>
- Ministro fica surpreso com a má situação do carvão	25/01/89	6

VI - A Notícia, Joinville, SC

<u>Título do Artigo</u>	<u>Data</u>	<u>Pág.</u>
- Degradação ambiental é crítica no Sul de SC	07/07/89	8
- Carvana volta sem a solução para carvão	27/01/89	

VII - CEDIP, Criciúma**Histórico sobre a Greve dos Mineiros**

Os quatro dias que abalaram a região carbonífera de Santa Catarina, Janeiro de 1986. Mimeo.



A N E X O 3

O conteúdo deste anexo é formado por depoimentos dos mineiros entrevistados. Estão contidas partes de cada uma das entrevistas feitas, por ocasião da coleta de dados para o trabalho. Os assuntos estão divididos em 15 pontos de referência, correspondentes aos temas levantados no desenvolvimento do texto global

I - O PERIGO E O MEDO NOS POSTOS DE SERVIÇOS.

1. Deslocamento: Entrada, Gaiola e Galerias

- 1.1. "Dia 15, segunda-feira fui trabalhar. Lá conversei com manobreiro (da gaiola) que apesar de ser branco e eu preto nós sempre nos demos bem, como dois irmãos. Eu estava depois no poço esperando a gaiola baixar. Conversava com o meu companheiro e não sei o que me passou pela cabeça fui para outro lado e passei por baixo da gaiola que já estava descendo e devido o barulho da água não escutei, nem vi; aí eu só senti aquela batida no capacete, que era da gaiola que descia; embaixo da gaiola eu ainda fiquei consciente, escutei um barulho e acho que foi o osso que quebrou; e aí eu pensei a gaiola está começando a me esmagar, me quebrar, e perdi os sentidos; quando acordei já estava fora da mina, não sabia como estava, não enxergava direito. As vistas foi clareando e vi: uma perna quebrada e sentia muitas dores nas costas... Depois de três dias que eu estava no hospital, o médico falou pra minha mulher, que estava esperando nenem, falou pra ela que eu não ia andar nunca mais porque eu tinha uma fratura muito grande na coluna" (Entrevista 28).
- 1.2. "Eu vi a morte de três companheiros há uns anos atrás. Eles encheram um carrinho de material na gaiola e subiram junto. Quando faltava uns três metros pra chegar em cima, o cabo arrebentou e a gaiola despencou lá de cima mais de 100m profundo do poço. Daí eu desci com mais uns companheiros da segurança e chegamos lá, estavam os três todo arrebentado na lapa. Mortos. Todos três. Foi um dia muito triste. (entr.4)
- 1.3. "Conheço dois mineiros que hoje estão com as pernas inválidas. Eles sofreram acidente com outros dois. Um morreu na hora e estes dois ficaram todo quebrado. A gaiola desceu, o cabo rebentou e eles caíram" (Entrevista 8).
- 1.4. "Isaias um companheiro nosso, baixou à mina às 6 horas e quando chegou lá caiu uma pedra em cima dele. A pedra tinha 7 toneladas e foi preciso dois macacos de

caminhão e duas horas pra tirá ele de lá. Esmagou tudo o cara..." (Entrevista 27).

- 1.5. "Quando eu ia começar na mina os amigos me assustaram e diziam: "mina é pra tatu". Daí comecei na produção, sempre com medo, muito medo no começo, depois com o tempo passou. Eu trabalhava na produção e precisava era produzir a quota aí eu produzia e não tinha tempo pra pensar no perigo e me acostumei. Deu muito caimento. Uma vez deu um caimento grande e eu fugi com ferramenta e sacola. Aquela vez foi perigoso. Não existe aquele que não tem medo numa hora dessa. Já caiu muita pedra nas minhas costas mas tudo coisa pouca. Tudo sem gravidade. Machucou sem gravidade". (Entrevista 14).
- 1.6. "O peço acha às vezes que não pode ir que é perigoso. O peço tem 10-12 anos de mina e ele sabe mais que o encarregado que as vezes é novo de mina. Esta mina deveria ter mais segurança. Ouve-se falar que nas outras minas eles levam o cara prá conhecer antes de começar. Nessa mina aí o peço entra no "escuro". Entra e começa sem conhecer nada da mina" (Entrevista 18).

2. Escoramento do Teto

- 2.1. "O furador ele enfrenta um sacrificio tão grande que ele tá em determinado momento, ele tá furando debaixo de pedra aberta e coberta pela poeira porque o martelo é exercido a ar e não com água, e daí levanta aquele poeirão que a uma distância de uns cinco metros não se enxerga o seu fulano, só se ouve o barulho do martelo. Sabe que tem alguém trabalhando pelo barulho, não enxerga quem está, só enxerga a lanterna, nem a lanterna também não enxerga porque o furador às vezes tem que meter a lanterna bem pertinho pra enxergar e tomar conta de tudo. E com o tempo a pessoa vem a sofrer do pulmão. A pessoa usa máscara, mas ela só defende do pó grosso, daí acaba passando aquele pozinho fininho que é o venenoso mesmo. Aquele é que vai direto nos pulmão. E a pessoa tá com aquela máscara tá respirando pesado. Então de qualquer forma ele tá dilatando o pulmão é uma coisa forçada. Ele trabalha ali mais ou menos um tempo de 10 anos e ele está estourado. Já está com uma certa quantidade de pó nos pulmão que ele até já perdeu as força dele. A respiração dele já não é mais normal passa a ter um desânimo e com o tempo ele vem a morrer daquilo aí. Vão pro hospital e ficam com aparelho de oxigênio. Quando vão dois ou três dias em casa, levam tudo aquilo junto,

porque se ficar sem o oxigênio a pessoa morre. Isso acontece com vários companheiros nossos.

No trabalho de furação eles estão sempre inventando jeitos; se eles deixar o furador mais à vontade o furador pode dominar o martetele com a perna com a coxa onde ele não vem a fazer muita força e não vem agitar muito a respiração dele pra que não puxe muito pó pra dentro dos pulmão; então como eles inventam aquele tipo de furação que é obrigado a furar no peito então a pessoa trabalha mais agitada e corre mais risco. Além disso ele não pode faltar ao serviço. Porque senão os capatazes vem em cima ameaçando botar pra rua porque eles tem um número, limitado de furador eles não tem furador reserva" (Entrevista 4).

2.2. "Até um mês atrás era uma poluição muito grande, não se enxergava a um metro; hoje a furação tem água. Mas daí é que surge o problema da umidade pra quem tem problemas de saúde assim como asma, reumatismo, bronquite. Não tem a poluição mas tem prejuízo para o corpo, pois a água cai sobre o furador. Eu tenho problema já peguei "salário" pra tratá da saúde; pra mim é melhor pegar pó, que água; água não posso pegar; no molhado não posso trabalhá que ai me ataca bronquite asmática e o reumatismo" (Entrevista 31).

2.3. "Antes de fazer o escoramento é olhado e tiradas todas as pedras soltas; mas o próprio processo de furação provoca a soltura de outras pedras. Ai o perigo" (Entrevista 20).

2.4. "Eu sou madeireiro. O meu trabalho vem antes dos outros. O madeireiro entra antes do furador e do mineiro (o trabalhador das frentes). Nós demos a galeria pronta, boa pra poder furar, temos que ir lá pôr umas madeiras se tiver alguma pedra derrubamos, ou entramos na galeria debaixo da pedra perigosa para escorar com madeira. E um trabalho muito perigoso pois entramos debaixo da calha aberta. Nós temos uma equipe boa, fazemos todo o escoramento e o mineiro pode trabalhar tranquilo. Estou três anos nesse serviço e ali não aconteceu nenhum acidente. Não tem pó porque a gente entra antes do furador" (Entrevista 35).

2.5. "Eu presenciei uma morte de um companheiro quando eu trabalhava na CCU. Ai o capataz geral mandou que fosse recuperar os parafuso de uma área que a gente desmontou. Queriam recuperar pra usar em outras áreas. Daí o capataz geral disse:—"fulano e fulano vão recuperar os parafusos". Então naquela época eu estava

de aviso e ele me mandou. Aí eu disse: - "Não, recuperá os parafuso eu não vou. Aí pode cair uma pedra. É perigoso. Eu não vou". Eu estava de aviso mesmo. Daí ele me disse: - "Tu tá correndo do serviço mesmo porque é vadio". Aí tinha um cara que era muito amigo do capataz e chamou ele. Era muito amigo mas puxa-saco, agora que Deus tenha ele em bom lugar, mas ele era puxa-saco demais. Bom, ele foi. Ele disse: - "Eu vou seu Antônio, mas eu quero que vem alguém comigo pra alumiá os parafuso. Então um ia afrouxá os parafuso e outro ia alumiá com lanterna. Daí ele afrouxou dois cantos e daí quando ele meteu a chave no parafuso do meio a pedra caiu. A pedra veio e daí o que tava alumiando gritou pra ele assim: - "Ai! Só deu tempo de ele fazer esse grito e ele se mexeu, no que ele ia pular a pedra veio em cima dele, ele caiu esgaçado assim na lapa, se esgaçou-se na lapa e a pedra emprensou a cabeça dele sobre a lapa. Ele teve morte instantânea. Uma pedra mais ou menos de uns 300 Kg. Logo começaram a dizer que um mineiro tinha quebrado uma perna. E o rapaz tinha morte instantânea. Eles fazem isso que não é pra dá o, seguro, esse direito pra viúva. Aí então como eu presenciei e saí lá fora e comecei a dizer pro pessoal que o cara tinha morte instantânea. Eu fui o primeiro a chegar aí fora antes que o morto. Aí eles começaram a dizer. "cala a boca" "não fala mais isso". Mas eu tava de aviso e estava falando no meio duns cara que é puxa-saco". (Entrevista 4).

- 2.6. "Eles dá mais valor pra a máquina que pra nós. Quando a mina está para ser abandonada há os desmontes para tirar as sobras de carvão que ficaram nos pilares e fica uma armadilha e as máquinas estão no fundo da galeria, os mineiros tem que ir lá e salvá as máquinas. Quando as galerias caem, parece que as madeiras são isopor, esmaga tudo. O peço acha as vezes que não pode ir que é perigoso. (Entrevista 18).

3. Desmonte das Frentes

- 3.1. "O furo da broca é de mais ou menos uma polegada. A banana é colocada aí dentro e se bota fogo no estopim, mas se a espoleta não detona fica lá 1 ano, 2 anos, não tem problema, mas quando pode a galeria encontrar a outra, na vazão, e se tocar nela com a boca ali ela explode. Tem um companheiro o Schultz, aconteceu numa vazada e ficou cego de um olho, aconteceu também com um parente meu que ficou todo picado de pedra. Um vizinho

meu tá lá, cego das duas vistas. Foi fogo falhado" (Entrevista 30).

3.2. "Já tenho visto bastante acidentes. Demais! mas, eu encaro as coisas de frente, não perturbo mais com isso. Um companheiro meu morreu na CCU, não tinha experiência e trabalhava como queimador. Mandaram ele queimar sozinho numa frente começaram a queimar e não se sabe como aconteceu ele ficou ali e morreu. Outro, na São Geraldo foi furar e colocou a broca numa banana que não tinha detonado. Que isso acontece muito. Esse tipo de acidente vai muito da sorte." (Entrevista 34).

3.3. "A detonação corre um perigo grande porque se a pessoa vai mexer com dinamite, pode tá meio despercebida, acaba não tendo cuidado. Pode ainda explodir no momento de socar. Na mina que eu trabalho eles usam um tamponamento de barro e tem daí um socador de ferro, tem uma cabeça de ferro, tem que socar, bater, e corre o perigo de explodir a carga; já aconteceu. Tem algum ainda que escapa. Aleijado, mas escapa. Depende se a explosão pega o cara de frente.

O risco que se corre também no transporte do dinamite prá frente. Pode bater em alguma pedra, num carrinho e com o impacto explodir. Tem também o setor do dinamite no subsolo que corre o maior dos perigos. O detonador deve estar num sentido de que a vida da minerada embaixo da mina está segura por ele. Porque se ele der qualquer uma bobeira que explodir a carga de dinamite guardada no subsolo mata ele e morre todos os companheiros dele também" (Entrevista 4)

3.4. "Eu estava queimando uma galeria e só faltava acender 3 fogos e aí começou a estralar tudo. Eu continuei acendendo consegui acabar e só deu prá escapar porque desabou tudo lacrando a entrada da galeria. Eu sai numa tremedeira e fiquei só pensando, se não tivesse dado tempo, o fogo teria me picado todo, porque não caiu aonde eu estava queimando caiu mais atrás e lacrou". (Entrevista 04).

3.5. "Eu trabalhava na mina como furador. Porque na mina tem muitas funções. Tem o furador, tem o queimador, tem o que trabalha com explosivos, esses tudo aí são serviço perigoso. As vezes tem serviço que não tem condições de fazer e os patrão obriga os cara a fazê; por causa disso às vezes dá muita morte. O culpado é os encarregado às vezes obriga o cara entrá. Eu fui um que ajudei a tirá companheiro morto debaixo da mina. Já vi companheiro desmaiá por causa da fumaça. A mina não é

boa. A mina é dos serviços mais perigoso que o cara pode pegá. Quebra uma perna, quebra a coluna, e também a cegueira. O serviço de furador é muito perigoso.

- 3.6. "Sou furador. É um serviço perigoso, se corre muito risco, já tive um acidente com explosivo, mas não foi grave. Gosto do trabalho mas tenho problema de saúde, é falta de ar, sinto cansera. Na furação, onde eu trabalho, não tem água é a seco. Eles querem por água mas eu se é pra escolher, fico a seco, já estou acostumado. É uma mangueira a mais pra puxá. Sem água é pior pros pulmão mas eu gosto mais de trabalhá sem água" (Entrevista 37).
- 3.7. "Dois companheiro, com pressa, que estava na hora de sair, estavam furando e queimando foi quando um furo entopiu; o queimador colocou a dinamite e não deu; puxou o estopim e não olhou se a espoleta veio junto e ela ficou dentro. Chamou o furador pra furá mais, foi colocar o martelo, detonou e cegou o furador e o outro ficou todo sarapicado (tatuagem). Muita vez a culpa é do mineiro" (Entrevista 21).

4. Limpeza das Frentes

- 4.1. "As condições de trabalho são muito difíceis. O mineiro que não sabe nada é obrigado a trabalhar no serviço ruim. Ele não vai pegar serviço bom. O cara não tem profissão. Ele vai na mina botam ele na manual, de puxador e o cara aí tem que fazer muita força e se arreventa todo. É trabalho duro, difícil e eles não dão condições. É uma verdadeira escravidão. Havia uma certa época que a gente era obrigado; forçavam; só faltava eles pegar uma lança e botar contra a gente e dizer: "trabalha aí, te rala!" (Entrevista 5).
- 4.2. "A mina manual tem um problema que é na base da força. Se não fizer força, se não forcejá, não se consegue nada debaixo da mina, de nossa parte. Trabalhamos com a pá e enchemos o carrinho e daí empurramos o carro. Muitas horas nós fizemos força de três, a gente tem que fazê força que três tem pra poder empurrá o carrinho. (ri nervoso). Daí a gente vive assim como eu que já tenho 12 anos só nesse serviço; só nessa função. Hoje eu com 33 anos já me acho um homem estourado da mina; 12 anos e pouco debaixo da mina; o calor a umidade a poluição tudo isso aí existe debaixo da mina" (Entrevista 11).

- 4.3. "Serviço muito puxado pesado é a puxada. Também dão pouco apoio nessa mina aí pra segurança. A CBCA é a pior mina em segurança. Na CBCA só mandam o cara baixa dão uma lâmpada e pronto. O puxador enche o carrinho e tem que transportá se não der no braço é no côco mesmo; por a cabeça no carrinho e empurrá. A mecanizada é outra coisa!" (Entrevista 15).
- 4.4. "O puxador não só enfrenta as condições de trabalho ele tem que encarar também muito perigo. Nas galeiras está sujeito cair uma pedra, a batê num fio elétrico mal isolado e até enfrentá um caimento. A gente tá toda vida irritado. A gente vai garrando um certo medo de baixar a mina. Eu de uns dois anos pra cá fiquei com muito medo. Eu passei por uma parte muito ruim, quase morri debaixo da mina, fiquei preso num caimento, que agora toda vida com medo. Eu estava com um carrinho, veio caindo o teto e eu não tinha pra onde correr, porque o caimento vinha fechando as saídas. Eu me enfiei num buraco que o fogo havia aberto na pedra, e o teto foi caindo. Quando acalmou eu gritei por socorro, mas ninguém podia fazer nada, a entrada estava bloqueada. Então eu fui me arrastando e consegui sair, me arranhei todo. Foi o maior medo que eu passei na minha vida" (Entrevista 05).
- 4.5. "Eu sou puxador. Já sinto falta de ar e dor na coluna, que eu já tô com 10 anos de mina, sempre na manual. A mina lá de São Simão olha, ela não tem mais que um metro e meio; a altura dela aí vai entre 1,40m, 1,60m; entrá na mina, andá e trabalhá só abaixado!" (Entrevista 38).
- 4.6. "Trabalho numa frente de serviço na Mina do Mato pra uma empreiteira. O trabalho é péssimo, ruim e pesado. Muita poluição. Em cima disso tudo a gente vai trabalhar e não sabe se volta; se pode morrer. As 6 horas do mineiro é como ficar em lugar fechado sem respirar. Só ir lá pra baixo, andá abaixado até na frente e sentá e não fazê nada, já cansa. O coração parece que trabalha acelerado pois a gente respira um ar poluído, pó do carvão, da pedra, explosivo, estopim. Quando chega de volta pra casa depois das 6 horas da mina a mulher diz "pô tu não qué fazê nada!" Mas não é; é que estamos arreventado. A cabeça da gente tá ... antigamente os explosivos era detonado com o pessoal fora, agora não. Estão furando e detonando ali na frente, os ouvidos parece querê arreventá. E com esse sacrificio a gente tá sendo mau pago. Tá muito difícil de sustentá a família" (Entrevista 26).

- 4.7. "Da manual prá bobcat tem grande diferença. Na manual é empurrá os carro nos trilhos de morro acima. Os novato hoje não aguentam. Entram num dia na manual e saem no outro. Eles podia transformar de manual pra bobcat mas os patrões não querem gastar, pois na manual é só pá e picareta. As condições são ruins desde o tempo do meu pai em Lauro Muller. Naquela mina aí (CBCA) que é hoje a "Massa falida" ela não dava assistência. Muita vez eu tive que levar fita isolante de casa pra poder isolá os cabos. Já isolei cabos com plástico dos dinamites. Querem que um rolo de fita dure 3 ou 4 dias dá pra um cabo às vezes. As luvas são de plástico e não de borracha. Eu trabalho há dois anos aí nessa mina. No segundo ano começou a faltar tudo: peças, lâmpadas. O mineiro já deu a própria lanterna pra por nas máquinas prá não parar. E daí é preciso que o mineiro trabalhe encostado em uma mestra porque a máquina pode atropelar ele no escuro" (Entrevista 18).

5. Minas Mecanizadas

- 5.1. "Eu trabalho na Próspera há 12 anos. Gosto do trabalho aí, eles pagam mais ou menos, mas a frente de trabalho é muito poluída. Eu trabalho na manutenção da mecanizada durante a produção. Sou soldador. Se quebra uma máquina na frente eu tenho que ir lá dar manutenção. E eu não me aposento aos 15 anos de mina; me aposento com 20 anos; isto está errado porque estou na produção, que dizer, no turno da produção. A mina é um serviço muito árduo, muito doído. Tem dias que se vai contente, outro já vai aborrecido, irritado com o serviço; talvez porque já fazem 12 anos que trabalho lá" (Entrevista 36).
- 5.2. "Eu sou operador de cortadeira. Aprendi a profissão na Companhia. A profissão de operador devia ser melhor reconhecida; são eles da empresa que deram esse nome "operador". Porque não é qualquer um que sabe mexê com aquela máquina. Tem que sabê das mania, do jeito dela. Vai um lá que não entende, não faz nada. O trabalho não é difícil pra quem sabe. Eu gosto do serviço. Agora, tem que enfrentar o pó. A mina lá tem água na frente mas pó sempre tem. Tô com 12 anos de mina e tenho uma questão que tá na justiça do trabalho contra a Companhia porque eu bati chapa dos pulmão e deu P 1/1. Pela Lei, que foi aprovada a Lei, eu devo ir pra superfície com os direitos do subsolo. E a Companhia está negando esses direitos. Enquanto corre na Justiça

eu tô lá na frente, mas devo subi com todos os direitos" (Entrevista 53).

- 5.3. "Hoje na mina sou cabista de bobcat. Antes era muita poluição, mas agora os martelos são a água e não há mais muito pó; só quando é detonado as dinamites. Mas daí eles saem pra que seja detonado depois eles ligam os exautores e as ventuinhas e some tudo num instante. O trabalho da mina é bom. Não tem outro melhor agora que eu já acostumei. O salário da mina é o melhor não está o suficiente mais é o melhor. Lá todos trabalham pra empresa" (Entrevista 43).

6. Serviços de Apoio e Manutenção

- 6.1. "Depois que eu comecei a trabalhar é que vi a falta de segurança. Mas eu encaro o serviço como ele é. Encaro com coragem. Nesta mina que eu trabalho, andam dentro da água, com o cabo também na água, ligam a bomba com a água até a cintura. Eles ligam lá o motor com um interruptor ao invés da chave contactora. O interruptor pode estourar na cara do peço, pode dar um curto circuito naqueles cabos dentro da água. Essa situação provoca muito acidente do início até o fim da mina" (Entrevista 18).
- 6.2. "O maior número de acidentes se dá por eletricidade. Neste ano morreram dois amigos meus eletrocutados" (Entrevista 02).
- 6.3. "No disjuntor, fui inverter a fase e o disjuntor escapou e fechou o circuito e me queimou o rosto, mas superficial; mas neste caso eu tenho culpa, a distração foi minha. Noutra vez eu estava fazendo uma emenda num cabo da máquina e o cabista ligou, e me queimou toda a mão. Quem precisa tomar cuidado é o próprio eletricitista" (Entrevista 24).
- 6.4. "Outra morte que eu participei foi de um eletricitista. Ele estava aí conversando com a gente e de repente ele saiu pra arrumar um fio; ao ele passar assim numa pedra tinha um fio arrebetado, bateu nele e morreu na hora o cara. Aí eles vieram correndo pra tirá o rapaz pra dizer que o rapaz ainda estava com vida ... Aqui nessas minas o mineiro nunca morre em baixo. Sempre vai morrer no hospital. Acho uma injustiça" (Entrevista 04).

7. Trabalho - Corpo: Doenças e Acidentes

- 7.1. "O mineiro sai debaixo da mina sujo e cansado. Hoje eu também tenho irmãos com tempo prá se aposentar. A gente percebe então, percebe que eles estão perdendo a sua vida, aquele vigor físico, inclusive até conversando com as esposas deles a gente percebe que perde até aquela potência sexual. Então tudo isso aí são partes do carvão que prejudica né, o pulmão e até mesmo o corpo por inteiro" (Entrevista 13).
- 7.2. "Tô com 33 anos, 12 de mina no subsolo como puxador. Mas não sou mais um homem pra minha idade. Me sinto velho. Mas podendo ter um pouquinho mais de saúde, a gente talvez chega lá. Porque todo mineiro acho que a esperança, acho que pensa é chegá na "especial" (Entrevista 11).
- 7.3. "Nós trabalhamos 6 horas lá em baixo é a mesma coisa como se nós trabalhasse 15 horas aqui em cima. É um cansaço. O ar pesado. A gente se arreventa, Se a gente ficar mais de 6 horas a gente já sai diferente. Parece doente" (Entrevista 5)
- 7.4. "Saí da CCU e peguei na mina do Cachorro (ela já tem esse nome) que tinha 1m. de altura. Eu tenho 1,75m. Daí eu chegava em casa com febre, com as costas toda esfolada, até com febre, eu só entregava a bolsa pra minha mulher e me deitava no assoalho mesmo e caía dormindo. Só depois que eu vinha ao normal pra poder conseguir jantar. E no outro dia era a mesma coisa. Então é desgastante" (Entrevista 4).
- 7.5. "Não acredito chegá na especial. Não vai dá prá completá 15 anos. Se acaso eu chegá lá, daí já tô acabado, estorado. Tá fazendo cinco meis que tô parado (com a greve da CBCA). Agora tô bom; e antes era só baixa a mina, só em respirá aquele ar, sentia o estômago revirado e vomitava; muitos dias podia tomá café que virava tudo ... muita veiz chego em casa irritado, brigo com a mulher, com os filhos; mas muita veiz a culpa é minha que vim irritado. A mina muda a vida da gente ... A gente qué chegá em casa e ficá quietinho, descansá" (Entrevista 25).
- 7.6. "Nois lá trabalhamos e eles detona explosivo junto com o pessoal na mina. Os ouvido parece querê arreventá. As veiz tô com inflamação nos ouvido. Me dói muito as costas e tô com dificuldade de respirá. As veiz tô com tremedeiras. E do trabalho. Não dá de dormi socegado. Dô soco na cama, sonho com explosivo, pedra caindo. Daí

quando pego férias dõ uma descansada. Tô com o corpo cansado, moído" (Entrevista 27).

- 7.7. "O trabalho acaba principalmente com o pulmão pois o ar é pesado e há muito pó; estraga com a saúde toda; quem trabalha na mina sempre tem que tomar umas vitaminas, umas injeção. Lá se dilata muito o pulmão, porque tem que fazer muita força e se trabalha com um ar que não é normal, é um ar feito por ventilador. Podia ser melhor na mina. Mas já foi pior quando uma vez tinha que se trabalhar com picaretas; só que daí, naquele tempo não tinha a poluição. Seria melhor se tivesse mais máquinas, gerador grande e mais ventilação. Ouvi dizê que em outras minas a ventilação é melhor e a poluição é pouca. Com a máscara não dá prá ficar muito tempo, ela incomoda na boca; eu só uso quando há muita poluição" (Entrevista 32).
- 7.8. "Os médicos aqui de Criciúma não falam a verdade, eles escondem, mas também depende bastante do organismo de cada um. Eu não senti nunca nada. Mas um compadre meu que trabalhava na mina "Criciúma", tinha problema de ar. Vivia sempre de "salário" (da Previdência Social) e sempre com problema, mas fazia radiografia, mas nunca acusou nada. Agora trabalha na cerâmica lá na Mãe Luzia e a radiografia acusou P 3/3. Só apareceu porque não está na mina" (Entrevista 30).
- 7.9. " As minas são locais de muita poeira, acho que 95% dos mineiros tem pó nos pulmões; os médicos dizem que é 20% das radiografia que apresentam problema no pulmão, mas isso aí é uma mentira! (Os índices fornecidos pelos pneumologistas atingem 15%). O meu caso: bati chapa no Hospital São José - negativo. Um mês depois fui pra Tubarão e fiz outra lá que acusou alguma coisa errada. Daí mostrei pro médico a chapa d'aqui. Ele olhou e disse que tinha problema, mas ele disse que não sabe porque o resultado está escrito negativo. Eles enganam porque o INPS hoje não qué gastos. Quando eles dizem pro mineiro que tem pó de carvão ele já está quase morto" (Entrevista 35).
- 7.10. "Aí a gente fica numa situação que, sei lá ... Se os médico falasse o laudo direitinho, o real, nois tinha chance de se tratá. Assim, não se sabe se tem, se não tem; se é avançado se não é; de repente têm e capota. E o meu caso. Tenho 12 anos de mina; não posso mais sair, eu estou estourado; se eu sai da mina, onde é que eu vou trabalhar? Todas as firmas para podê se fichá precisa de uma rediografia dos pulmão e vai acusar e não vão me fichar. Eu fico meio abalado com o meu

futuro, não tem solução. O que eu sinto é que tenho pó nos pulmão, mas eles negam e põem que é bronquite. Está muito difícil levar o restante do tempo. Pra se aposentá trabalhando é difícil. O meu tempo é de 20 anos e falta 8. Agora tá chegando o ponto crítico. São 3 meses de trabalho e 15 dias de salário, pois já não tenho mais condições que eu tinha com cinco anos de serviço ou com seis; agora está no pior. A empresa não gosta quando se passa lá pra pegá folha pra consulta médica e o médico quase sempre dá afastamento. Agora a empresa fez um acordo com o sindicato pra quem tem problema de pulmão subi pra superfície, sem perdê salário. Não sei porque a manutenção aposenta com 20 anos" (Entrevista 36).

7.11. "O mineiro que desconfia que tá doente dos pulmão e percebe que o encarregado tá no pé dele porque ele baixô de produção, pede pra bate chapa dos pulmão e arruma um amigo ou companheiro com saúde pra i no lugar dele. Ai a empresa vê que ele tá bem, porque não acusô nada e ele garante a vaga por mais um tempo, nem que seja pra se aposentá por invalidez" (Entrevista 58).

7.12. "O meu irmão tá com pó nos pulmão. Mas falta só pouco mais de ano pra especial. Ai a empresa pediu chapa dos peão todo. Pra ajudá ele, que ele tinha medo de sai da mina pois faltava bem pouco, daí eu fui, e quando chamaro ele eu entrei, batero a chapa e deu normal pra ele" (Entrevista 61).

7.13. "Eu tô com cinco anos de mina e não tenho nenhum problema de saúde, nem de pulmão. Trabalho na CCU e eles obriga a nois fazê radiografia de vez em quando e não acusa nunca nada. Eu não tenho medo de acidente; o trabalho da mina é bem organizado e os acidentes tanto acontecem lá em baixo como aqui em cima em outro trabalho qualquer. Se há algum acidente é por descuido do próprio operário.

Aconteceu isto com um companheiro, o João Batista. Era cabista. Ele queria melhorá de vida e pediu pro encarregado um serviço que pagasse mais. Aprendeu a queimá. Ficou queimador. Depois de treis meis que trocô, foi queimar um dia e quatro fogo explodiu nele. Mas explodiu porque ele não tinha muita experiência; ele estava estojando e queimando ao mesmo tempo; aí também não dá!

Outro acidente que aconteceu que eu vi, também foi por falta de experiência. Um cabista estava doente e

pediu pro encarregado trocá ele. Ele trocô com um calheiro que fazia sete dias que estava no trabalho. Saiu da calha e foi puxar cabo, mas faltava experiência e ele não viu a pedra em cima dele tava solta e a pedra caiu e matou ele aí esmagado.

Assim que acontece um acidente e pessoal fica assim meio abatido. Fica todo pessoal triste, mas com o tempo vai passando, vão esquecendo e volta ao normal. Só é duro continuá trabalhando na hora que morre um companheiro, porque na mina ninguém para. O cara morre, tiram ele daí e a gente fica aí remorseado, com uma bola no estômago, parece que a gente qué sumi daí... mas não pode, tem que dá a produção!...

- 7.14. "Eu era foguista. Foi no dia 14 de dezembro de 1964. Já tinha terminado o serviço quando um amigo pediu para queimar com ele uma frente. Despercebidamente colocou um estopim curto. Quando acendeu o amigo ainda gritou: - "Vai explodir!" Eu ainda puxei o estopim mas ele explodiu. Meu amigo foi jogado longe e sofreu pouco. Eu caí ali mesmo e me protegi a cabeça com os braços. Fui levado pro Hospital São José. Ali viu-se que eu deveria ser operado em São Paulo, das vistas. A minha mãe era viúva com filhos pequenos. Eu o mais velho, tinha 23 anos, era noivo e iria casar em janeiro. Não tinha ninguém pra ir comigo a São Paulo. Só a minha noiva. Mas ninguém ia deixar ela ir. Ela, então, uma moça de 16 anos, disse: - "José, vamos nos casar e eu vou cuidar de ti". Todo mundo foi contra, até o padre. Ela então perguntou ao sacerdote: "Padre, se o acidente tivesse acontecido daqui a um mês, quando nós já éramos casados o senhor acha que nós devíamos nos separar?"... Daí, três dias depois, ali no Hospital nós nos casamos... Fui a São Paulo... Mais tarde fiz mais duas operações em Florianópolis... Após a terceira operação, mal sucedida, quando fizeram o curativo, senti que não havia mais claridade, que estava cego. Daí eu fiquei muito nervoso, nervosíssimo mesmo. Eu percebi que estava completamente cego. Eu analisei a minha vida, comecei a pensar e, pra mim, naquela hora, naquele instante, a vida, o mundo tinha desabado, tinha terminado para mim. Eu comecei a me perturbar, a ficar nervoso, a ter uma crise muito forte, não dormia mais, nem de dia nem de noite. Eu fiquei 40 dias no hospital sem me recuperar. Voltei pra casa. Eu me sentia muito triste. Eu tinha muita tristeza. Eu sempre gostei de me sentir útil. Eu estava era muito triste, desesperado. Era desespero. Fiquei um ano em casa sem dormir. Não fui para uma casa psiquiátrica devido à grande misericórdia de Deus. Eu estava num estado

desesperador, numa situação difficilima mesmo. Eu estava à beira do abismo, à beira da loucura... Num domingo estava ouvindo um programa religioso no rádio e o pastor disse: "Se alguém, nesse momento estiver em sofrimento, se precisar de uma graça de Deus, peça, que Deus há de conceder a quem tiver fé". Eu estava num estado desesperador. Eu me ajoelhei e pedi: - "Jesus tem misericórdia de mim. Oh Deus, lembra-te de mim dos céus onde tu te encontras; vem e me toca; vem, e me liberta desta insônia, porque eu estou à beira da loucura. Eu quero tão somente é ser liberto da insônia que eu quero é dormir. Senão vou ficar louco".

Dai eu senti uma virtude que me anestesiou o corpo todo e me senti livre da insônia. Dai eu disse pra minha mulher: "Eu estou curado!"

- "O quê, disse ela, está enxergando?"

- "Não, estou livre da insônia!"

- "Mas como tu sabes, não estás dormindo!"...

Mas eu sabia. Passei a dormir, me senti calmo e aceitei a cegueira. Eu não queria aceitar. De fato é muito difficil!... Hoje sou um homem reintegrado. Foi Deus que me ajudou e foi minha mulher que me apoiou... Eu me sinto feliz. Ela trabalha fora e eu cuido dos serviços da casa. Cuido tudo aqui. Cozinho, faço consertos, lavo e passo roupa. Cuido do carro, do jardim. Aprendi a ler em Braille. Dou aula de teologia para adolescentes na Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Tenho três filhos que me ajudam muito. A minha esposa é excepcional. É uma heroína: primeiro porque casou comigo, cego e acidentado. Depois, cuidando de mim. E companheira de todas as horas. Para superar um sofrimento desses é preciso a ajuda da família" (Entrevista 1).

7.15. "Fui carregado da mina, todo quebrado pro hospital; ali fui operado. Não deu certo e passei a sentir muita dor. Só encostá uma mão na cama, não precisa tocá em mim, eu já gritava de dor. Dai me deram anestesia e me levaram pra Porto Alegre. Fui operado de novo e de lá voltei sentado. Eu tava muito contente porque me sentia aliviado. Isso tudo durou dez meis. Nesse tempo nasceu minha filha, que a mulher tava de cinco meis quando sofreu o acidente. Fiquei dez no hospital e vim pra casa da mãe dela (da sogra). A mulhé lavava e costurava pra fora pra ajudá que a pensão que eu ganhava não dava... Hoje ainda tô com questão na justiça porque os advogado

do sindicato dizem que está errado o que eu ganho (quantia equivalente a meio salário mínimo). A mulher vive indo do INPS pros advogado, mas ela também trabalha, ela é ajudante de cozinha numa firma, e ela não pode sair toda vez prá lá... Mas a gente tá sempre lutando. Foi com muita luta da minha mulher, com a ajuda de gente boa que nós construimo essa casa... O lote nós ganhemo e daí ganhemo também algum tijolo da prefeitura e fomo ajuntando e hoje tá pronta graças a Deus" (Entrevista 28).

7.16. "O acidente do meu marido faz três anos. Foi num sábado, véspera do dia dos pais. Ele tava furando, quando uma pedra caiu em cima dele. Quebrou a perna direita e a outra esmagou. Aí, cortaram a perna fora, quatro dedos abaixo do joelho. Quando sarou, aí colocaram uma prótese... Depois do acidente ele tá bebendo muito, não fica "perdido" mas bebe, talvez pra esquecer. Ele era muito alegre, agora é um cara triste; tem dias que ele não levanta da cama... Dentro de casa ele tira a perna e vai gatinhando pro banheiro, pra cozinha. Mas eu ajudo ele em tudo. Ele não se vira sozinho, nem pra se vesti... Depois do acidente ele tá muito parado e engordô muito. É ruim pra ele, que tá gordo, a perna, a prótese arrebenta tudo a perna dele. Tem sempre ferida... Eu tô conformada. O que se vai fazê? Aconteceu!... Mas o peso maior é ele que carrega..." (Entrevista 44).

7.17. "A hora aí, assim, que eu pecebi que ia fica cego, oh isso aí era a mesma coisa que eu perdê a minha vida. Eu não sabia como é que tava. E o médico também não dizia como era. Daí no outro dia eu perguntei pra ele: - "Aí Dr. que tal?" Ele disse assim: - "Olha, uma vista tua tá perdida, que é a esquerda, e a outra nois vamo tentá recuperá". Mas aqui não tinha um aparelho certo. ... Daí eu fui pra São Paulo, estive lá, gastei tudo por minha conta a Companhia não me deu nada, nem o INPS. Lá fiz tudo por minha conta. Lá os médicos me enganaram mesmo. Daí quando eu recebi aí a notícia que eu não ia enxergá mais ... pro cara foi um choque né! Pra mim foi um choque, porque eu enxerguei até os 28 anos. De 28 anos pra frente o cara não ia enxergá mais, daí o cara fica desesperado né! Então aí o cara tem que se conformá, né! Não tô ainda conformado. Tô um pouco revoltado ainda porque ... eu me conformo pouco ainda. Mas o cara tem que se conformá porque não aconteceu só comigo. Aconteceu com muitos aí ... eu também tenho um tio que faz 28 anos que é cego, da mina também. Então muita vez ele dá assim um conforto que o cara perdeu as vista mas não perdeu a vida. Porque o

importante, eu acho que pra gente que tá nestas condições assim, o importante é tá presente na família né! Porque eu tô aqui não vejo, mas escuto meus filhos conversá, brincá; vejo a voz da mulher. E se eu tivesse morrido não. Se eu tivesse morrido, eu tava longe deles, eles tavam muito mais sentido do que eu tô assim. Eles me ajudam tudo o que é coisa que eu quero, que eu não posso fazê eles me fazem. Então eu acho que a coisa mais importante é a vida do cara. E a vida porque a vista o cara tem que deixá na mão de Deus e vamo vê, né! Seja a vontade dele um dia, quem sabe, o cara volta a enxergá. Mas eu sô revoltado! Eu sô revoltado por causa que era pra té serviço, tinha, mas eles não fazem por causa que eles é sem-vergonha. Então eles era pra té um cara no serviço pra vê o fogo falhado - "oh! aqui tá falhado!" e marcá pro cara não furá. Mas não, eles não fizeram nada daquilo aí. Se o cara não fura eles põe pra rua; põe pra rua ou talvez eles dão "gancho" pro cara, o cara leva prejuizo, tudo isso aí!

Então é isso aí! Eles não cuidam da segurança do cara. Daí a minha revolta é isso aí!

8. As Mulheres dos Mineiros

- 8.1. "O Tonho, o meu marido era um marvado, (hoje o casal separou-se) mas eu nunca deixei ele sai sem colocá na mão dele a marmitta com o lanche ou almoço dele. Isso é obrigação de toda mulher. Eu sempre fiz isso, podia sê de manhã, podia sê de noite. Porque disso eu não posso me queixá - ele nunca deixou faltá nada dentro de casa nem pra mim, nem pros meninos" (Entrevista 70).
- 8.2. "A mulher, no primeiro ano fica um pouco amedrontada, mas agora já depois de 5 ou 6 anos ela só se preocupa com a hora de chegá; se passou, se está demorando ..." (Entrevista 26).
- 8.3. "Eu tive um acidente com a máquina e machuquei muito as costas. Quando cheguei em casa todo enfaixado a mulher se apavorou" (Entrevista 25).
- 8.4. "A minha mulher desde que ela soube que eu quase morri lá em baixo ela não quer mais que eu trabalhe na mina. Mas eu digo prá ela quenão posso perdê 8 anos assim. Aí ela pensa como eu. Mas ela tem sempre medo" (Entrevista 5).

- 8.5. "As mulheres sempre se preocupam. A minha fica muito nervosa se eu demoro pra chegá do horário de trabalho" (Entrevista 20).
- 8.6. "Quem faz as compra é amulher. Isso é serviço da mulher. Eu não gosto de fazê. Só vô em caso de doença" (Várias entrevistas).
- 8.7. "A minha mulher, quando eu estava numa situação bem ruim, eu estava nervoso, daí eu explicava a situação e ela me entendia e dizia: "porque tu não sai, vamos procurá outro serviço, porque não é só da mina que se vive, vai estragá a tua saúde". Daí eu dizia pra ela que a mina é que ainda dá uns trocadinho a mais. Sempre dava na época. Ela só diz isso aí, mas ela não gosta e não qué que eu saio" (Entrevista 4).
- 8.8. "A minha mulher continua insistindo que eu continue. Eu já tenho 12 anos de mina e ela acha como eu, que se eu sai, daí a gente não tem mais futuro. Ela também encara junto comigo isso aí. E podendo tê um pouquinho mais de saúde, a gente talvez chega lá. Porque todo mineiro acho que a esperança, acho que pensa é chegar na especial. Porque nada mais se adquire na mina. Porque eu nunca vi um mineiro andá com um carro zerinho, ou tê uma boa propriedade, eu nunca vi até hoje. A não sé quando ele se aposenta, com os filhos que trabalha junto, ele pode consegui alguma coisa. Senão, na luta de cada dia dele, eu nunca vi um mineiro tê isso aí. O patrão fica bilionário e a gente parece que só vem pra trás" (Entrevista 11).
- 8.9. "Se eu fosse depender de outro salário, eu não conseguiria com a minha família. Então a gente se sujeita até "morrer" para dar conta do recado. Que se é pra deixar os filho passando mal ... Se acaso eu morré a família fica aposentada com o salário da mina. A mulher tem muita cisma que eu trabalho na mina. Ela diz que me ajuda. Com outro salário, não sendo da mina não dá. Agora com 6 filhos; o mais velho casou. Como posso viver com um salário mínimo? Como vou tratá da família? Na mina ganho quatro vezes o salário e tenho um barzinho que dá mais ou menos isso por mês. Dois filho que trabalham ganham o salário. No fim do mês um come d'aqui, outro dali, não sobra nada. Então por isso eu me sujeito na mina; quero vê se chego na especial, ou então morré, ou se aposentá por invalidez; mas é isso - ou dá ou não dá!" (Entrevista 31).
- 8.10. "Hoje é que todo trabalhador tá ganhando tanto quanto nós. Até um coletor de papel tá ganhando tanto como

nós. Eles pode ganhá isso aí, mas o mineiro devia tá ganhando mais. Isso aí tá até uma gozação. Mas no passado ser mineiro era um privilégio. Seis ano atrás, oito anos atrás o mineiro ganhava bem. Valia a pena trabalhar na mina" (Entrevista 4).

9. Origem Social

- 9.1. "Meu pai foi mineiro por 12 anos. Hoje é aposentado por invalidez. Tinha que fazer muita força e se arreventou todo. Sofre de érnica. Todos os meus sete irmãos foram mineiros. Quatro já estão aposentados e os outros continuam trabalhando. Eu sou o mais novo da família e meu pai e meus irmãos sempre me falavam que eu devia ir pra mina. Daí como eu ia casar e o salário da mina era melhor, fui e já tou cinco anos" (Entrevista 14).
- 9.2. "O meu pai veio da lavoura e pegou na mina. Trabalhou 32 anos na Próspera tirando carvão de picareta. A minha mãe trabalhou na escolha do carvão, ali onde hoje é a Igreja e a praça da Próspera. Eu fui jogador de futebol. Joguei quatro anos no comerciário, que depois fechou. Faliu igual à CBCA. Daí o pai falou: - "Larga disso aí e vai trabalhar". Trabalhei um ano na Metropolitana. Depois fui pra CESACA, lá fiquei 13 anos. Hoje foi furador de teto na CCU" (Entrevista 7).
- 9.3. "O meu velho veio de Araranguá; é aposentado de mina. Viemo de lá faz 15 anos. Eu peguei na CBCA. Deus que me perdoe. Estamos nessa amargura aí vai fazer quatro meses. Tem muito negro que tá passando necessidade" (A Companhia faliu e estavam em greve, quatro meses sem receber salários) (Entrevista 8).
- 9.4. "Sou filho de mineiro. Meu pai trabalhou na Próspera durante 33 anos. Primeiro como mineiro, depois como vigia e guarda. Trabalhava dois turno seguido - 16 horas por noite e dia. Era um homem sofrido. Tinha que sustentar 16 filhos. Hoje sou mineiro da Próspera. Sofrendo também pra sustenar meus filhos. Tenho três irmãos mais velhos que também trabalham na mina. Outros já são aposentado da mina" (Entrevista 13).
- 9.5. "Quando eu nasci o meu pai já era inválido da mina. Daí ele trabalhava numa carroça fazendo frete pra manter a família. Hoje eu trabalho de mecânico de bobcat na CCU" (Entrevista 25).

- 9.6. "O pai foi mineiro e eu sempre tinha isso na cabeça que ia sê mineiro como ele. O pai é aposentado por invalidez. Faltava um ano pra ele se aposentá pela especial e um caimento sobre as costas tirou ele da mina. Hoje ele ganha menos de meio salário mínimo. Ele se aposentô e voltô pra Imaruí onde ele tinha casa. Agora veio morá de novo em Criciúma pra empregá os filhos. Nós somo oito irmãos. Era 11, mas três morreram pequeno ainda. Não tinha nem 2 anos" (Entrevista 32).
- 9.7. "O meu pai era lavrador arrendatário. Eu também fui lavrador até a maioridade. Ai me fichei na mina, na Próspera, onde trabalhei 4 anos e meio; foi quando sofri o acidente que me deixou nessa cadeira de rodas. No meu lugar se fichou na mina um irmão meu que foi mais infeliz - a pedra matou ele naquele mesmo poço" (Entrevista 28).
- 9.8. "O meu pai trabalhava na roça. Nós somos em oito irmãos e três estamos na mina. A vida do meu pai era melhor que a minha, porque ele ia trabalhar se podia e quando queria e parava quando queria. Nós não" (Entrevista 1).

10. Moradia

- 10.1. "Moro em casa própria, na Próspera. É uma casa de madeira de três quartos, sala, cozinha e banheiro. Faz dez anos que construí. Quando me aposentei comprei um lote de 20 X 20m. com o dinheiro de uma casa que eu tinha em Urussanga. Fui pra colônia e arrendei um terreno e estufa pra plantá fumo. Foi isto que deu algum dinheiro pra fazé a casa" (Entrevista 50).
- 10.2. "Quando aconteceu o acidente com ele, nois ficemo com direito da casa, casa da Companhia. Mas depois daquela área foi lotada e nois tinha que comprar o lote ou desocupar. Mas comprar da onde? Eu expus o caso da Companhia que fez uma reunião pra resolver, pois ele era acidentado de mina e aposentado sem condições de comprá. Houve votação mas duas pessoas da Companhia não aceitaram doar o terreno. Então baixaram o preço do lote e fizeram em condições (prestações) mas mesmo assim não dava. Foi aí que o Seu Ademar pagou parte das prestações e eu o restante. Mas a casa estava caindo. Ganhei tijolos da prefeitura, de olarias onde fui pedi ajuda. Durante mais de 9 anos fiquei juntando os materiais e depositando no terreno. Quando começemo a casa ele ficou doente, um ano, e

gastemo tudo só com medicação e era assim de casa pro hospital o ano inteiro. A pensão dele era de Cr\$ 720,00 e gastava Cr\$ 800,00 com remédio.

Eu trabalhava no fumo de manhã à noite. Ai lavava e costurava até três ou quatro horas da manhã. Ele ficava acordado comigo olhando eu costurá e dizia que não podia dormir. Aluguei um quarto da casa pra dois pensionista que era prá ajudá. Agora faiz três ano que trabalho numa firma como cozinheira. Antes de sai de casa eu fazia a massa que os pedreiro começaram a construí. Quando eu voltava da firma ajudava de servente na construção. Terminamo a casa este ano na quinta-feira-santa ela ficou pronta. Eu agradeço muito ao prefeito, sem a ajuda deles a casa não tinha condições de está acabada. Ajudaram com areia, trator pra fazer o chão. Até passagem de ônibus recebi quando o dinheiro acabava. Foi muita luta pra consegui esta casa!

(Trata-se da casa de um mineiro acidentado há mais de 20 anos, parapléxico, em cadeira de rodas. A casa concluída em abril de 1987 é de alvenaria bem cuidada. Dois quartos, sala e cozinha sem divisão, banheiro e varanda onde estão, em gaiolas, cerca de 15 a 20 pássaros canaros)" (Entrevista 28)

10.3. "Da minha casa? Eu tinha intenção de tê uma casinha melhó. Em função de eu ganhá mal, eu tenho uma casa que até chove dentro. Esta é uma casinha velha. E a gente não tem condição de comprá telhas prá melhora isso aí. Então a gente é descontente por isso. A gente não tem condições de tê uma morada boa pra abrigá os filhos e a gente mesmo. Casa de 5 por 6 metros. Ainda falta fazê algum acabamento. Já fazem cinco ou seis anos que comprei e não consegui ultimá ela. E uma casa velha que comprei, desmanchei ela e construí aqui no meu lote. Ela tem dois quartos. Sala e cozinha é uma peça só. Não tem banheiro. Eu sempre penso em melhora ela. Mas nunca deu até hoje" (Entrevista 4).

10.4. "Quando comecei a trabalhá na mina na CCU, recém tinha casado e comprei um lote. Daí um tempo fui "pra rua" e com este dinheiro (FGTS) comprei uma casa. Carreguei a casa pro meu lote e levantei ela aí. Falta muita coisa: mata-junta, calçada, acabamento, pintura. Mas d'aquela data prá cá não consegui fazê mais nada. Não é como a gente queria - tê aquela casinha! ..." (Entrevista 5).

- 10.5. "Moro na minha casa. Foi construída e dada pra nós pelo meu sogro. É pequena mas dá pra se abrigá" (Entrevista 9).
- 10.6. "Ganhei um terreninho do sogro e ali construí a casa. Vendi a moto e com o dinheiro do moto fiz a casa. Agora ando a pé mas tenho casa (ri de si próprio)" (Entrevista 8).
- 10.7. "A casa onde eu moro é muito pequena para a família de 5 filhos que tenho. Mas não dá nem de pensá na casa. Os filhos estudando, só eu que trabalho, mal dá pra comê!" (Entrevista 15).
- 10.8. (Uns 15 mineiros que foram entrevistados na sede do sindicato, pois preferiram das entrevista ali, dizendo que era mais fácil que ir até suas casas. Estes ficaram constrangidos em falar da casa. Estavam "envergonhados" em descrevê-la e desconversaram. Não deram informações precisas.

Outro grupo mora em conjuntos habitacionais da COHAB que foram invadidos por famílias sem casa. Houve em Criciúma nos últimos quatro anos invasão de casas em três conjuntos habitacionais. Um deles com 420 casas construídas sobre a mina Boa Vista. Ocorreu subsidência do terreno em face dos vazios abertos no subsolo pela mineração, e sete casas desmoronaram. O conjunto foi então invadido pela população pobre, sem casa, sendo muitos deles mineiros).

- 10.9. "Consegui casa com muito sacrifício, depois que me aposentei" (Entrevista 49).

"Com muito trabalho na mina e na roça consegui comprá um lote e depois uma casa" (Entrevista 48).

"Quando pensei em fazê uma casa fiquei três ano sem sair, sem ir à festa de Santa Bárbara, sem passeá; a minha mulher lavava, passava, engomava pra fora. Ela lutou tanto que hoje está enferma. A casa é de pobre" (Entrevista 47).

"Eu tenho uma arapuça, que as criança estão debaixo. Tem água e luz. O imposto eu não tenho condições de pagá" (Entrevista 52).

- 10.10. "É difícil o mineiro tê casa própria boa, só se ganhá. Eu tenho casa mas não é dividida, nem forrada, mas é minha e consegui com o meu suor" (Entrevista 22).

10.11. "Eu guardo até uns trocadinho. Faiz doze anos que caisei e eu e minha mulher não gastemo nada em bobagem. Foram 12 anos de muita economia pra construí nossa casa. Ela foi paga com muita economia.

11. A Reprodução Social dos Mineiros

11.1. "Nós não vamos ter condição de dar bom estudo pros nossos filhos. O que a gente ganha mal dá para a gente comer. Igual nós que trabalhamo na produção, fazendo força, temos que se alimentá bem. Daí se a gente vai dar estudo pra eles, nós que ganhamo mal não vamo podê dá alimento pra eles. Mas tem isso aí, que a gente já tira da alimentação pra dá estudo pra eles. Eu tenho um no terceiro ano e outro na quinta série e já faço de tudo pra eles podê estudá, pra eles não caí debaixo duma mina, assim como eu. Meu pai era pobre se aposentou por invalidez e nós era obrigado a trabalhá na roça pra podê vivê. Assim eu não quero que aconteça assim com os meus filhos. Daí em vez de comê 2 kg de carne por semana, a gente tira 1/2 kg que é pra eles estudá. Tudo o que eu quero é dar estudo pros meus filhos, não o suficiente porque não posso, mas pra eles podê ir até debaixo duma mina, mas como encarregado, não como puxador" (Entrevista 11).

11.2. "Numa entrevista coletiva, com quatro mineiros, a conversa deles sobre educação dos filhos é um exemplo do que a maioria aspira e do que consegue realizar:

"- Olha, quero que meu filho seja no mínimo, no mínimo, engenheiro!

- Engenheiro da mina? Da mina!?

- Olha, pode ser da mina, porque os engenheiros aí não comem o carvão que a gente come. Eles mandam nós comê o carvão e eles ficam de fora.

- Engenheiro tem comê carvão também!

- Penso que uma boa escola é a SATC. Vou botar meus filho homem nessa escola. Se daí ele tivé que baixá a mina, vai com uma profissão.

11.3. "Eu não queria que os filhos fossem igual ao pai. Dou estudo agora, mas a gente vai vê ... os nossos pais também não tinham condições" (Entrevista 22).

- 11.4. "Filho de operário será operário. Eles estudam até o primário, depois não tem condições. Se um filho de operário é engenheiro ou médico é porque ganhou bolsa de estudo" (Entrevista 19).
- 11.5. "Filho de pobre não dá para matricular nas escolas mais caras, que ensinam melhor" (Entrevista 18).
- 11.6. "Acho que a gente não consegue ter os filhos que consiga estudar e chegá a sê advogado, engenheiro. A gente acha que é o governo o culpado e até a gente é culpado porque a gente não luta por isso aí. Já é uma jogada do próprio governo que jogam os piores professores pra periferia, pros bairros pra que eles não consigam formar nossos filhos. O engenheiro, o advogado vai ser o filho do patrão. Isso é uma desgraça que nós nunca vamos podê sai de sê operário, de sofrê e os filhos da gente vão sê operário de novo" (Entrevista 13).
- 11.7. "O salário da mina dá só prás despesas. Os filhos são pequenos e até agora consegui dar estudo pra eles. Meu pai não me deu estudo mas quero que eles tenha estudo pra depois eles podê se virá"
- 11.8. "Eu dou educação pros meus filhos, mas estudo, pouco. Um aprendeu mecânica numa oficina. A única coisa que se pode fazer é botar os filhos no trabalho numa oficina de dia e com esse dinheiro eles pagá os estudo. Daí estudá de noite, mas isso já vai da vontade deles" (Entrevista 16).
- 11.9. "Tenho um filho casado, que se vira melhor que eu. Estudo completo a gente não pode dá. Os outros que estão comigo estou botando eles no trabalho para aprendê uma profissão" (Entrevista 67).
- 11.10. "Os novos que entravam na mina, que tinha desemprego aqui fora, queriam ir na mina, mas chegavam lá, era aquele trabalho duro e não aguentavam" (Entrevista 4).
- 11.11. "Entrava 100, ficava 10, saía 90. Ficava mesmo aqueles que era obrigado. Ficava aqueles como nós que não tinha outra profissão. Tinha família e então se obrigava. Quando o cara se obriga ele vai em qualqué lugar, ele vai de tudo que é jeito. Se obrigá por causa da família, né? Pra não vé a família passando fome ele se obriga. Eu comecei a trabalhá na mina porque eu recém tinha casado. Recém tinha casado, não tinha profissão, não tinha nada. Fui obrigado a baixá a mina. Por isso fui obrigado a aguentá. Se eu não fosse

pai com filho, eu hoje não entrava na mina" (Entrevista 5).

11.12. "Hoje sou mineiro. Sei que o trabalho na mina é perigoso e é ruim. Mas eu vou continuar. Gosto de trabalhar na mina. Meu pai foi mineiro e eu sempre pensava em mostrar que eu também podia ser mineiro como o meu pai" (Entrevista 32).

11.13. "Como o meu pai foi mineiro eu procurei este trabalho também. A mineração é o único trabalho onde se ganha um pouco mais" (Entrevista 21).

11.14. "O meu pai trabalhou 32 anos na Próspera como mineiro. A minha mãe também trabalhou na escolha do carvão. Fui pra Metropolitana (mina) e fiquei um ano; daí fui pra CESACA (Cerâmica) e fiquei lá 13 anos; hoje sou mineiro da CCU, furador de frente, contando 7 anos e meio. Acho que meus filhos não vão ser mais que o avô e o pai deles. Eu tô comendo carvão. O meu "velho" comeu carvão. Os filhos, bem, eu não queria, mas será que vão tê que comê carvão? ..." (Entrevista 7).

12.

12.1. "O aposentado?... alegria não tem mais. Eu sou músico. Quando tô meio aborrecido, toco e as criança; meus neto, cantam e o tempo passa... A vida do aposentado é muito sofrida. Tem dia que acorda de manhã sem pão, sem café, sem açúcar... mando comprá um pão é quatro cruzado. Eu ganho 600 cruzado por mês... pra você o mês: comida, roupa, remédio, é difícil. Eles não vê isso aí... é o trabalho que constrói este Brasil ... o mineiro trabalhô... tá aposentado porque trabalhô... a paga dele é aposento de vergonha, de fome. Pode olhá aqui na associação: tudo homem velho de cabelo branco, tá lutando igual peão de 20 ano; pegá estrada, pegá no pé do governo lá em Brasília... pegá no pé dos home que é preciso, que tudo que é trabalhador tá passando necessidade" (Entrevista 73).

12.2. "Quando me aposentei eu tava bem. Tinha oito hectares de pasto, 26 vacas e uma serraria. Agora, não tenho mais um hectare. Tenho uma casa velha pra morar. Fui vendendo, vendendo, um filho ficou aleijado da mina, outro de minigite... o salário foi baxando, baxando... Agora não vendo mais porque não tenho. As coisa em casa faltando e não tem condição de comprá... tô trabalhando de corretor, mas faiz seis meis que não vendo nada ... Tô aqui na luta dos aposentados pra vê

se melhora o nosso lado. O aposento não pode tá certo... Tem que lutá" (Entrevista 71).

- 12.3. "Com o dinheiro que recebi na aposentadoria fiz a casa. Sustentei 10 filhos; 8 já estão casados. Dois tã em casa e trabalham na cerâmica. São eles que ajudam os velhos deles a não morrer de fome. Porque o aposento de Cz\$ 800,00 cruzados é uma vergonha. Quando dá faço algum biscate que rende mais uns trocado, mas nem sempre dá, porque a mina acabou com a espinha... sofro da coluna e só faço serviço leve" (Entrevista 70).
- 12.4. "Com o aposento de meio salário não dá de vivê, eu mais a mulhé. Daí trabalho como guarda à noite num prédio de apartamento. Tô ali provisório porque eles dizem que eu devia de subi a escada pra olhá também lá. Mas a doença não deixa. (Sofre de pneumoniose e respira com muita dificuldade). Os filhos mais velhos não querem que o pai trabalhe. Mas eu saio de casa porque à noite esta doença é pior. Só posso dormir sentado. A falta de ar é muita..." (Entrevista 50).

13. Naturalização das Práticas

- 13.1. "O mineiro continua trabalhando porque apesar do salário ser defasado na mina ali ele tem que trabalhá menos tempo. E o tempo de 6 horas de serviço e é a aposentadoria nos 15 anos. Porque tem mineiro que tem condições de trabalhá aí por fora sem estar debaixo da mina, mas ele já tem determinado tempo de serviço de subsolo, vamos supor 8 anos, então ele pensa assim: "vou aguentar mais 7 anos e saio da mina novo ainda. Se vou trabalhar aqui fora é 30 anos". Então é que eles preferem mais a mina; só por causa desses dois motivos: as 6 horas, que é pouco e os 15 anos pra fazer a especial. Só por isso que amarra o mineiro" (Entrevista 4).
- 13.2. "Tem mineiro que já tem 10 anos, 11 anos, 13 anos ou mesmo 8 anos, então ele não prefere mais trabalhar em cima, porque o tempo dele ele vai perder. Os novos que chegam trabalham um ou dois dias na mina e caem fora. Hoje em dia ninguém tá mais pegando a mina" (Entrevista 5).
- 13.3. "O mineiro trabalha 6 horas e trabalhou um mês, ele não quer mais sair. Trabalha 6 horas e tem tempo pra descansar, a diferença de salário é maior. E com o pó

e o tempo ele perde as forças e a vontade, então não quer mais sair da mina, o trabalho dele ele faz e pronto, não quer mais sabê de superfície. Em cima não dá mais pra trabalhá, eu pelo menos não quero. Com o dinheiro da mina dá pra comê. Eu penso primeiro na alimentação da família. Se o indivíduo come bem, ele vive bem, mesmo que a vida não tá muito boa, ele vive conformado" (Entrevista 30).

- 13.4. "Trabalhá na mina tem que ser em baixo. Na superfície tem os encarregado pegando no pé o dia inteiro e o salário também baixa" (Entrevista 31).
- 13.5. "Tenho 8 anos de mina. Tô me prejudicando, já não sou o mesmo mas vou ficando porque não tenho outro jeito. Eu não estudei. Agora, se eu consegui um trabalho que me dá o salário da mina, eu largo" (Entrevista 34).
- 13.6. "O mineiro com seis ou sete anos de subsolo, ou se está doente, começa a se segurar e não reagem mais contra nada. Ele só tem uma idéia na cabeça: conseguir a especial" (Entrevista 58).
- 13.7. "Poluição? Aqui em cima? Não aqui não tem. Lá em baixo é explosivo, - é fumaça, é poeira, é mofo, é xilame (lama), é carvão... o mineiro respira carvão, come carvão... lá é brincadeira... lá que é sacrificado. Aqui em cima não. Aqui é normal. É como qualquer outro lugar por aí..." (Entrevista 26).
- 13.8. "Tem gente que costuma tá falando que o carvão enfeia a cidade. Isso não é verdade. A cidade é normal. Pode vê aí. Tem diferença dessa nossa cidade aqui, das outra? Não tem. Cidade é tudo igual. Tem carvão nas boca de mina. Mas, tem que tê. Nas cerâmica, não tem barro? Não tem telha, tijolo? Não tem azulejo, piso? Tem tudo isso aí! Nas minas tem carvão. Nas boca, nos lavadouros. Tem que tê. Eu tenho pra mim que isso não prejudica a cidade" (Entrevista 39).
- 13.9. "Tem poeira nas casas da gente que é por via do transporte do carvão. Mas isso daí é de sem vergonha que são os dono das minas. Tem lei da prefeitura que manda transportá o carvão em carga fechada, que é pra evitá de espalhá na estrada e levantá poeira. Mas eles não cumpre as leis. (Entrevista 6).
- 13.10. "Tem muita poluição da poeira do transporte. Aquela nossa rua lá os morador já fecharam mais de uma vez. Deu briga, veio a policia. Até levou gente presa. Mas eles podia fazer outra rua longe das casa, prá

transportá o carvão. Isso é sempre prometido que vão fazê, cada eleição eles promete que vão fazê, até agora ninguém cumpriu... Afora a poeira não tem problema... Lá onde eu moro não tem" (Entrevista 14).

13.11. "Eu moro na estrada geral que atravessa o bairro e por ali passa tudo que é carro e tudo que é caminhão. O ônibus, o coletivo percorre aí também. É esse o problema da poluição do carvão. A poeira negra do carvão espalhando na estrada, pelo desleixo das empresas, é demais. E poeira nos móveis, nas camas, nas roupas... a mulher acabou de lavá e estendê a roupa e daí há pouco já tá que precisa lavá de novo. A poeira olha, até nas comida em cima da mesa... se vai comê, tem que fechá as janelas, as portas pra evitá de comê poeira. Os morador lá já fecharam a estrada, mas solução definitiva ninguém conseguiu até hoje" (Entrevista 7).

14. As Práticas de Resistência nas Minas.

14.1. Desde a fundação do sindicato em 1945 até fins de 1957, estiveram na direção do sindicato só pelegos. Foi quando Antonio Parente assumiu a direção do sindicato e desbravou a luta de classe e mudou a imagem do sindicato. Um exemplo do peleguismo da época: em 1952 os mineiros fizeram uma greve. O presidente do sindicato na viatura da polícia ia dedando os líderes da greve. O pelego é aliado ao patrão. Sai do sindicato e sobe na hierarquia da empresa. Até 1957 o operário pagou a taxa sindical obrigado, porque o sindicato era como se fosse do patrão. O sindicato era subsidiário da empresa. Em 1957, quando os patrões sentiram que o sindicato mudou, passaram a impedir a fiscalização das frentes das minas, costume existente até então... (Volpato, 1984, 114).

14.2. "nas minas não há segurança, não vem me dizer que há, porque não acredito; começando pela ventilação. Na CCU, que tem a melhor segurança, eles estão em cima dos homens que não querem encrência pra cima deles. A nossa mina é brincadeira (CBCA). Na mina Criciúma, uma pedra parafusada caiu com parafuso e tudo, então não se sabe se ela tem ou não tem segurança" (Entrevista 21).

- 14.3. "Na segurança coletiva a empresa não investe, e transfere a responsabilidade para os empregados" (Entrevista 20).
- 14.4. "Quando uma mina fica muito perigosa deveria ser abandonada. Mas os patrões querem aproveitar todo o carvão. Não querem perder" (Entrevista 1).
- 14.5. "Eu saí da CCU e peguei na mina do Cachorro, ela já tem esse nome, que tinha um metro de altura. Eu tenho 1,75. Daí eu chegava em casa com febre, com as costas toda esfolada, eu só entregava a bolsa pra minha mulher e me deitava no assoalho mesmo e caía dormindo. Só depois que eu vinha ao normal pra poder conseguir jantar. E no outro era a mesma coisa. Então é desgastante. E é só por causa da família que a gente fica pensando que não pode deixar os filhos perecer, não pode deixar os filhos passar fome, remédio pros filhos, então a gente começa a botar aquilo na cabeça, onde é que a gente acaba se arrebatando tudo por causa disto" (Entrevista 4).
- 14.6. "A mina é um serviço pior que todos os outros. Não dá pra dizer que a mina é um serviço leve. Algum é leve, mas tem o perigo; tem o calor das máquinas; tem a poluição; tem também a doença, o pó nos pulmões. Daí porque eles tem de pagar mais, que é pra gente querer enfrentar tudo isso daí" (Entrevista 59).
- 14.7. "A empresa dá mais valor ao encarregado porque são 30 contra um. Quando o encarregado é ruim sempre se dá um jeito pra prejudicar, pra castigar até que troquem ele. Os engenheiros daí fazem uma reunião vêm que o setor está produzindo bem e trocam de encarregado. Tem também os segurança que cuidam mais de ver se a gente tá fumando que da segurança da mina. Mas os encarregado e os segurança são pagos pelos patrões. Daí não adianta reclamar do perigo, nem pro segurança nem pro engenheiro que também são pelo patrão. Ai é difícil muita vez por incompreensão do encarregado se leva gancho, pois o mineiro não quer enfrentar o perigo. O encarregado sempre tem razão. Com duas palavras ganha o engenheiro, ele tem mais vez" (Entrevista 18).
- 14.8. "A Diretoria da mina é boa mas não participa, eles tem ligação com os peões, não tem diálogo, vivem esbarrando no peão e não dizem nem "Bom dia!", eles só querem que o peão trabalhe e soltam os cachorros nos peões. Nós lá somos em 40 peões e somos trabalhadores, mas só lá em baixo da mina, porque aqui em cima, se

fizemos uma greve pra melhorá o nosso lado, então nós somos marginais, botam a policia a baté nos peão. Mas nós somos cidadão, temos família, não temos passagem na policia, mas eles não olham nois assim" (Entrevista 30).

14.9. "O patrão acha que nós somo pra trabalhá até que o nosso corpo aguenta; que nós somo como um carro que se usa e joga fora" (Entrevista 26).

14.10. "Os homens não conversam com a gente, não há diálogo; eles gritam, brigam, dão em cima do peão para que ele fique revoltado. E daí, é da revolta que eles criam as greves. O nosso salário é baixo, todos sabem. Isso é salário pra peão viver? (na época, aproximadamente 2,5 salários mínimos). Nós devia tá ganhando o dobro. Nós estamos ganhando uns 20 mil. O que é 20 mil? faz um rancho e se tem 4, 5 filhos, menos de 10 mil não gasta. Eles vão dizer, que para os peão está bom, tudo está bom! Mas eles põe 40, 50 mil no bolso e saem contentes no carro deles e o peão sai dando chute nas pedras, com raiva deles, dizendo tudo que é praga, com raiva do patrão" (Entrevista 31).

14.11. "A relação é muito mal entre os mineiros e os encarregados. Não sei porque eles tem pressão do patrão, eles não tratam bem. Tem que tirar aquela tabela, às vezes não dava, mas eles não queriam nem saber. Davam gancho, supendiam dois, três dias, descontavam os dias. Eles massacravam a gente, queriam que a gente tirasse a tabela, mas não tinha condição. Tem muita gente que foi pro Rio Maina (casa de saúde para doentes mentais) que não aguentaram. Podia ser diferente se os encarregado ouvisse a gente. As vezes a gente tava aí com o carrinho trancado e a gente pedia ao engenheiro, ao encarregado: "dá uma mão aí" e eles diziam: "te rala, não estudaste, te rala, faz força aí" (Entrevista 5).

14.12. "A gente vê que pros patrão a gente não é nada. Eles nunca deram uma festa pra nós. No dia 1º de maio, as empresas aqui de fora, as cerâmica por exemplo dão festa, dão churrasco pros operário. Na mina é até uma vergonha. Na CCU faz dois anos fizeram os mineiros ajuntá caixa de dinamite pra vendê e fazê a festa. E vendiam ferro velho também. Na Catarinense, faz 8 anos deram um garrafão de vinho. Fiquei tão contente porque vi que se lembraram de mim! Agora ninguém lembra de nada, não se lembram dos mineiros. Eles se lembram é de ficar rico. Nós temos uma associação, pagamos uma micharia, mas pagamos o ano todo só para essa festa e

eles não fazem nada. A última festa foi em 1983 na SCAN. Se eles fizessem uma festa pra gente os mineiros ficava mais disposto pra se arriscá lá debaixo da mina. Eles fazem é festa pros engenheiros, pros peixinho deles, pra nós eles nem olham, eles nem sabe quem nós somos, como é que vão se lembrá dos mineiros? (Entrevista 25).

14.13. "Se eu faço a minha parte o engenheiro ou o encarregado não tem nada a reclamar. Mas tem mineiros que reclamam dos encarregados. Tem mineiro que não topa a cara dos encarregado. Ah! isso sempre tem!" (Entrevista 32).

14.14. "Se o peço tratar bem o encarregado será bem tratado; se tratar mau se eles é encrenqueiro, também será mau tratado" (Entrevista 36).

14.15. "Eu não tenho nada contra os encarregados. Não tem bom nem ruim. Os operários sendo honesto, fazendo o seu trabalho não tem encarregado ruim. O próprio operário faz o encarregado. O que está ruim na mina é o salário que está muito baixo, é muito pouco" (Entrevista 38).

14.16. "Cada um procura fazer o serviço que tem. O lado ruim disso é o encarregado. Eu nunca fui com a cara dele; alguns gostam dele - são os "puxa-saco". Em matéria de serviço estão sempre puxando pelo lado do patrão. O patrão está na mordomia, lá em cima. Pra se dar bem com o encarregado é ter intimidade com eles, mas eu nunca fui assim, nunca conversei com o encarregado; há muitos que gostam de agradar - é o medo de ir pra rua; são dedo-duro" (Entrevista 35).

14.17. "Existe engenheiro e encarregado bom e ruim. O engenheiro precisa de ser carinhoso; antes de tudo saber conversar com as pessoas. O mineiro tá lá em baixo, cansado, trabalhando, o suor escorrendo. E preciso chegar e conversar e não chegar e meter a cara e dizê - "fulano tá errado, vai fazê de outro jeito". Deve chegar e perguntar com carinho. Isso foi comentado lá em Brasília e disseram que tem um bom engenheiro que faz isso, mas nós não conhecemos eles. Os encarregados são assim, eles querem produção, não querem nem sabê de mineiro. Nós achamos que todo cidadão gosta de ser tratado com carinho." (Entrevistas 26 e 27).

14.18. "Um tempo atrás os mineiros aceitavam tudo isso aí - a opressão, exploração, maus tratos - e procuravam se acomodar porque existia muito peleguismo. Existia

aqueles mineiros que era favorável ao engenheiro, muito pelego mesmo, então eles aceitavam tudo. Faziam com que aquele que não era pelego também tinha que aceitar, mas a gente não aceitava. Então aqueles que não era pelego começou a botar nas cabeça dos pelego que assim não dava pra continuar. Hoje ainda existe bastante pelego mais o clima de resistência é maior por parte dos combativo. Os combativos, o número é maior do que os pelego. Daí que a gente consegue a resisti melhor. Hoje tem o sindicato que apoia o mineiro. Uma das práticas de resistência é denunciar no sindicato. Além disso outra coisa que a gente faz é conversar com os companheiros que temos que fazer alguma coisa pra melhorar. Mas tem muitas que não aceitam" (Entrevista 4).

14.19. "Quando o serviço é perigoso eu não vou, não faço; eles mandam os novos que tem medo de punição" (Entrevista 25).

14.20. "Quando vejo que o serviço é perigoso eu tento conversar com o encarregado, mas se ele insistir eu não faço; se tem uma pedra grande pra escorar ou pra derrubar eu não faço. Já tive muitas discussões com o encarregado por isso. Eu sou visado pelos homens que não é brincadeira" (Entrevista 18).

14.21. "Quando o encarregado pede um serviço que não tem condições qu não faço, os inocentes, os novos que vão fazer esse tipo de serviço. Os acidentes acontecem com os inocentes que são mandados pra frente do perigo que não sabem ou com medo da punição fazem o serviço" (Entrevista 15).

14.22. "O mineiro, ele faz corpo mole quando tem um perigo de pedra, da caimento. Então ele faz corpo mole pra não ir. As vezes ele é suspenso. Aconteceu também na CBCA que os operários se combinaram a fazer uma operação tartaruga porque o salário estava muito defasado. Então foram pedir aumento na vagoneta do carvão. Pagar a vagoneta mais cara um pouco. Foi baixada a produção. De 11 baixaram pra 7 carro; daí não foram atendidos baixaram pra 4 carros, pra ver se o patrão cedia e vinha negociá. Os patrão, eles só pensam é no lucro deles" (Entrevista 6).

14.23. "Na base do pedido não dá, o peão tem que por os pés. Se não botar os pés ganha; eles não querem fazer uma coisa legal, eles querem que o cara esteja sempre revoltado. O peão de uns tempo atrás tinha mais coragem, brigava mais, eram mais unidos; agora não:

uma parte pende para o patrão, outra se une. No nosso setor que são uns 400 homens, tiramos uns 50 e o restante é a favor do patrão. Isto porque há falta de serviço, o peão tem medo de ficar desempregado. Os mais velhos na mina lutam, tem mais consciência sabe que se deixar fica pior. Os novos não tem consciência do perigo e da doença que virá. Os velhos se reúnem, falam sobre as condições de trabalho e vão até a greve" (Entrevista 30).

14.24. "Quando eu trabalhava na mina (hoje é aposentado por invalidez) eu todo dia reinava com os encarregado, que me botassem na rua, mas eles diziam que se eu quisesse que tirasse a saída, então eu não saía pra não perder os direitos. Quando mandavam fazer um serviço perigoso eu não ia. Tem muitos que ficam bravo contra o patrão e contra o encarregado mas acaba logo. Tem muitos que já estão cansados do serviço querem um dia de folga daquela poeira, aí dão um jeitinho de quebrar a bobcat, então eles param aquele meia horinha. Quem trabalha na bobcat fica com as costas junto do motor e esquenta muito e eles ficam agoniados pra sair dali. O furador quando está aborrecido quebra o martelo, eu já fiz isso muitas vezes. Quando se trabalha o dia inteiro não dá nem pra pedalá a bicicleta e vir pra casa. Nas frente não dá pra pará nem um pouquinho pois os outros serviços estão adiantados; só dá pra pará quando a gente tá adiantado" (Entrevista 45).

14.25. "Os mineiros quebram as máquinas para não trabalhá e ficam daí 1, 2 horas parado; os peão põe pedra nas máquina pra pará um pouco; mas aí quando quebra a máquina, os prejudicado somos nós; quando tem boa produção melhor pra nós" (Entrevista 18).

15. Resistência nos Sindicatos.

15.1. "No próprio sindicato o advogado dava aulas sobre leis trabalhistas e os representantes do sindicato nas minas levantavam os problemas como falta de ar, linhas de madeira, diferença de salários. Isso então era resolvido na justiça, ou em acordo. Quando, porém, o problema era muito grave, então se ia pra greve. As assembleias eram preparadas nas minas. Os líderes das comissões sindicais explicavam, os mineiros discutiam. Em cada mina havia três a quatro setores, presididos por uma líder. O sindicato fazia questão de instruir a comissão. E a comissão que estava mais perto dos operários instrua e sondava o parecer dos operários. A diretoria do sindicato era informada pelas comissões.

Era ali, nas comissões de minas, que se escolhiam os candidatos para as chapas de dirigentes sindicais, que depois, na assembleia, eram aprovados ou não. Já iam pra assembleia muito discutos e antes da assembleia os dirigentes dicavam conhecendo as opiniões dos mineiros.

O presidente do sindicato naquela época era forte. Mas era forte porque tinha um exército atrás de si, que eram os mineiros. E como um presidente da nação, sem exército não é nada, é como qualquer um. Isso, do lado do sindicato, porque os patrões também orientavam e preparavam o lado deles" (Entrevista 65. Volpato, 1984, 119).

A N E X O 4

IDENTIFICAÇÃO DOS MINEIROS ENTREVISTADOS

Número de Ordem	Nome (Iniciais)	Idade	Anos de Mina	Número de Filhos	Funçã o	Profissão do Pai
01	A.S.	32	12	03	Mecânico	Agricultor
02	J.P.S.	29	08	02	Ajudante de Mecânico	Mineiro
03	J.M.F.	48	07	03	Foguista	Industrial
04	O.M.	32	11	03	Furador Teto	Agricultor
05	A.S.L.	28	07	03	Puxador	Agricultor
06	D.F.	31	09	Solt.	Eletricista	Mineiro
07	A.S.	30	07	03	Furador	Mineiro
08	A.R.	24	03	01	Puxador	Mineiro
09	B.F.	25	04	02	Manobreiro	Agricultor
10	M.S.	30	07	02	Mecânico Bobcat	Func. Publ. Braçal
11	L.D.	33	12	04	Puxador	Mineiro
12	V.P.C.	25	03	Solt.	Mecânico Cabos	Barbeiro
13	A.M.	31	09	03	Eletricista	Mineiro
14	G.D.	30	09	03	Cabista	Mineiro
15	L.S.N.	38	16	06	Puxador	Mineiro
16	I.V.	36	14	03	Manobreiro	Agricultor
17	A.M.	26	02	02	Furador-Ajudante	Mineiro
18	L.C.M.	23	02	02	Eletricista	Mineiro
19	A.M.	31	09	01	Mecânico	Mineiro
20	P.R.V.	25	05	01	Técnico Min.	Mineiro
21	A.S.	30	08	02	Furador	Mineiro
22	J.F.	28	07	02	Motorista Bobcat	Serrador
23	L.G.R.	40	10	06	Puxador	Agricultor
24	J.L.P.	26	06	03	Eletricista	Mineiro
25	M.M.	32	12	04	Mecânico Bobcat	Mineiro
26	V.B.	26	06	01	Puxador	Mineiro
27	A.A.R.	45	11	05	Puxador	Agricultor
28	J.J.M.	48	05	02	Puxador	Agricultor
29	L.M.	42	Esposa	02	Cozinheira Rest.	
30	J.P.O.	39	14	03	Furador	Mineiro

Número de Ordem	Nome (Iniciais)	Idade	Anos de Mina	Número de Filhos	Função	Profissão do Pai
31	V.M.J.	39	09	07	Madeireiro	Agricultor
32	J.P.S.	24	03	01	Mecânico	Mineiro
33	H.S.	29	05	01	Ajudante Furador	Barbeiro
34	J.L.C.	29	03	01	Operador e Mecânico	Mineiro
35	J.M.C.	31	03	02	Servente	Mineiro
36	C.H.	36	14	03	Servente	Pintor/Parede
37	V.S.	32	09	04	Coringa	Mineiro
38	M.G.	44	10	04	Puxador	Colono
39	L.M.	41	13	04	Madeireiro	Mineiro
40	A.F.	41	04	03	Puxador	Diarista
41	A.S.	41	04	03	Queimador	Mineiro
42	M.C.	38	04	03	Servente	Motorista
43	A.	37	05	03	Operador Máquinas	Mineiro
44	V.S.	30	06	02	Furador Teto	Motorista
45	R.S.	30	05	03	Furador Frente	Mineiro
46	M.S.	33	Esposa			Mineiro
47	J.J.S.	63	15	10	Mineiro Aposentado	Pescador
48	D.S.	66	16		Mineiro Aposentado	Mineiro Aposentado
49	V.J.P.	61	15		Mineiro Aposentado	Pescador
50	B.V.S.	57	25	07	Mineiro Aposentado	Ferreiro
51	A.C.	35	04	04	Min.Acid. Perna Amp.	Mineiro
52	L.J.L.	60	20		Mineiro Aposentado	Agricultor
53	J.M.	57	18		Mineiro Aposentado	Agricultor
54	A.J.	62	16		Mineiro Aposentado	Agricultor
55	J.P.	58	21		Mineiro Aposentado	Mineiro
56	M.V.	63	16		Mineiro Aposentado	Mineiro
57	P.R.	56	15		Mineiro Aposentado	
58	P.A.	29	07	02	Com. Correia	Mineiro
59	A.H.	34	13	04	Operador Máquinas	Lavrador
60	J.S.	58	16	06	Mineiro Aposentado	
61	D.F.	65	45	07	Mineiro Aposentado	
62	L.D.	61	18	08	Min. Apos. Inval.P.2	Mineiro

Número de Orde	Nome (Iniciais)	Idade	Anos de Mina	Número de Filhos	Função	Profissão do Pai
63	M.S.	33	Esposa			Mineiro
64	M.M.	60	05	06	Aposentado Acident.	
65	J.F.	55	15	11	Aposentado	Mineiro
66	J.M.	45	16		Encarregado	Mineiro
67	Entrevista Coletiva					
68	J.S.	37	13	04	Encarregado	Mineiro
69	P.S.	29	08	02	Furador	Mineiro
70	D.S.	63	23	10	Mineiro Aposentado	
71	R.V.	68	29	04	Mineiro Aposentado	Mineiro
72	A.M.	65	21	06	Mineiro Aposentado	Mineiro
73	A.R.	61	20	05	Mineiro Aposentado	Mineiro

A N E X O 5

Entrevista com o Mineiro ROBERTO e sua esposa, IRENE. Ele, aposentado por invalidez após um acidente de mina que lhe provocou cegueira.

(Esta entrevista foi relatada na íntegra, por representar uma realidade específica e simbólica da situação dos mineiros inválidos ou vítimas de acidentes)

P - Sr. Roberto, eu gostaria que o Sr. me contasse a sua história como trabalhador.

R - O meu pai foi mineiro; meu pai trabalhou 25 anos dentro da mina, só que naquele tempo era diferente né, era por intermédio de vagoneta, eles que derrubavam o carvão, eles mesmos limpavam, eles mesmo tiravam. Era toda manual, então não tinha assim poluição, não tinha fumaça, não tinha o perigo da banana, era um serviço mais garantido, eles mesmo que faziam o escoramento que eles furavam. Não tinha o perigo de pedra como tem agora, que agora é só por intermédio de uma cruzeta que segura ela. Cruzeta de 0,50m de comprimento por 0,10m de largura, então é só aquele parafuso ali de 1.70m que segura aquela pedra, e antigamente era as prumadeiras, o prumo né. Então agora é por mecanizada é a mais ruim; mais ruim porque dá muita fumaça, dá poluição, muita água. Tem embaixo da mina: tem água, tem assim... tem muitos lugar que as vezes é perigoso de furar; o cara não vai, muitas vezes o patrão obriga o cara a entrar. Porque eu era furador. Tem um porção de função na mina. Tem o furador, tem o detonador que trabalha com explosivos, tem o outro furador de teto. Isso tudo aí são os serviços perigosos; porque então muitas vezes, o serviço que o cara faz, não tem condições de fazer; o patrão obriga o cara a fazer, por isso, então, que as vezes dá muita morte, às vezes o cara morre embaixo da mina. Um pouco o culpado é os encarregados; o encarregado que às vezes obriga o cara a entrar. Eu fui um que ajudei a tirar companheiro morto embaixo de mina, já vi companheiro desmaiar por causa de mofa de banana, assim por causa de fumaça, tudo isso aí eu já vi, acontecer. E também tem a fundura do poço. A mina Criciúma tinha 122m de fundura pra baixo do chão né; essa aqui tinha 75m; aí a gente tinha que baixar todo dia aqueles 75m de fundura ali.

A mina não é boa. Você já viu falar muitas vezes assim: "o cara para trabalhar numa mina arriscando a vida como o cara arrisca, porque o cara sai de casa vivo e não sabe se volta né". Porque um dos serviços mais perigosos que pode existir é a mina. O cara tá lá, o cara pega o pó no pulmão

prejudica a saúde; às vezes quebra uma perna ou a espinha, fica sem preste; também como o caso da cegueira. Isto tudo prejudica. Então a mina era um dos serviços que era pro cara ganhar bem, e o cara não ganha bem.

Como eu falei, meu pai foi mineiro e ali se aposentou. Aos 21 anos me fíchei e baixei a mina. A cabo de dois anos passei a furador. Até o dia do acidente fui furador.

O serviço mais perigoso da mina é do furador; é do furador porque o furador tá furando uma frente de serviço, ele não sabe que às vezes tem uma banana falhada ali, ou se tá lá em cima, não se sabe onde é que tá. Tudo que é serviço da mina, tudo que se faz na mina é perigoso. A partir do eletricista até o mecânico. Não tem serviço bom; na mina não tem. Até do encarregado. Eu já vi morrer embaixo de mina, até encarregado.

P - Sr. Roberto, o Sr. poderia me contar como foi o seu acidente?

R - O meu acidente: eu tava furando uma pedra, nós chamamos dique, uma pedra tipo vidro. Tava furando uma pedra e no último furo tinha um fogo falhado e eu não vi esse fogo falhado; era uma banana. Tinha quatro bananas no furo e uma espoleta comprida de alumínio; então eu tava furando ali, faltava o último furo prá eu vir embora e a broca pegou naquele furo, naquela espoleta; não sei onde é que tava, se era do outro lado, eu não sei onde é que tava. Não vi, nem eu sei contar direito como é que foi porque eu estava trabalhando sozinho; tava sozinho no serviço, e deu um fogo, uma explosão fora de hora. Veio gente de tudo quanto é lugar da mina. "Pode vir que machucou alguém". Então como eu tava contando, eu tava furando. Quando foi pra vir embora, foi esse aí, pegou em cima da banana e detonou. Detonou em mim, eu segurei o fogo todo em mim, não me jogou pra trás nem nada. Então eu segurei tudo, porque eu levei um corte aqui na coxa. Eu não sei se foi da pedra ou do martelo, porque na hora que aconteceu tudo isso eu fiquei no escuro. Eu fiquei com os sentidos ainda, mas falavam assim pertinho de mim, representava que tavam falando lá longe. Na hora que eles me colocaram deitado em cima de um papelão embaixo da mina, que eles falavam comigo, eles estavam falando pertinho de mim, então aquele som deles representava longe, e eu com a mão no peito, perdendo muito sangue da perna, um corte aqui no queixo, na perna e na canela. Eu vi a hora que um companheiro disse assim: "O esse aí tá morto", só o que eu ouvi foi assim: "esse aí tá morto". Então eu saí dali embaixo na maca, botaram no jipe, porque da onde nós tava prá vir até na gaiola dava uma hora e meia, debaixo de mina. Então

quando eu cheguei no hospital ainda eu fui perdendo sangue daqui até lá. Cheguei lá no hospital, o hospital tava de greve e não queriam me atender na hora. Aí tinha um parceiro meu, me tiraram de dentro da combe, me botaram lá pra dentro e disse: "ó, atende o rapaz aí que ele tá mal; tá mal por causa que ele perdeu muito sangue, tá esgotado já". Daí tá, me botaram lá, me cortaram a roupa que eu tinha, me deixaram lá e o médico veio e me deram injeção num braço e no outro, me lavaram, só me acordei no outro dia. No outro dia me acordei, já tinham feito a raspagem né, me tiraram um pouco das pedras, foi só isso aí que eu me lembro. O acidente foi as 15 para as 11 da noite; eu largava a meia noite, era véspera do dia dos pais, nós ia largar mais cedo para vir embora com a família. Isso foi num sábado era 15 pras 11 da noite a hora que eu me machuquei.

P - Sr. Roberto, o Senhor depois viu as consequências do acidente; como se sentiu quando notou que ia ficar cego?

R - Ah! isso aí é como, foi a mesma coisa que eu perder a minha a minha vida, né. A hora que eu senti assim, que o médico já na hora, ele não sabia também, né, porque o médico nunca dá os prognósticos: - se o cara vai enxergar ou não. Então um outro dia eu perguntei pra ele: "Dr. que tal?" Ele falou assim: - "uma vista tua tá perdida, que é a esquerda, e a outra nós vamos tentar recuperar", mas aqui não tinha o aparelho certo. Então fui pra São Paulo. Gastei tudo por minha conta porque a companhia não me deu nada. Nem o INPS; não me deram nada, então fui prá lá, gastei por minha conta, fiz lá em São Paulo a coisa toda. Lá os médicos me enganaram. Então quando eu recebi a notícia ali que eu não ia enxergar mais ... quer dizer pro cara foi um choque né, porque eu enxerguei até 28 anos; dos 28 anos pra frente não ia enxergar mais; o cara fica desesperado né. Então tem que se conformar né, não tô ainda conformado, tô um pouco revoltado ainda. Eu me conformo um pouco ainda, me conformo; o cara tem que se conformar porque não aconteceu só comigo né, aconteceu com muitos aí. Eu também tenho um tio que faz 28 anos que é cego da mina também então eu me conformo, muitas vezes ele dá assim um conforto pro cara né, porque perdeu as vistas mas não perdeu a vida; porque o importante, eu acho, que prá gente que tá nessas condições assim, o importante é tá presente na família; eu tô aqui vendo, não vejo mas escuto meus filhos falar, meus filhos conversar, brincar, vejo a voz da mulher e se eu tivesse morrido não, né. Se eu tivesse morrido eu tava longe deles e eles tavam mais sentidos, do que eu tô assim. Eles me ajudam tudo quanto é coisa que eu quero; eu não posso fazer, eles me fazem; então eu acho que o mais importante é a vida do cara. Se tivesse que me ajudasse eu tinha muita vontade de ir

assim... prá não perder a esperança, diretamente, pra fora, assim, Estados Unidos, vê, quem sabe, às vezes, para Deus nada é impossível, que o cara podia voltar de lá, não enxergando bem, mas um pouquinho, pelo menos para ver a minha família, né. Eu gostaria, era isso aí, mas não dá. Não tenho apoio de ninguém, ninguém se interessa, então eu não posso sair. A mulher também está doente, a mulher esgotou-se comigo; o cara tem que deixar por isso aí mesmo, né.

O médico aonde eu tive, o último médico que eu tive foi lá em Campinas; o médico de lá ele disse pra mim que eu não ia enxergar mais, eu não ia voltar a enxergar mais. Talvez daqui mais uns tempos, que a medicina tá muito avançada, talvez se viesse um aparelho que fizesse um transplante de nervos, que o meu foi o nervo ótico. Se viesse um aparelho que fizesse um transplante de nervo talvez eu ainda voltasse a enxergar um pouquinho...

Mas o mais importante é a vida. E a vida, porque a vista isso aí o cara tem que deixar na mão de Deus. Vamos ver, seja a vontade dele, um dia quem sabe, o cara volta a enxergar; mas eu sou muito revoltado...

P - A sua revolta Sr. Roberto, é contra o quê?

R - "- Olha, eu sou revoltado por causa que era pra ter no serviço, (tinha que ter mas, eles não fazem, por causa que eles são senvergonha) prá ter um cara no serviço pra ver o fogo falhado e avisá: - "ó aqui tá falhado"! Pro cara não furar. Mas não, eles não fizeram nada daquilo ali. Se o cara não fura, eles põe pra rua, ou talvez eles dão gancho pro cara. O cara leva prejuízo tal, tudo isso aí. Então a minha revolta é disso aí: era pra ter um ali pra ver, pra cuidar, pra ver a segurança do serviço e da mina. Muitas vezes a mina não tinha segurança, não tinha uma pessoa que olhasse ali o serviço pro cara furar. Então minha revolta é isso aí!

P - Dona Irene, a Sra. gostaria de falar alguma coisa? O que a Sra. setiu quando viu que o Roberto não ia mais enxergar, como ficou a vida?

R - A vida ficou difícil né, porque já pensou ele ficou igual uma criança né, porque quando tava com as vistas ele era um homem perfeito, ele sala sozinho, ele trabalhava, ele chegava em casa, ele dava uma mão pra mim, né, e depois que passou a ficar cego das vistas né, então a luta pra mim foi maior, é mais um pra mim cuidar né, porque... vê, a comida, tem que ser na mão pra ele; a roupa tem que ser no lugar certo porque talvez ele põe até do avesso porque não atina,

sabe; nesses dois anos de cegueira, desse acidente, ele não aprendeu nada ainda. Ele anda dentro de casa, ele esbarra nas coisas, né e tem que ter toda vida uma pessoa assim com ele pra cuidar porque ele mexe assim nas coisas perigosas. De vez em quando tô pegando ele numa tomada, porque ele foi um homem impaciente toda a vida; ele não tinha sossego, sabe... então pra mim é uma luta muito grande; pra mim, é difícil mesmo; porque eu saio pra fazer as voltas mas tenho aquele pensamento nele, sabe. Talvez chegar em casa... tenha alguma coisa errada, alguma coisa que ele se machucou, pior do que ele já tá; então pra mim isso é uma luta grande.

P - Sr. Roberto e Irene eu gostaria que me contassem como é o dia-à-dia de vicês?

IRENE - O dia-a-dia nosso é todo odia a mesma coisa.

ROBERTO - E, todo o dia a mesma coisa, toda vida a mesma.

IRENE - E, tu tem que ir pra cá...

ROBERTO - A mesma agitação toda a vida, né.

IRENE - O caso dele né, onde é que eu vou ele tá atrás de mim, o assunto o pensamento, ele diz: "Se a gente ganhar mais um pouquinho, mas, pra ter uma vida melhor né"; então a gente acha assim, pensa no dia de amanhã, sabe, já a gente pensa assim, "bá, hoje trabalhamos tanto", amanhã... no custo de vida que tá, amanhã o que vai ser da nossa vida, né? No estado que ele tá, do jeito que ele tá, cego dessa maneira, aí né, eu só peço a Deus que eu viva muito tempo pra cuidar dele, porque se acaso eu já disse pra ele, se eu morrer, coitado dele, ele vai sofrer e os filhos vão sofrer também né, mas o nosso canto, o dia-a-dia é toda a vida a mesma.

ROBERTO - O dia-a-dia é toda a vida a mesma coisa, toda a vida assim, uma luta.

IRENE - Eu me levanto cedo, todo dia é 6 horas. Meu horário é 6 horas às vezes antes porque a guria sai 7:15 de casa pra ir pro estudo. Eu trabalho o dia todo, é do tanque pra casa, pro quintal, depois as voltas; tudo comigo né, as contas que eu pago, a luta é grande, todo o dia a mesma coisa.

P - Vocês vão passear algumas vezes?

IRENE - Só em fim de ano que a guria pega férias, então nós vamos lá pra minha família, que a minha mãe é da roça. A

gente passa uns 10, 12 dias por lá, sabe. A família é muito unida, o que é deles é nosso, sabe. Se eu não tivesse a minha família aí, não sei o que seria da minha vida. Eu gosto da família dele, tudo, mais não é aquela família que dá aquele apoio.

ROBERTO - E eles pensam: "Deus prá eles e o diabo pros outros".

IRENE - Tá certo eles são pobre que nem a gente, não tem da onde tirar; já falei pra eles, o fulano, minha sogra, meu sogro, a gente não quer dinheiro. Como tirar se eles são pobre igual a gente. A gente quer apoio.

ROBERTO - As vezes eu não posso fazer a arrumação da casa, de cerca, essas coisas; encanamento d'água eu não posso fazer; eletricidade não posso fazer; então às vezes o cara precisa de um apoio; eles não dão apoio, eles não vêm fazer. Então, às vezes, um pouco da minha maior revolta e isso aí que eles vem aqui conversar com a gente por vir; não assim por interesse de me ajudar, de me querer bem, não. Acho que não. Porque se um pai e uma mãe que querem bem um filho, na situação que eu tô agora, tô precisando mais deles do que qualquer outro irmão. Aquele apoio que eu precisava dele, eles não dão. Eles me levam aí pro médico mas eles cobram. Como eu tenho um cunhado que cobrou; me levou 22 vezes pro hospital e me cobrou. Naquela época eu não tinha condições, mas eu paguei pra não ter falação. Não falam direito pra mim, que eu não enxergo, falam pra ela, falam pros outros, então um pouco da minha revolta é isso. Vem aqui, fazem aquela chorassada, eles acham que o cara é bobo. Eu não sou bobo, não. Sou um cara que escuto muito bem. Sei o jeito deles. Eu vou, às vezes, a um divertimento com eles; eles procuram distância de mim. Eu já sou assim com esses preconceito, então, eu fico assim imaginando na minha cabeça, que eles estão me desprezando, porque antes não era nada disso. Eu vou com eles a um casamento; eles me desprezam, eles ficam lá longe de mim, eles não chegam perto de mim. A metade dos meus parentes, ela (a mulher) não conhece; tio, primo, ela não conhece, lá no sertão do Imarui. Nós fomos a um casamento em Capivari uma vez, lá dum primo. Eu cego assim; fui falando, gritando pra eles vir, então eles vieram. Então eu tenho uma tia que foi a primeira que me conheceu, que veio ali e conversou com nós, que me apresentou pra ela (a mulher), não pra mim, que eu já conhecia, pra ela: - os tios, as tias, os primos, tem uma família muito grande. E a minha família, estavam lá retirados, lá fora brincando, farreando. Eu lá, andando assim com ele, igual um ... Se não fosse essa tia eu ficava lá igual um estranho; então um pouco da minha revolta, às vezes é por causa disso. Eles eram pra chegar e dizer: "Não,

tu não enxerga mas vem aqui", já era alguma coisa, eu já me sentia uma pessoa feliz. "Vem aqui, leva ela lá; esse aqui é teu tio, essa aqui é tua tia, tua prima, tal, tal, - tá tudo bem?" Mas não, nem isso eles não fazem; às vezes nós estamos reunidos ali em casa do pai, 1º do ano, ou Natal, nós estamos reunidos. Ali eles saem tudo, deixam eu lá sozinho, assim, igual uma pessoa, já vou dizer, uma pessoa retardada. O que é que custava eles me pegar no fim de semana, se não quizesse levar ela, levava eu. "Vamos dar uma volta lá na casa dos parentes dos tios"; eu já me sentia bem, esquecia dos problemas tudo. O cara saindo, conversando, ele se esquece, desaparece, batendo papo com um, com outro, então o cara se esquece dos problemas todo. Eu aqui não. Se muitas vezes não saímos de casa então eu fico mês e mês, dias e dias, sentado naquela cadeirinha ali, só imaginando coisa, pensando coisa, então quanto mais eu penso mais fica difícil, mais agitado, mais nervoso, e muitas vezes eu sou nervoso aqui em casa, com um filho, com uma filha. Até a própria mulher não pode falar comigo que eu já brigo. Então isso tudo aí já é revolta do cara, é a minha imaginação. Ele devia de ajudar, vim aqui, perguntar: "Filho, o que é que tá precisando aí?" - "Ah eu tô querendo fazer uma cerca, uma coisa aí" - "Não, deixa que eu venho fazer", nem isso. Se tivesse o apoio da família, o cara vivia mais confortado. Eu só tenho o apoio da mulher, que faz tudo pra mim; eu tenho que me depender dela. A minha vista é ela.

P - Senhor Roberto, o Sr. falou também de outros acidentes. Podia contá-los?

R - No dia que eu me acidentei, outro parceiro nosso atorou uma perna na mina. Ele tava furando teto e no ele embocar o martelo, a pedra rachada veio, pegou ele, atorou a perna.

Teve muitos outros também que se machucaram, teve outros também que morreram em mina. Teve um companheiro aí, que até tiramos a carteira juntos, que é falecido, acidentado de mina. A turma tiraram ele em pedaço; esse foi fogo que arreventou ele, arreventou todo. Ele já era velhinho de mina, mas ele tava no seguro e foi operado de uma úlcera; então ele parou 6 meses na caixa e depois voltou a trabalhar. Quando ele voltou a trabalhar, fazia um mês ele tava trabalhando, botaram ele queimar um serviço pra baixo de onde nós tava, mais 12 m de fundura, que eles abriram outro poço pra baixo; então botaram ele a trabalhar ali; ele tava sozinho, tinha que queimar 19 fogo; pra queimar 19 fogo uma pessoa sozinho no meio da fumaça não é fácil. Tinha que subir por uma escada e ele se esvaretoou-se, e foi subir a escada e o primeiro fogo pegou ele. Ele ficou por baixo do carvão todo, aquilo tudo caiu em cima dele; mas cada fogo

que pegava jogava ele prá cima e voltava prá baixo. Com 19 fogo detonando num homem, arreventou tudo. Até eles foram com uma pá lá pra limpar, tirar ele de lá; então tiraram ele tudo em pedacinho e levaram pra rua. Foi uma época até que nós andava meio revoltado, meio com medo, por causa que um troço desse nós, eu nunca tinha visto na minha vida. Mas, nunca fiquei com medo, não tinha medo assim de trabalhar, não tinha medo. O maior medo do cara, a maior dó, assim, era de ás vezes isso acontecer com o cara ou com o parceiro do cara. Mas medo de trabalhar assim no serviço não tinha; podia trabalhar em qualquer lugar sozinho, no escuro que eu não tinha medo.

P - O Sr. quando trabalhava não tinha medo. Hoje, quando olha prá trás e vê o que aconteceu? O que o Senhor diz do trabalho na mina?

R - É perigoso. Antes que eu trabalhava não tinha medo de nada, e agora no que eu tô vendo, no que eu me coloco agora, minas não era nunca pro cara pegar. Não era nunca pro cara dizer assim: "vou baixar uma mina". Não, o cara não devia pensar assim, baixar uma mina, porque o cara só é bom, só tem valor pro patrão se o cara tem saúde. Tá bom de trabalhar" Tudo bem! O cara adoeceu? Acabou-se o homem! Ninguém ajuda nada, ninguém faz mais nada pro cara. Então o cara fica assim inutilizado pro resto da vida e acabou-se o homem! E eles estão ganhando o deles, e o cara fica aí sem préstimo, sem podê fazer nada. Eles não juntam nem uma colher se o cara deixa cair e não puder juntar.

A vista o cara perdeu. O cara não recupera mais, mas era prá eles considerar, prá pagar mais pro cara, porque ele ficou sem preste. O cara não ganha mais um tostão nenhum, então eu acho que eles deviam dizer assim: - "Não, ele ficou sem preste, vamos dobrar mais um pouco o ordenado dele". Então se eles dessem uma condição mais de vida pro cara viver, melhorasse mais um pouco o ordenado do cara que tivesse condições de manter a família num padrão mais melhor, eu acho que eu tava muito mais conformado. O cara fica assim ganhando uma micharia. Eu ganho 4.200 cruzeiros (salário mínimo) com três filhos... O cara tem três filhos, neste custo de vida que nós temos hoje, então o cara só tem às vezes que se desesperar mesmo. Porque o cara só vê em televisão, no rádio o aumento de tudo que é coisa e o aposentado acabou-se. Uma das classes rebaixadas que tem é o aposentado. Muitas vezes eu tô sozinho, eu tô pensando não em mim, tô pensando é nos meus filhos. "Pô isso aí vai aumentando cada vez mais, e eu sem poder trabalhar, sem poder me virar"; eu penso o que é que vai ser amanhã, o futuro dos meus filhos?" Vai o estudo, vai uma roupinha, vai

outra coisinha, vai outra, uma colocaçãozinha pra eles; então isso eu viro a pensar. Isso tudo mexe com o cará, porque se eles dessem condições boas, tudo bem eu tô... isso aí tá... Eu gostaria que eles estudassem, que eles tivessem uma boa profissão né, prá eles nunca pensar em trabalhar em mina. O que eu sempre digo pra esse meu aí. Oh! O cara vai fazer de tudo prá estudar. Um bom estudo, arrumar um bom serviço, que eles vão depois ter condições de vida melhor. De eles olhá prá mim e dizer: "Não, não vou pegar essa mina. Não vou pegar a mina porque a mina é perigosa, meu pai acidentou-se assim tal e tal." Então o que eu queria prá eles era isso aí. Era um estudo melhor prá eles. Um Colégio mais reforçado, porque o cara não tem condições de estudar um filho até ele se formar. Então ele vai estudar até quando ele saber alguma coisinha, pra que ele arrume alguma boquinha, alguma colocação. Então o que eu queria era isso aí, né, mas... Eu frequentei até o quarto ano primário, eu nunca tive estudo na minha vida; nunca estudei; Olha, eu só estudei até o terceiro ano primário; quando tava no terceiro ano e me passaram pro quarto, eu saí. Eu saí por causa que eu tinha que trabalhar; nós trabalhava em roça, então eu tinha que ajudar a tratar dos outros meus irmãos né, mas assim estudo, estudo forçado eu nunca tive. Daí, sem estudo eu peguei serviço na mina, que eles pagam melhor e o meu pai também já era mineiro; tinha dois tios que também eram mineiros. - Eu trabalhei nove anos e meio na mina, foi o primeiro acidente grave que aconteceu comigo. O mais não, foi acidentezinho, não grave, assim, né, às vezes rachava o dedo do pé, machucava a perna, coisa pouca. Mas escapar de pedra, assim, eu escapei muitas vezes de morrer embaixo da mina, levei muito susto, mas não desistia. Não desistia porque aquilo ali era o ganha-pão né; porque se eu saio dali, eu vou pegar mais aonde? Vou trabalhar aí fora de servente? Então eu pensava isso aí, "Tem que guentá!" Tem que guentá, porque se eu sair daqui não vai ser fácil! Trabalhar aí fora e ganhar o salariozinho como estavam ganhando o salário mínimo, e na mina ela sempre pagava mais um pouquinho. Então, a gente levava aqueles sustos, aquelas coisas, mas não..., mas não desacorsoava não. Mas de pedra em mina, eu acho que eu nunca morria porque eu tinha muito medo e tinha outra, - eu primeiro deixava escorar bem, pra depois eu entrar embaixo. E foi me acontecer com explosão...

P - No decurso de nove anos e meio em que o Sr. trabalhou na mina houve melhorias nas condições de trabalho, e na segurança?

R - Não, nunca melhorou, foi toda a vida a mesma coisa, desde quando eu peguei na primeira mina, nunca teve melhoria em serviço nenhum. Foi toda a vida a mesma coisa, desde quando

peguei e quando sai, nunca teve melhoria nenhuma, nunca teve benefício. Não melhorou prá lado nenhum, prá mim nunca melhorou, melhorou pros patrão, pra mim nunca melhorou.

P - Senhor Roberto, sobre o relacionamento dos mineiros com os encarregados; como é que os encarregados tratam os trabalhadores?

R - Ah! os encarregados, eles tratam assim os trabalhador, como um animal, porque tem encarregado que sabe reconhecer o mineiro, o trabbalhador, e tem encarregado que não; que é bruto, que quer defender o lado dele né, porque os encarregados ganham por produção; então se eu não der a minha produção, ele fica me chamando de tudo quanto é coisa: chama o cara de vagabundo, de semvergonha, vadio. Ele ofende o cara, e o cara vai se irritando, às vezes o cara quer brigar com ele; o cara se controla pra não perder o serviço, não perder o emprego. Então tem muito encarregado desse aí, que trata o cara igual um cachorro. Os mineiros, tem um relacionamento até assim igual um irmão: um ajuda o outro, um diz uma bobagem, o outro diz outra, um mexe muito com a família do outro, tal, são tudo unido; então quando um pega uma briga o outro pega também então são uma turma unida. A desunião do cara é com os encarregados. As vezes o cara não dá conta do serviço, às vezes tá meio perigoso; ele já vai de mão no telefone, telefona pro patrão, o patrão vai lá olhar amina, e ali já começa a intriga né, suspende o cara. O cara volta a trabalhar, a mesma coisa, ele trata o cara assim, igual cachorro. Tinha um que trabalhava comigo, ele foi mineiro puxador, ele trabalhava com uma pá enchendo vagoneta, e depois com o tempo aposentou-se na mesma companhia e ficou trabalhando na mesma companhia como encarregado. Então ele, como já foi mineiro e é encarregado, ele quer fazer o nome dele mais ainda, né. As vezes um que nunca foi mineiro trata melhor o cara, do que um que já foi. "Ah! eu já fui mineiro, eu sei o que é mina, vocês são vadio". Então é isso tudo! Fica botando defeito no cara, esse que já foi mineiro, já passou trabalho. Tem muitos que não. Já foram mineiros e reconhecem; Eles sabem que para mandar não dá mesmo. Eles já reconhecem; mas tem muito que querem aparecer, querem fazer o nome deles, querem pegar outro carguinho maior, então eles ficam pegando no pé dos mineiro.

P - E o pessoal da CIPA?

R - O pessoal da CIPA, tinha mês em mês sempre uma CIPA embaixo da mina. Mas muitas vezes o que fazia a CIPA, a segurança, era nós mesmos da mina, nós tínhamos que fazer segurança. Um cara que mora aí embaixo, falta pouco tempo

prá se aposentar, já é mineiro velho, então toda a vida eu trabalhei com ele, então, ele sempre me dizia assim, o velho: "nós temos que cuidar mais da nossa vida, porque se nós for atrás de CIPA e de segurança da mina se esperar por ele, nós morremos"; então muitas vezes, nós fazíamos a segurança da mina; porque precisava da CIPA? Nunca tava embaixo, tava sempre lá em cima, porque a CIPA não queria apanhar fumaça, não queria apanhar... Não queria se molhar e a mina tem lugar, muitas vezes, que tem água, você trabalha todo encharcado na mina, ela verte água por tudo quanto é lugar. E a mesma coisa como um chuveiro, mesma coisa que estar chovendo na rua. Tem lugar que onde é molhado sai tufo d'água. Como eu, já trabalhei em serviço, chegava em casa todo encharcadinho; enxugava a roupa toda no corpo; já trabalhei com água por aqui, na cintura; Mas trabalhei porque tava defendendo o pão pros meus filhos. Se fosse outro já dizia: "Não, não quero saber daqui", não trabalhava. Assim, talvez a CIPA, o engenheiro. Por isso que eu digo que a mina era para ter uma pessoa responsável pela segurança dos empregados. Eles ali não, saindo o carvão tudo bem, saindo o carvão os outros que se ralam lá embaixo. Então é isso aí, o problema da mina, que se torna mais perigosa e mais ruim, é por causa disso, que não tem segurança. Se ela fosse um serviço e tivesse segurança... o serviço melhor era a mina.

P - E tem mineiro que entra e sai logo?

R - Tem muito! Tem Muito! Tem muitos que às vezes trabalha três, quatro meses, vê o perigo e sai; como teve muitos que entraram comigo, eu ensinei a trabalhar e chegou a dizer pra mim: "rapaz, trabalhar aqui embaixo é pra louco, é pra louco, eu não tô morrendo de fome, vô sai". Dava pouco tempo: "Cadê o fulano?" "Saiu, pediu as contas, saiu." Porque embaixo da mina, quando dá um caimento, quando cai uma pedra... uma pedra embaixo da mina, quando ela cai, cai uma média de 20, 30 metros, só pedra né; então ela faz aquela ventania, e às vezes tira o capacete da cabeça do cara, muitas vezes derruba o cara também. Então, às vezes um novato via aquilo ali, saía arrepiado; Então trabalhava 15 dias, 20 dias, alguns trabalhavam um mês pra pagar a despesa de entrada e tudo, trabalhava um mês, dois meses, pedia as contas, salam, não queriam mais vir. E muitos não. Muitos às vezes precisavam, como eu, muitos então sofriam tudo aquilo ali calado, não diziam um nada, precisavam pra poder ter um ordenadinho melhor, né.

P - Tem os "puxa-saco" na mina?

R - Eh! Isso aí de "puxa-saco" é o que mais tem: "puxa-saco" é o que mais tem! Aí pra fazer uma marvadeza pros outros tem muito; pra fazer o bem muito pouco. Tinha um encarregado ali, capataz geral o seu Adelaide, ele mora... Aquele era bom! O homem que chegava pra ele dizia: "fulano, aquilo lá não dá". Ele ia lá ver. - "não da, não faz". - Ele sempre dizia: "Nunca entre em serviço perigoso". Prá nós tudo bem. Então ultimamente, agora, um mês antes de eu assim, um mês antes de eu me acidentar, pra encarregado do meu turno do meu serviço, eu não dava mais importância. Eu ia pro capataz geral se ele dizia assim: - "Dá, dá. Se não dá tu não entra". Então eu chegava lá tinha condições de trabalhar, trabalhava; se não tinha, me sentava lá do lado e o encarregado vinha pra cima de mim: - "E porque é vadio!" - "vadio, não! O homem disse que não é prá mim entrar, eu não vou entrar. Agora, tu chame ele aqui e mostra se o serviço tem condições..." Então o capataz dava aquela força pro cara, e tem muitos que não querem saber de nada. Como tinha um tal de Osni, em que já trabalhou na outra mina, no Cantão aqui, agora tá trabalhando no poço 5, ali na Boa Vista. Foi mineiro, puxador, ele foi queimador, então esse não quer saber de nada e embora se o serviço estivesse certo, ele sempre achava um motivo pra pegar no pé do cara.

P - Senhor Roberto, quanto tempo, mais ou menos, passava na mina entre um acidente e outro?

R - Ah! Isso aí, dois meses, três, às vezes num mês dava um acidente atrás do outro. Era só dar muito fogo, detonar muito, porque eles detonavam uma média de 20 a 30 serviço; uma média de 400 a 500 fogo eles queimavam por dia para tirar o carvão. Então, vamos supor, se eles dessem 600 fogo por dia, Frouxava tudo em cima. Então aquela pedra ia baixando devagarsinho..., tinha vez, às vezes mês de dar 2, 3 acidentes; às vezes passava 5, 6 meses não dava nenhum. A turma diziam: "ô, a mina melhorou! Faz 5, 6 meses não deu nenhum acidente". Acabo daqueles 5, 6 meses, quando dava, era um atrás do outro, tinha semana que machucava dois, três, ...

P - Quando dava acidente vocês ficavam sabendo?

R - Sempre ficava sabendo, sempre ficava sabendo! O encarregado não dizia nada, mas aonde no nosso abrigo de subir a gaiola, tinha uma oficina mecânica, então quando nós chegava, nós pegava nossa ferramenta ali, né, então ali o cara dizia: "Machucou-se fulano". - "aonde?" - "Lá em tal lugar". Então nós ficava sabendo por intermédio deles, mas

dos encarregados e dos outros nós não ficava sabendo de nada. Quando morre um empregado se eles puder encobrir eles encobrem.

P - E vocês nunca conseguiram fazer algum movimento?

R - "Não. Olha, aqui nessa mina, nunca fizemos nada porque a turma assim, eles tinham medo; porque uma pessoa sozinha ele não pode fazer um movimento. A pessoa prá fazer um movimento tinha que estar tudo unido. As vezes, tinha até quem queria, né. "Não, vamos parar isso aí, vamos exigir, morreu um companheiro, queremos feriado". Dez queria, às vezes, 20, 30 não, era só um... "Oh! rapaz o que adianta nós nos movimentar, não ganhamos nada", ... então nós baixava a cola e ficava quieto, né. Naquela outra mina ali onde eu trabalhei, até eu ajudei a deixar um companheiro embaixo da mina prá fazer a autópsia nele ali, prá saber do que foi que ele morreu. Porque se você tira um mineiro morto embaixo da mina, eles dizem que morreu na rua, só prá família não receber a indenização. Porque atestou ele lá, embaixo, a viúva recebe todo o direito dobrado. Até, eles tem direito aí do cemitério, de tudo e tal. Se tirou a pessoa morta e eles testaram fora, na rua, ela recebe só, não sei, se é 20% ou 10%, só. Se morreu, embaixo então eles recebem mais, né? Então, lá na outra mina tinha uns cara que já eram velho mesmo na companhia. Morreu um puxador, caiu uma pedra em cima, na coluna. Ele deu com isso aqui assim (abdômem) em cima do prumo, arrancou fora tudo isso aqui né. Até era parente deles mesmo e eu vi aquilo ali. Aí eles chegaram assim pra mim: "Roberto, tu vamos... vamos, não tem problema... Nós estávamos em 5, mas eram tudo velho, tudo uns cara de ... dono da cia., bem dizer, mineiro velho. Aí chegou o encarregado, - "vamos tirar"; - "não, deixa ele aqui embaixo; vamos deixar aqui embaixo, vamos chamar o médico, a autoridade que vem aqui, depois nós tiramos ele" - "Não, mas tá morto". - "Não, deixa ele aqui, e telefona lá pros home". Aí vinha o médico, vinha tudo lá embaixo, baixava tudo na mina. Embaixo, o médico atestou: "Tá morto." - "O atestado é que ele tá morto aqui, né?" "Tá." - "Então pode levar ele". Então levava pra rua. Aqui na cia, às vezes morria um empregado na mina. Vamos supor se eu visse um parente seu morrer; se um visse, ou tivesse sozinho, eles me chamavam lá fora e diziam prá mim: - "O, nós te damos tanto prá dizer que ele morreu na rua". Aí, se eu tivesse precisando, ou se fosse semvergonha, eu pegava, como teve muitos aqui que pegou; que viu um cara morrer aqui na mina, e o patrão chamou e disse: - "O, te dou um cargo melhor na mina, e te dou tanto smil, e tu diz, vai lá falar pro juiz, lá pros home lá, que ele morreu na rua. Destes assim, tem muito que vive com a desgraça dos outros. Agora, comigo não,

eu toda vida reinei com eles, eu tava a fim de ir prá rua, eu reinava com eles mesmo, eles diziam ó: "prá rua não te botamos, não te damos a conta, não te damos nada, se tu quizeres, tu pega a saída". Porque o cara pega a saída, né, ele perde, a metade. Então eu: - "Vou ficar, não vou pedir a saída". Eles não judiavam do cara, às vezes quando o cara dizia que queria sair, que reinava com eles, diziam: "ah! Tu estás reinando, mas tu me pagas"; muitos diziam assim, Então o cara já ficava manjando né, então quando tinha um serviço perigoso, ia o cara. Eu não ia, eu não ia porque, eu já sabia que se ele chegasse pra mandar eu trabalhar, nós ia se brigar, então eu já dizia prá ele não mandá que eu não vou.

F - E os encarregados sabem que o serviço é perigoso?

R - Sabem. Sabem, porque antes deles pegar, os encarregados fazem um curso. Então antes deles baixar a mina, eles tem aquele curso ali; sabem o serviço que é perigoso, que não é perigoso, eles sabem; As vezes o serviço é perigoso, eles estão sabendo que é perigoso e manda o cara lá, como uma vez teve encarregado que matou um rapaz novato, fazia três meses de mina. O cara morava na casa do meu pai; casado até; tinha 2 filhinhos. Nunca tinha trabalhado em mina, e o rapaz foi pegar de queimador e tava queimando três serviços: um dum lado, outro do outro e um na frente. O rapaz era novato mas, se deixava prá ele, ele fazia sozinho. Então o encarregado queimou essa e o furador queimou essa e orapaz estava queimando aquela ali; estojando, que é cortar o estopim com o canivete, né, então os dois queimaram as duas e o rapaz ficou lá dentro queimando aquele e quando faltava um estopim para ele queimar, as duas minas detonou e pegou ele lá dentro, matou ele, e ... Isso aí, é só descuido do encarregado. O encarregado matou ele porque quis, porque se o encarregado não se afoba, ele queimava a da frente, porque primeiro tem que queimar a frente, depois queimava a outra frente, saía sozinho tranquilinho. O encarregado por ser aguniado, afobado e sem vergonha, queimou as duas juntas ali e matou o rapaz. Prá tirar ele, foram obrigado a revirar os carvão tudo, prá achar ele; então a maioria das morte que dá é por culpa do encarregado. A turma se revolta assim contra os encarregados, mas é só na hora que o cara tá esquentado, tá nervoso, mas no fim acalma tudo, um parceiro acalma o outro, tal... então fica assim tudo acalmado.

F - E tem que quebra equipamento, ou máquinas no serviço?

R - Bom tem muitos né, tem muitos que às vezes estão cansado daquele serviço e, querem ter um dia de folga para descansar daquela poeira, daquelas coisas, então eles sempre dão um

jeitinho, prá quebrar a máquina, então eles param aquela meia horinha; eles param e eles vão prá frente do exaustor, tomam um arzinho, melhoram, porque o serviço que eles estão trabalhando não tem ventilação, não tem aquele ar, é suor, é aquele pó, o cara fica com as costas no motor, tudo esquentando ali; então tem muitos que estão aguniado prá sair daquele calorão ali, então quebram o aparelho; às vezes arreventam uma mangueira, ou quebram o hidráulico dela, quebram um bracinho, arreventam um cabo, então eles sempre acham uma folguinha; fura um pneu, sempre acha uma folguinha. E o furador, muitas vezes quando o cara tá aborrecido, não tem mais nada prá fazer, sempre dá um jeitinho prá quebrar o martelo. Quantas vezes eu já dei um nozinho e quebrava o martelo prá descansar um pouco. Os cara sempre procura um jeitinho prá descansar, porque se o cara trabalhar mesmo, toda vida, ele se estafa... porque o trabalho da mina, ele é pesado, se você fazer força toda vida, chega no fim do dia você tá com isso aqui, assim ó, as pernas, as costas, às vezes o peito e o braço que não dá nem prá pedalar a bicicleta prá vir embora.

P - E não dá pra parar sem quebrar, ficar assim fazendo corpo mole?

R - Não dá porque se o cara ficar parado já tem 2, 3 que tá espiando o cara só prá poder chegar lá e contar pro encarregado, pra fazer aquele nomezinho dele, né. Então, prá não parar, o cara, às vezes faz aquela força prá poder ficar batendo com a ferramenta, fazendo que tá trabalhando, né. Muitas vezes ficava batendo e olhando prá trás, então o cara disfarçava aquele pouquinho ali. Porque tem lugar na mina que, muitas vezes, são obrigado a furar em cima, só na ponta dos pés; quantas vezes me doía o peito, às vezes chegava a ferir esse osso do peito aqui, ó. As costas, chegava no fim do dia, eu podia nem mais tossir, de tanta força que o cara fazia. O martelo de miná pesa 35 kg e a mangueira tem mais 70,80 metros de comprimento. Trabalhava com ar, não tinha água. Usava máscara, dois filtros, porque se o cara não usa aquela máscara ali, o pulmão do cara fica mancha e aquele filtro ali protege. Você cansado respirando, chupando aquele ar ali ... eu trabalhava sempre com dois filtros: o de baixo estava toda vida preto e ode cima sempre branquinho. Mas tem cara ali que as vezes trabalhava sem máscara, sem nada. Então tinha sempre aquele cansaço que nós chamava P₂, P₃. Tem um parceiro nosso, que pra andar d'aqui naquela casa, ali ó! dava o porco; ele já tava com o pulmão estorado... e já tava perto de se aposentar; o médico queria aposentar e ele não queria, só queria trabalhar pra melhorar mais o ordenado dele; foi indo, foi indo, não sei se se aposentou, porque quando eu sai ele estava trabalhando ainda.